This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

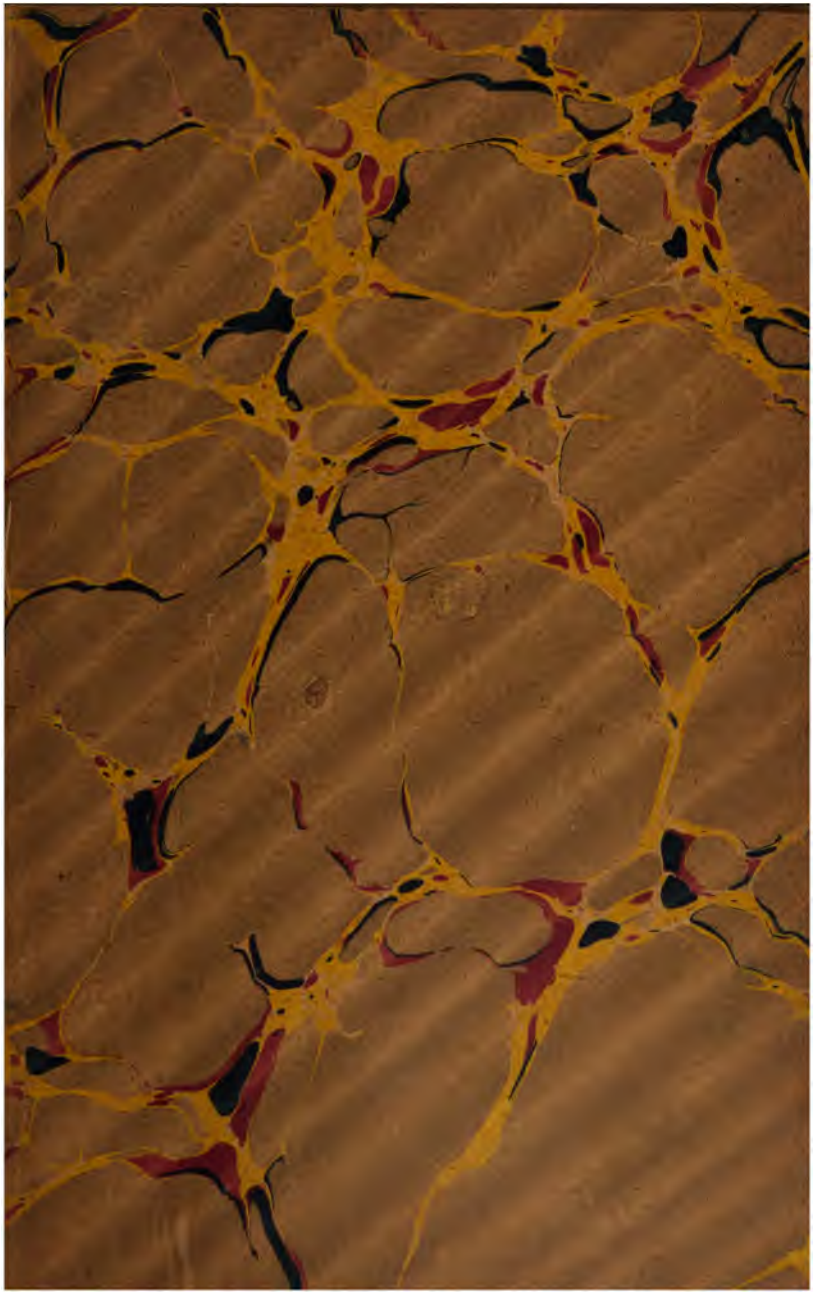
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 3 9015 00393 906 6
University of Michigan – BUHR

RARIA ACADÉMICA
Guedes da Silva
Mártires da Liberdade, 10
lefone 2 5988 — PORTO
IVROS USADOS
COMPRA E VENDE

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS



125

CONSIDERAÇÕES

SOBRE

POESIA EPICA

E

POESIA DRAMATICA

OBRAS PUBLICADAS DO MESMO AUTOR :

Historia da fundação do Imperio Brazileiro, (1808 a 1825). 2ª edição..... 3 vols.

Reinado de D. Pedro Iº no Brazil (1825 a 1831). 2ª edição..... 1 vol.

Menoridade de D. Pedro IIº (1831 a 1840). 2ª edição. 1 »
Comprehendem estes 5 vols a **Historia do Brazil** e parte da de Portugal de 1808 a 1840.

Curso da historia do descobrimento, conquistas, colonisação, e independencia dos Estados Americanos..... 1 »

Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil..... 1 »

Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniáes. 3ª edição..... 2 vols.

Memorias politicas e litterarias..... 2 »

Discursos parlementares..... 2 »

Jeronymo Corte-Real. Chronica do seculo XVI.... 1 vol.

Manuel de Moraes. Chronica do seculo XVII..... 1 »

D. João de Noronha. Chronica do seculo XVIII.... 1 »

Aspasia. Narrativa do seculo XIX..... 1 »

Gonzaga. Esboço poetico..... 1 »

EM FRANCEZ:

Littérature portugaise, son passé, son état actuel..... 1 »

Situation sociale, politique et économique du Brésil..... 1 »

HAVRE. — IMPRIMERIE DU COMMERCE, 3 RUE DE LA BOURSE, 3. — 23092.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE

POESIA EPICA

E

POESIA DRAMATICA

POR

J.-M. PEREIRA DA SILVA

DO CONSELHO DE S. M. O. IMPERADOR DO BRAZIL E SENADOR DO IMPERIO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

71, rua do Ouvidor, 71

PARIS. — Vve E. MÉLLIER, RUE SÉGUIER, 17

1889

808.1
P436cn

538796-176

ADVERTENCIA

Entrado no inverno da vida e curvado ao peso de setenta annos de edade, sorri-me ainda á mente escrever uma obra, que seja como a sinopse de alguns antigos estudos historicos e litterarios.

E' a reminiscencia o maior prazer dos velhos. Desculpem-na os leitores n'aquelle que procurou sempre permanecer na região serena das lettras, posto que os acontecimentos politicos o elevassem ás maiores honras, com que nas sociedades se premeiam os activos e diligentes lidadores.

Bastantes livros tenho publicado no proposito do salvar de olvido a historia da patria, e cooperar para o cultivo das lettras entre meus concidadãos. Acolheram-me honrosamente os contemporaneos. O que pensarão os posteros?

Como quer que seja, ahi vai mais um, o ultimo sêm duvida, quiçá testamento litterario, e como tal, o mais necessitado de indulgencia.

Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1889.

INTRODUCÇÃO

Poesia não se define, nem se descreve: sente-se. Nasce-se poeta, não se aprende para poeta.

Da imaginação emána exclusiva e expontaneamente a poesia. D'ella recebe suas inspirações, seus arrebatamentos, seus vôos, suas ousadias para commover ou alegrar, enternecer ou extasiar os sentidos mais intimos do homem.

Faculdade creadora, phantastica, divina, pode-se comparar a imaginação com a nympha dos contos scandinavos que, sempre que dirigia ás trevas olhares de amor, arrancava de seu seio atomos invisiveis, que se convertiam em luzeiros radiantes, em aventuras reáes, em objectos animados.

Não provêm, pois, do estudo o genio poetico: sim e somente o gosto. O genio crêa e enthusiasma, o gosto apura e aperfeiçoa. E' o gosto o bom senso do genio, e sêm o gosto, o genio não passaria de sublime loucura. Por esta razão, philosophos ha que appellidam os poetas de loucos, e suas melhores composições de phrenesins arrojados.

Reproduz o gosto os devaneios da inspiração com as imagens apropriadas, desenho correcto, colorido delicado, e physionomia viva e animada: arranca da lyra sons harmoniosos, e vibra-os com ordem, arte e melodia.

Desde que existe, o homem, cultivou-se a poesia. E'o ramo litterario mais antigo, e que desde a infancia dos povos, mesmo selvagens e barbaros, e em todas as edades e circumstancias, brota de suas sensações externas, e dos sentimentos mysteriosos de sua alma. Resvala do vagido da criança; das scenas do lar domestico; do encanto da prece; do alegrar dos risos; do pungir das dores; das doces tristezas da saudade; dos enlevos do scismar; dô raiar da aurora; do levantar do sol; do ciciar das arvores; do chilrar das aves; do empolar dos mares; do murmurar do vento; do enternecer da tarde; do sombrear da noite; do desabrochar da flôr; do alvejar da lua; do scintillar das estrellas; dos esplendores, emfim, da natureza, do espaço, do horisonte, da immensidade.

Não conheciam os homens a escripta, e já para recontarem seus prazeres, e exprimirem suas magoas, applicavam a poesia, que os inspirava, á palavras e metros sonoros, formulando hymnos, e cantares, que os pais aos filhos confiavam, e estes aos descendentes, transmittindo-se assim de seculos á seculos como tradições e lendas, que se guardavam preciosamente na memoria.

Quantos carmes pastoris, amorosos, elegiacos, religiosos, descriptivos, didacticos; quantas fabulas, proverbios, parabolas, especimens poeticos conformes ao caracter dos povos primitivos, se perderam, por não haverem sido escriptos e conservados documentalmente?

Não se tem em nossos dias descoberto, e publicado na Europa moderna, de Hindous, Chins, Persas e Arabes, composições poetisadas, que denunciam apreciaveis qualidades e instinctos litterarios, costumes e indole, referentes á eras remo-

tissimas, anteriores aos tempos que conhecemos, de Hebreus, Egypcios e Gregos ?

Têm a poesia necessidade do verso, isto é, da linguagem metrificada, suave, cadente, como de veste, com que se enfeite e de instrumento que se adapte ao canto. O rythmo musical da expressão, a formosura da phrase, a harmonia terna dos sons, a toada encantadora do trinado, tornam-se indispensaveis para se traduzir o ideal em realidade, exprimirem-se as imagens, e derramar-se o pensamento em ondas agradaveis e arrebatadoras.

Variadas são as inspirações e assumptos, e a arte inventou egualmente multiplices moldes para a reproducção das ideas que tem de ser enunciadas.

O alvo a que os poetas se dediquem, as alturas, a que se arrojem, e os assumptos de que se preoccupem, exigem differentes maneiras de expandir-se, e as leis e regras estabelecidas pela arte constituem as formas como que materiaes para revelar-se o pensamento.

Encanta e extasia a poesia lyrica com raptos ineffaveis do sentimento, em campo vasto e infinito, espraiando-se em canções campestres, em loas mysticas, em elégias e satyras, em hymnos patrioticos, em solaus melancolicos, em trovas pittorescas, em strophes enthusiasticas, em chacaras apaixonadas, em licções didacticas.

Interessa e ensina a dramatica pela realidade dos acontecimentos postos diante dos olhos ; pelo jogo das paixões em scena ; pela pintura dos personagens, que inventa, e que se communicam em dialogos, exprimindo cada um d'elles seus pensamentos ; pelas aventuras e contrastes, que apresentam, e que prendem a attenção, e abalam o espirito dos

expectadores; pela marcha pittoresca dos successos que se desenvolvem ; pelas situações tragicas ou comicas, que resaltam do encontro e contrariedade dos affectos.

Mais que todas realça, comtudo, a poesia epica, no horisonte dilatado e immenso que lhe cabe esculturar, historico, maravilhoso, semiphantastico, humano e ao mesmo tempo sobrenatural : encerra e reflecte todos os demais generos de poesia; descreve periodos e epochas notaveis do mundo, narra acontecimentos grandiosos de nações e homens, e burila a historia da philosophia, sciencias, moral, religião, verdadeira effigie intellectual das nacionalidades e das civilisações.

Anteriormente á edade Grega, sabemos que fora o genero lyrico profusamente usado pelas nações que a precederam nos seculos ; á todo o momento thesouros poeticos encontram hoje os investigadores, que se devotam á pesquizas louvaveis n'aquellas partes da Asia, onde raiaram civilisações antiquissimas de povos sequestrados do mundo, vivendo para si exclusivamente, e jamais procurando o menor contacto e relações com quantos outros existiam na terra.

Indubitavel é, todavia, que nem-um d'elles conheceu a poesia dramatica, e que a origem d'ella se pode somente buscar em Athenas, e em era posterior á de Solon. Questiona-se, comtudo, si a epica não fora cultivada na India, antes que Homero a houvesse revelado aos Hellenos ; procura-se defender a affirmativa, em presença de poemas, que inglezes eruditos descortinaram, ultimamente, no solo abrasado do Indostão.

Submettidos, todavia, esses poemas á exame cuidadoso, reconhece-se facilmente, que se revestem quasi

que somente de formas lyricas, e se não levantam á altura que exigem as epopeas como as comprehendemos, além de que se não prova ainda bastante que elles pertençam ás eras remotas e anteriores á da Grecia, e não á epochas posteriores. Debuxam scenas pastoris, allegorias constantes, hymnos religiosos, novellas variadas e extravagantes, sem nexo entre si, e nem analogia; fabulas, parabolas, proverbios, elegias, pensamentos moraes e politicos; não encerram unidade de assumpto propriamente epico, elevado, real e conjunctamente maravilhoso; não se embellezam finalmente nem com os vôos e nem com os recamos mais ou menos symetricos das epopeas gregas, exemplares preclaros dos modernos poemas heroicos da Europa.

Com que direito se podem, pois, denominar epopeas? E quando o fossem, não as ignoravam os gregos, que para alem das costas maritimas da Asia menor se não haviam aventurado salvo e somente quando Alexandre da Macedonia attingio ás boccas do Indo de onde logo regressou, sem conseguir a menor relação com os povos Hindous?

Quando nem á Biblia dos Hebreus, pouco mais ou menos coeva dos poemas gregos de Homero e que constitue preciosissimo thesouro de saber, de poesia, de eloquencia, da mais sublime inspiração, se pode propriamente applicar o titulo de epopea, como appellidar-se poemas epicos o Marabata e o Ramayana da India?

Não prevalece fundamento nem-um que roube á Grecia a invenção da epopea. Forma assim mais um titulo de gloria que no mundo adquirio com a sua civilisação deslumbrante, bem que nação minguada de terras, e escassa de população, mas devotada ao culto da intelligencia, activa nas navegações,

commercio, e industria, colonisadora e communicativa pelo instincto de sua raça predilecta.

Não trepidamos em sustentar que mais difficil é levantada é a poesia epica que a lyrica, e até que a dramatica. Não nos é necessaria outra prova, além do diminuto numero de poetas epicos, que conta a historia litteraria do mundo comparativamente ao dos dramaticos e principalmente dos lyricos. Não se allegue que as circumstancias, as civilisações, os acontecimentos sociaes, moraes e politicos, concorrem para o maior ou menor florecimento da civilisação e que as differentes edades das nações se adaptam de preferencia á este ou aquelle genero ou molde artistico e inspiração poetica, que mais lhes correspondam á indole, aspirações e gosto. Bem que verdadeira, não convence a asserção porque em todas as eras foi sempre mais apreciada a poesia epica por todos os escriptores de gosto.

Honra-se a Grecia com um só poeta epico, Homero, e entretanto muitos dramaticos, e infinidade espantosa de lyricos evidenciam sua opulencia litteraria.

Não se observa em Roma o mesmo phenomeno? Lyricos sem conta, alguns tragicos, e um só poeta epico, Virgilio!

Desde o desmoronamento do imperio romano, quaes os poetas epicos das nações modernas?

Dante raiou no seculo XIV°; fulgurou Camões no XV°, e Tasso logo após elle: no seculo XVI° manifestou-se emfim Milton, e ahi pára a lista dos cantores verdadeiros da epopea.

Entretanto, Hespanha, Portugal, Inglaterra, Allemanha, França e Italia produziram crescida copia de eximios poetas dramaticos, e assombrosa quantidade de lyricos, que justamente estimam e prezam.

Não se chamem poetas epicos alguns autores de poemas, que ambicionando-lhes os louros, escreveram em versos, até admiraveis, poemas descriptivos, mysticos, phantasticos, cavalheirosos, didacticos, romances pittorescos, aventurosos, e até biographicos de varões celebrisados: nem-um, afora os seis vultos superiores, que deixámos mencionados, alteou-se á universalidade sublime, que é indispensavel attributo da epopea.

Poderia, ainda, o allemão Klopstock aduzir razões para requerer o titulo de epico com o seu poema de Messias: faltam-lhe, todavia, a variedade, immensidade, e originalidade do genio para dotar sua composição com os elementos encyclopedicos, que requeria o assumpto. Imaginação superior predispunha Ariosto para a poesia epica; preferio, porem, enlevar-se exclusivamente no phantastico, no cavalheiresco, no aventuroso, no agradavel e risonho, no mundo dos encantamentos e maravilhas. Lucano, Boiardo, Voltaire, Cortereal, Almeida Garrett, Ercilla, Lucrecio, Basilio da Gama, Lessing, Santa Ritta Durão, Lamartine, Misckiewicz, Thomas Moore, o persa Ferdoum, o arabe Antar, Mahomet, emfim, com o Alcorão, obra prima de sciencia, de politica, de religião, de eloquencia e de poesia, mostram-se uns mais romancistas, ou descriptivos, outros didacticos e religiosos, alguns lyricos de preferencia.

Maiores ou menores merecimentos, mais ou menos esplendidas bellezas, denunciam grande parte d'estes apreciaveis escriptores: primam como talentos selectos, mas não se inspiram com aquelle fogo sagrado da imaginação, essencia privilegiada dos generos epicos.

Ás bellas artes busquemos exemplos, para fundamentar a opinião e o gosto.

Impressiona fortemente uma cathedral gothica: ostenta pittorescos e ponteagudos corucheos, em aspiraes encantadores; rasga o firmamento com numerosissimas flexas de diversas dimensões e formas elegantes, rendilhadas, similhando suspiros que sobem aos ceos; aqui portaes estreitos e janellas cumpridas, recamadas de figuras grotescas de homens, de caricaturas de demonios, de effigies de animaes extravagantes, de risonhos anjinhos; pelos vidros multicores penetra, côa, entorna-se, e inunda uma atmosphera sombria, melancholica; até pelos nixos accumulados espalham-se estatuetas, imagens de santos, symbolos phantasticos; e todo esse complexo de disparatados assumptos parece formar uma floresta intrincada de arvorês enormes, e exquisitos arbustos apertados nos braços de parasitas, que lhes sugam as veias: sonho que convida á meditação.

Fascina um palacio arabe-mourisco, crivado de lavores que simulam plantas, ramilhetes de flores, ornatos cinzelados em palmas de marmore, recostado de minaretes esguios e delgados, que torcem-se e enrolam-se em festões luxuriantes; coroado de cupolas differentes e douradas; adelgaçado de arcarias bordadas, que enfeitiçam como contos de fadas.

Não surri egualmente um edificio oriental n'aquelle estylo singular de filagranas caprichosas, que se diria convidar-nos e enleiar-nos em seus amplexos e allegoricos desvarios?

Diante, porem, do Parthenon de Athenas, symetrico, harmonioso, puro, perfeito nas proporções geraes e nos accessorios particulares, tão bello na sua simplicidade, que se ergue á sublimidade: diante do templo de S. Pedro de Roma, que atravessa audaciosamente a abobada celeste com seu porten-

toso zimborio, cercado de outros menores e de grandezas variadas, que o rodeiam como cortesãos, e lhe indicam a magestade; ornado de dimensões tão identicas e surprehendedoras; abrindo vastas portas de bronze, aureoladas de columnas de marmore e porfiro o mais delicado, fino e encantador como si foram as portas da eternidade, panorama soberbo de monumento como que aerio; não se exalta mais nosso espirito, não nos escapa um grito de admiração, um transporte subito, que quasi nos convence de que na architectura manifesta-se tambem a inspiração epica?

Identico expectaculo verifica-se na pintura, e na esculptura. Deliciam a vista e o coração os paineis de Corregio, Murillo, Ticiano, Raphael: mas como se evaporam suas impressões ao desvendar-se o juizo eterno de Miguel Angelo, estampado no tecto e paredes da Capella Sixtina do Vaticano? Sensações apraziveis e nobres provocam a Venus de Milo, o Apollo de Belvedero, o Gladiador ferido, o Fauna, a Psyché de Canova, o proprio Moysés gigantesco, que nos prescruta o pensamento quando ouzamos encara-lo; sobresahe-lhes, todavia, o grupo de Laocoonte e seus filhos, cujas figuras traduzem as angustias, e dores que lhes fervem no peito e na mente, enroscados pelas serpentes, que lhes interram nas carnes os dentes enraivecidos, e que elles procuram em vão repellir dos corpos, estorcendo-se em ancias vivas e animadas.

Tratando, da poesia epica, occupar-nos-hemos pois e exclusivamente dos grandes genios, que unicos podem entre si disputar preferencias, posto que um ou outro d'elles affeiçõe mais ou menos sympathias, e mais ou menos gabos receba dos seus compatriotas, e dos extranhos admiradores.

POESIA EPICA

I

Homero.

Mil e duzentos annos antes da era Christã existiam já e prosperavam os povos hellenicos; disseminados pela peninsula europea cerrada, entre os mares Eonio e Egeo, pelas ilhas sem numero, que similhantes á vasos de flores os ornamentam, e pelas costas asiaticas fronteiras.

Não formavam um estado unico; dividiam-se em pequenas fracções, governadas por chefes, que se denominavam reis, e quasi todos hereditarios, ora despoticos e tyrannos, ora patriarchaes e bondadosos. Atticos, Acheos, Beocios, Eolios, Dorios, fallavam diversos idiomas, com ares tão salientes de familia, que se entendiam, apezar dos sons e algumas variedades de vocabulos, sobresahindo tres, por mais usados, o dorio, o eolio, e o ionio, e que por fim litterariamente se fundiram no ultimo, com a designação de attico.

Era esta a situação dos povos hellenicos, que os Romanos chamaram Gregos, quando, cerca de mil e cem annos antes que Jesus viesse ao mundo, rebentou entre os Europeos e os Asiaticos, a guerra famosa de Troya, que Homero cantou, e que todos os poetas antigos e modernos constantemente rememoram.

Parece indubitavel que tanto Troyanos como Gregos descendiam do mesmo tronco; serviam-se dos mesmos dialectos, e entretinham relações mais ou menos regulares e amistosas.

Reuniram-se os reis gregos Europeos, resolveram guerra contra Troya até sua completa destruição, nomearam para seu chefe Agamemnon, da Acchaia, prepararam seus exercitos, embarcaram-se, e tomaram terra em Tenedos, ilha fronteira á Troya. Iniciou-se o celebrado assedio, que apoz nove annos decorridos, sem que a persistencia grega se alquebrasse um momento, terminou com a tomada, incendio e total arrazamento da cidade, que tinha Priamo como rei, e contava egualmente valentes e denodados defensores. Os Troyanos que não pereceram nos combates, ou não conseguiram fugir e exilar-se, partilharam-se como escravos dos vencedores implacaveis, e formáram com as riquezas esplendidas, encontradas dentro dos muros de Ilion, despojos preciosos dos Gregos. Não poucos reis hellenicos cahiram mortos egualmente, ou nas lutas, ou no seio dos mares, ao regressarem para seus lares. Dos que favoreceu a fortuna e que chegáram ao ninho patrio, foram ainda alguns victimas da propria familia.

Celebrou, no entanto, a Grecia com a maior pompa, e mais esplendoroso enthusiasmo, e em todos as suas possessões europeas, insulares e asiaticas, a

victoria que havia alcançado. Cantavam-na os poetas do tempo, appellidados aetas, ao som musical das cytharas, que tangiam, e lhes não faltavam applausos, premios e recompensas, prodigalisadas pelos orgulhosos compatriotas.

Não eram novos os aetas e nem o habito de poetas repetirem versos nos ajuntamentos e festas da nação. Até ali citavam-se como notaveis os nomes de Orfeo, Museo, Amphyon, Hesiodo, que em differentes dialectos hellenicos compunham seus canticos : agora para encomiar os feitos gregos na guerra de Troya illustravam-se Tamerys, Phœmio, e Demodoco, relatando episodios da luta, e transportando seus coevos de prazer e patriotismo.

Conjecturas historicas, criticas e philologicas, mais ou menos fundadas, fixam o nascimento de Homero em cerca de cem annos depois da guerra de Troya. Difficil, senão impossivel, parece joeirar o que ha de verdadeiro na sua vida como a narram as tradições e memorias Gregas. Nasceu em Smyrna, colonia atheniense na Asia menor, ou na ilha de Chio, que lhe fica quasi á vista? Mais provavel no primeiro d'estes logares.

Até o seculo XVIIIº, que se arvorou em critico e philosophico, com pretenções á demolir e extirpar erros sociaes, moraes, religiosos, litterarios e scientificos, ninguem contestara a existencia de Homero. Wollff e Vico, porêm, suscitaram duvidas á respeito. Não seria Homero um mytho, e os dous poemas espalhados com seu nome; fragmentos de composições variadas de diversos cantores, e que se coordenaram, e reuniram posteriormente? Não entrava n'esta cathegoria a Biblia judaica, attribuida á Moyses, David, Isaias, Jeremias, Job e Salomão ? Não divergem ambos os poemas gregos no assumpto, e até nos

quadros e episodios tão distinctos em suas qualidades e natureza? Por mais primoroso, qual o genio capaz de produzir obras tão diametralmente oppostas?

Desafiaram prosylitismo estas conjecturas, e ainda em nossos dias não raros philologos e criticos as propagam, convencidos sem duvida de sua probabilidade.

Não nos parecem, todavia, aceitaveis e nem procedentes, qualquer que seja o sentido, que lhes seja applicado.

Toda a antiguidade acreditou na existencia de Homero. Tão conhecido era e reputado em seu tempo que ao soar a noticia de sua morte verificada na ilha de Io, praticaram muitas cidades Gregas solemnes e funebres honras á seu nome; algumas levantaram-lhe estatuas de marmor commemorativas, e sete d'entre ellas disputaram a gloria de haver sido seu berço. Constam estas circumstancias dos escriptos de Herodoto, referindo-se ao poeta predilecto da Grecia: dos de Plátão, que desterrando a poesia do seu mundo social e politico, exceptua a Iliada e a Odyssea, chamando-os poemas heróicos de Homero. Em differentes occasiões o cita Aristoteles, e proclama modelo de vate eximio e sublimado. De todos os escriptos gregos, que se lograram salvar do naufragio dos tempos, e chegaram aos nossos dias, colhem-se referencias á respeito de sua vida, que jamais na antiguidade fora contestada. Os proprios Romanos, que subjugando a Grecia, se mostravam ciosos sempre de sua superioridade intellectual, e que na lingua latina traduziram os thesouros litterarios hellenicos, mencionaram constantemente o nome de Homero, e escreveram á seu respeito memorias, criticas, e biographias, mais ou menos ornadas de lendas.

Felizmente, tambem, indagações minuciosas e exames curiosos, á que ultimamente se têm devotado distinctos litteratos modernos, nas linguas cultas da Europa, desfazem inteiramente as duvidas levantadas pelos philologos do seculo XVIII°, e restituem á Homero sua autonomia, existencia e gloria.

Que importa que com mais ou menos exactidão, com episodios mais ou menos verosimeis, se tenha ornado sua biographia ? Não se tem á outros varões celebrisados attribuido aventuras maravilhosas, lendas e tradições inaceitaveis ? Escapam as proprias nações á commentos inventados pela imaginação dos povos, guardadas como tradições e incluidos como factos na historia, para satisfazerem suas vaidades, e honrarem suas gerações ? Não se entroncam em suas origens obscuros mythos de amor proprio, que lhes agradam ? Não se proclamam feitos de Theseo, de Horacio Cocles e Curiacios ? Não se memoram Romulo roubando Sabinas, Bernardo de Carpio derrotando francezes, Arthur de Inglaterra commettendo prodigios, Guilherme Tell realisando revoluções politicas, os doze paladinos de Carlos Magno destruindo exercitos inteiros de Mouros ?

Dos aetas, ou cantores e poetas de seu tempo, apprendeu, de certo, Homero á formar versos, e á recita-los pelas cidades, por onde passava. Era, então, um modo de vida, uma profissão como qualquer outra. Seu nome primitivo foi de Melegiseno, e conclue-se de seus poemas que elle percorrera e vagueiara pelas costas asiaticas gregas e pelas ilhas do archipelago, que descreve com toda a exactidão e escrupulo. Conta-se que nas suas peregrinações, e já em edade adiantada, perdera a vista em Colophon, e que em Cymea, no intuito de recompensa-lo por seus talentos, decretaram os moradores em seu favor

uma pensão pecuniaria, á que se oppuzera o conselho dos anciões, allegando que d'ahi por diante não appareceria cego que não pretendesse pensão. O vocabulo Homero, no dialecto de Cymea, significa cego, e procedeu d'este facto que Melegiseno tomou o nome de Homero, por que foi depois conhecido em todas as possessões e estados Gregos.

Convem accrescentar que a escripta era já conhecida e empregada na Grecia, que naturalmente a tinha recebido do Egypto e Phenicia, com cujas nações frequentemente commerciava. Na Odyssea falla o proprio Homero de correspondencias escriptas. Não admira, pois, que os poemas que elle compunha e recitava, se reduzissem á copias escriptas, e se transmittissem tambem por fragmentos e cantos que poderam salvar-se, mais ou menos deformados e truncados, passando egualmente da memoria de umas para a de outras gerações da Grecia.

Aos aetas, que conservavam e repetiam os versos de Homero succederam outros cantores mais apurados, com o titulo de rapsodes, que destacaram os cantos e separaram os episodios, e os repetiam nas funcções publicas, ao som de instrumentos de musica: tornavam-se assim os dous poemas, que Homero compuzera, com o andar dos tempos cada dia mais populares e mais admirados, quer pela linguagem encantadora, quer pelas narrações e ficções que correspondiam aos sentimentos patrioticos da raça hellenica.

Lembrou-se Lycurgo, que viveu cerca de um seculo depois de Homero, de colleccionar e reunir os fragmentos esparsos dos dous poemas conhecidos e cujos cantos e versos alguns escriptos e a tradição guardavam. Incumbio a perquiza e copias á litteratos da epocha, e resolveu que se depositassem os

referidos poemas assim coordenados nos estabelecimentos publicos, á fim de se não adulterarem mais, e nem se perderem no futuro os resultados de tão preciosos trabalhos.

Mais ou menos regularmente cumprio-se a ordem de Lycurgo, e regularisaram-se os dous poemas, cirgindo-se os cantos e episodios, onde pareceram á seus logares apropriados.

Não contente ainda Pisistrato, que governou Athenas cerca de trezentos annos depois da morte de Lycurgo, decidio-se á nova reforma e restituição mais integral dos poemas, e nomeou commissões de pessoas eruditas, que verificaram os textos e uniformisaram as differentes partes de modo que com pequenas alterações e subtracções, que lhes applicaram muito depois os professores do museo de Alexandria, poderam elles chegar aos Romanos, e aos nossos dias.

Não constituia novidade a asserção de que não pertenciam á um só autor os poemas da Iliada e da Odyssea. Antes já de findar a era pagã, os grammaticos denominados chorisontes ou separatistas de Alexandria haviam suscitado identica conjectura, porque encontraram predominancia do dialecto eolio na Odyssea, emquanto que pura e ionica notava-se a linguagem da Iliada. Além de que os dous idiomas eram então simultaneamente empregados entre os Gregos, e somente muito mais tarde todas as obras se redigiram no ionico, accresce que quasi coevo de Homero misturava Hesiodo em seus versos o eolio e o ionio, e Eschylo, o primeiro poeta dramatico Grego, que menos de seiscentos annos viveu antes de Jesus Christo, e portanto quatrocentos annos depois de Homero, ao passo que escrevia os dialogos de suas tragedias em

ionio, empregava o dorio nos versos dos côros. Nos tempos modernos congeneres como são o portuguez e o castelhano não empregaram Gil Vicente e Sá de Miranda promiscuamente nas suas comedias ambas as linguas? Nas composições castelhanas anteriores ao seculo XVI° não se mistura muitas vezes a linguagem gallega?

Nem obsta que os assumptos da Iliada e da Odyssea pareçam dissimilhantes, e que o desenho e os episodios se patenteiem differentemente. A' primeira vista illude talvez o argumento, mas apoz detida analyse, e acuradas explicações, evapora-se com toda a evidencia da prova.

Não ha duvidar: diversos são os assumptos dos dous poemas. Tem por fundamento a Iliada a historia da guerra de Troya, desde que Achilles se separa dos companheiros e se retira ás suas tendas particulares, desesperado contra Agamemnon por causa da captiva Briseis, da qual este se apropriara, até que morto Patroclo, volta Achilles para o campo Grego, combate e mata Heitor, segurando-se assim o termo da guerra. Começa a Odyssea depois da tomada e incendio de Troya, e do regresso dos chefes Gregos para seus penates. Occupa-se a Iliada com o cerco de Troya, a Odyssea com as aventuras de Ulysses.

E' a Iliada o poema da mocidade, e pois opulento de energias, de enthusiasmos, de fogo. E' a Odyssea o poema da velhice, e portanto do sentimento e da linguagem do coração. A Iliada é o poema guerreiro, a Odyssea o poema domestico. Pinta o primeiro a vida publica, o furor dos combates; descreve o segundo a vida intima, as peripecias de uma viagem atormentada. Um desenha heroes, o outro homens. Aquelle symboliza a gloria, este o lar, o ninho da

familia. Resultam da Iliada raptos altivos, vôos d'aguia, imagens deslumbrantes, inspirações sublimes: mais chegado á natureza, derrama-se a Odyssea em sentimentos ternos e patheticos, fallando á alma mais que ao espirito.

Resoam na Iliada o tinir das espadas, o ranger dos ferros, os gritos de guerra, os gemidos da agonia, os odios dos combatentes; apreciam-se na Odyssea a pintura das paixões interiores do coração; pinta-se em luta o navegante contra as vagas temerosas do oceano e as rajadas dos ventos impetuosos, ouvindo o bater dos remos nas aguas prateadas, e avistando por fim montes e praias, á que se pode acolher, e onde o sombrio dos ciprestes, o balar do gado, a chaminé da casa habitada, afiançam repouso, refrigerio e salvação.

Penetremos, porem, no amago dos dous poemas, e encaremos sua homogeneidade admiravel. O methodo de expor os assumptos, de collocar os episodios, de desenvolver a acção, de empregar ás imagens, de realçar os pensamentos, de affeiçoar e attrahir o interesse, de representar as paixões, de mover os affectos, de fixar a attenção, revelam o mesmo genio. Bem que ás vezes se deparem incoherencias artisticas, e pareçam diversas formas de linguagem, o movimento das expressões, os recamos e torneios das phrases, o colorido singelo do estylo, coincidem em ambos os poemas.

Nota-se ainda uma circumstancia importantissima. A pintura dos personagens espraia-se com identicos caracteristicos.

Tornam-se entes reaes, vivos, animados. Não consiste a difficuldade em desenhar um olho, sim em pintar um olhar, que prescrute e ao mesmo tempo apanhe o intimo do sentimento. Si na Iliada, Achilles

com suas paixões ardentes, Heitor com seu heroismo, Priamo com suas virtudes patriarchaes, Ajax com sua valentia, Paris com seus terrores e remorsos, Nestor com sua calma, Ulysses com sua sagacidade, Agamemnon com seu orgulho, impressionam poderosamente, não menos dignos de admiração honram as paginas da Odyssea, além de Ulysses, o heroe, com a fronte sempre erecta, affrontando parceis de mares, e fraguedos pavorosos, Telemaco com sua mansidão e amor paterno, Mentor com sua sabedoria, Euméo, o escravo, com sua dedicação, Menelau com seu espirito resignado, e até o velho cão Argos, carcomido de vermes, atirado á um canto da casa, e que reconhece e festeja o dono, posto que desfarçado em mendigo e ausente de seus olhos ha quasi vinte annos.

Relativamente ás heroinas, extasiam-nos na Iliada Helena com sua formosura celeste, seu amor exaltado, e seus atormentadores remorsos; Hecuba com suas tribulações e sustos; Andromaca com virtudes explendidas da verdadeira mulher, typo de amor, vestal dos penates, resignada, fiel e disposta para todos os sacrificios.

Além de Penelope, honesta e astuciosa, leal e amavel, melancholica e angustiada, bem que apparentemente calma, refulgem na Odyssea, Nausica, deliciosa imagem que arrebata o coração, e que é a caridade personnificada; Circe e Calipso, que apezar de deusas, descobrem paixões e seducções femininas, como para annunciarem que si Deus depositara na cabeça do homem a flamma que esclarece o mundo exterior das ideas, não se esquecera de infiltrar calor no coração da mulher para revelar o mundo interior dos sentimentos.

Nem ha demonstração mais eloquente do que a

coincidencia, e analogia na brevidade, e entretanto, exactidão e superioridade das descripções e pinturas, quer de personagens, quer de sitios e localidades da Asia e Europa, que ornamentam ambos os poemas. Não se gastam phrases, não se despendem palavras, que não sejam as indispensaveis para exprimirem claramente o pensamento. Emprega-se a maior concisão de termos e de figuras e até de imagens, que se enxertam naturalmente na narração. Um toque ligeiro mas intelligivel basta-lhe para encher de vida o quadro que debuxa, para salientar as pessoas, que lhe occupam a mente, para recontar as maravilhas, que o genio improvisa. Cada pensamento é um proverbio, cada vocabulo um complexo de ideas. Em vêz de delinear miudamente os sitios, os montes, os rios; em vêz de explicar os transportes d'alma, os mysterios do coração, os arroubos do espirito; burila largos traços, mas profundos e susceptiveis de comprehender-se, e que os arrancam do ideal e do vago, para converte-los em reáes e animados, que nunca se confundem. Substancia tudo em poucos rasgos de cinzel, e esconde o intento na concisão e naturalidade. E estes modos de narrar; a naturalidade onde se mergulha e se inspira; a concretisação do assumpto e a ordem do seu desenvolvimento, a propriedade e justeza das imagens, a eloquencia do estylo, e a purificação dos sentimentos, a multiplicidade dos affectos, a harmonia em geral, e nos accessorios, tudo comprova evidentemente haver sido creador de ambos os poemas o mesmo cerebro encandecido, embora as reformas, renovações e deturpações por que elles passáram durante tantos seculos, e tão repetidas vezes, lhes houvessem imprimido maculas e taes quaes desconnexidades artisticas, que levantam duvidas e desconfianças.

Não deve, pois, parecer-nos incrivel o que relata Platão, referindo-se aos rapsodas quando nas festas publicas recitavam e cantavam os versos da Odyssea e da Iliada. Possuiam-se de tal enthusiasmo que cahiam em extases e convulsões freneticas.

Impossivel nos é tratar folgadamente dos dous poemas; nem espaço e nem necessidade apparecem para impor-nos a missão delicada e difficil, que o estudo exigiria. Geraes observações, relembrando episodios de gosto fino, bastarão para explicar o enthusiasmo que excita sempre o nome de Homero, bem que ha cerca de tres mil annos tivesse deixado de pertencer ao mundo: enthusiasmo que existio em seu tempo, e tem immaculade e fixamente permanecido até hoje, atravez de epochas tormentosas, civilisações perdidas, metamorphoses do mundo, e mudanças completas de costumes, religiões, systemas governativos, nacionalidades e linguas.

Si cansam e fatigam, não raro, os repetidos e numerosos combates entre Gregos e Troyanos, ora aquelles assaltando os acampamentos d'estes, ora ousando os Gregos affrontar as muralhas formidaveis de Ilion, deleita-nos a Iliada sempre que summaria os colloquios enternecidos de Andromaca e Heitor; as lamentações varonis de Hecuba; os arrependimentos tardios de Helena, que despreza á Paris mas que o ama loucamente.

Que scena maravilhosa a volta de Heitor para a cidade, com as armas borrifadas de sangue dos inimigos, victoriado pelos Troyanos, cercado por ondas de mulheres, velhos, donzelas, crianças, que lhe perguntam noticias dos maridos, dos filhos, dos pais, dos parentes, dos irmãos, dos amigos, que o haviam accompanhado ao combate fora das trincheiras da cidade assediada! Encontra Paris, expro-

bra-lhe a covardia. Abraça a mulher e o filho, e na entrevista demonstra que não ha no teclado de Homero recanto escondido do coração, á que falte nota expressiva e deliciosa. Narra á Priamo a victoria que alcançara, encomiando o valor dos contrarios, sem que alardêe valentias.

E quanto movimento dramatico e sentidissimo pathetico na entrevista de Priamo com Achilles, lançando-se aos pés do guerreiro Grego o venerando rei ancião, banhado em lagrimas, suffocado em soluços, e supplicando-lhe a graça de restituir o cadaver do filho Heitor, morto ás mãos de Achilles, e que jaz em suas tendas, á fim de lhe levantar na patria sepultura condigna ! Mistura-se a dor de Achilles com a de Priamo ; cobre pranto copioso os rostos de ambos, e as palavras que trocam sensibilisam fundamente.

Quanta natureza e vida na descripção dos arraiáes dos Gregos ! Luta permanente entre os chefes ; ciumes que separam intimamente uns dos outros, reunidos, todavia, sempre que se recordam da guerra, e dos despojos que a victoria lhes deve proporcionar ! Ora enlevam-se em coragem diante do feliz exito de um combate. Tambem ás vezes cahem no desalento, apenas soffrem revezes. Debuxa-se admiravelmente o susto, de que se apoderam, ao retirar-se do acampamento Achilles despeitado, e ao morrer Patroclo aos golpes da espada de Heitor. Tratam de apaziguar Achilles, de traze-lo para os arraiáes, e satisfazer-lhe as paixões exaltadas. Conseguem-no, e em lide parcial comprova ainda Achilles o valor de seu braço, arrancando a vida á Heitor, e arrastando-lhe o cadaver até sua tenda. Não ha o movimento, a animação, a vida do drama ? Não jorram egualmente rasgos de lyrismo exaltado ?

Desliza a Odyssea por seu lado notas agudas de sentimentalismo, de preferencia á brigas e combates de guerreiros. Curiosissimas são as peregrinações de Ulysses; mares sublevados impedem de navegar para sua ilha querida; vence, todavia difficultosa e corajosamente perigos, que lhe arrebentam por toda a parte; supporta naufragios, fomes, sede e miseria, aqui trahidoramente perseguido por Ciclopes, que tentam assassina-lo; ali benevolamente acolhido por Alcionoo, pai de Nausica, que o protege; mais adiante, exposto aos encantamentos da feiticeira Circe; preso ás cadeias amorosas de Calipso, quando lhe implora hospitalidade, e d'ellas escapo com astucia até que emfim consegue, unico dos mareantes, arribar á Ithaca. Enfeitiçam as aventuras de Telemaco em procura de noticias do pai: encontra Nestor que memôra a tomada e incendio de Troya, e a partida dos Gregos para seus penates, abatido do animo por não saber o destino dos companheiros; conversa com Menelau que regressára felizmente accompanhado por Helena, com quem se reconciliára: noticia-lhe Menelau as lastimosas mortes de Ajax e de Achilles, e o cruento assassinato de Agamemnon: ignora, porém, a sorte de Ulysses. Como correm sensibilisadoras as scenas de Penelope, desfazendo de noite a tela que bordára de dia, para ganhar tempo, esperar Ulysses, que o coração lhe presagia que vive, e regressará para a patria, e escapar assim ás tramas e pretenções dos apaixonados, que a requestam, no intuito de se apoderarem do talamo e do reino do marido! Como deleitam a chegada de Ulysses, em trajes de mendigo; e o seu reconhecimento por Telemaco, e Penelope; pelo escravo Eubeo, e pelo velho cão, que se esmera tambem em patentear seu contentamento!

Não se comprehende, portanto, que um poema é o complemento do outro, e que só Homero os poderia ter ambos composto, para demonstrar todas as faces e matizes do seu genio?

E' n'elles que conhecemos a vida da Grecia, no tempo em que a governaram reis antes de admittir a forma republicana, e de dividir-se em tantos estados independentes, até que absorvidas pela ambição de Alexandre, filho de Philipe da Macedonia, de raça hellenica egualmente, vio desapparecer as autonomias de Athenas, Sparta, Corintho, Thebas, que tanto se haviam illustrado na historia, e cahi o mais tarde, já de todo desfallecida aos pés de Roma ambiciosa de dominar o mundo.

Sem os poemas de Homero não penetrariamos nos enredados e graciosos mysterios do polytheismo grego, nas suas tradições populares, na civilisação adiantada que os Hellenos possuiam, e que nos demonstram as descripções de palacios, ornamentos, objectos de arte, navegação, commercio, industria, usos e tendencias, que abundam na Iliada e na Odyssea.

Formam soberbos panoramas onde se derrama uma encyclopedia de tudo o que os Gregos sabiam, pensavam, e aspiravam; não é de espantar que elles considerassem seus mais maravilhosos thesouros os poemas de Homero, não talvez tanto pela forma artistica, pelo molde plastico, pelos enlevos de linguagem, mais principalmente porque lhes recontavam sua historia ornamentada de legendas; celebravam os feitos memoraveis de seus guerreiros; descreviam suas superstições, e prejuizos populares, suas crenças religiosas, seus costumes e luzes; resumiam no rythmo o mais sonoro e musical tudo quanto podia interessa-los e orgulha-los; e ensina-

vam assim a sciencia humana e divina, que o espirito ancia adquirir, quaesquer que sejam os sacrificios, que deva commetter para alcança-la.

Qual o litterato de gosto, em nossos dias, que se não alimenta e recreia com a leitura constante dos poemas de Homero? Jovens, recebemos d'elles parte de nossa educação litteraria nos lyceos e nos collegios, e parte tão importante, que d'ella conservamos sempre recordações agradaveis na edade robusta: na velhice mais singulares bellezas, mais seducções e encantos deparámos ainda, porque melhor podemos comprehender a immensidade e a sublimidade do genio, que tão magistralmente captiva e inebria o espirito e o coração.

II

Virgilio.

Eis ahi o riso e a alegria das campinas, a respiração e perfume das flores, a vida e o alento do mundo, a maviosidade dos affectos e o prazer ineffavel da alma! A Eneida significa, symbolisa todas estas sensações e sentimentos, e é Virgilio o poeta da ternura e da melodia artistica.

Nascera em um arraial perto de Mantua, setenta annos antes de Jesus Christo. Descendia de familia de lavradores. Estudara em Milão e Cremona rethorica, eloquencia e historia, conforme o systema dos Romanos.

Subjugara Julio Cesar as instituições republicanas, e estabelecera o governo de um chefe unico para todo o estado. Ao aproximar-se o momento de proclamar-se Imperador, foi assassinado trahidoramente por loucos conjurados, que sonhavam ainda em republica, quando os animos do povo, os costumes, as revoluções, as guerras internas não comportavam mais este systema que exige maior dedicação particular e maior somma de virtudes publicas.

Succedeu-lhe no poder Augusto, seu sobrinho, que depois de exterminar os republicanos e derro-

tar seus concurrentes á gerencia do estado, elevou-se ás honras de primeiro imperador Romano.

Como despojo de victorias e premio de serviços repartio Augusto pelos seus satellites e soldados, terras do domini o publico e propriedade privada, sem que examinasse, e menos attendesse aos direitos particulares, para que só dispuzesse do que pertencia á nação.

Foi a familia de Virgilio uma das despojadas de bens, que lhe pertenciam, e, como as demais victimas da arbitrariedade, tratou de por empenhos e supplicas conseguir sua restituição. Partio Virgilio para Roma á interceder e implorar justiça para si e para seus parentes. Joven ainda, sabia já dedilhar as cordas da lyra, e compor versos agradaveis, com o que alguma reputação grangeara em Mantua. Dirigio-se á Mecenas, favorito de Augusto, e dedicou-lhe sonoros canticos, e lisongeiras poesias. Ganhou-lhe a sympathia, e encontrou protector benevolo e poderoso.

Conseguio Mecenas que Augusto deferisse favoravelmente seus requerimentos, e ordenasse a restituição das propriedades arrebatadas á familia de Virgilio.

Tornou-se Virgilio d'ahi por diante um dos mais fervorosos adeptos de Mecenas. Acolhido generosamente pelo imperador, aproveitava tambem todas as occasiões para manifestar-lhe seus agradecimentos. Suas formosas eclogas desfiam suavissimos louvores em honra do senhor do mundo que lhe reconhecera os direitos, e do favorito bondadoso, que o amparava.

Abandonou Mantua, e fixou sua residencia em Roma.

Entregou-se ao cultivo da poesia. Copiosa varie-

dade de carmes pastoris, descriptivos, didacticos, intermeiados sempre de lisongearias ao poder que o acariciava, estenderam-lhe em pouco tempo a reputação, e augmentaram-lhe cada vez mais as boas graças do imperante.

Deslisavam-se tranquillos, venturosos, e respeitados seus dias de vida. Ora na sociedade intima de Mecenas, ora nos paços de Augusto, grande parte das vezes respirando saudaveis ares de campo em uma propriedade que adquirira perto de Napoles, e á qual folgava de quando em quando retirar-se para fugir do rumor da cidade, gozar da presença dos bosques, do rugir dos mares, do perfume das flores e das delicias da solidão. Dividia assim alegre e socegado seu tempo, e existencia, até que aos cincoenta e dous annos de edade o derrubou a morte.

Tambem se tornára o mundo romano pacificado e tranquillo ao iniciar-se o imperio de Augusto. A's guerras civis, ás revoltas, ás perseguições, á anarquia, á politica corrupta e versatil dos ambiciosos dos ultimos tempos da republica, impozera termo o imperador. Vida diversa, posto que servil, rebentava da nova ordem de cousas estabelecida. Obedeciam resignadamente as vastas possessões romanas, derramadas pelas costas da Asia menor até a Persia, desde o Egypto até a Mauritania, pelas terras situadas em toda a margem direita do Danubio, e nas da esquerda do Rheno, até se banharem nos mares do Norte, e pela Grecia, Italia, Hespanhas, Gallia e ilhas do Mediterraneo. Submettia-se quasi todo o universo conhecido ao impulso da cidade do Tibre, e tomava a orientação que Augusto lhe communicava.

A' par de tamanha grandeza politica caminhava a litteratura. Nos seis primeiros seculos de sua exis-

tencia ignorara Roma o seu cultivo. A Grecia, porém, vencida e avassallada, posto que não produzisse mais primores litterarios, desde que Alexandre lhe roubara a autonomia, e transferira para Alexandria, por elle edificada e povoada de raça hellenica, o imperio da intelligencia, ensinou, comtudo, á Roma vencedora o que valia o espirito. Da Grecia adoptou Roma poesia, historia, eloquencia, philosophia, artes e sciencias. Da Grecia recebeu mestres, educadores, rhetoricos, grammaticos que lhe poliram, limaram, enriqueceram, aformosearam e aperfeiçoaram a lingua, e inocularam n'ella os matizes do gosto, e as regras da harmonia.

Qual o romano de educação, nobreza, ou fortuna, que não estudou a lingua grega, que a não fez ensinar á seus filhos? Tornou-se a lingua grega desde então predilecta dos romanos.

Mãe intellectual de Roma, pagou a Grecia seus ferros e captiveiro, vasando nas veias de sua conquistadora luzes e civilisação que lhe abriram espaço afim de que prestando flexibilidade e propriedade á sua lingua até ali rude, tosca, e informe, conseguisse, como conseguio, crear uma litteratura propria e autonoma.

O desenvolvimento das lettras, que um seculo antes se iniciara com Plauto e Terencio, e nos ultimos tempos da republica engrandecera fidalgamente com Lucrecio e Catullo, e se opulentara com Cesar e Cicero, Catão, Varrão e Sallustio, attingira a seu zenith, manejado por poetas como Virgilio, Horacio, Tibullo, Ovidio, Propercio, e escriptores como Tito Livio, que deram lustre e nome ao imperio de Augusto.

Posto que já se ufanassem os Romanos com copiosos thesouros litterarios escriptos em sua lin-

gua e por seus cidadãos, concordavam, todavia, que difficilmente Roma se aproximava da Grecia. Depois mesmo do tempo de Augusto, e durante pouco mais de um seculo, que durou o movimento litterario latino, até que extinguio-se, de todo, sob seus successores, genio nem-um litterario ou scientifico Romano pode hombrear com os da epoca Grega de Pericles.

Cicero, Varrão, Seneca, egualam por ventura á Platão, Socrates, Hypocrates, e sobretudo á Aristoteles, o mais encyclopedico engenho da antiguidade? Ha poeta romano que se colloque ao lado de Pindaro, Eschylo, Sophocles, Aristophanes, Menandro, Euripides, Anacreonte, e principalmente Homero? Demosthenes na eloquencia não é a aguia que paira sobre tudo e todos? Exceptuado Tacito, que creou uma escola inimitavel para historiadores, o que são Cesar conciso, o elegante Tito Livio, o sagaz Sallustio, diante de Herodoto, Xenophonte e do admiravel Thucydides?

Conseguio Roma, comtudo, soccorrendo-se aos Gregos, adiantar-se prodigiosamente em tudo que produzem a intelligencia e a ambição humana. Levantara monumentos gigantesco, arcos, arenas, termas, circos, columnas, palacios, que não ornamentavam sua cidade, antes de conquistar e conhecer a Grecia; mas que é do artista Romano, que appareceu, e não fosse discipulo secundario de Phidias, Praxiteles, Zeuxis e Apelles?

Pode-se sustentar sem medo, Roma copiou, imitou á Athenas, mas nunca chegou á altura que o genio hellenico imprimira á Grecia.

Em todos os ramos, todavia, em que a intelligencia se traduz, logrou Roma apresentar composições nacionaes e autonomas, bem que baldas de origi-

nalidade. Um genero, porém, lhe faltava, e ninguem até então se atrevera á cultiva-lo; era a poesia epica.

Em um momento de tedio, queixou-se Augusto á Virgilio, que os poetas latinos se não applicavam á poesia epica, unica não aclimatada em Roma, quando na Grecia offuscára com brilho á todos os demais generos; estariam os Romanos inhabilitados para a cultivarem? Em que eram inferiores aos Gregos? Não os haviam submettido pelas armas ao dominio do Lacio? Em pouco tempo não tinham os latinos arcado com elles nos dotes da intelligencia? Não os affrontavam em poesia, historia e eloquencia? Não se aproximavam dos seus grandes philosophos? Não se ornava já a cidade de Roma com obras magestosas, edificios e templos mais vastos que os de Athenas?

Ouvio Virgilio attento e respeitosamente as insinuações sagazes de Augusto, e prometteu-lhe estudar o assumpto. Meditou bastante antes de atirar-se á tão temerario emprehendimento. Resolveu, por fim, pôr mãos á obra, parecendo-lhe apropriadas á um poema epico as tradições do Lacio, anteriores á fundação de Roma.

Espalhavam as lendas que para os lados de Napoles se haviam acolhido Troyanos, fugidos das perseguições dos Gregos, depois do arrasamento de Troya. Gabavam-se algumas familias da nobreza romana de descenderem d'elles, e entre ellas a dos Julios, á que pertencia Cesar, e pois o Imperados Augusto. Porque não entroncaria nos Troyanos a origem dos Romanos, fazendo oriundos da Asia, Romulo e seus companheiros, fundadores de Roma? Porque não exaltaria o amor proprio do imperador, attribuindo-lhe a origem ao proprio Eneas,

que se dizia chefe dos emigrantes? Não ganharia o poema palmas de nacional? Não corresponderia ao orgulho dos dominadores do mundo conhecido?

Dedicou-se á tarefa da composição, e retirou-se por algum tempo ás solitarias plagas de Baia, afim de secreta e meditadamente, organisar os planos necessarios da obra gigantesca, que lhe fora encommendada, desenha-los e colori-los. Que lhe importava procedesse o assumpto de uma legenda, de uma tradição contestada, de um mytho mais que de um facto historico verificado? Não se fundaram mais ou menos em lendas os episodios com que Homero aformoseára a Iliada e a Odyssea?

Escreveu, pois, Virgilio, o poema da Eneida, para cantar as glorias dos antepassados dos romanos, e dotar Roma com uma epopea, que lhe faltava á gloria litteraria. Não ousou imaginar moldes novos, e nem destaçar-se dos poemas homericos que com razão considerava os mais sublimes fructos da intelligencia humana. Accompanhou os vôos do mestre, tendo-os sempre diante dos olhos e presentes ao espirito.

Servem-lhe aos seis primeiros cantos as peregrinações de Ulysses na Odyssea. Evadem-se Eneas e os Troyanos de Ilion, apenas arrasada, e erram peregrinos pelos mares em busca de asylo, insultados pelos ventos desencontrados, ameaçados pelas ondas enfurecidas, e por protecção dos deuses salvos sempre de perigos e naufragios. Procurava Ulysses sua patria, abandonando as costas asiaticas. Deixa Eneas a sua, aspirando crear novo lar, onde com seus amigos fixem residencia. Desembarca Ulysses na ilha de Calipso, e cahe nos laços e meiguices amorosas da deusa, da qual difficilmente se desprende. Depois de temerosa tormenta, Eneas

arriba a Carthago, e Dido acolhe com todo o carinho, por elle se apaixona, e ancia prende-lo com seus encantos e feitiços : pode tambem, á custo, furtar-se ás caricias da rainha. Vagára Ulysses nove annos, perdido no oceano ; nove annos conta Eneas antes que se abrigue ás costas meridionaes da Italia.

Para continuar seu poema, recorre Virgilio d'ahi por diante á Iliada. Liga-se Eneas na Italia ao rei Latino, e pede-lhe em casamento a filha Lavinia. Oppoêm-se Turno, chefe dos Rutulos, e noivo da heroina. Como na Iliada, travam-se repetidos combates, amiudam-se lutas até que em duelo morre Turno ás mãos de Eneas como succedera á Heitor. Doura-se a mythologia romana, até ali agreste e barbara, ao calor da Grega, delicada e encantadoramente idealisada e poetisada pelo genio de Homero. Tanto na Eneida como na Iliada, tomam parte os deuses nas pelejas e intentos dos homens, adoptam suas paixões, superintendem-lhes os passos, e quasi se confundem com elles.

Concluido o poema e satisfeita a vaidade de Augusto, tiraram-se incontinente numerosas copias que se espalharam em Roma. Não se escacearam encomios, applausos, demonstrações ruidosas de apreço ao poeta eximio, que construira um tão primoroso monumento á gloria da patria. O enthusiasmo chegou ao delirio, e por onde quer que Virgilio passasse saudava-o o povo, e accompanhava-o com os mais evidente signaes de estima, respeito e admiração.

Teceu-lhe cantatas Horacio; elogiou-o Ovidio; Livio Italico e Stacio proromperam em extasis e o acclamaram o primeiro dos Romanos; Propercio exclamou em delirante phrenesi: « Cedei escripto-

res de Roma, cedei, escriptores da Grecia, nasceu Virgilio, que em estro excede á Homero. »

Sobrava-lhes razão, considerado o poema debaixo do ponto de vista artistico. Nunca a lingua latina se ornamentára com a flexibilidade, a fluidez, a maviosidade, a doçura, que Virgilio empregára : nunca o verso se impregnára de cadencia tão fina, de tal amenidade de formas, de correcção tão grammatical, de nobreza do estylo tão harmonioso. Não lhes faltavam tambem motivos par deixarem de extasiar-se diante de alguns episodios encantadores ; de diversas scenas sentimentaes e patheticas, que evidenciavam o coração terno do poeta ; e da applicação principalmente do maravilhoso e do sobre natural, que excessiva e profusamente domina, e que se pode appellidar a alma da Eneida.

Comparados, porêm, Homero e Virgilio; collocados em parallelo seus poemas, haverá quem ouse negar que aquelle é o mestre, e este o discipulo, aquelle o original, este a copia ?

Examinem-se, analysem-se. Elevada nos nossos dias á altura de sciencia, não se destina a critica, como outrora, á exclusivamente descobrir e demonstrar defeitos e maculas, e a censurar antes que á julgar; cumpre-lhe missão mais nobre; salientar as bellezas, prestar-lhes o valor devido, e pesalas com os desvios, fraquezas e erros, á que não escapa o genio, quaesquer que sejam os dotes e qualidades de que elle se exorne e se abrilhante.

Antes de tudo, ensina Homero quanto sabia, pensava, imaginava, acreditava, aspirava sua epocha : historia, mais ou menos real ou legendaria, pittoresca, poetica, romantica da Grecia ; traços biographicos de seus homens distinctos ; conhecimentos geographicos, politicos, scientificos ; dogmas

religiosos; mysterios aceitos; crenças generalisadas; instituições sociaes; mythos deslumbrantes, quer temerosos e assustadores, quer alegres e faceiros, como os preferia o caracter hellenico; descripções de cidades, de campos, de rios, de mares, de nacionalidades. São a Odyssea e a Iliada encyclopedias vivas e permanentes, que rasgam aos olhos o panorama inteiro da Grecia, debuxando-o eloquente e poeticamente em paineis de admiravel exactidão e verdade.

Não o accompanha ahi Virgilio, que se restringe á assumpto mais modesto, formula acção mais concentrada, e mais pelo sentimento e paixão realça que pela profundidade do pensamento e altivez do vôo poetico.

São Gregos, são Troyanos que pinta Homero; distinguem-se uns dos outros, nunca se atropellam, jamais apparece idea que não seja propria e peculiar de cada um dos dous povos.

Descreve Virgilio fielmente o golpho de Napoles, que conhecia pessoalmente, e no seu seio fixa a gruta da Sibilla, e entrada do Averno. De Homero aprendera o que fora Troya, e o seguio nas descripções, quando narra os successos dolorosos da sua ultima noite, ao ser assaltada pelos Gregos. Mas a Sicilia, apezar da pintura do Etna; Carthago e a Africa, que elle jamais vira, com quanta inexactidão esboça? Alexandre e Napoleão deparavam na Iliada sciencia da guerra, exactidão das armas, noções de estrategia, naturalidade de movimentos, emquanto que Virgilio, nos combates e operações militares, que desenha, manifestava inteira ignorancia: arma e disciplina os Rutulos como Romanos do tempo de Pompeo e Cesar, e seus costumes, seus sentimentos, sua civilisação, não se differençam

dos que especialisam os ultimos dias da republica de Roma, já tão adiantada em progressos, grandeza e magnificencia. Sobresahe, sobretudo, o anachronismo de fazer coevos Eneas e Dido, quando mil e duzentos annos antes de Christo se commettera a guerra de Troya, e cerca de quinhentos annos depois é que Dido existira e fundára a cidade de Carthago.

No traçar caracteres de heroes, no burilar suas physionomias, no delinear suas qualidades e paixões, curva-se ainda Virgilio ante o genio poderoso de Homero. Os personagens do cantor Grego são antes vivos, movem-se, agitam-se, animam-se; guardamos d'elles reminiscencias duradouras. As mulheres sabe ainda Virgilio pintar encantadora e deliciosamente, e nem-um retrato excede em formosura, em colorido e em feitiços, ao de Juno impetuosa, colerica, ressentida de offensas que não perdôa, dominada entretanto pelo orgulho e pela magestade divina; ao da rainha Amata, mãe feroz e violenta; ao de Camilla, guerreira, e ao mesmo tempo singela e graciosa; ao de Dido, particularmente, typo surprehendente e esplendido do amor, da paixão, do ciume, da voluptuosidade, triumpho completo de Virgilio. Na pintura dos homens, abate-se, porêm, Virgilio. Turno, chefe dos Rutulos, patenteia algumas qualidades apreciaveis, e attrahe attenção e sympathia. Mas Eneas não passa de creatura fraca, que não denuncia sentimentos humanos, não se reveste de attributos de heroe, e nêm mesmo de guerreiro. Não derrama uma lagrima pela perda da consorte, companheira devotada da vida, e que perecera por sua culpa. Separa-se de Dido sem que manifeste o menor pesar, sem que pareça recordar-se do affecto estremecido que por elle a

absorvera. Chama com razão á seu heroe o pio Eneas, que outro appellido não merece· Dir-se-ia que Virgilio pretendera encarnar na pessoa de Eneas a imagem de Augusto, seu protector, calmo, impassivel, prudente, que, empossado da dictatura e senhor de Roma, defende a ordem, sustenta o socego publico, promove os progressos moraes e physicos da nação, e exige adoração dos subditos agradecidos.

Nomeia Homero os Hellenos celebrisados nas historias e tradições da patria, summarilha-lhes as façanhas, lembra-os á seu tempo e á posteridade ; Virgilio, no entretanto, como que tem receio de memorar os varões illustres da republica romana, que enriqueceram as paginas de seus fastos, e que realçariam, sem duvida, o poema com feitos dignos de louvôr : contenta-se encomiando o governo de Augusto e referindo as grandezas e felicidade do imperio; quando de leve toca e falla dos tempos republicanos, é somente no desejo de mostrar sua inferioridade diante do novo regimen politico, que fundara o sobrinho de Julio Cesar, e de faze-los desprezar, por causa da irriquieta democracia, das brigas, tumultos, guerras e anarquia, cujo expectaculo permanentemente desenrolava.

Dissipam-se quasi felizmente, e como que se evaporam os defeitos referidos da Eneida, diante das bellezas e encantamentos de varios episodios e scenas; das imagens primorosas, que Virgilio derrama, do sentimento que exprime, e que só de uma alma enternecida procede. Num-em poeta talvez o eguale, — exceder-he seria impossivel, — nas formas plasticas, nos moldes artisticos, na metrificação sonora, harmoniosa, que presta á lingua como que um echo aerio, uma toada musical, que agita agradavelmente, commove e inebria os sentidos. E'

Virgilio, sob este aspecto, um artista consummado, inimitavel, perfeito.

Como é enternecedor o quarto canto, ao entregar-se Dido á desesperação que lhe causa a partida de Eneas? Verdadeira scena dramatica, repleta de lyrismo e de elegias plangentes, ataviada de sentimento e de raptos apaixonados. Como é pathetica a entrevista de Eneas com Andromaca, ao pé do tumulo de Heitor? Como é magestosa a descripção da ultima noite de Troya, ao irromperem inexperadamente os Gregos, aqui trucidando, ali arrasando templos e palacios, além roubando os objectos preciosos, acolá atiçando o incendio; e mulheres, e crianças, e decrepitos anciões gemendo, gritando, chorando, implorando misericordia, que não alcançam dos vencedôres implacaveis? Mostra-se ahi Virgilio original, admiravel, e surprehendente de paixão.

Verdade incontestavel é que a poesia encontra-se em toda a parte, raia em todos os objectos, resvala de todos os acontecimentos, scintilla de todas as sensações. Basta ver e sentir, e como o fogo, ella arrebenta das pedras, dos troncos secos, dos fragmentos dispersos, e até do seio da terra esterilisada. Lucra-se com a differença dos genios e dos caracteres, porque analogia significaria monotonia. Si offusca a imaginação de Homero, o sentimento de Virgilio penetra no intimo do coração. Ao ler Homero abisma-se o homem em Deus, e como o atomo fluctuante, ao calor do dia, mergulha e perde-se na atmosphera. Ao passar pelos olhos o poema da Eneida, extasia-se com os deliciosos donaires do maravilhoso, com a expressão pathetica dos affectos, com a purissima dicção, louçania e graças temperadas, bem que mais artificiosas talvez que naturáes.

Para que Homero contrabalance estas preciosas qualidades do poeta romano, precisa invocar a energia de seus pensamentos, a altura inmensuravel de seu genio, que sobe á hemispherios encondidos á vista humana, Impôem-nos então, impressiona-nos Homero profundamente em quanto que Virgilio sensibilisa apenas, e arranca lagrimas. Homero crea, Virgilio enfeitiça. Homero reveste-se de magestade, Virgilio derrama sentimento.

Assimilha-se Homero ao Nilo, que ainda que transborde aguas possantes, e inunde os campos adjacentes, recolhe-se ao leito em occasião opportuna, e lega em troca ás terras humedecidas fertilidade que lhes multiplica as riquezas e opulencia: Virgilio ao rio tranquillo, transparente, egual, que se deslisa en curvas suaves e amenas ondulações, que surri aos olhos, e envia á alma commoções doces e agradaveis.

Nos momentos de descanso, em que lhe falla o coração, não se exime Homero de manifestar abundancia de seiva, calor e fogo ardente. Nem nas descripções de batalhas perde Virgilio a calma, a prudencia e regularidade, parecendo não tomar parte n'ellas senão ficticiamente.

E' Homero egual á Jupiter, disparando, do alto de sua grandeza, raios, trovões, tempestades, rei sempre e soberano dos deuses. Não é Jupiter para Virgilio senão o amigo, o conselheiro dos deuses, que do seu solio augusto os apazigua, socega, admoestra e reconcilia.

Crearam Homero e Virgilio escolas distinctas, que ainda hoje persistem e se contrariam. A' de Homero pertence o pensamento de preferencia á phrase; a idea predominando sobre a expressão; a imagem impondo-se á arte da metrificação. Dante, Milton,

Shakspeare, Corneille, Alfieri, Sousa Caldes, procedem de Homero, e seguem-lhe a inspiração e a doutrina. A maior parte, porêm, dos poetas modernos, á começar de Petrarca, no seculo XIV°, prestam mais importancia á arte, sacrificam a poesia á euphonia, dedicam-se á aformosear e construir sonoramente o verso antes que á povoar de vôos da imaginação o painel que esboçam. Ao genio dos primeiros o campo soberbo da concepção, e desenho elevado do assumpto; ao dos segundos o colorido, a roupagem rendada, a forma suave e musical. Camões, Tasso, Ariosto, Racine, Garcão, Schiller, Goethe, Byron, Lamartine, Bocage, Gonzaga, devem-se considerar discipulos de Virgilio, e seus louros e palmas mais gloriosas procedem da arte perfeita, que aprenderam, e do sentimento intimo, que os inspira.

Resultam da escola de Homero, é mister confessal-o, obscuridade ás vezes do pensamento, pompas de allegorias, amontoação de imagens, defeituosa estructura e incorrecções da phrase e do verso; do systema de Virgilio procedem, todavia, maculas muito mais indisculpaveis ainda. Satisfazendo-se com a fluidez e com a flexibilidade da linguagem, a amenidade e correnteza do vocabulo, o encantamento do estylo, a toada melodiosa da metrificação, consideram-se poetas, sem que exprimam poesia, e só palavras, sem que manifestem raptos de inspiração: não que faltem estes indispensaveis e elevados dotes aos primorosos escriptores, que nomeamos, mas de certo que os não possuem infinidade d'aquelles que, por polirem e traçarem versos com facilidade e gosto artistico, reputam-se abrazados de veia e fogo do genio, quando não passam de metrificadores, estimaveis embora: os traductores, particularmente, que trasladando de uma para a outra

lingua, bêm que fiel e agradavelmente, julgam que suas copias sobem á altura de originaes, e que a transfusão do perfume de um para outro vaso, alêm de não perder o aroma subtil e delicado, que constitue sua essencia, basta para que a traducção, exclusivamente material, attinja á idealidade, á concepção, ao plano de quem imaginou e inventou o poema.

Até o seculo XVIII° de nossa era, foi Virgilio mais encomiado e admirado que Homero, porque nunca deixou de ser cultivada e cultivada mais ou menos esmeradamente a lingua latina, que empregada, em correspondencias officiaes e diplomaticas, em actos publicos, em livros que escreveram philosophos e historiadores, sabios, poetas, e criticos da edade media, da renascença, e até dos tempos modernos; adoptada por todos os Padres excelsos do christianismo, e pela Egreja catholica em todas as suas grandes relações e sacramentos; ensinada constantemente nas escolas da Europa, como aquella de que directa ou indirectamente derivam a maior parte dos hodiernos idiomas, e que symbolisa o gosto litterario; lia-se, relia-se, aprendia-se de côr Virgilio, e a Eneida fez sempre parte integrante da educação.

Por seu lado, a lingua Grega concentrara-se no Oriente da Europa, quasi que completamente isolado, desde a separação de Roma e da Italia. Ignorada, no occidente, só do seculo XIV em diante, foi sendo aprendida e estudada. Com o correr dos tempos é que se conseguio apreciar a magestade e superioridade da litteratura Grega, e penetrou o ensino da lingua hellenica nos collegios e lyceus de instrucção publica.

Cifrava-se até então o que dos classicos gregos se sabia em pessimas traducções latina, e até em versões Arabes que apreciavam as obras de Aristo-

teles, Euclides, e Hypocrates, posto que deturpadas, mutiladas, falseadas nas trasladações de seu idioma.

Foi esta egualmente a razão por que Dante referindo-se em seu poema apenas uma vêz á Homero, tomou por guia para o accompanhar ao Inferno e ao Purgatorio, á Virgilio, como o primeiro poeta da antiguidade. Ignorava Dante a lingua grega, posto que muito erudito se manifestasse na latina.

Logo, todavia, que se conseguio ler os poemas de Homero na lingua vernacula e original, em que haviam sido escriptos, subio de ponto a admiração dos estudiosos e das pessôas de fino gosto litterario, e Homero recuperou seus foros antigos de poeta sublime, mestre dos mestres, e genio incomparavel.

III

Dante.

Corriam os tempos, em que Dante existio no mundo, extremamente agitados e procellosos. Nascera Dante em Florença, no anno de 1266. Fallescêra em Ravenna ao principiar o de 1321.

A mudança da capital do imperio para Constantinopla; o abandono em que Roma ficára, reduzida á provincia; as ideas orientaes e fausto asiatico admittidos por Constantino e seus successores, em quanto na cidade de Roma se conservavam ainda vestigios, tradição e costumes da sua antiguidade; a separação des duas egrejas, grega, e latina ambas já christaes; as difficuldades de communicações e relações entre o Oriente e o Occidente, importaram em estrondosa revolução, que modificou inteiramente as condições da Europa.

Sustentou-se Constantinopla, qual padrasto inaccessivel á vagas mais enfurecidas do oceano, e guardou sua autonomia de imperio do oriente; perdeu instituições e usos romanos, e não tardou em trocar a lingua latina pela grega, até que no seculo XV cahio em poder dos Turcos, quando Roma muito antes havia sido destruida.

E' que enfraquecida com a falta de governo supremo e proprio, foi Roma cobiçada pelos barbaros Go-

dos, Hunos, Vandalos e Lombardos, que se haviam precipitado sobre a Italia, e que conquistaram, por diversas vezes, a cidade do Tibre, saqueiaram, incendiaram, e reduziram-na á cinzas. Acudio-lhe felizmente em soccorro Carlos Magno, chefe dos Francos que nas Gallias haviam fixado sua residencia. Fundou em Roma um estado autonomo, e entregou-o aos Papas, para que o administrassem civil e politicamente, ao passo que sobre todos os povos catholicos exercessem sua acção religiosa.

Desde a destruição do imperio romano pelos barbaros invasores, cahio a Europa occidental na escuridão; trocou a civilisação antiga pelas trevas, e mergulhou-se na ignorancia, caracteristica da appellidada edade media.

Paulatinamente e diante de poderes ephemeros civis e politicos que aqui e ali se levantavam, se foi erguendo o prestigio dos Papas, que na religião e na lingua latina, cujo cultivo sustentavam, adquiriam solidos alicerces, em que firmassem autoridade e supremacia incontestada.

Gregorio VII° e Innocencio III°, mais politicos que chefes de religião, trataram constantemente de estender seus dominios territoriaes, ao passo que aspiravam subordinar reis e potentados á suas decisões e preponderancia.

Não empregaram unicamente as armas da Egreja, interdictos, faltas de sacramentos, excommunhões: organisaram exercitos proprios, convocaram para os coadjuvarem nos designios, ora estes, ora aquelles dos Principes, que indemnisavam com acrescentamentos de estados, e regalias particulares. Apellidando heresias quaesquer actos ou palavras de reis ou de povos, tratavam logo de destrui-las e extirpa-las. Terrivel lição infligiram aos Albigenses do sul

da França, cujas cidades foram arrasadas, campos talados, casas derribadas, povoações condemnadas á morte e executadas sem a menor piedade. Applicaram-lhes um tribunal de inquisição para descobrir e castigar seitas religiosas que se afastassem da orthodoxia de Roma; repartiram o solo pelos chefes que, á vóz de Innocencio III°, haviam marchado com suas cohortes á guerra de exterminio: extinguiram assim a independencia nacional, que os Albigenses desfructavam, e da qual participavam os vizinhos, egualmente autonomos.

Conforme a ordem natural das cousas, á acção succedeu a reacção, e os Imperadores da Allemanha e depois d'elles, os monarchas de França, e Hespanha, atiraram-se egualmente sobre Italia e Roma, e a infeliz peninsula converteu-se em campo de batalhas incessantes entre invasores extrangeiros, e sectarios dos Papas.

Turbulenta existencia atormentou d'ali por diante aos papas, obrigados, não raro, pela fraqueza de seu poder material, á appoiar-se ora em um, ora em outro rei extrangeiro, ora em um, ora em outro principe soberáno, republicas e estados independentes, em que se partio profusamente a Italia, por lhe faltar um centro, um governo geral e proprio que lhe firmasse a unidade, e garantisse a nacionalidade.

Dividiam-se egualmente os italianos : tomavam uns partido pelos Papas; outros preferiam a dominação dos reis extrangeiros, e particularmente dos imperadores da Allemanha, como successores de Carlos Magno. Estes chamavam-se Gibelinos, Guelfos aquelles. Cahio prisioneiro de Francezes o Papa Bonifacio VIII°. Insultado, maltratado, esbofeteado pelos inimigos, morrera de desgostos, apenas escapo de suas garras. Sustos apoderaram-se dos

seus successores, que não reputaram segura a cidade de Roma; em principios do seculo XIV°, transferio Clemente V° a sede pontifical para Avinhão, onde sessenta annos permaneceu a capital do catholicismo, e que os escriptores da Egreja estigmatisam com o appellido de captiveiro de Babylonia.

Pertencia Dante á familia illustre dos Alighieris; estudára medicina e theologia, e applicara-se á escholastica, consideradas as mais importantes sciencias da epocha. Tornaram-no soldado as facções de Florença e Italia: empunhou as armas, e combateu com valentia os Gibelinos, como adepto que era dos Guelfos. Da carreira militar passou-se para a civil, exerceu empregos importantes, e foi um dos principaes magistrados da sua cidade e patria. Aproveitava os momentos de reposo para escrever na lingua latina, especial dos eruditos; e das obras destinadas á leitura dos estudiosos, algumas composições em prosa e verso, que manifestavam profundo conhecimento de philologia e historia.

Entre os Guelfos de Florença manifestaram-se, infelizmente, dissensões e brigas: uns apellidaram-se negros, brancos outros. Tomou Dante o partido dos brancos. Recorreram os negros desterrados para o papa Bonifacio VIII°, que lhes mandou em soccorro forças militares commandadas pelo principe francez Carlos de Valois. Vencido foi Dante, desterrado da patria, e condemnado á ser queimado vivo caso ousasse volver á seu territorio: declararam-se confiscados seus bens e propriedades, e seu nome riscado dos livros dos cidadãos e magistrados de Florença. Corria então o anno de 1300.

Desde essa epocha não poude mais voltar para Florença. Supportou as dores do exilio até que acabou a existencia provando, como o declara em phra-

se energica quanto era salgado o pão do desterro, e o subir e descer de escada alheia.

Abandonou desesperado o partido Guelfo pelo dos Gibelinos, devotando-se aos novos alliados com o mesmo ardor e actividade, com que antes os aggredira. Observe-se seu retrato, e nos traços nobres e rudes ao mesmo tempo, se lhe descobre impresso o orgulho, e uma melancholia profunda. Entrecortada a cumprida face de rugas pungentes, os olhos penetrantes, reflexivos e severos, os labios resplendentes de despeito, a elevação e curvatura do corpo, os gestos rapidos; tudo indica a vehemencia de paixões, e a altivez de sentimentos.

Procurou tentar a sorte das armas, e com os Gibelinos atacou os Guelfos. Infeliz nos designios, abandonou Italia, e dirigio-se para a cidade de Pariz, reputada então pelos estudos theologicos, e onde se achavam leccionando, e haviam leccionado italianos illustres, como Thomas de Aquino e Bruneto Latino, e extrangeiros de outras procedencias como Rogerio Bacon e Alberto de Colonia.

Refere Boccacio que Dante apresentou-se uma vez na Sorbonna, sustentou theses theologicas em latim contra quatorze doutores dos mais afamados, e obrigou-os á reconhecerem sua superior erudição, e notavel argucia.

Não lhe agradando a residencia em França, voltou paar a Italia septentrional, e ora em Verona, ora em Mantua, ás vezes em Turim ou em Modena, e por fim em Ravenna, vagueou triste e desesperado como verdadeiro paria, dirigindo constantemente olhares saudosos para sua querida Florença.

Como não podia vingar-se pela força, tratou de combater seus inimigos pelas lettras, empregando armas mais possantes que a proscripção, que soffria.

Imaginou um poema, que fosse um grito de guerra e pintasse ao vivo com todos os vicios e crimes, expiações e castigos, que lhes eram reservados depois de mortos, quantos o haviam perseguido, condemnado e desterrado, ao passo que symbolisasse a situação social, politica e economica da patria, e qual imagem de seus adiantamentos litterarios, dos seus costumes e instituições, religião e poesia.

Ao principiar a obra, pairaram-lhe no espirito duvidas relativamente á lingua, que devia empregar. Era a dos sabios e estudiosos a latina, e nella começou os primeiros versos. Reflectio posteriormente que para que sua vingança fosse mais completa, convinha-lhe fallar a todo o povo no idioma mais corrente o comprehendido pela maior ia dos italianos.

Usavam, por esse tempo, varios idiomas as differentes nações da Europa, oriendos do latino corrupto e mesclado com o fallar dos barbaros da Germania, gallos e celtas. Primava entre elles pelas çanções de seus poetas trovadores, e por uma tal qual litteratura ligeira, o proençal, que se empragava nas costas meridionaes da França. Com a guerra e exterminio dos Albigenses decahira, e ia prevalecendo em França o denominado wallon, generalisado do rio Loire para o norte. Bruneto Latino n'este ultimo escrevera, e Dante affirma que elle muito lhe agradava pela concisão, e pelos canticos cavalheirosos dos menestreis e troveiros. Sobresahiam a outros em Hespanha os idiomas catalão, que se aproximava do proençal, o gallego que se considerava mais doce e proprio para a poesia, e o castelhano bastante parecido com o godo, e que pela união nacional se tornou depois lingua official, se appellida actualmente a hespanhola. Desenvolvia-se egualmente

na peninsula iberica o portuguez, derivado do gallego, e que com a independencia da nação, o estudo e assimilação da lingua latina, e as relações com os normandos, ia ganhando autonomia propria e enriquecendo-se com vocabulario notavel.

Muitos eram tambem os idiomas de que se servia o povo italiano, conservando superioridade, todavia o que se iniciara e aperfeiçoara na Sicilia, sob o governo de Frederico, Imperador da Allemanha, e rei de Sicilia e Napoles. Propagava-se já este idioma, por toda a Italia, fazendo esquecer os outros. Varios poetas populares o applicavam á canções ligeiras e alegres, e a ordem Franciscana mendicante pregava, autorisada pelo Papa, n'esta linguagem, a mais entendida pelas massas vulgares.

« — Quero que todo o povo me entenda. » — Disse comsigo Dante, e escreveu o seu poema no idioma cortesão o siciliano, que se tornou depois a lingua geral itialana. Não creou a lingua, como erradamente se publicou. Creador da lingua é o povo. O poeta aformoseou-a, apurou-a, limou-a enriqueceu-a, engrandeceu-a, e pois aperfeiçoou-a e firmou-a. Denominou Dante comedia á sua obra porque a comedia, em sua opinião, principia em desgraças e termina em felicidades. No inferno começaria, isto é, no mundo das trevas, passando para o purgatorio ou da purificação, e attingindo depois ao ceo, premio da virtude, da luz e da bemaventurança. Comprehendia assim o mundo invisivel, d'alem tumulo, segundo as doutrinas da Egreja catholica. Sanccionou-lhe o povo italiano o titulo, accrescentando-lhe adjectivo — divina — para manifestar seu enthusiasmo. Não trepidou a posteridade em aceitar a opinião do povo.

E' a Divina Comedia um poema epico no sentido que

se dá geralmente a este genero de poesia? Primeiro ponto que convem tratar, para que o nome de Dante se inclua na lista dos poetas epicos.

Não se pode contestar que a Divina Comedia abrange todos os generos e especies de poesia, realçada por uma esplendida versificação, cujo metro e rima Dante adoptara dos Proençaes. Derrama-se ás vezes em arroubos aprimorados de lyrismo: em um ou outros canto reveste-se de episodios dramaticos; modula não raro endeixas pastoris, elegias plangentes, accentos philosophicos, e trava discussões theologicas e escolasticas, ora ferindo as cordas da satyra, ora deslisando descripções pittorescas; descortina o poema egualmente os mysterios e arcanos do coração humano e os segredos que parecem impenetraveis da alma, e echoa de quando em quando hymnos celestes, proprios dos anjos, adorando o eterno creador do universo. Aqui politico, ali historiador, theologo sobre tudo e julgador severo de todos os acontecimentos da sua epocha: narrador fiel e brilhante cose uns a outros episodios connexos ou desprendidos, apresentando em toda a sua nudez e verdade as tendencias dos espiritos, as tradições e superstições populares, os feitos dos coevos, desde a mais eminente jerarchia até a posição mais baixa, citando nomes de mortos e vivos sêm receio de compromettimento.

Grandioso no fundo, com a necessaria unidade de pensamento, revestido de todos os caracteres epicos, unindo a factos historicos o maravilhoso com singular discreção, suscita e sustenta sempre o interesse, exalto o espirito, deslinda paixões, e commove com tão sublime profundidade de pensamento e energia tão incisiva de expressão, que nem-um outro poeta talvez o iguale.

O thema é uma viagem de Dante ao inferno, ao purgatorio e ao paraizo, desenhando as ideas, as crenças, as superstições de que o povo se imbuia, e que o clero espalhava para governa-lo não tanto pelo amor como pelos terrores que lhe incutia no animo. Estudo analityco e comprehensivo da sua epocha, com todas as lendas, opiniões, usos, crimes e lutas, em que a nação italiana se envolvera, incluindo na immensidade do assumpto quantas condições se exigem em geral para o poema epico. O pensamento se lhe exaltava, percorrendo successivamente os dominios da morte, desde os sombrios antros em que o vicio e o crime recebem castigos eternos até as regiões celestes, onde encontram recompensa as virtudes selectas; povoando o inferno, o purgatorio e o paraiso com os mortos illustres, que deixaram reminiscencias; assignalando á cada um seu destino na outra vida, e penetrando nas mais mysteriosas particularidades do coração humano. Com o soccorro da poesia tornou vivos e animados os quadros que esboçava.

Falta-lhe um facto historico notavel como as peregrinações de Ulysses, e a guerra de Troya, ou a legenda da fundação de Roma entroncada em Eneas? Para substitui-los, traça os graves acontecimentos do seculo XIII° com seus horrores e singulares peripecias. Precisa de um heróe para o poema? Porque o não será a Italia e Florença particularmente?

Entre Dante e os demais poetas epicos ha apenas a diversidade dos seus caracteres, a contrariedade dos assumptos que celebraram, e os propositos que cada um procurava, compondo suas obras.

Que razões ponderosas excluiriam a Divina Comedia, porque mystica e sonhadora, da lista dos poemas epicos?

Certo é que á proporção que escrevia seu poema distribuia pela Italia copias numerosas dos canticos terminados, que por toda a parte se liam com enthusiasmo, aprendiam-se de côr, repetiam-se em todas as camadas da sociedade, e o povo, absorto, extasiado, diante de ondas tão opulentas de poesia, de narrações tão fieis de sua historia, de sua religião, de sua moral, de suas tradições, de seus costumes, de sua lingua, descobria seu sentir e sua alma n'aquellas inspiradas estrophes, e applaudia estrepitosamente o vate exilado, como vulto extraordinario o sobrehumano.

Que impressão não produziriam no proprio Dante os signaes de respeito e admiração que todos lhe dirigiam, quando passava pelas praças e ruas das cidades, onde errava peregrino? Como se não sensibilisaria ao ouvir uma vez em Verona conversarem varias mulheres do povo, dizendo uma espantada. — Ali vai um homem que desce aos infernos quando quer, e volta quando lhe parece — e respondendo-lhe as outras — Deve ser verdade porque seus cabellos e barbas estão chamuscadas de fogo. »

Que prazer intimo não sentiria ao saber que conhecido, lido e repetido em Florença, o canto do inferno, onde collocava os tres magistrados que o tinham condemnado á morte, o povo fugia d'elles, acreditando-os já mortos e soffrendo as penas eternas, bem que aparentassem vida?

Os tres proprios magistrados, chegaram á convencer-se da prophecia, á tremer de suas proprias sombras, e a esconder-se aos olhos do povo, que os apontava e ludibriava!

Por todas as partes da Italia soava a fama de Dante, e se repetiam fragmentos do seu poema. Re-

solveu então o conselho de Florença revogar as sentenças contra elle lavradas, e permittir-lhe a volta para a patria, com a clausula, todavia, de pagar uma multa pecuniaria, para a qual ficava habilitado, com a restituição dos bens, propriedades e valores, que se lhe haviam confiscado.

Não sabia, porêm, Dante humilhar-se, e vio na decisão dos magistrados de Florença intenção de desmoralisa-lo. Respondeu altivamente que só regressaria para Florença, quando declarado innocente, que o pagamento de multas pecuniarias equivalia á confissão de culpabilidade, que elle não tinha. Não admittia perdão, e nem aceitava indultos, preferindo vagar em desterro, porque fora de Florença havia tambem ar para respirar, sol para aquecer, pão para nutrir.

Apreciem-se agora os episodios d'este poema extraordinario, singular, extremamente original e sublime. Não é possivel analysa-lo, porque são tantas as faces por que pode ser encárado que nem mesmo longos desenvolvimentos e commentarios bastariam, e já muitos livros têm a critica publicado á respeito, sem cansar-se de completar-lhe o estudo.

Dirige-se Dante ao inferno, toma por guia Virgilio, que Beatriz, uma virgem que elle amára e perdera no verdor dos annos, mas cuja saudade o accompanhava constantemente, alcançara de Deus para lhe dirigir os passos.

E' magestoso o exordio, e prepara o leitor para formidaveis scenas. Denunciam a entrada do inferno versos de fogo, que tiram a esperança da sahida a quantos ali penetrarem.

Quatro poetas saudam os viajantes, Homero, Ovidio, Horacio e Lucano: permaneciam em recinto luminoso, com os antigos e modernos illustres,

que não conheceram a religião de Jesus Christo, unica que salva das penas eternas. E' seu castigo nutritem desejo sem esperança. Entre elles nomeiam-se Platão, Ariztoteles, Cicero, Euclides, Galeno, Electra, Cesar, os arabes Averrohes e Aviceno.

Ao lado dos grandes homens sabios e virtuosos, jazem no limbo as crianças não baptisadas, que não ganham logo o ceo pela innocencia, em razão das culpas dos progenitores.

Passa-se d'ahi ao primeiro circulo dos damnados, que é povoado pelos amorosos. Quantos se deixarão vencer pelos impetos do amor, soffrem castigos tremendos, Dido, Semiramis, Helena, Cleopatra, Achilles, Paris, mencionam-se entre os mais conhecidos da historia. Attrahe a attenção um casal de jovens, que se lastimam doridamente correndo precipitados pelos ares sêm o descanso de um instante. Ao appello do poeta responde Francisca de Rimini, narrando sua vida, amores, e fatal destino. Este episodio, traçado tão concisa quanto sentimental, suave e naturalmente, bastaria para gloria poetica de Dante. Num-um escriptor attingio ainda á tão perfeito pathetico; constitue um quadro de interesse dramatico o mais primoroso, e as paixões, e os sentimentos arrancam lagrimas verdadeiras. Uma tempestade fria, gelada, solta no espaço açouta constantemente estas almas de peccadores do amor, que não param na carreira rapida e vertiginosa, em que gyram: não contrastam com o frio glacial que supportam agora, o calor e o fogo, que lhes tinham abrazado os corações, e transviado o espirito? Que doçura, que acanhamento exprimem as endeixas de Francisca, que nêm ousa pronunciar o nome do

amante, parecendo assaltada de pejo, ou temer que a palavra lhe acarrete maiores perseguições e dôres! Cada palavra é um distico apaixonado, admiravelmente echoado; cada toque de pincel um quadro cheio de verdade; cada pensamento uma luminosa inspiração; cada imagem um rapto sublime de genio.

Os peccadores de amor deixa o poeta para recontar o que soffrem em outros circulos; os avarentos, os colericos, os feiticeiros, os invejosos, os heresiarchas, os soberbos, os perjuros, os hypocritas, os ambiciosos, os sodomistas, os simoniacos, os prodigos, os suicidas, os calumniadores, os irasciveis, os atheus, os falsarios, os trahidores á patria e aos amigos, os gulosos, os mentirosos, os blasfemos, os tyrannos, os ladrões, os impostores, os assassinos, os intrigantes, os salteadores, os alchimistas, e todos os viciosos e culpados da terra.

São tão variados os castigos e tão apropriadamente adaptados á cada um dos vicios e crimes, que só a imaginação poderosa de Dante poderia advinha-los. Rochedos pesados, fossos de sangue, jorros de agua fervida, areias abrazadoras, serpentes sibillantes, tigres, chuvas de fogo, atmosphera glacial, punhaes, espadas, azorragues applicados pelos demonios encanzinados; imagens, comparações curtas, significativas, esclarecem a idea e tão ao natural que ouvem-se os gemidos de dôr, os gritos de desespero, os echos furiozes de vozes desencontradas, que os infelizes repercutem.

Em um canto Lucifer, ornado de tres cabeças e de tres boccas, diverte-se mordendo suas victimas, Judas Iscariote, Bruto e Cassio. Em outro circulo está o conde Ugolino agarrado ao bispo Ruggieri, e despedaçando-lhe com os dentes o craneo ensan-

guentado. Horrorisa ouvir-lhe a historia dos combates, da prisão, dos soffrimentos na torre, em que fora encerrado com seus filhos, e da morte successiva d'estes á fome servindo as carnes dos falescidos ao alimento dos sobreviventes, até que por fim elle, ultimo de todos, expira em accessos de loucura. Primor tão sublime este episodio, que não encontra riva em obra nem-uma de escriptor conhecido! Poeta da edade media, vivento no meio dos mais tristes acontecimentos, amontoa Dante reminiscencias, ás vezes desordenadas, mas que descreve tão vivamente, que ao mundo sobrenatural une a pintura mais energica do mundo visivel, o maravilhoso assimilha-se á factos veridicos, e os factos veridicos são delineados e referidos de modo á agitarem, a impressionarem o espirito, como si pertencessem ao mundo invisivel, e quaes sombras partissem da imaginação escandecida. E' que a fé religiosa, as superstições populares, as allegorias que transbordam n'este poema, penetravam nos intimos e mysteriosos recessos das almas e das consciencias de um povo imaginoso como é o italiano.

Que quadros aterradores os que se referem aos adeptos de seitas religiosas e propagadores de schismas, comprehendendo Mahomet e Bertrão de Born, que são cortados á golpes de espada, em cada gyro que praticam no respectivo recinto! Como doridamente se estorcem os Pontifices simoniacos, Nicolau III° e antipapa Anastasio? Seria infinda a lista de nomes dos que figuram no inferno por seus peccados e culpas, não escapando Frederico II° de Allemanha, Caiphaz, Dionisio de Syracusa, Nero e nem Attila.

A parte, relativa ao inferno, mais facil de entender-se por ser narrativa, conter fragmentos histo-

ricos, e relatar successos que todos presenciavam, tornou-se tambem a mais popular posto que oriunda do odio e do desejo de vingança do poeta altivo, mas errante e exilado, que se lamentava á todo o momento de não poder regressar para a patria, rever os penates, saudar os sitios da feliz juventude, o theatro de feitos patrioticos da edade madura; que atribulado pelas paixões encarecidas, penetrava nas egrejas, ajoelhava-se, orava, e requeria paz para sua existencia: que recorria, pois, ao livro, aos versos, aos canticos, para attenuar suas maguas, e recommendava-lhes o lembrassem aos amigos, que ainda em Florença lhe restassem.

Mais calmos e limpidos horisontes, ondulações mais fagueiras, colorido mais ameno descortina Dante no Purgatorio. No inferno moram os damnados. Povoam o Purgatorio os que por expiações e supplicas verdadeiras se espurgam de peccados perdoaveis. Bastava o arrependimento sincero e espontaneo na vida para, segundo o dogma catholico, salvar do inferno, e levar ao purgatorio os desgraçados delinquentes.

Não é só moral o castigo que tanto no inferno como no purgatorio reservava o poeta aos desprendidos da vida da terra. Aceita da Egreja catholica a idea da resurreição dos corpos, e por isso recahem egualmente as torturas e soffrimentos sobre os corpos, como castigos physicos e atormentadores.

Encontra o poeta no purgatorio seu amigo, o musico Casella, o vate proençal Sordello, e o famoso Manfredo, rei da Sicilia, que os Papas perseguiram, precipitaram do trono, excommungaram, e privaram de sepultura.

Deus, porêm, que se não decide pelas sentenças dos que na terra o representam, Deus que por si

julga, desprezou as excommunhões pontificias, e reservou o purgatorio para o infeliz Manfredo.

Dirige o poeta increpações vehementes á Hugo Capeto, como raiz de uma arvore funesta que, para augmentar territorios, não poupava guerras de invasão, de conquista e de depredações; desenha cuidadosamente a posição de viuvas penando em attitude supplicante; nomeia varios toscanos illustres, com quem o poeta conversa acerca de Florença e Italia, e que soltam hymnos inspirados e patrioticos. Não lhe escapam á critica Pedro III° de Aragão, e Henrique III° de Inglaterra. Apostrophes violentas lança aos papas e bispos da christandade, que pretendem confundir e concentrar em suas mãos os dous poderes espiritual e civil, causando com isso os males que assollam o mundo catholico.

Raia no Purgatorio uma joia preciosissima, que muitos poetas tem aproveitado; é a historia das desventuras de Pia de Tolomei, assassinada injustamente pelo marido ciumento, e que nascera em Sienna e morrera condemnada em Maremma!

Que divino se patenteia, no entanto, o Paraiso, ultima parte do poema, e asilo dos justos! O Inferno forma o painel tenebroso, horrivel e assustador. Descansa um pouco o espirito, e enternece o coração com a descripção do Purgatorio. Abre-se o ceo ou paraiso na mais perfumada atmosphera, no seio das mais esplendidas scenas do gozos e felicidades, e no respiro de sensações empregnadas de flores, de risos, de venturas espirituaes e paz angelica.

Bem que admiravelmente poetisado, este derradeiro estadio do poema torna-se, todavia, inintelligivel e obscuro pelas allegorias e discussões escolasticas e theses theologicas que lhe enchem muitas

paginas. Ao penetrar Dante no ceo o deixa Virgilio, que não pode subir á mansão de Deus; recebe-o Beatriz com todos os seus primorosos encantos, figurando a theologia, sciencia superior da epocha, que explica mysterios e dogmas do catholicismo. Fulguram as figuras de S. Thomas de Aquino, S. Francisco de Assiz, S. Bernardo e S. Domingos, entoando hosannas á Deus.

Para os proprios italianos de então e ainda para os de hoje, difficilissimo é muitas vezes comprehender o pensamento do poeta, e commentarios sobre commentarios demonstram a diversidade das opiniões que suscitam as allegorias e as proposições doutoraes e scientificas, que Dante jorra em sua singular trilogia, e principalmente na que se refere ao Paraiso.

A opulenta intensidade de sentimento, a energia dos paineis delineados, a sublimidade das imagens e as conscienciosas convicções, que Dante patentea, provassão, e irrecusaveis que as mais bellas obras da imaginação brotam dos tempos de convulsões, assim como as melhores vinhas e mais perfumadas flores nascem nos terrenos fertilisados pelo diluvio de vulcões subterraneos.

Tal é este poema, gloria de Italia e admiração do mundo. Vasto, energico, esplendido, sublime monumento do genio e do saber, grito de vingança de uma alma irascivel e desesperada, que nêm a gloria nêm a esperança do ceo, em que alias tanto acreditava, poderam desassombrar da tristeza amarga, em que se abismára.

Si se destaca da essencia e formas do poema epico até então conhecido, encerra, comtudo, todas as suas condições, e colloca-se entre os que occupam os primeiros logares nas litteraturas das na-

çoes, que sabem apreciar os thesouros da imaginação.

Dir-se-ia que ao escrevê-lo achava-se Dante n'aquella situação, que elle proprio pinta, soffrendo um sonho, e no sonho desejando que seja sonho de modo que deseja o que era, como si o não fosse.

IV

Camões.

Ao principiar o seculo XV° começou a lingua portugueza á ser officialmente empregada nos actos publicos e particulares ; até ali somente se escrevia a latina, permanecendo para os usos e fallas do povo o idioma que herdado do de Galiza, mas já muito distanciado d'elle, quer pela nacionalidade que progredia, quer pelo contacto com normandos e flamengos, que abundantemente se estabeleceram no paiz, e se misturaram com os seus habitantes, quer emfim pelo derramamento de instrucção, que se promovia desde Affonso III° e D. Diniz.

Pela poesia iniciou-se ; cantares ternos, apaixonados, melancholicos, evidenciavam já differenças notaveis de genio e indole do novo povo que se destacára dos demais habitantes da peninsula, e da particularidade da lingua que manejava e cuidava de polir e opulentar. A historia e a chronica, que os reis da casa de Aviz animavam, manifestam-se logo com brilho, sobresahindo Fernão Lopes, com encantador colorido e gosto primoroso que ainda hoje mesmo nos agradam e enfeitiçam. Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, e João de Barros, ao romper o seculo XVI°, aproximaram tanto a lingua portuguez á latina que dos

idiomas hispanicos tornou-se o mais romano, e ganhou vivacidade, energia, elegancia, sonoridade maviosa e louçanias, que a caracterisam em todas as suas expressões e matizes.

Adquirira Portugal fama e riquezas com o arrojo das navegações á que seus naturáes se entregaram, com os assombrosos descobrimentos da India e da America : suscitava invejas das demais nações europeas muito mais importantes e populosas, atrazadas diante d'aquella coragem, que os portuguezes manifestavam, d'aquella felicidade que accompanhava seus emprehendimentos mais audaciosos e que pareciam loucos, e d'aquelle auxilio emfim, e protecção e coragem como que sobrenatural, que seus reis lhes communicavam.

Narravam-se por toda a parte os feitos portuguezes ; celebrava-se seu valor ; apreciavam-se as luzes que se viam irradiar no pequeno reino apertado de um lado pelo oceano Atlantico, e do outro pelos estados hespanhoes, que lhe ameaçavam á todo o instante a indispensia e autonomia.

Para maior gloria de Portugal nasceu em seu seio e em Lisboa, Luiz de Camões, no anno de 1524, um dos seis grandes poetas epicos de que se honra a litteratura Europea.

Descendia Camões de familia nobre, mas apoucada de bens de fortuna. Cursou com muito aproveitamento os bancos da universidade de Coimbra, e ali já se aureolava de reputação de predilecto das Musas que tão joven lhe inspiravam devaneios e canções, que attrahiam a sympathia e estima de seus mestres e companheiros. Acabados os estudos voltou para Lisboa e alcançou ser admittido na corte de D. João III°, assistindo á opulencia de festas que se davam no paço sempre que se publicavam

descobrimentos e conquistas portuguezas constantemente proseguidas na Asia, Africa e America.

Corria assim a vida de Camões na sua mocidade alegre e fagueira. Ameno e jovial de espirito, agradavel na conversação grangeava amigos e affeiçoados. Bem não tinham decorrido dous annos quando recebeu uma intimação para sahir do paço e da capital do reino, e fixar-se em Ribatejo, sitio designado para sua residencia. Perduram ainda lendas e tradições acerca dos motivos do exilio a que fóra condemnado. Recontadas e summariadas por diversos biographos nunca se apuraram de modo que se soubesse, ao certo, o que praticára Camões para receber castigo tão rigoroso. Seriam versos que composera e que desagradassem á corte de D. João III°, ou actos que comprometteram-lhe a reputação?

Em obediencia ao governo dirigio-se logo o poeta para Ribatejo, e ahi gastava seus dias aziagos em escrever endeixas e carmes, ora campestres, ás vezes elegiacos e melancholicos, que remettia a seus conhecidos em Lisboa, e que deixavam advinhar paixões occultas, como causas do seu afastamento de Lisboa. Começaram então á espalhar-se varias versões á respeito, tomando-se particularmente como anagramma de Caterina o nome de Natercia, que o poeta adoptava em suas inspiradas canções.

A' trabalhos insanos entregaram-se biographos curiosos para descobrirem quem era a Natercia adorada. Existia na corte de D. João III° uma formosissima donzella, com o nome de Caterina, de familia nobre dos Athaides. Não levariam a mal os parentes da dama quando supposessem que se dirigiam para ella os olhos de Camões? Não seriam os promotores do exilio do poeta, pintando seu procedimento como escandaloso aos olhos do monarcha,

e impetrando d'elle a pena que á Camões fora infligida pela condescendencia ou talvez mesmo despeito regio?

Conseguiram, todavia, e depois de algum tempo, diversos amigos de Camões abrandar o animo de D. João III° e obter seu perdão. Foi o poeta autorisado á regressar para Lisboa, não, porem, á penetrar nos paços regios. Aborreceu-se Camões da vida ociosa que lhe restava na capital do reino e deliberou partir para Ceuta e combater os Mouros que ainda ali feriam guerras com os Portuguezes. Assentou praça coma era uso entre os jovens de bôa linhagem, e deixou Portugal em 1550.

Tomou parte em varios combates, e provou n'elles valentia, como soldado. Ou em luta naval, como algumas chronicas affirmam, ou em lide terrestre, como tambem se refere, perdeu Camões o olho direito, vasado por bala inimiga, e recebeu tambem varias lançadas que lhe imprimiram vestigios permanentes no corpo.

Voltou, de novo, par Lisbôa, cansado da vida militar, em fins de 1552.

Desdeus e despreso da corte o acolheram, ainda não premio por suas acções guerreiras. Quando fosse verdareira a legenda de seus amores com Caterina de Athaides, e o poeta com a ausencia, com as guerras na Africa, com o tempo, não houvesse esquecido, dizem algumas noticias da epocha, que essa dama fallescera ou antes ou logo depois de chegar Camões á capital do reino. Parece o poeta ratificar este ultimo facto, escrevendo uma tristissima nenia em memoria de Natercia.

Desgostoso de Lisbôa, de novo expatriou-se tomando passagem em uma náu que partia para a India em 1553. Parece que a Providencia divina pro-

tegia o poeta, porque de quatro embarcações que formavam a esquadrilha, que desaferrara do Tejo, tres foram devoradas pelos mares, e somente a náu denominada S. Bento, á cujo bordo Camões se achava, conseguio arribar á Gôa, capital então das possessões asiaticas portuguezas.

Em serviço militar empregou-se em Gôa; combateu em Chembé e percorreu o golfo Persico, affrontando perigos diante de Ormuz. Emquanto existio o vice-rei Noronha, era estimado e admirado nas sociedades mais elevadas. Fallescido, porém, Noronha, e empossado do governo por carta de via de successão Francisco Barreto, mudaram-se as condições de sua vida. Foi mandado, em 1556, para Macáu, na qualidade de provedor geral de defuntos em consequencia de queixas de varios funccionarios que se julgavam offendidos em satyras, que o poeta escrevera, acerca da corrupção dos portuguezes nas Indias.

Correu a costa da India, de Malacca, e da China, e estabeleceu-se em Macáu, exercendo o officio que lhe havia sido designado. Seria n'essa cidade asiatica que começou á compor o poema dos Lusiadas ?

Excitar-lhe-iam o genio aquelles territorios tão distantes, que relembravam á todo o instante as façanhas memoraveis de seus compatriotas ? Raiaram-lhe ali aos olhos da imaginação os fantasmas epicos do velho Portugal tão differente do de seu tempo ? Pretendeu evoca-los para acordar seus contemporaneos ? Certo é que perto de Macáu mostra-se ainda actualmente uma gruta, á qual costumava Camões recolher-se afim de compor seus versos. Tres annos demorou-se em Macáu, até que sabendo que exercia a principal autoridade da India, D.

Constantino de Bragança, requereu-lhe a volta para Goa, que o vice-rei benevolamente concedeu-lhe. Deixou, em fins de 1559, o porto de Macáu e regressou para Gôa em um pequeno batel, que parecia incapaz de affrontar ondas e tempestades. Bateu em baixios o barco, e naufragou nas boccas do rio Mekon, que do interior da China corre e vêm desaguar no golfo de Sião. Salvou-se Camões á nado, perdendo quanto tinha, agarrado á uma taboa e sustentando nas mãos o manuscripto dos Lusiadas que com razão considerava thesouro mais precioso que todos os outros bens da fortuna. Confirma o facto o proprio poeta em uma das suas mais formosas estancias. Vagou Camões miseravel pela costa da India, e chegou por fim á Gôa, onde o acolheu como amigo e admirador o vice-rei D. Constantino. Rendido, porém, pouco depois este chefe por D. Affonso de Noronha, foi contra Camões, por sua ordem, instanrado um processo, em virtude de denuncias particulares. Preso, tratou de defender-se. Depois de gastar muitos mezes em provar sua innocencia, logrou emfim absolvição e liberdade.

Reduzido á pobreza, aceitou a proposta de Pedro Barreto, que partia para Sofala, e o convidava á accompanha-lo. Abandonado ainda em Moçambique, ahi arribou felizmente uma náu, que seguia para Lisbôa, e alcançou Camões que o recebessem á bordo.

Chegou finalmente á Lisboa no anno de 1570, estragado na sáude, cortido de dores, coberto de cicatrizes de combates, e baldo inteiramente de meios para sustentar-se.

Qual não devia ser o espanto do poeta ao rever a patria amada apóz dezassete annos de ausencia! Com a instituição do Tribunal do Santo Officio e a chamada de Jesuitas, em vez de adianta-la em pro-

gressos e prosperidades, a amesquinhara D. João III°, e a decadencia começou á manifestar-se sob varios aspectos, posto que por algum tempo ainda as exterioridades de grandeza maritima e o numero de comquistas illudissem. Colhera aquelle rei os fructos que haviam brotado das sementes lançadas á terra por D. João II° e por D. Manuel o afortunado. Com as duas regencias, que supportara Portugal, apóz a morte de D. João. III°, esclareceu-se o fundo medonho e aterrador da sociedade. Accrescentados aos erros dos poderosos vicios e podridões, que da India conquistada traziam para a metropole os guerreiros convertidos em mercadores, deterioraram-se de todo os costumes, e quebrantaram-se os antigos brios.

Encontrou o poeta no exercicio da autoridade suprema á D. Sebastião, que contava apenas quatorze annos, e que se rodeiava de máus conselheiros, ignaro, pela sua edade, da arte difficil do governo.

Não mendigou Camões esmolas da corte, bem que atribulado pela miseria. Requereu simples e altivamente o premio devido á seus serviços militares e ás honrosas cicatrizes, que lhe resultaram dos combates. Não o alcançando, tratou de publicar o poema dos Lusiadas, confiado de que seriam substituidos favores da corte com a importancia da venda que o livro conseguisse.

Foi dado aos prelos em 1572, e os fidalgos, as classes medias, o povo miudo, entoaram logo incomios estrepitosos ao poeta, que soubera tão soberbamente cantar as glorias da patria, sem que entretanto se verificassem as vantagens pecuniarias que Camões almejava.

Decidio-se, no entanto, o governo á dar copia de

si, e uma pensão de quinze mil reis por anno foi concedida ao poeta, com a clausula de residir em Lisbõa e de renovar-lhe o provimento de seis em seis mezes.

Fama, pois, e não lucros, obteve Camões, que continuou á vegetar na penuria, abolentado em escuro quarto de um casebre velho e immundo, junto á Egreja de Santa Anna. Valia-lhe um pobre jáu, de nome Antonio, que das Indias o accompanhara, e que, no dizer dos coevos, pedia esmolas em Lisboa para manter seu amo desgraçado.

Resolvera-se á partir D. Sebastião para commetter loucas conquistas em Fez e Marrocos, levando numeroso sequito de fidalgos, e um exercito heterogeneo de portuguezes e hespanhoes, que não infundiam confiança nos animos pensadores e experimentados. Nos arraies de Alcacer-Quibir dissiparam-se como fumo as hostes de aventureiros, que não sabiam mais guerrear como os Portuguezes de outrora praticavam; o joven rei pagou com a vida a sonhada ambição de engrandecer-se. Demorou-se pouco a corôa portugueza na fronte do decrepito e fanatico cardeal D. Henrique, que ao morrer deixou-a cahir aos pés dos Fellipes de Hespanha.

Minára a miseria o corpo de Camões, e as desgraças da patria tão por elle amada e exaltada lhe acabrunharam egualmente o espirito e o coração. Fallesceu em 1579, cerca de um anno depois da estrondosa derrota de Alcacer.

Onde morreu? Proclamam uns que na sua triste e apertada residencia; outros affirmam, que no hospital, ao qual se recolhera, baldo inteiramente de meios para tratar-se. Na Egrega de Santa Anna foi seu cadaver enterrado em estreita campa, que recebeu, annos depois, honroso distico que lhe

dedicára um admirador da poesia. Arrasou completamente a egreja de Santa Anna o famoso terremoto, que em 1755 cobrio Lisboa de destroços, cinzas e incendio.

Que nome, porem, deixou o infelicissimo Camões, que glorias para si e para a patria! Seu poema equivale ao mais soberbo monumento, que eternamente lembrará a nação portugueza á gratidão do mundo. Obra mais primorosa de sua litteratura, e que rivalisa com as mais sublimadas composições dos outros poetas da terra!

Discipulo de Virgilio na harmonia da metrificação, na mimosa brandura de affectos, na doçura e melodia de phrase, na propriedade de cores, na vida e movimento das imagens, na toada musical do verso, imprimio Camões á lingua portugueza pompa, pureza e sublimidade, com quanto conserve o matiz natural, ingenuo e singelo, que a aformoseara no berço.

Funda-se o poema dos Lusiadas em assumpto singularmente escolhido e apropriado á epopea.

Narram-se a portentosa viagem, e a estupenda conquista das Indias pelo almirante Vasco da Gama; acontecimento mais arrojado e glorioso que no mundo se verificara em fins do seculo XV°. Mares desconhecidos, nunca d'antes navegados; descobrimento de terras ignoradas até então pelos povos da Europa; nova civilisação que espantava á todas as nações, trazida do Oriente para o Occidente com o deslumbrante expectaculo das riquezas, da industria, das artes, de instituições e vida social e politica, de que se não tinha o menor conhecimento, correndo apenas noticias vagas e fabulosas; horisontes novos e originaes que modificaram de todo o pensar, o sentir, o gozar, o existir de francezes, hes-

panhoes, inglezes, allemães, italianos e portuguezes, como si foram maravilhas inacreditaveis. Quanto d'este successo estupendo lucraram o commercio, os progressos da navegação, as sciencias e as artes? Quanto ao contrasto d'aquellas distantes regiões, de tão remota antiguidade e de civilisação tão adiantada, posto que estacionaria, se não opulentou e illustrou a Europa? Não foi a Europa inteira que desfrutou os resultados dos trabalhos dos Portuguezes?

Percorra-se com attenção o poema dos Lusiadas. Parte de Lisbôa Vasco da Gama commandando uma esquadrilha de tres pequenos navios; atravessa os mares Africanos, e avista o Cabo de Boa Esperança, descoberto alguns annos antes por Bartholomeu Dias, e que lhe é forçoso dobrar á fim de procurar o Oriente e as terras asiaticas. Até o Cabo toda a costa conheciam os Portuguezes, que a haviam descoberto e percorrido em differentes sentidos. Do Cabo em diante tornam-se para os navegantes os trabalhos sobrehumanos; mares tormentosos e ignotos empolam-se; borrascas e cyclones presagiam perigos imminentes. A allegoria do Cabo, personificada em um gigante, forma deslumbrante episodio. Pretendendo fazer recuar os atrevidos Portuguezes, prognostica-lhes naufragios, ameaça-os com as iras do ceo, e sopra-lhes furacões e procellas, que os sepultem no seio das aguas furiosas. Escapo, todavia de riscos vaticinados, e dobrado o Cabo tormentoso, encaminha-se Vasco para Sofala, Moçambique, e Melinde. Aos horrores do oceano inimigo accumulam-se trahições, embuscadas, guerras com hordas de negros, habitadores das terras africanas orientaes, e com Arabes que entre elles residem e os excitam contra os Portuguezes. Encontra melhor

recepção em Melinde, recebe ahi pilotos, e chega emfim á Calicut, uma das cidades mais florescentes das Indias. Pelo temor fazem-se os Portuguezes respeitar, e conseguem tratados de commercio e amizade. Concluida assim e heroicamente sua empreza aventureira, regressam para o seio da patria e dos amigos, e recebem os devidos premios pela persistente ousadia, e assombroso arrojo.

Bastaria que o poeta se contentasse com a narração, e a aformoseasse com imagens de poesia, bem que simples n'essa hypothese o fundamento do poema, para merecer de certo as honras de epopea, porque forma o assumpto um facto historico grandioso, uma verdadeira revolução social, politica, moral e economica em toda a Europa.

Não se satisfez, porem, Camões em tão apertada acção : exigia seu genio mais largos horisontes para expandir-se : reclamava seu acrisolado patriotismo uma missão mais elevada, a de contar a historia gloriosa da patria, e commemorar as façanhas e nomes de seus guerreiros illustres.

Enxertou, pois, no poema scenas importantes e notaveis das chronicas e fastos portuguezes, e enfeitou-o com episodios adaptaveis á allegorias, descripções e pinturas as mais galhardas e arrebatadoras. Empregando o verso rimado, e estancia de oitavas, conforme o gosto italiano, que aperfeiçoára o proençal, e que se transplantára á Portugal, desdobra todo o prestigio da poesia, ora entornando-a em canticos alegres e prasenteiros, ora evaporando-a em elegias plangentes, aqui em narrativas nobres, graves e elegantes, ali em raptos repassados de melancolia, ás vezes em hymnos sublimes e patrioticos, ou em arrebatamentos de paixão estremosa ; não raro em pensamentos moraes, politicos

e religiosos, que demonstram erudição. Conseguio verdadeiro prodigio, exaltando, poetisando, idealisando paginas de historia, successos publicos e familiares, e esboçando com primorosa maestria os phenomenos dos mares e dos firmamentos celestes e as variedades das terras e climas, que visitara, e que obumbravam e fascinavam á quem conhecia somente a Europa.

Não ha cores delicadas que lhe não sirvam para graduar e embellesar os quadros que traça; a natureza esplendida da Asia; as diversidades de seus sitios pittorescos, os usos e instituições, religião e vida de seus povos; as riquezas de suas producções agricolas, industriaes e artisticas; o commercio de suas cidades; a sciencia geographica, corographica e historica que possuiam; os adiantamentos da guerra e da navegação; a civilisação remotissima de nações que datam de epochas perdidas nos tempos deluvianos; tudo interessa, seduz, fascina, commove, inebria.

Nos episodios, que inclue como pode, mas sempre com habilidade, e que arranca ás memorias portuguezas, quanto sentimento, quanta ternura de affectos, quantas imagens deliciosas, quanta elegancia e abundancia de estylo, quanta magestosa eloquencia! O de Ignez de Castro não conhece superioridade em formosura e elevação, em profundeza e suavidade. O da batalha de Aljubarrota prova a pratica do guerreiro e a inspiração do poeta. Pode-se considerar um apendice do Orlando furioso de Ariosto, em nada inferior ao do poeta italiano, engastado na tela cavalheirosa e romantica, a justa dos doze paladinos da edade media, que no tempo do D. João I°, bateram-se em torneiro com os Normandos da Ingleterra. Entre os que Camões inventa, em ideas sublimadas

avulta o do gigante Adamastor que guarda o Cabo da Boa Esperança, e lhe defende a passagem de um para outro hemispherio: alegra o da ilha dos Amores pelo attractivo mimoso, posto que assustador na linguagem inebriante, que muitos moralistas reprovam, e em que victoriosamente o cantor portuguez arca com o latino Ovidio, roubando-lhe o colorido expressivo, os impetos lascivos, a ardentia e culto da volupia : impressiona fortemente o sonho de D. Manuel, á quem estimulam o Indo e o Ganges, promettendo-lhe venturas e conquistas gloriosas; resvalam patrioticos e enthusiasticos accentos da explicação das bandeiras ao Cantual; produzem assombroso effeito as fervorosas fallas da Ninfa Sirena, que vaticina á Vasco da Gama as conquistas da Asia por Duarte Pacheco, Francisco de Almeida, Alburquerque e D. João de Castro, e egualmente annuncia-lhe a infausta sorte reservada aos bravos ; uns destinados a morrer ás mãos de Cafres, outros nos carceres e no hospital, muitos tragados pelas ondas : como vibram repassadas de bom senso as profecias do ancião de Lisboa, ao ver de Belem levantarem-se as anchoras ás naus, desenrolarem-se-lhes as velas ao vento, para deixarem a patria, e demandarem terras longinquas e desconhecidas !

Como não enternecem porfim até o intimo do coração as estancias em que o poeta trata de si, de seus serviços, do seu engenho, de suas desgraças e de sua penuria extrema ! O que ha de mais saudoso e sentimental que os adeuses ao Tejo, ás serras pittorescas de Cintra e á patria amada, onde ficava-lhe o coração cortado de maguas ! Em melancholia nem-um poeta se pode apontar que exceda á Camões, que as chronicas nos pintam mergulhado constantemente, desde sua partida para a India, na tristeza mais pungente

e dorida, e nos ultimos annos que passou em Lisboa, não procurando senão os frades de S. Domingos para com elles conversar em objectos religiosos!

Perante tamanha variedade de quadros, que ornam o poema dos Lusiadas, desapparece indubitavelmente, a figura de Vasco da Gama, porque nos Lusiadas o verdadeiro heróe é a patria, o verdadeiro assumpto a historia de Portugal, que a possante imaginação de Camões illuminava magestosamente. O mais puro e desinteressado patriotismo projecta-se em cada canto, em cada estancia, em cada verso.

Defeitos não faltam, é verdade, e todos os poemas os encerram. Não os possue Homero, não admittio Virgilio o reprovado episodio das Harpias, não se mergulhou Dante nas questões theologicas e nas argucias escolasticas da Egreja catholica? Não se extraviou Tasso no mundo sobrenatural dos encantamentos, nos episodios e aventuras de romances? Não se tornou tantas vezes João Milton obscuro e incomprehensivel? Verdade é que nem-um d'elles misturou de modo tão insolito, como Camões o fez, a mythologia antiga e os dogmas do christianismo, e ahi o censuram fortemente o gosto litterario, a razão e o bom senso.

É que Camões, instruido na historia e litteratura classica antiga, considerava suas allegorias como partes essenciaes da arte. Mestres eram Horacio e Virgilio, pela educação e pelos estudos; como recordar-se da differença dos tempos e das religiões? Em sua opinião e no juizo dos seus contemporaneos, não podia o amor symbolisar-se senão por Cupido, a belleza por Venus, a guerra por Marte, a força por Jupiter, a sabedoria por Minerva. Bem que se inspirasse em Deus, na Virgem, nos santos, nos anjos, nas doutrinas do puro catholicismo, e os repro-

duzisse e avivasse como protectores providenciaes dos Portuguezes, formava assembleas dos deuses do polytheismo, dividia-os em favor ou contra os Portuguezes, no intuito de desenvolver classicamente o seu pensamento, e ornamenta-lo com as ficções mythologicas que aprendera, e que tinha como formas indispensaveis da poesia.

Não se lhe tem poupado esta censura, e para extrangeiros particularmente, que só podem apreciar os assumptos e seus accessorios na concepção e desenvolvimento immaterial da acção, e que lhe não juntam os dotes artisticos, provenientes da maviosidade da linguagem, das perfeições do estylo, da elegancia da metrificação, da toada musical do verso, perde e muito o vate portuguez na sua reputação, bem que se lhe não desconheça a sublimidade do genio. Resulta d'ahi de certo, frieza de algumas descripções, por causa de allusões allegoricas que não fallam ao coração, á alma, ás crenças espirituaes e á fé religiosa, porque a mythologia morta constituia já um plagio indefensavel.

Vence, porem, Camões á todos os poetas conhecidos no amor da patria que o anima, e na melancholia, que, anuviando-lhe o caracter, passa naturalmente para seus versos, sentida fundamente, e impregnada do colorido tocante e verdadeiro, que somente o miseravel e desgraçado, como elle era, pode descantar em suas composições.

É incontestavel que mais aos cantos dos Lusiadas, ao genio sublime de Camões, deve Portugal fama e gloria nos paizes e nações extrangeiras que ás façanhas, alias portentosas, de armas e de arrojo heroico, de que deram provas exhuberantes seus varões celebrisados, seus guerreiros, navegantes e escriptores, cujos nomes e acções lhe grangeam nomeada justa e meritoria.

V

Tasso.

Nasceu Torquato Tasso, em 1554, em Sorrento, ás margens beijadas pelo delicioso golfo de Napoles, e sob o céo mais esplendido do mundo. Já Camões tinha publicado o poema dos Lusiadas, quando Tasso deu aos prelos a sua epopea de Jerusalem libertada. Não é, pois, de admirar que elle, estudando a obra de Camões, que conhecera impressa anteriormente em Lisboa, e admirando-lhe os primores, exclamasse extasiado que mais longe e mais alto subira Camões em seus versos do que Vasco da Gama, espantando o mundo com a viagem de seus navios e o maravilhoso de seus descobrimentos indiaticos.

O pai de Torquato Tasso chamava-se Bernardo Tasso : fora militar, e distinguira-se pelo gosto poetico. Soffrera em Napoles perseguições que o obrigaram á separar-se da mulher e filhos, e levar em sua companhia unicamente a Torquato para Roma, á fim de educa-lo convenientemente. Procurou depois asylo em cidades do norte de Italia, e dedicou-se á servico de principes extranhos.

Proseguia Italia, como nos seculos anteriores, dividida e dominada por pequenos chefes soberanos, rivaes uns dos outros, e não raro inimigos posto que não laborassem mais em guerras porfiadas como

outrora; conquistada agora por Hespanha, que expellira allemães e francezes, curvara-se á mão pesada de ferro dos reis Ibericos.

Não lhe restando liberdade e nem independencia territorial, vingava-se a Italia cultivando mais primorosamente que nem-uma outra nação as artes, as lettras e as sciencias. Mantua, Ferrara, Roma, Turim e Florença, concentravam a intelligencia e o saber, o genio e a fantasia, em quanto que poderosos povos e seus proprios dominadores extrangeiros lhe eram inferiores nos estudos e nos dotes do espirito.

Por esse tempo foi apresentado Torquato Tasso á Affonso II d'Este, senhor de Ferrara, que advinhando-lhe o estro poetico, de que dava já provas esperançosas, acolheu-o benevolamente, chamou-o para seu servico, deu-lhe aposentos nos paços, e recommendou-o á duas irmães, as princezas Leonor e Lucrecia, celebrisadas pelo seu engenho, illustração e gosto artistico.

Depois de sobresahir em versos melodiosos, chacaras, solaus sentimentaes e eclogas pastoris, propoz-se Tasso á escrever um poema epico. Não quiz, porêm, accompanhar á Trissino, e nem á Ariosto e Boairdo em romances de aventuras cavalheirosas da corte de Carlos Magno, e façanhas dos paladinos da Tavola redonda, por lhe parecerem improprios da epopea. Preferio assumpto extrahido da historia das Cruzadas contra os Musulmanos, possessores de Jerusalem e do tumulo de Jesus Christo. Não se prendia á religião catholica, e não prestava vôos mais sublimes ao genio?

Dedicando seu poema ao protector Affonso, recitou-o em palacio antes que publicado, e arrancou ao orgulhoso principe e á sua familia transportes

extraordinarios de admiração e enthusiasmo, tanto mais que, alem da dedicatoria já bastante lisongeira, engastavam-se no poema da Jerusalem libertada menções honrosas da casa illustre d'Este.

Deveriam deslisar-se afortunada, calma e alegremente os dias de Tasso em Ferrara, festejado e honrado, e fidalgamente recompensado. Infelizmente começou o poeta á manifestar signaes inequivocos de desarranjo mental, ora em desordens nas ruas, ás vezes em inconveniencias no seio da propria corte. Seriam effeitos de reminiscencias passadas da sua familia? Procederiam de uma imaginação excessiva, que lhe causara desequilibrio nas demais faculdades do espirito?

Conjectura-se com bastante probabilidade que sua intelligencia não era contrabalançada pela razão, seu enthusiasmo pelo bom senso, suas paixões pelas normas do dever, e que faltavam não á sua poesia mas á sua vida o necessario tino para se lhe não transviar o cerebro. Não é o genio senão a vibração de uma das cordas da intelligencia. A razão forma o conjuncto de todas. Uma corda pode conservar-se integra, perfeita, e extinguir-se, comtudo, a harmonia precisa no concerto geral.

A' pouco e pouco se foi o poeta tornando triste, hypocondriaco, suspeitoso de tudo e de todos. Reputava-se trahido, e alvo de perseguições de inimigos. Assustava-se ao ouvir fallar no tribunal da Inquisição, que não só em Hespanha e Portugal, senão tambem nos estados Pontificios e outros da Italia funccionava desassombradamente. Deixava de comer, receiando peçonha. Não sahia á rua, receioso de ser assassinado. Nos proprios paços de Affonso d'Este apresentava-se armado, e em certa occasião quiz apunhalar um criado.

Considerou-o Affonso d'Este assaltado de loucura, e mandou-o recolher ao convento dos Franciscanos, recommendando que fosse tratado carinhosamente.

Cumpriam os religiosos suas determinações de modo que Tasso parecia recuperar a razão : dando-se-lhe então algumas liberdades aproveitou-se o poeta do descuido para, em uma noite e sem ser percebido, abandonar o convento de Ferrara, e fugir para o sul de Italia.

Atravessou á pé e por desvios ingremes os montes Apeninos, e seguio caminho directo de Sorrento onde residia sua irmãa viuva, de nome Cornelia, occupada em educar dous filhos menores.

Apresentou-se á irmãa em trajes de mendigo, e pedio-lhe agazalho secreto, communicando-lhe que seus inimigos o perseguiam e o tentavam trucidar.

Descobrio Cornelia o desarranjo das faculdades do seu espirito : tratou-o com zelo estremado, e consolava-o com aquelles mimos que só coração de mulher sabe applicar ás desventuras humanas.

Não pode, todavia, Tasso habituar-se á existencia socegada e solitaria de Sorrento. Nem os ares do ninho paterno ; nem o panorama do golfo, que sorri continuamente ás ilhas frescas e verdes que o povoam, ao Vesuvio que illumina o horisonte, ás cidades de Napoles, Báia e Torre del Grego, que banha como odaliscas preciosas; nem o convivio emfim da familia conseguiram rete-lo na companhia dos parentes desvelados.

Abandonou, mezes depois, a irmãa e seguio caminho de Roma. Procurou personagens illustres e pedio-lhes intervenção para obter de Affonso d'Este seu perdão, e licença afim de volver para Ferrára, confessando-se transviado do juizo quando de lá se evadira.

A' instancias repetidas de amigos cedeu Affonso d'Este, impondo a condição de curar-se Tasso radicalmente antes de reentrar para o serviço dos seus paços.

Voltou, assim, Tasso para Ferrára, e encontrou nos Principes acolhimento egual ao que anteriormente recebera. Dous mezes não haviam bem decorrido quando pela seguuda vêz abandonou Ferrára, sêm dar satisfacções á seus protectores, e retirou-se para Turim.

Era já sua reputação de poeta tão extensamente espalhada, que na capital do Piemonte procuraram todos os habitantes, fidalgos e populares, manifestar-lhe apreço e estima. Em vêz, pôrem, de repousar e reganhar saude, dedicou-se á escrever epistolas e versos, ora vilipendiando á Affonso d'Este, ás vezes revelando relações amorosas com uma Leonor, que não designava, mas que descrevia em poesias ardentes e apaixonadas. Espalhou-se, desde então, voz de que Tasso se referia á irmãa de Affonso d'Este, e compromettia a reputação da distincta princeza.

Assim como nos demais logares e cidades, onde se achára, não se demorou Tasso em Turim, cuja residencia em muito pouco tempo se lhe afiguron insupportavel. Sêm que supplicásse licença de Affonso d'Este, ousou regressar para Ferrára.

Logo que teve noticia da chegada de Tasso, tratou Affonso d'Este de manda-lo prender, e designou uma celula do hospicio, que servia simultaneamente á loucos e criminosos, para sua residencia.

Não ha viajante que passe por Ferrára que não visite o miseravel quarto, em que preso jazeo Tasso por mais de um anno, e de onde Affonso d'Este o fez transferir depois para sala mais arejada, per-

mittindo-lhe ahi receber amigos e admiradores. Decorridos sete annos, ordenou Affonso que fosse solto com ordem de sahir immediatamente de Ferrára e dos seus estados.

Retirou-se Tasso para Roma, e deparou asylo no convento dos Monges de Santo Onofrio, edificado sobre uma eminencia, de onde se descortina todo o panorama da cidade eterna. Protector das artes e das lettras, lembrou-se o cardeal Cintio de fazer coroar no Capitolio o poeta eximio, como no seculo XIV° fora Petrarcha honrado. Preparou-se o ceremonial e fixou-se o dia. Insultado, porêm, por uma febre maligna, expirou Tasso nas vesperas do seu triumpho e coroação, ao correr o anno de 1595.

Sepultado na egreja de Santo Onofrio, cobrio-lhe os restos uma larga pedra de marmor em jazigo perpetuo, fazendo Cintio gravar sobre ella em esplendidas lettras de bronze um distico simples mas sufficiente para lembrar aos posteros o genio primorôso do poeta.

Notavel pelo assumpto, que se prestava em extremo ao maravilhoso christão, e que por isso agrada e affeiçoa todos os povos da Europa, que durante quasi tres seculos tomaram parte nas Cruzadas, constitue o poema de Tasso, particularmente para os italianos, um monumento de gosto fino, pensamento altivo, magestosas imagens poeticas, estylo elegante, metrificação aperfeiçoada, e encantadora rima.

E' heroe do poema Godofredo de Bouillon, que em 1098 conduzio os cruzados Europeos contra as hordas musulmanas, conquistou á força d'armas a cidade de Jerusalem, libertou o tumulo de Jesus Christo, e fundou na Syria e Judea um reino christão, que resistio dous á tres seculos á guerras constantes

que contra elle dirigiram os Turcos, aos quaes se haviam de todo subordinado os Arabes e demais povos mahometanos. Vencedores, por fim, expelliram da Asia os christãos, penetraram por sua vez na Europa, apoderaram-se da Grecia e de Constantinopla, e estenderam seus dominios ás margens do Danubio, e ás raias da Hungria.

O poema começa com a nomeação de Godofredo para chefe dos cruzados, e termina com a tomada de Jerusalem. Comprehende um acontecimento historico admiravel, e uma singularidade de acção, que interessa e inebria sempre o espirito.

A luta das duas religiões, que se combatem, as guerras que se ferem, as façanhas que se praticam, os caracteres dos guerreiros, que se illustraram; christãos Godofredo, Tancredo de Sicilia, o conde de Tolosa e Reinaldo; Solimão, Argante e Aladin, musulmanos, é tudo magnificamente descripto por Tasso. Esboça o poeta egualmente valentes cavalheiros quantos celebra, sêm que lhes note differença afora a da religião afastando-se n'este ponto de Homero e de Camões, que criam typos particulares e diversos.

Como em Tasso, porêm, predominava a imaginação, converte-se ás vezes o poema em verdadeiro romance, abundante de scenas e peripecias aventurosas, que attrahem o gosto e sensibilidade dos jovens, das damas, e dos enamorados, mas que perdem de valor perante a razão e as regras da epopea.

Para alargar os vôos do seu genio, inventa Tasso magicos, que se servem de encantamentos e tres figuras angelicas de mulheres, Herminia, Clorinda e Armida, que seduzem os corações, e fascinam os espiritos, apezar de nem uma d'ellas professar o culto do christianismo.

No campo christão contam-se francezes, italianos, inglezes, allemães, hungaros, gregos, flamengos, scandinavos. Faltam-lhes os castelhanos, aragonezes e portuguezes, por que estes se occupavam egualmente em cruzadas, mas no proprio solo da patria, ainda avassallado por Mouros e Arabes. Nas fileiras musulmanas notam-se turcos, arabes, drusos, mouros e sarracenos.

Apaixonara-se Herminia por Tancredo, logo que o avistara pela primeira vez, e exaltado amor a arrasta aos maiores sacrificios. Guerreira pinta-se Clorinda, combatente e dedicada aos seus e á patria. Fada, magica, revolvendo-se em feitiços e bruxarias, formosa como verdadeira imagem de Venus, encanta Armida pelos dotes singulares divinamente debuxados.

Trava duello Tancredo com Clorinda, vestida de homem, e armada de guerreiro. Ao despedaçar-lhe o elmo e descobrir-lhe o rosto, reconhece-lhe Tancredo o sexo, offusca-se com sua belleza, enamora-se d'ella em um instante, e deixava-se já vencer quando a luta, estendida á ambos os exercitos belligerantes, suspendeo o combate singular, e separou os lidadores.

Incitados por Satanaz, espalham-se os demonios pelos arraiaes musulmanos, e os animam contra os christãos. Resolve-se Armida á seduzir seus inimigos ; procura-os nos seus acampamentos ; captiva muitos dos principaes chefes com donaires e feitiços, e arrasta-os com palavras melifluas para uma floresta encantada, aonde o magico Ismenio os retem prisioneiros, diminuindo por este feitio o numero dos guerreiros cruzados. N'essa floresta penetra egualmente Reinaldo, e Armida á sua vista sente-se ferida de paixão ardente, d'ali o arranca, leva-

o para as ilhas afortunadas, e entrega-se com elle á todos os prazeres amorosos, no meio de jardins esplendidos, e dos mysterios luxuriantes de um palacio de fadas.

Toma Herminia as armas de Clorinda, e corre desesperada ao campo dos christãos em procura de Tancredo. Contra ella desparam muitos guerreiros, e Tancredo, pensando que é seu idolo adorado, trata de salva-la, defende-a, acompanha-a, dá comsigo na floresta de Ismenio, e torna-se tambêm prisioneiro.

Apparece então nas tendas europeas um magico christão. Noticia aos cruzados que Reinaldo se homizia nas ilhas afortunadas. Mandam-se emissarios que ahi o encontram mergulhado em deleites, arrancam-no do seu ocio e sonho, e o constrangem voltar para o acampamento christão.

Desesperada Armida, não se conserva tambem nos paços e jardins encantados; recolhe-se ao seio da patria, jurando vingar-se.

Ousa Reinaldo atacar a floresta de Ismenio. Arrosta as sombras e espectros, que o contrariam. Combate espiritos infernáes que a defendem, liberta os guerreiros christãos, ali guardados, e arranca Tancredo do meio dos encantamentos. Reunidos os chefes christãos preparam-se ao assalto de Jerusalem.

No entanto, Argante e Clorinda conduzem por vezes os musulmanos á embuscadas inesperadas. Em uma d'ellas, porêm, Clorinda revestida de armas differentes para não ser conhecida, combate ainda com Tancredo, que a fere, e a derriba do cavallo. Tira-lhe Tancredo o capacete, e ao vê-la, pede-lhe perdão, declarando-lhe seu amor extremoso. Pela primeira vez enternecida em sua vida, abraça-o Clorinda e implora o baptismo.

Assalta-se, porfim, Jerusalem, são vencidos os

musulmanos, levanta-se a bandeira dos cruzados sobre seus muros e torres, salva-se e adora-se o tumulo de Jesus Christo.

A fantasia e o brilhantismo do colorido manifestam-se no poema com tão singular opulencia que parece elle pertencer de preferencia á escola de Ariosto, e ás legendas da edade media. Abunda Tasso em episodios e scenas pittorescas, romanticas, e maravilhosas com estremada e quasi erotica profusão. Suas heroinas mouriscas assimilham-se á Europeas, contrariamente aos usos e costumes do Oriente, e tornam-se ficções sobrenaturaes, e do puro phenesi poetico. Dominam o poéma impetos exaltados de amor e paixão mais que o espirito religioso, que deveria dirigir os christãos cruzados, que tinham abandonado seus lares, familia e patria, excitados pelas predicas e exhortações da Egreja de Roma que lhes ordenava salvarem a cidade, e o templo de Jerusalem, que os musulmanos conspurcavam.

Porque não tirou o poeta maior partido para suas descripções do tumulo de Jesus, que apenas menciona, e d'essa terra empapada de heroismo, de prodigios, e dos primeiros milagres do christianismo? Porque se lhe não assoberbou o pensamento, ao lembrar-se que ali tangêra David a harpa sonora, e que a vóz dos profetas deve ainda resoar e ouvir-se no cume do Libano, e sob os copados galhos dos cedros e pinheiros? Teria cessado de gemer a torrente de Cedron, e já não cantariam os Anjos nas declividades do Golgotha?

Abre, entretanto, as primeiras paginas do poema o episodio de Olinda e Sophronio, condemnados por Saladino, e salvos por Clorinda, e que não parece ligar-se ao poema, e que d'elle destacado formaria um canto admiravel de amorosa poesia. Misturam-se,

tambem, na Jerusalem libertada, outros fragmentos diversos, que alteram a unidade da acção, e complicam o plano e sublimidade do assumpto.

Observa-se ainda uma superabundancia tal de aventuras e imagens, que se diriam productos da imaginação antes que do sentimento real e pathetico. Contrariamente a Tasso, empregam em geral Homero, Virgilio e Camões seus episodios, como partes ligadas e accessorias do assumpto; na unidade da acção imprimem a symetria; na simplicidade da narração, bem que phantasiada, observam a harmonia do pensamento. Accompanha-os o proprio Dante nos seus variados canticos, posto que seja o assumpto, que escolhera, extrahido do maravilhoso christão, e consoante com as legendas e doutrinas do catholicismo. Mais aproximados da natureza humana, revelam seus poemas os mysterios reconditos da alma, sentimentos mysteriosos do coração, e pavorosas superstições do espirito, em quanto que artificial parece o de Tasso, pela multiplicidade de incidentes e aventuras singulares, pela pompa e galas excessivas do estylo e da linguagem e pelo colorido romanesco, que se assimilhava ao condão de fadas, que extasiam os sentidos, mas não produzem real, profundo e pathetico effeito.

Opulentissimos são os italianos de monumentos litterarios e poeticos, desde que Dante, seu maior e mais antigo cantor, preparou a lingua para grandes emprehendimentos em todos os generos de composição, e que Petrarca, a tornou, depois, idioma tão melodioso. Nem-uma linguagem o excede na doçura, toada musical, e requebros imitativos da metrificação. Orgulham-se os italianos, e com justificada razão, com a Jerusalem libertada, poema senão rival dos de Homero, pelo menos digno companheiro da Eneida e dos Lusiadas.

VI

Milton.

A's ribas do Tamisa, na fria e nebulosa Inglaterra, sob um céo escurecido quasi sempre tão diverso e contrario ao de Italia, Portugal e Grecia, onde a natureza, o horizonte, a athmosphera, o mar, as montanhas, as ilhas, os golfos, as arvores, os esplendores do dia, e as melancholias da noite, convidam ao repouso do corpo e ao scismar do espirito, é que nasceu João Milton, na cidade populosissima de Londres, ao deslisar-se o anno de 1608.

Esmerada educação, estudos serios e seguidos methodicamente, procedimento exemplar, tornaram-no estimavel e respeitado desde a infancia, e com o tempo, um dos vultos mais illustrados nas sciencias sociaes, moraes e politicas. Aprendera as linguas antigas, e modernas e escrevia com facilidade prosa e versos latinos e italianos como si lhe fossem idiomas nativos.

Percorreo França e Italia. Relacionou-se com litteratos extrangeiros, frequentou academias e sociedades scientificas, visitou monumentos artisticos, e não houve cidade, onde se demorasse, em que lhe não ficassem amigos e admiradores.

Achava-se em Napoles quando lhe ferio os ouvidos a noticia de que se revolucionára Inglaterra,

e digladiavam-se o rei Carlos I° e seu povo. Abandonou Milton a Italia e regressou para Londres, ancioso de atirar-se ao campo da batalha, e defender as liberdades de seus concidadãos offendidas pela corôa.

Não fora talhado pela natureza para os combates materiaes. Podia, porem, dispor das armas da intelligencia, não menos proveitosas que as dos guerreiros. Escrevendo pamphletos, agitando os espiritos, creando proselitos, não concorreria para a victoria das suas ideas, e das que o povo inglez sustentava?

Misturavam e baralhavam os partidos inglezes n'essa epocha principios religiosos e politicos, e mais assim se perturbava a marcha dos negocios publicos. Nas fileiras dos denominados presbyterianos alistou-se Milton, e mostravam-se elles os mais porfiados e terriveis inimigos de Carlos I°. Ousou Milton arcar contra as pretenções do trono, endeosar os direitos do povo e do parlamento, e firmar com sua penna os principios de liberdades civis e politicas, que não eram então conhecidos e nem definidos, e que se consideram actualmente axiomas inconcussos.

Do parlamento passou a lide para o campo da batalha; a guerra civil iniciou-se, e Carlos I° cahio em poder dos subditos sublevados ao mando de Cromwell, que o fez recolher aos carceres, condemnar como reo, e executar publicamente no cadafalso.

Chefe exclusivo do poder, e politico inexoravel e arbitrario, declarou-se Cromwell Lord protector da Inglaterra; chamou á Milton para seu secretario particular, e para o do conselho de Estado. Merecia, de certo, esta distincção, pelo seu espirito erudito

e pelo conhecimento da lingua latina, na qual as correspondencias diplomaticas se redigiam n'aquella epocha, por sêr a comprehendida e usada por todos os homens e governos em seus respectivos documentos officiaes.

Nas lutas da imprensa mostrava-se Milton sarcastico e elegante escriptor, incansavel na propaganda das ideas livres, sustentador das theorias populares. Não se arreciara de defender o processo, a condemnação e a execução de Carlos I°, e dedicava-se ao serviço do estado como publicista de confiança, e amestrado nos negocios publicos.

A dictatura de Cromwell terminou com sua morte; seu filho Ricardo não tinha hombros por supportar o peso do edificio. Formou-se a reacção nos espiritos cansados de tantas e tão sangrentas lutas. Voltou Carlos II° para Inglaterra, e sem encontrar resistencia, empunhou o sceptro de seus antepassados, e tomou conta do governo da nação.

Era chegada a hora dos castigos e vindictas politicas. Commetteram-se prisões numerosas de republicanos, deportaram-se muitos, condemnaram-se a maior parte á penas de encarceramento e galés, e não poucos pagaram no cadafalso a responsabilidade que lhes cabia nos acontecimentos occorridos desde a queda de Carlos I° até a restauração de Carlos II°. Não foi pelos vencedores esquecido Milton, o secretario do conselho d'Estado, o publicista e escriptor de pamphletos revolucionarios. Apezar de que havia perdido a vista, mandaram-no recolher á Torre de Londres, e contra elle instaurou-se o respectivo summario.

Conta-se que um poeta, posto que mediocre, favorito, porêm, de Carlos II°, interveio com o rei em seu favor, e alcançou do monarcha o seu perdão e liber-

dade. Accrescenta-se que Davenant, o protector agora de Milton, mostrara-se grato á egual favor, que recebera do autor do Paraiso perdido, durante o protectorado de Cromwell, que o perseguira como monarchista, e que á Milton devera tambem sua alvação.

Restituido á liberdade, achou-se Milton isolado, abandonado, desprezado, e odiado da geração que o rodeiava. Tinham desapparecido seus amigos republicanos, mortos em patibulos, presos, ou expatriados. Entregou-se Milton á vida intima da familia. Perseverando a cegueira de que padecia era obrigado á ganhar meios para subsistir e viver. Dictava á sua terceira mulher, que lhe servia de secretario, folhetos instructivos e litterarios, poemetos e versos variados, que vendia aos editores de livros. Tão pouco lhe rendia a industria, que nos ultimos dias da vida foi compellido á dispor dos livros de uma excellente bibliotheca, que havia organisado em epochas mais venturosas.

Lembrou-se então de compor um poema epico; Roçava sua edade por quasi sessenta annos ao começar a redacção do Paraiso Perdido. Terminado o poema, custou-lhe á deparar editor que lho pagasse. Com difficuldade appareceu um á quem transferio a propriedade do poema por dez libras sterlinas.

Viveu Milton ainda alguns annos depois da publicação do poema.

Devia magoar-se com o desprezo com que tão sublime composição fora acolhida pelo publico; conservavam-se intactos os exemplares, sêm que encontrassem leitores.

E' que se dedicava o povo á litteratura ligeira e indecente de Dryden, Rochester e Walles, poetas estimados de Carlo II° e de sua corte. Como poderia

apreciar as esplendidas imagens, a magnificencia severa, o mysticismo sublime do Paraiso Perdido? Quasi um seculo depois da sua morte lendo Addisson, por um acaso, o poema de Milton, descobriolhe as extraordinarias bellezas, e recommendou-o por varias vezes aos seus compatriotas, que de então em diante começaram á render justiça á seu genio e a consagrar-lhe a memoria.

Em 1674 morreu Milton inglorio e na mais triste penuria e nem-um dos escriptos da epocha noticiaram ao publico seu fallecimento.

Aproximou-se mais de Dante que dos outros poetas epicos, seus predecessores. Os caracteres e imaginação de ambos os poetas se assimilhavam. Dante sobresahia pela intensidade do sentimento, Milton pela elevação da alma.

Cantou Dante — não um acontecimento historico, grandioso — mas a vida civil, politica, social e religiosa, que em torno d'elle transparecia. Theologo, erudito e impressionado pelas superstições de sua epocha, descreveu como christão o Inferno, o Purgatorio, e o Paraiso, tres mundos reservados ás almas depois o desapparecimento dos corpos.

Mais resignado e tolerante, mais conhecedor e amoroso das simplicidades sublimes da biblia, tratou Milton de descrever a creação do mundo, os amores de Eva e Adão, o castigo que Deus applicou aos primeiros entes humanos, por lhe faltarem a obediencia, condição essencial de sua felicidade. Pretendeu, ao principio, admittir a forma da poesia tragica, que era a mais popular de seu tempo, opulentada gloriosamente pelas poetas, seus predecessores. Exaltando-se porém, com o asumpto, abandonou o drama pela epopéa, e posto que em edade avançada, e gasto de forças physicas, conseguio le-

vantar um monumento admiravel á patria e á humanidade,

Ha quem pense que as mais inspiradas e encantadoras composições do espirito cabem sómente ás edades verdes, frescas, robustas ou fortes do homem, e que brilhante e phantastica imaginação, vôos atrevidos de poesia, arroubos apaixonados, são qualidades que não harmonisam com annos adiantados, prostrações, e decrepitudes de longa existencia.

Provam contra esta opinião não só o poema de Milton, como escriptos magestosos de outros litteratos e poetas. Não foi na velhice que Shakespeare compoz suas melhores tragedias? Rousseau, Bossuet e Luiz de Sousa não deram suas superiores inspirações, quando já curvados pela velhice? Por ventura não imprime o tempo mais depressa rugas nos rostos que no espirito? Pode o corpo amesquinhar-se ao peso dos annos e trabalhos da vida, e conservarem-se, no entanto, a intelligencia, o espirito, e a imaginação elevada, firme, e mais fortalecida até pelo estudo, meditação e experiencia. Ha inspirações poeticas e composições litterarias da velhice, que não cedem á nem-um vôo, á nem-um arroubo, á nem-uma louçania da mocidade.

Possue a mocidade mais fogo, e menos razão, todavia; imagens mais alterosas e soberbas, excessivas paixões profusas, desordenadas; menos methodo sobretudo, menos naturalidade e profundeza, que é o que mais attinge ao sublime, ferindo a corda mystica da harmonia e da graça. Torna-se indispensavel conter a imaginação, robustece-la, e conserva-la para obra de grande e inspirado folego, que é a unica que se transmitte á posteridade.

E' o assumpto do Paraiso Perdido magestosamente epico, posto que mystico e sobrenatural. Debuxa-se

o quadro da creação do mundo segundo as tradições das sanctas escripturas, com todos os elementos do maravilhoso christão, que é o seu exemplar mais bello e sublime. Nacionaes particularmente se manifestam os outros poemas epicos, em quanto que o de Milton pertence á toda a humanidade, pois que derrama interesse para as almas, e ao mundo invisivel corresponde á consciencia do homem.

São poucos os personagens que Milton esboça e aformosura; esses poucos, todavia, representam o que sentimos dentro de nós, comquanto em região elevadissima, e cercada de nuvens quasi impenetraveis.

E' soberba a imagem de Deus, creador e director do universo, ideal, sublime, eterna e unica potestade. Descrevendo a vida da humanidade, enleva-nos em extasis ternos e melodiosos a figura do filho, que concentra em si a divindade e a humanidade, e que se sacrifica pela nossa salvação. Rafael e Miguel, anjos fieis e devotos; Satanaz, typo abstracto do genio do mal, mais gigantesco que os Titans da mythologia antiga, com sua cohorte de anjos rebeldes, decahidos da graça, e estorcendo-se no cahos: Adão e Eva, imagens puras e geraes da humanidade, rasgam aos sentidos grandiosas scenas que electrisam as fibras mysteriosas de nossa alma.

Adora Adão á Deus por Deus; extasia-se, pórem, diante da mulher que é carne de sua carne, osso de seu osso, sangue de seu sangue. Adora Eva á Deus pelo homem, mas admira-se á si propria na sua formosura, e n'ella deposita todo o seu poder e influencia. Grave, meditativo, pensador, Adão. Eva ligeira, curiosa e revestida de graças, mimos e attractivos.

Começa o poema pelo acordar de Satanaz no

meio de um lago de fogo. Chama a conselho os anjos decahidos e perversos. Annuncia-lhes um novo mundo e uma nova raça creada por Deus. Já que os entes malvados não podem affrontar o proprio Deus, cumpre vingar-se d'elle nas suas obras. Todos os satellites o applaudem e animam nos intentos. Satanaz atravessa o abysmo, e á luz do sol descobre o Paraiso.

Deus percebeu o plano de Satanaz, e a perda do homem, e mandou que o anjo Raphael partisse afim de aconselhar á Adão e explicar-lhe seu destino.

Raphael chama Adão a conversa particular. Eva occulta-se para ouvi-los. Raphael narra a Adão a historia da revolta de Satanaz e seus comparsas, e o castigo que Deus lhes inflingira. Aconselha-o a obedecer a Deus, a servi-lo, a adora-lo, empregando a força que lhe foi dada para resistir ás tentações que o devem assaltar.

Adão confia a Raphael seu agradecimento a Deus por lhe haver dado o melhor presente possivel em Eva, que elle presa e adora em extremo. Mostra-se extasiado diante da graça que tem todos os seus gestos; dos encantos que á todo o momento lhe descobre; do ceo que seus olhares apresentam, e do delirio que lhe causa o conjuncto de perfeições, com que Eva fora dotada.

Sabe que deve ser soberano, e Eva obediente; sabe que recebeu a meditação e a coragem, quando Eva fora só revestida de attractivos; sabe que, sendo desiguaes os sexos, diversas devem ser as suas qualidades e destinos. Vendo, porém, Eva, sente que lhe foge toda a sabedoria, escurece-se-lhe a razão, some-se-lhe a autoridade que deve sobre ella exercer, e aceita de preferencia a do imperio de Eva. O que seriam para elle a natureza, apezar de esplen-

dida, os céos, o paraiso, as arvores, os perfumes das flôres, as delicias do mundo, sem Eva, que unica vale mais que tudo quanto existe, quanto elle presencia e sente? Raphael aconselha-o a resistir a esse amor immenso que o abraza e que póde perde-lo.

Eva satisfeitissima com a confissão de Adão, corre a colher flôres. Não tarda Adão a procural-a, apenas se despede do anjo. Eva diz-lhe que quando nasceu para o Paraiso observou uma fonte, e alli uma imagem arrebatadora pela formosura a accompanhar-lhe os olhares e os movimentos ; ouvio estatica, depois, uma voz que lhe dizia — és tu — mas encontrarás quem mais te admire, é Adão. Adão cada vez se deixa mais captivar pelas seducções da companheira, e explica-lhe que Deus, permittindo-lhe o gozo de todos os objectos espalhados no Paraiso, prohibio-lhe, todavia, sob pena de ficarem perdidos, que provassem dos fructos da arvore da sabedoria, cujos pomos agradam tanto á vista.

Satanaz, que descêra ao Paraiso, ouvio-lhes o dialogo : comprehendeu logo que Eva dominava Adão, e que a perda de ambos estava na arvore da sabedoria. Senhor, assim, do principal segredo e mysterio da creação, colloca-se em cima da arvore da vida, e vê approximar-se-lhe Eva só, sorrindo e cheia de graças.

Quasi se arrepende Satanaz de seus planos. A presença de um ente tão perfeito e encantador como é a mulher, que elle nunca vira, o seduz e fascina. Mas, lembrando-se de Deus, de quem quer vingar-se, abafa no seio o sentimento de extase e admiração, converte-se em serpente, e dirije-se a Eva, levantando-se e comprimentando-a. Eva espanta-se de que a serpente deixe de arrastar-se pelo

chão e tome posição gentil e elegante. Satanaz, pela boca da serpente, entôa hymnos á belleza esplendida de Eva, á sua singular formosura : é digna, não do Paraizo, mas de estar no Céo ao lado de Deus. Lá subirá quando queira.

Eva encanta-se com a linguagem poetica da serpente ; com o veneno da lisonja que ella distilla tão doce e harmoniosamente; com a proclamação da sua formosura. Nada agrada tanto ás mulheres como gabos á sua belleza. A serpente declara-lhe que obterá os predicados novos que Eva ambiciona e de que é merecedora, provando dos fructos da arvore da sabedoria; são elles que abrem vôos á intelligencia, dão fórmas mais lindas e encantadoras á creatura, preparam-lhe os meios e elementos de subir ao Céo. Eva não póde resistir-lhe. Aspira os bens que a serpente lhe vaticina, acredita n'ella porque a seduzio pela lisonja, corre á arvore da sabedoria, arranca-lhe um galho carregado de fructos, come um d'elles, e procura Adão para convida-lo a comer os outros.

Satanaz, repleto de prazer e certo da victoria, abandona o Paraizo e procura as trevas do abysmo.

A scena entre Adão e Eva, quando esta lhe apresenta o pomo, é traçada com a maior graça possivel, e a mais admiravel maestria. Recusa-se Adão aos pedidos de Eva para provar o fructo da arvore da sabedoria, porque Deus lh'o prohibira. Desespera-se de que ella se deixasse tentar pela serpente. Resiste-lhe com energia, porque antes de tudo devem obedecer a Deus. Eva confessa-lhe que já tinha comido o fructo. Percebendo Adão a enormidade do peccado commettido por Eva, entra em exclamações de furor, considera-a perdida, mas pensa ao menos em salvar-se a si. Eva chora, lamenta-se de

ficar abandonada por aquelle que ella ama sobretudo e exclusivamente. Adão reflecte então. Eva está perdida. O que lhe cumpre fazer? Que vida ou existencia será a sua sem Eva? Arroja-se ao sacrificio, come o pomo, abraça Eva e exclama: — Já que tu te perdeste, perco-me eu tambem comtigo!

O mundo se transtorna. Ouvem-se trovões. Os horizontes mudam-se. O homem peccou, a humanidade perdeu-se!

Deus envia logo o anjo Miguel a Adão. Apparece-lhe Miguel no alto da montanha, vestido de guerreiro, empunhando o gladio chammejante e dirigindo-se a Adão, annuncia-lhe sua desgraça irreparavel. Desenha-lhe as infelicidades da sua raça. Historia-lhe o futuro que lhe está reservado. Vaticina-lhe Abel, Caim, Abrahão, Moysés, David, e todos os acontecimentos até a vinda do Messias. O genero humano será só salvo pelo filho de Deus feito homem, que pelo homem se ha de sacrificar, ser perseguido, insultado, condemnado e por fim morto deshonradamente na cruz; mas resurgirá para remissão e salvação da humanidade. Declara-lhe por ultimo que tem de deixar o Paraiso, e com Eva habitar a terra, condemnando Deus o homem a viver no trabalho e na miseria e a acabar na morte; a mulher a conceber na dôr; e a serpente a arrastar-se sempre pelo chão; sahirão do pó, a pó reverterão. Cumpre-se a ordem de Deus, e finda o poema do Paraizo Perdido.

É uma obra portentosa de poesia e de graças deslumbrantes. A linguagem mystica quasi sempre, mas enternecida. No meio de blasphemias e supplicios dos anjos decahidos, canticos em honra de Deus, e hymnos de amor, extasiam os leitores. Como é inimitavel a scena da reconciliação de Adão e

Eva! Dir-se-hia que n'ella vasou a alma do poeta todos os sentimentos que o impressionaram quando reconciliou-se com sua primeira mulher, que o havia abandonado por ser elle republicano e ella de familia monarchista, e que arrependida o procurára depois e fôra por elle perdoada. Os acontecimentos intimos da vida quando reproduzidos nos poemas tomam mais verdadeiras proporções, repercutem mais espontaneidade de sentimento, e excedem a quanto póde crear a imaginação, porque a fantasia não vale nunca a realidade.

A invocação á luz por um cégo que encantos saudosos derrama! Dir-se-hia que na noite que cercava a Milton, a luz da divina presença brilhava com fulgor mais vivo, e Deus o olhava com mais compaixão e ternura, porque elle não podia mais vêr senão a Deus.

A vida innocente e pura de nossos pais, seus colloquios amorosos, seus devaneios pelo Paraiso, extaticos um e outro, e enlevados pelo prazer e pela admiração; os canticos das aves, o colorido das flôres, o ruido da cascata, o balançar das arvores, o murmurio do zephiro, o declive do morro, o viço da relva, o verde das campinas, o dourado das frutas, como pôde Milton, cégo, tudo desenhar em vivo painel e tão naturalmente quando lhe faltava a vista? Fal-o, entretanto, e demonstra que se o mundo invisivel se desenvolvia á sua alma com toda a sua sublimidade, o visivel lhe apparecia tambem ainda pelas reminiscencias, com toda a sua grandeza. A imaginação de quem vê tem um espaço apertado. A do cégo parece que não tem limites nem horizonte, porque penetra através dos abysmos da immensidade e profundezas do infinito.

Ha, porêm, occasiões em que Milton se torna tão

mystico que se faz inintelligivel; na maior parte d'ellas contenta-se com esboçar a idéa, deixando-a incompleta ao leitor, para que lhe dê formas, desensolva e comprehenda. Fica assim o pensamento no vago, carece o leitor de advinha-lo. Dá o poeta apenas o tom, cumpre que se lhe descubra a melodia.

E esta uma das differenças essenciaes entre Milton e os outros poetas épicos. Até de Dante elle distancia-se ahi muito, posto que seja Dante quem mais abundantemente emprega phrases e imagens difficeis de serem entendidas.

Qualquer pessoa de mediana intelligencia comprehende tudo quanto pintam e recontam Homero, Tasso, Virgilio e Camões; com trabalho entende as passagens difficultosas de Dante. Custa-lhe, porem, e muito, rasgar aquella fórma mystica e sybellina, que Milton folga de empregar e que precisa quasi estado prolongado.

Da analyse dos varios poemas epicos, de que temos tratado, resulta necessariamente a comparação. Como dar, porêm, primazia á este ou aquelle, quando tão differentes assumptos seus autores escolheram; quando o methodo, desenho, colorido, descripção, partes dramaticas e lyricas, que empregam, e a inspiração que os anima, o genio particular, emfim, de cada um, revelam distinctamente qualidades contrarias ás vezes, caracteres e sentimentos diametralmente diversos?

Podemos, comtudo, considerar os poemas de Homero primando pela naturalidade e sublimidade; o de Virgilio pela ternura e melodia; o de Dante pela energia e concisão; o de Camões pelo patriotismo e melancholia; o de Tasso pelo cavalheiroso e romanesco; o de Milton, finalmente, pelo sobrenatural e mystico.

POESIA DRAMATICA

I

Origem da poesia dramatica.

Assim como devêmos á Grecia a origem da poesia epica, e o demonstrámos em outro capitulo d'este livro, com muito mais fundadas razões na Grecia, e em Athenas particularmente, descobrimos o berço da poesia dramatica, cabendo aos Gregos a gloria de a haverem produzido, cultivado, e abrilhantado de modo inexcedivel.

Expraiavam-se as relações maritimas, commerciaes e aventurosas dos Gregos desde o Hellesponto, até distantes costas da Asia menor e quasi o mar Vermelho; desde o Egypto até alem das plagas carthaginesas; desde os confins meridionaes da Italia e da ilha de Sicilia até as fragas das Gallias e das Hespanhas, onde fundavam colonias, e fixavam estabelecimentos de commercio e abrigo.

Posto que se ufanem seus escriptores de que nada deviam aos povos visinhos, impossivel é acreditar que oriundos todos da familia Aryana, e em contacto permanente com Phenicios, Egypcios, Persas Israelitas e Arabes, que haviam organisado sociedades anteriores á hellenica, não tivessem os Gregos d'elles recebido noções litterarias, scientificas e religiosas, que lhes modificassem os costumes e impressionassem os espiritos.

Não se desenvolvia entre elles todos a poesia lyrica ?Não cantavam hymnos religiosos e mais ou menos locaes e patrioticos ? Não conheciam e apreciavam os ramos bucolico, descriptivo e didactico ; a elegia e a satyra ? Não se serviam da musica, para accompanhar seus carmes e endeixas ?

Aprenderam, de certo, com elles ; e para sua gloria immortal não bastam aos Gregos a creação da poesia epica, que inventaram mais de mil annos antes do nascimento de Jesus Christo, e a da dramatica, que produziram em civilisação mais adiantada, e cinco ou seis seculos depois que viveu Homero ?

Incontestavel é que nada sabiam da India, da China e do Japão, e que d'esses pontos asiaticos nem-uma idea pártida influenciara seus povos : dos visinhos, todavia, proclama a razão, que necessariamente lhes provinham luzes e noticias aproveitaveis, e que deviam aproveitar.

Entre as varias republicas, em que a Grecia se dividia, primava Athenas pelas lettras e artes, em quanto que Sparta pelas armas, Corintho pelo commercio, e Thebas pela sua posição grangeassem egualmente celebridade.

Usava-se em toda a Grecia celebrar festas annuaes aos deuses de sua theogonia ; ora Jupiter,

o pai de todos, ora Marte que symbolisava a guerra, Venus a belleza, Minerva a sabedoria; não se esqueciam tambem de Juno, Ceres, Vulcano, Neptuno, e Mercurio. Baccho, particularmente, lhes merecia honras predilectas, provando-se assim quanto procedia seu culto das legendas Aryanas, communs aos povos Asiaticos das margens do Mediterranéo. Duravam as festas consagradas á Baccho muito maior espaço de tempo, porque começavam na vindima, e estendiam-se até á fabricação do vinho. Exprimiam os povos sua gratidão ao Deus, que lhes ministrava o licor saboroso, que nutre o fogo, aquece quem o bebe, exalta o coração e o pensamento.

Compunham-se as festas de Baccho de uma parte religiosa, mystica e grave, e de outra parte popular, enthusiastica e grotesca. Levantava-se um altar ao deus; immolava-se um cabrito de que só se lhe aproveitava a pelle, para confeccionar o odre, que guardava o vinho; dirigiam-lhe canticos alegres em cortejos ceremoniosos varios personagens, symbolisando mythos differentes; Sileno com o ventre obeso, satyros, faunos, e centauros, uns carregados de barris de vinho, outros coroados de folhas de parreira; estes com archotes acesos, e aquelles bailando e cantando ao som de instrumentos variados de musica. Multidão copiosa de lavradores e pegureiros, buffos ornados de vestes multicores, em gritos, e em delirio, completavam o expectaculo.

Das festas de Baccho praticadas em toda a Grecia nasceu a poesia dramatica em Athenas, natural e suavemente, como é facil de explicar-se, e comprehender-se.

Opulentaram os Athenienses a festa de Baccho

com episodios mais interessantes, que attrahiram logo pela novidade os povos visinhos, que ou deixaram de celebrar suas funcções para assistirem ás de Athenas, ou as reservaram para outras epochas, no intuito de não faltarem á aquellas.

Edificava-se nas portas da cidade um grande tablado, ao lado do altar respectivo de Baccho: collocavam-se n'elle cantores com mascaras, e musicos com instrumentos differentes: rodomoinhava o povo no espaço, ou campo fronteiro, onde se agglomeravam milhares de pessoas, ao ar livre, e entregues á suas sensações e risos, com direito de applaudirem e de censurarem, manifestando como lhes approuvesse suas impressões e juizo. Ao altar dirigiam-se, dansando, cantarolando e figurando momices, os que se encarregavam das offertas ao deus, e os que deviam immolar o cabrito tradicional. Um director dos côros, por nome Tespis, inventára monologos em verso, que actores escolhidos recitavam em intervallos combinados com voz forte e sons claros, afim de serem por todos ouvidos e entendidos. Consistiam os monologos em hymnos patrioticos e religiosos, ou em carmes alegres e prasenteiros. Echoavam os instrumentos, retumbavam os côros, e os expectadores exaltados correspondiam á scena que presenciavam, com transportes de contentamento e admiração.

Até ahi, pois, resumia-se a innovação em côros que recitavam e entoavam monologos, e em musica que os acompanhava.

Imaginou Eschylo, eximio poeta lyrico, trocar monologos por dialogos, e estabelecer na scena dous ou mais personagens, recontando successos da patria. Verificado o ensaio, percebeu-se quanto maiõr interesse poderia encerrar o expectaculo.

Compoz, então, Eschylo, as primeiras tragedias, que se conhecêm, desenvolvendo no tablado a acção, e pintando ao vivo affectos e sentimentos, que deviam exprimir seus protogonistas. Continuaram os côros para entreterem os intervallos de uma para outra scena, como partes integrantes do drama, reveladores das ideas e opiniões dos circumstantes, e juizes e moralisadores dos successos e das paixões que se representavam. Revestiam-se os dialogos da essencia e colorido dramatico, como aperfeiçoamento das eglogas até então usadas entre differentes nações da epocha : abundava a poesia dos côros em raptos encantadores, em arrojadas inspirações lyricas. No intuito de se não perder o expectaculo, quando concentrado no idioma atheniense, e convidados para presencia-lo os povos visinhos, fixou-se o ionio para o dialogo, e o dorio para os canticos dos côros : eram tão similhantes estes dous idiomas, que todos os comprehendiam.

A' Eschylo succedeu Sophocles, que introduzio no drama situações mais complicadas, intriga mais interessante, desenvolvimento mais impressionador dos animos dos ouvintes, e pintura mais exacta dos caracteres e personagens, que collocava em scena : com o progresso dos dialogos, a largueza das paixões, a descripção dos acontecimentos ; com tornar-se emfim o drama a principal composição, foi-se diminuindo a importancia dos côros, bem que nunca o theatro grego os abandonasse. Não se distribuio a acção do drama em actos, suspensões, ou separações ; no intuito de prestar, porêm, repouso ao expectador, e dar-lhe tempo para acompanha-lo com suas impressões e juizo, intercalavam-se os côros nas scenas ou dialogos, e ahi ficou conservado unicamente o seu logar e opportunidade.

Appareceu Euripides depois de Sophocles, e mais humana se mostrou a acção, por elle desenvolvida. Deuses, semideuses e heroes cantara Eschylo, revestidos de caracteres mythologicos, cercados de nuvens, que os separavam do mundo real: homens desenhava Sophocles, com sentimentos e paixões elevadas sempre, quasi tambem sobrenaturáes: entes reaes como os que vivem no mundo esboçou Euripides, aprofundando os mysterios d'alma, aclareando o intimo dos corações, e rasgando o veo que encobre as fraquezas da humanidade.

Ao passo que se creára assim a tragedia para celebrar as grandes acções, os feitos patrioticos e memoraveis dos Gregos, as victorias alcançadas pela Grecia, e os triumphos de sua religião, que se confundia com os sentimentos particulares do povo, e era a imagem de seus pensamentos e elevada idealidade, nasceu e desenvolveu-se a comedia: assim como se cantavam façanhas e paixões exaltadas cuidou-se tambem do modo de expandir o riso, excitar o prazer, produzir a alegria, e censurados os vicios e defeitos dos homens, corrigi-los com a licção do ridiculo: A' pintura da vida domestica dedicou-se Menandro, que tão celebrisado e encomiado foi por seus compatriotas, como o mais perfeito autor de comedias, que infelizmente de todo se perderam, e não chegaram jamais á nossos dias, ainda mesmo em fragmentos ou mutiladas. Não podemos deixar de considera-lo genio superior, como o proclamavam seus coevos, sempre que nos recordamos que as mais encantadoras comedias de Terencio, e algumas de Plauto, são pelos proprios poetas latinos reputadas copias das de Menandro, e que os mesmos romanos tão orgulhosos declaravam que na comedia ninguem poderia hombrear com o poeta grego.

Deplorando profundamente que se extraviassem e desapparecessem as comedias de tão elogiado escriptor, assalta-nos egual sentimento que o mesmo infausto successo tivessem as composições de Diphilo e outros poetas comicos Gregos, de que resa a tradição, salvando-se, apenas, e em sua integridade felizmente, as obras de Aristophanes, que os Hellenos tambem muito apreciavam.

Deu Aristophanes outro tom e orientação diversa á comedia; não se satisfez censurando e ridicularisando os vicios e defeitos; satyrizou, applicou sarcasmo pungente, que, como o punhal afinado, enterra-se na victima, arranca-lhe dores agudas, e por fim a prostra desfallecida. Não poupou nêm a fama de honestidade, nem o respeito da familia, e nem o interior domestico; appellidou ao seu tribunal todas as reputações por mais conceituadas, todas as glorias por mais bem adquiridas de seus proprios concidadãos.

Certo é que a poesia dramatica grega attingio, na epocha de Pericles, quer na tragedia, quer na comedia, a um grau de perfeição que não foi excedido por nem-um dos autores que a cultivaram, e que vieram ao mundo depois dos Gregos, quer Romanos, quer das nações que se formaram posteriormente e das que existem ainda na actualidade.

Transportaram-se os hellenos de tanto gosto e amor pela poesia dramatica que Pericles regularisou as representações scenicas, e levantou um edificio, que denominou theatro, construido commodamente para os comicos, para os côros, para os musicos e para os expectadores. Tablado distincto da platea, coberto contra as intemperies do tempo, e ventilado por toda a parte. Ordenou que os actores usassem de mascaras e cothurnos, aquellas para que as

vozes soassem mais amplamente, e estes para que parecessem os actores mais altos e imponentes. Nomeou commissões de archontes para examinarem e escolherem os dramas que se consentissem representar; proclamarem os que julgassem melhores, e premiarem os autores com coroas de louros e de ouro, nas festas nacionaes e religiosas, para que se convocava o povo.

Especialisam as memorias Gregas os nomes de Eschylo, Sophocles, Euripides e Menandro como os poetas predilectos,, considerados genios superiores, premiados e coroados em acto publico, e estrondosa e enthusiasticamente applaudidos pelos expectadores : referem-se egualmente ás tragedias e comedias que mereceram as honras de triumpho, e se reputaram obras primas de poesia dramatica.

Nunca coube, todavia, á Aristophanes e nem ás suas composições, a gloria que aquelles seus concurrentes alcançáram. Impressionados pela belleza artistica e poetica das suas comedias, permittiam os archontes que se representassem, apoz as tragedias ou comedias de outros escriptores, e quando somente se tivessem retirado da platea todas as mulheres, que não deviam ouvir-lhe a linguagem solta e indecente.

Dos dramas approvados pelos archontes extrahiam-se copias, em papyros, pergaminhos, e pelles de animaes, que se enrolavam, recebiam seu distico respectivo, e depositavam-se cuidadosamente no thesouro publico de Athenas. Ali se guardaram os poemas de Homero, as lyras de Hesiodo, as odes de Pindaro, os folguédos de Anacreonte, as endeixas de Sapho, ao lado das obras de Herodoto, Thucydides, Xenophonte, Demosthenes, Platão, Aristoteles, e das

tragedias e comedias dos escriptores dramaticos de nomeada.

Tão excessivo era o valor das obras litterarias que uma peste e fome assolando Athenas duzentos e oitenta annos antes de Christo, conseguio Ptolomeu do Egypto muitas copias de composições gregas, mediante todo o trigo com que gratuitamente abasteceu-lhe o mercado, emquanto durou a calamitosa epidemia.

Com as obras gregas, hebraicas, persas e arabes, fundou Ptolomeu em Alexandria a primeira bibliotheca do mundo e tornou esta cidade africana a successora de Athenas, e o centro da luz e das ideas, desapparecidas da Grecia, desde que suas diversas e independentes republicas se fundiram em uma monarquia absoluta sob o sceptro de Alexandre de Macedonia. De Alexandria importaram os Romanos a instituição de bibliothecas, que numerosas levantaram na cidade de Tibre, transferindo para ali os thesouros de Athenas, despojada por Sylla, Marco Emilio, e outros invasores de suas riquezas litterarias e scientificas, e das mais preciosas estatuas de seus artistas celebrados. Mudada a sede e capital do imperio Romano para Bysancio, levou comsigo Constantino, no seculo IV°, a maior parte dos livros e monumentos de arte, que possuia a antiga patria de Romulo.

Quem poderia pensar que se perdessem tantas obras que revelavam a vida intellectual dos antigos povos? A decadencia e depredações de Athenas e da Grecia, que não produziram mais homens de genio, e apenas rhetoricos, annalistas, romancistas, grammaticos, sofistas, metrificadores e criticos arguciosos; as ruinas e incendios de Roma, quando assaltada, vencida e saqueiada pelos barbaros Ger-

manicos; a queima da cidade e bibliotheca de Alexandria ao conquista-la Omrou, general do Califa Omar; as devastações inconscientes dos Cruzados ao apossarem-se violentamente de Constantinopla; e por fim a irrupção e triumphos dos Turcos na Europa, sob o commando de Mahomet II°, pelo meiado do seculo XV°; consumiram quasi todos os documentos escriptos, e roubaram á civilisação moderna provas completas d'aquellas admiraveis civilisações, que a tinham precedido nos tempos, e que ainda hoje, conhecidas apenas em tradições e fragmentos, são seus exemplares, e mestras no saber e no gosto.

II

Poesia dramatica em Athenas.

Elevadissima e moralisadora é, de certo, a missão da poesia dramatica. Faz descer o ideal á realidade, desenvolvendo as paixões humanas em acção interessante, viva e perceptivel aos sentidos. Deixa o pensamento no theatro de ser immaterial, e esprai ando-se em accidentes e successos, desapparece a allegoria, e desenrola-se a vida humana em sua exactidão e verdade.

Deve-se a primeira idea e ensaio a Eschylo, e posto que tivesse composto mais de setenta tragedias, no dizer dos historiadores gregos, sete apenas se salvaram do naufragio do mundo antigo. Correm com os titulos de Persas, os sete chefes de Thebas, as Supplicantes, Prometeu, e a Orestia dividida em tres partes differentes.

Canta a tragedia dos Persas as victorias assignaladas dos Gregos sobre o invasor Xerxes. De dous personnagens unicamente se compoem, Xerxes e a velha rainha da Persia. Lamenta aquelle seus desastres militares diante de um punhado de bravos Gregos, que lhe cortaram os vôos de ambição temeraria, e o constrangeram a recuar vencido e humilhado para seus estados asiaticos. Atormenta-se a rainha com sonhos tristes e agouros assustado-

res, e exproba eloquentemente ao rei a audaciosa empreza, á que loucamente se abalançara. Corre a narração da luta nos dialogos dos dous interlocutores; não contem o drama acção, movimento, vida, condições essenciaes do theatro; os côros, porêm produzem encantador effeito, quer pelos canticos, enthusiasticos e hymnos patrioticos dos Gregos, que proclamam suas glorias; quer pelas elegias pathetic icas que os Persas expressam. Raptos de poesia lyrica sublime exaltam os sentidos, e deviam necessariamente suscitar calorosos applausos aos povos hellenicos.

E' tambem destinada a tragedia dos Sete chefes contra Thebas a encomiar as glorias da Grecia. Falta-lhe como á dos Persas acção dramatica; representa de protogonista a cidade de Thebas, ameaçada de incendio e saque, por causa das lutas de Eteocle e Polynice. Sopro bellico anima os côros, que lugubremente censuram e amaldiçoam os dous irmãos que se trucidam; apoderam-se os côros da maior parte do drama, e a todo o instante entoam carmes tristes e patheticos, que excitam terror e piedade. Mostram-se, ás vezes, em scena, alem de Eteocle, Antigone, Ismenio e um arauto, para exprimirem sentimentos particulares, e publicarem as peripecias dos combates.

Nas Supplicantes descreve-se a chegada das Danaides, o asylo e protecção que encontraram na Grecia, sem que appareçam lutas de paixões, e nem peripecias interessantes, parecendo antes prologo de uma tragedia, que assumpto particular d'ella.

Nada se deve ahi extranhar, porque a poesia dramatica sahia dos limbos, embalava-se no berço como um infante, e quando muito gemia lyricamente em vêz de denunciar sua essencia, e de

revestir-se da autonomia que a realça e differença dos outros moldes poeticos.

As obras verdadeiramente primas de Eschylo são — Prometeu — e a Orestia.

Prometeu precipitado por Jupiter em uma ilha deserta, por haver ensinado as artes, as industrias, e o emprego do fogo, jaz preso, accorrentado, e do contacto dos homens rigorosamente privado; é alem d'isto perseguido e atormentado, á todo o instante, por Vulcano que o vigia e guarda.

Silencio nobre e altivo conserva sempre o condemnado, manifestando a grandeza d'alma de que é dotado, e escondendo os despeitos que o acabrunham. D'elle não obtem Vulcano palavra por mais que o interrogue. Quando porem o visitam as Nymphas oceanicas, e lhe recitam hymnos arrebatadores; quando Neptuno lhe promette protecção; ergue-se raivoso, queixa-se, lastima-se, em linguagem fremente e ousada. Para variar o quadro apparece Ion, perseguida pela ciumenta Juno, desprovida de recursos e asylo, e chorando suas desventuras. Prognostica-lhe então Prometeu os destinos futuros, deixando entrever que o poder e a coroâ escaparão das mãos de Jupiter mais tarde ou cedo. Avisado Jupiter da profecia do Titan, ordena a Mercurio que lhe arranque os segredos. Não o consegue o emissario, e Jupiter em castigo faz roncar o trovão, encapellar-se o mar, rolar o rochedo, á que Prometeu estava amarrado, e sepultar-se tanto elle como o proprio penhasco no seio das ondas.

E' este drama apreciado por alguns criticos como symbolo philosophico. No vaticinio advinham o porvir, que destruirá o polytheismo diante da luz que Jesus deve derramar sobre o mundo. Ou arrastados por esta conjectura, ou extasiados diante

da elevação de imagens, galas, pensamentos primorosos e raptos de lyrismo sublime, consideram esta composição de Eschylo como uma maravilha poetica. E' certamente Prometeu o protogonista do soffrimento e da energia, quer no seu silencio estudado, quer nas suas fallas vehementes e magestosas. Tomamos interesse pela audacia que patentea, arcando com a potestade divina, resistindo-lhe heroicamente, descendo ás vezes do ideal para a realidade, afim de não assimilhar-se á sombra fugitiva, e á fantasma vaporoso. São sobrehumanas, é certo, as paixões, mas elle é Titan, é semideus, e, apezar d'isso, torna-se homem e victima que attrahe a sympathia. Nos côros que formam os intervallos do dialogo, o corifeo canta o solo, e grupos de homens, mulheres e crianças o accompanham com vozes variadas.

A mais interessante composição dramatica de Eschylo parece-nos, todavia, a Orestia.

Em Homero inspirou-se Eschylo, como todos os poetas gregos, porque era para elles Homero o mestre da poesia. Bem que differente a epocha de Homero, seu poema cada dia mais precioso se tornava para os Hellenos, embora houvessem modificado instituições, costumes, e usos publicos e privados; porque referia a historia deslumbrante da patria e dos antepassados e a poesia de sua religião.

Esboça-se na primeira parte com o titulo de *Agamemnon* a chegada do rei de Argos. Fanaes collocados de distancia em distancia até a cidade deviam communicar á Clytemnestra, mulher de Agamemnon, as noticias do assedio de Troya. Illuminam-se elles de repente : Troya fora tomada. Um mensageiro, que chega, narra poeticamente o feito grandioso. Os reis gregos tratavam de retirar-se

para seus lares, levando os despojos da victoria. Agamemnon não tarda. Clytemnestra apparenta jubilo, e manda preparar festejos. O côro, porém, em estrophes repassadas de melancolia, faz presentir aos espectadores que desgraças eminentes se devem realizar.

Na immensa comitiva do rei vêm Cassandra, que, como todas as demais parentas de Priamo, rei de Troya, fôra distribuida á Agamemnon como escrava. Clytemnestra acolhe o marido com simulado prazer, e dirige até cumprimentos á captiva. Esta vaticina então os horrores que se vão commetter, e prognostica que os reis gregos vencedores de Ilion terão de soffrer o castigo de seus feitos.

Ouve-se um grito, é o de Agamemnon assassinado pela esposa e por Egysto, com quem ella se relacionára durante a prolongada guerra e ausencia de Agamemnon. Clytemnestra ensanguentada expõe aos espectadores atonitos que vingára a morte de sua filha Iphigenia, immolada por Agamemnon no intento de aplacar os deuses, e provocar ventos favoraveis aos Gregos.

Na segunda parte da trilogia, com o titulo de *Chœphoros*, mostra o theatro o tumulo de Agamemnon. Orestes e Pilades lançam sobre elle flôres. Lamenta e chora Electra a morte do pai, seguida de um côro de virgens. Reconhecem-se os dous irmãos, Orestes e Electra. Eram ambos ainda jovens quando fôra Agamemnon assassinado. Pilades narra que o oraculo ordena a Orestes vingue os manes de seu pai. Reconta Electra quanto soffre no palacio, o como é martyrisada por Egysto, com quem se casára sua mãi Clytemnestra. Combina-se o modo por que Orestes deve cumprir o destino, que faz d'elle instrumento para o exterminio dos assassinos de Agamemnon.

Apresenta-se nos paços Orestes, que ninguem pode conhecer, com excepção de Electra. Illude Egysto e Clytemnestra noticiando-lhes que o filho de Agamemnon era morto. Regozijam-se os soberanos. Começa então em Orestes um combate moral, que o agita e tortura. Deve obedecer ao oraculo, cumprir as determinações do destino, vingar seu pai, cujos manes padecem e padecerão emquanto se não cumprir o sacrificio? Mas Clytemnestra é sua mãe, e que filho ousa rasgar as entranhas que o geráram? Electra submissa e timida não ousa aconselhar o irmão. Pilades lhe faz então ecoar aos ouvidos o som pavoroso da ordem do destino; incita-o, exalta-o, e compelle-o a obedecer ao oraculo. Marcha Orestes para o sacrificio, apunhala Egysto e Clytemnestra. As furias apparecem e Orestes é expulsado da cidade.

A terceira parte da trilogia mostra-nos Orestes procurando refugio no templo de Delfos. As furias, ou Eumenides, dormem á sua porta. A casa de Deus é um asylo sagrado, onde o remorso deve expandir-se livremente, e procurar consolo, allivio e perdão. Não podem as furias acompanhar ao interior do templo a victima que perseguem e atormentam. Mas a sacerdotisa, notando sangue nas mãos de Orestes, espanta-se, e obriga-o a deixar o templo. Foge o desgraçado, e as Eumenides o seguem, maltratam, perseguem e torturam. Ao templo de Minerva dirige-se o desditoso. Apparece a deusa da razão e da sabedoria. Ouve a accusação e a defeza. Convoca os deuses a decidirem. Orestes é um parricida, mas o crime commettido sem vontade não é susceptivel de perdão? Não fora Orestes simples instrumento do oraculo? Diante da sentença favoravel, fogem e desapparecem as furias.

N'esta tragedia patenteam-se acção dramatica, interesse, luta de paixões, e desenvolvimento de caracteres. O drama firma-se, nobilita-se, autonomisa-se. Impressão duradoura, sustos verdadeiros produzia nos expectadores, quer pelas situações arrebatadoras, quer pela magnificencia do estylo, e sobretudo pelo horror, que exhalam os canticos das furias.

Ainda vivia Eschylo quando mostrou-se o joven Sophocles a disputar-lhe as palmas da poesia dramatica.

A' Prometeu, victima dos deuses, oppoz Philotectes, victima dos homens. Um dos chefes da expedição grega contra Troya, ferido por uma frexa, considerado incapaz de serviço pelos companheiros d'armas, e abandonado em uma ilha, curte no isolamento as dores physicas, e o despeito moral. Durava a guerra de Troya, sêm que os Gregos conseguissem domar a cidade; prediz o oraculo que só venceriam quando arrancassem das mãos de Philotectes as frexas de Hercules. Partem Ulysses e o filho de Achiles do acampamento grego, e procuram Philoctetes á pedir-lhe as frexas. Ao astuto Ulysses, e ao cavalheiroso filho de Achiles, mostra-se Philoctetes resignado, calmo, mas inabatavel na recusa. Propõe Ulysses que se roubem as frexas durante o somno de Philoctetes, prefere o filho de Achiles caminho franco e persuasivo. Vencido emfim Philoctetes pela lealdade de caracter do filho de Achiles, resolve-se á levar em pessoa as frexas aos Gregos, e á coadjuva-los na empreza contra Troya, esquecidas suas passadas injurias perante a gloria da patria. Diz em admiraveis versos adeus ao penhasco que lhe servira de asylo por tanto tempo, aos passaros que haviam sido seus unicos

companheiros, ás arvores á cuja sombra costumava repousar, ás fontes que lhe saciavam a sede, e á terra que o nutrira no abandono. Como homem perdôa aos homens, e manifesta grandeza e nobreza de affectos á par de um patriotismo inexcedivel.

Ao Orestes de Eschylo antepoz tambem Sophocles a tragedia de Electra. Pela primeira vez refulge no theatro grego a mulher como heroina. E' ella quem forma o interesse da acção, e prima no meio dos demais personagens. Perseguida pela mãe, torturada pelo padrasto, saudosa do pai assassinado julga cumprir um dever filial imperioso e vingar tambem suas injurias proprias, dirigindo Orestes, como instrumento, e arrastando-o ao crime do matricidio.

Na trilogia, porêm, de Edypo rei, Edypo em Colonna, e Antigone, é que patenteou-se superiormente o genio de Sophocles.

No Edypo rei, as paixões, os sentimentos, os factos já se desenvolvem paulatina e interessantemente, graduando-se a impressão dos expectadores. Dizima a peste a população de Thebas, declara-se Edypo resolvido á commetter todos os sacrificios para que cessem as publicas calamidades. Ouve o oraculo que exige a expulsão do assassino de Laio. Emprega Edypo todos os meios para descobrir quem seja. Começa então á esclarecer-se o mysterio. De Jocasta tivera Laio um filho que fora ao nascer abandonado, e que desconhecido se educara longe da patria. Por um acáso extraordinario, é Edypo esse filho, fora o assassino de Laio, e se casára depois com Jocasta, ignorando sêr sua mãe. Curva-se Edypo ao destino, obedece ao oraculo, deixa a familia, os paços, a cidade, os amigos, e busca a morte nos desertos como alivio á seus males e expiação de seu crime.

Encontramos Edypo em Colonna na segunda parte da trilogia. Accompanha-o a indignação geral dos homens, condemna-o o desprezo publico, atribula-o a miseria. Não consegue pão para alimentar-se, agua para saciar-lhe a sede. No abandono em que se acha apparece-lhe, todavia, um arrimo, uma figura humana, um anjo caritativo, Antigone, que se separa da familia e do fausto das cortes, para ser a companheira e consoladora do pai, levantar-lhe o espirito prostrado, mitigar-lhe as dores, e acalma-lo nas desventuras. Só ella assiste á seus derradeiros instantes da vida, só ella lhe prepara a sepultura, só ella o deposita no ultimo jazigo terrestre.

Refere-se a terceira parte da trilogia ás lutas de Polynice e Eteocle, filhos de Edypo. Combate o primeiro contra Thebas, em favor o segundo. Matam-se os irmãos reciprocamente, e Thebas publica uma lei prohibindo sepultura ao corpo de Polynice como inimigo da patria. Sabe Antigone que é condemnado á morte quem ousar enterra-lo. Mas Polynice é seu irmão. Seu cadaver não deve ser atirado á animaes ferozes. Sacrifica-se ao castigo infligido pela lei; que lhe importa a morte, sepultando o irmão? Apôz seu feito aliás meritorio e nobre, é presa e arrastada ao cadafalso. Soffre a punição com resignação e calma.

Na poesia dramatica grega constitue Antigone o typo mais tocante e admirado. Creação de mimoso, e delicado genio poetico, Antigone interessa, commove, seduz, captiva. Faltava-lhe o sentimento amoroso, a paixão da mulher só primando até ali como filha. Quando, porém, a accusam do crime commettido revela-se a natureza feminina, e exclama: « Meu coração é feito para amar, não para aborrecer! » Na

occasião de expirar lembra-se do seu sexo, mostra-se saudosa da vida, e deixa pela primeira vez escapar o segredo que no peito escondia intenso e mysterioso amor por um homem, revelando sentir a morte sem ter conhecido as doçuras do consorcio e os prazeres da maternidade.

Desenvolve-se nos dramas de Sophocles mais acção, mais vida, mais interesse, bem que não resplandeça a audacia de Eschylo em vôos altivos e pompa de imagens. Nos recamos do estylo, na limpidez da linguagem, na pintura das paixões excede, porem, Sophocles á Eschylo.

Apoz Sophocles raiou Euripides, e posto que em suas composições faltem o sublime enthusiasmo de Eschylo, e as bellezas primorosas e limpidas de Sophocles, patenteia Euripides, comtudo, mais conhecimento do coração humano, e desdobra mais naturalmente a marcha e impeto das paixões, antepondo aos homens impossiveis de Eschylo e aos que desenha Sophocles, nobres sempre e elevados como deviam sêr, creaturas reáes, com os instinctos e sentimentos da natureza.

Phedra louca de amor, que Venus lhe inoculara no peito, Medéa dilacerada pelo desespero da vingança, Hecuba furiosa, Hermione atormentada pelos ciumes, são heroinas de tragedias de Euripides, e typos não da belleza moral feminina, mas de paixões condemnaveis. Polyxena, porêm, que morre pela mãe ; Alceste que se sacrifica pelo marido ; Macaria que salva a familia ; Iphigenia que se deixa immolar para que os deuses se tornem propicios ao pai e aos guerreiros gregos ; pertencem á outra ordem de ideas e sentimentos.

Dedicou-se particularmente Euripides á pintura do amor, e fez d'elle assumpto e essencia de suas

tragedias, quando seus antecessores o haviam apenas entrevisto. Resulta d'esta circumstancia seu principal titulo de gloria.

Não tardou a comedia em acompanhar os passos da tragedia. Adoravam os Gregos as fortes exaltações que recebiam dos dramas; estimavam, todavia tambem, as alegrias, prazeres e risos, que lhes prestava a veia comica de alguns dos seus escriptores.

Sabemos que Menandro, Diphilo, Philemon, e varios poetas escreveram comedias de costumes, intrigas domesticas, e caracteres. D'ellas muito copiaram os Romanos. Infelizmente, porém, só nos chegaram ao conhecimento as satyricas, quasi farças, posto que elegantissima e primorosamente compostas por Aristophanes.

Não é só no estudo das leis, no conhecimento dos documentos officiaes, nas narrações dos chronistas e historiadores, que se pode aprender a historia de um povo e de uma nação. Na litteratura ligeira, na comedia, na farça, descobrem-se muitas vezes e melhor a vida intima e social, os usos e costumes, a indole e educação, o grau emfim de sua civilisação.

Viveu Aristophanes no meio de uma sociedade adiantada em luzes, e radiante de grandes poetas, philosophos, historiadores, oradores, sabios e artistas: quasi todos elles coevos de Pericles, o vulto politico mais proeminente de Athenas. Alegre, folgazão, critico, satyrico, preferio Aristophanes pintar dramaticamente vicios a expor aos olhos dos expectadores grandes feitos e paixões nobres dos homens. Não raro, em suas comedias, espalha indecencias, e emprega o ridiculo mais cruel e envenenado; mas que desenhos de figuras interessantes,

que pintura exacta de caracteres, que noções de costumes e habitos do povo, que espirito mordente, sarcastico, e fino : que pureza de linguagem; que bêm combinadas situações ; que dialogos e sçenas tão apraziveis, sabe mostrar-nos !

Não pode Aristophanes sêr bem comprehendido á primeira leitura. Entraes em salas escuras, achai-vos quasi nas trevas da noite, percebeis superficialmente os objectos que vos rodeiam. A' pouco e pouco, porêm, vos habituaes ás sombras, e a travez d'ellas, descobris maravilhas preciosas. E'este o effeito das comedias de Aristophanes. Lêde, relêde, estudai, e encontrareis o genio. Retrata-se ahi Athenas nas suas mais minuciosas situações, os cidadãos nos seus interesses e ideas: a sociedade nos seus arcanos mais reconditos. Formam telas de critica, em que ninguem é poupado desde a mais elevada cathegoria até a mais baixa condição do vulgo. Pericles, Sophocles, Euripides, Themistocles, são expostos ás risadas do povo, e objectos do motejo do poeta.

Nos Cavalleiros ridicularisa-se Cleon encarregado das finanças da republica, tribuno que com palavras pomposas seduz e illude o povo, que o acompanha, apoia, applaude e eleva, enthusiasmado pelos discursos de liberalismos e patriotismos fallazes, como acontece em todas as nações e sociedades, em que os lisongeiros das multidões e ambiciosos turbulentos apparecem, sendo como é sempre a população arrastada e enganada com promessas e protestos pomposos de felicidade ideal !

Nas Rãs trata o poeta de deprimir Euripides e sua poesia dramatica, fazendo Baccho, burlescamente carregado com as armas de Vulcano, descer aos infernos, seguido pelas rãs, que em côro e chus-

ma lhe servem de companheiras, e ahi nos abysmos buscar um poeta tragico que falta a Athenas.

Nas Nuvens, Socrates e os philosophos de seu tempo são descriptos como revolucionarios perversos que com suas doutrinas desmoronam o edificio da moral e da religião, servindo de base a educação de um sujeito que quer aprender a não pagar aos credores.

Nas Vespas, Aristophanes nos manifesta a mania dos magistrados, e deploraveis chicanas dos advogados, que do argueiro fazem um cavalleiro.

Na assemblea das mulheres derrama-se abundante e jovialmente o espirito de Aristophanes, e pungentes satyras se dirigem á republica lembrada por Platão, como o ideal dos governos.

Enthusiasmam-se as mulheres de Athenas por uma republica diversa da que o estado possuia, e propoem-se a realizal-a segundo o systema de Platão. Reunem-se e combinam derribar os homens do governo de Athenas, e empossar-se do mando supremo. A chefe da conspiração, Proxagoras, convence as outras mulheres que ellas são para a direcção dos negocios publicos mais proprias e aptas que os homens. Têm elles provado serem perdularios, vadios, intrigantes, querendo só guerras com vizinhos, glorias militares, e satisfacções ambiciosas. Ellas, acostumadas ao regimen da casa, á creação dos filhos, ao meneio dos misteres domesticos, economicas regradas, pacificas ; habituadas a mandar fazer a cozinha, dar os jantares e almoços ás horas, lavar as roupas, e agradar aos maridos, possuem requisitos superiores aos d'elles para a governação do Estado e da republica.

Concertado o plano revolucionario, reunem-se todas em casa de Proxagoras, muito cêdo, no dia

em que ao povo em seus comicios cumpria nomear seus governantes. Cada uma providenciára ou para retardar ou para impossibilitar a ida dos maridos, pais e irmãos aos comicios, afim de diminuir o numero dos homens e disporem da maioria dos votos. Vestem-se com roupas masculinas, cobrem as faces com grandes barbas, a cabeça com chapéos largos, e partem para a praça onde se deve reunir o povo que tem de proceder á eleição. Occupam os primeiros logares, por se haverem anticipado, fórmam maioria de votos, vencem, triumpham e proclamam o governo das mulheres. Os homens apeiados do poder resignam-se a obedecer-lhes, reduzidos aos misteres que até então exerciam as mulheres.

Tudo corria, mais ou menos tranquillamente, posto que incidentes os mais burlescos se realisassem, quando as mulheres resolvem por lei a communhão dos bens e dos maridos. Ahi não puderam estes reter o seu despeito e colera. Conspiram a seu turno, levantam-se e derribam as mulheres do poder. Eis como o poeta ridicularisou a republica de Platão.

III

Poesia dramatica em Roma.

A grosseria dos costumes, a ignorancia litteraria, o instincto conquistador, o animo bellicoso dos Romanos, ganharam-lhes victorias, e entregaram-lhes o mundo, que se curvou á seu dominio. Não receberam impressões dos povos extrangeiros, que avassallavam, e reduziam á colonos. Chegada, porém a hora, em que devia a Grecia jungir-se ao jugo latino, e perder sua autonomia, nacionalidade e independencia, que outrora haviam constituido sua gloria, Roma começou á metamorphosear-se e civilisar-se, ao contacto do povo vencido.

Era o culto religioso dos Romanos brutal, feroz, barbarisado. Da Grecia lhes provieram noções risonhas, humanas, moralisadoras, que lhes modificaram os rythos, abrandaram-lhes e embellezaram-lhes a mythologia, e suavisaram-lhes as cerimonias ecclesiasticas, as aspirações espirituaes, os costumes publicos e particulares, e a indole e instinctos do povo.

Não se revestia a lingua latina de syntaxe, dissinencias, e melodia de vocabulos. Rude, agreste, falha de sonoridade e de euphonia, dir-se-ia incapaz de tornar-se instrumento litterario.

Não possuia um livro de historia, de chronica, de

philosophia, de sciencias :.era quasi nullo o uso da escripta; gravavam-se em bronze ou aço disticos contendo datas de acontecimentos, textos de leis e decretos, notas de successos importantes.

Quasi seiscentos annos tinham, entretanto, decorrido depois da fundação da cidade pelos esforços de Romulo e seus companheiros, e o prestigio e a autoridade de Roma estendiam-se já por grande parte da Europa e Africa, por toda a Italia, e pelas ilhas adjacentes.

Impôz-se emfim Roma á Grecia pelas armas; impôz-se Grecia á Roma pela intelligencia.

Tornaram-se os prisioneiros Gregos, arrastados para Roma e vendidos como escravos, os mestres e educadores dos Romanos; reedificaram e melhoraram-lhes os predios, ruas e praças, que excitavam o riso; levantaram-lhes palacios, templos, circos, arcos, thermas, aqueductos; iniciaram-nos no gosto das bellas artes, fazendo-os apreciar a arquitectura, a escultura, a pintura; corrigiram-lhes a lingua, inoculando-lhe propriedade de palavras, formosura de phrases, regularidade de sons, e regras de prosodia. Ensinaram-lhes a rhetorica, a poetica, a philosophia. Converteu-se Roma, em imitadora e copista da Grecia, extasiada diante dos thesouros litterarios e adiantamentos scientificos dos Hellenos, e ambiciosa de eguala-los, senão excedê-los, instruindo-se na lingua grega, estudando-a em seus escriptores, e tratando de acompanha-los, escrevendo no idioma latino obras originaes, que manifestassem suas aptidões para todos os matizes do espirito e da intelligencia.

Poderiam os Romanos, antes de conhecerem os Gregos, possuir carmes populares, guerreiros, selvagens, e amenisar com elles seus momentos de

descanso. Nem-um chegou, todavia, aos nossos tempos que nos prove as qualidades romanas para a poesia, em quanto os Gregos os não illustraram.

De divertimentos e jogos conheciam apenas os Romanos expectaculos dados pelos Olscos, compostos de histriões e saltimbancos, polichinellos e pasquinos, representando momices, repetindo lerias insulsas, pulando em cordas e arcos, garganteando conceitos, e ás vezes recitando em brigas fingidas, dialogos burlescos.

Folgavam, todavia, os Romanos, e muito mais, com lutas de animaes bravios em circos que construiram de proposito, desde que deparando-os em Carthago e suas visinhanças os trouxeram para Roma, despendendo quantias fabulosas para os sustentarem, e elles poderem servir em suas festas e expectaculos. Seguiram-se mais tarde os combates de gladiadores, que egual e extremamente os apaixonavam, por lhes offerecerem scenas mais naturaes e consentaneas com seus habitos e costumes de guerreiros.

Relativamente á poesia dramatica, foi um captivo grego, por nome Tito Andronico, quem primeiro a fez conhecer em Roma, traduzindo dramas gregos na lingua latina, bem que empregando versos informes, quando se contavam mais de seis centos annos depois da fundação da cidade. Pedio e obteve licença dos edis para faze-los representar por alguns amigos, egualmente gregos. Levantou-se adrede no Monte Aventino um tablado para os actores, e convidou-se o povo á concorrer ao expectaculo. Ou pela novidade, ou pelo prazer que o drama causou com suas peripecias e interesse scenico, applaudiram-no os Romanos fervorosamente, e victoriaram o traductor da peça.

A' Andronico succedeu Nevio, nascido na Capadocia, e de origem grega egualmente, imitando comedias de Aristophanes. Não agradaram as composições aos Romanos pelos motejos que Nevio introduzia nos dialogos, dirigidos contra personagens conhecidos. Appareceu então Ennio, de origem grega tambem, mas nascido já na Campania de Italia. Soube contentar o gosto dos romanos, na imitação á que se dedicou, de peças hellenicas, e alcançou nomeada. Apôz esses traductores mediocres, mostrou-se, emfim, Plauto, pertencente ás classes mais infimas da sociedade, e que como operario se occupava em moer trigo em casa de um padeiro. Exaltou-se com a poesia dramatica, estudou as traducções que da lingua grega haviam praticado seus antecessores, e reputou-se habilitado por seu estro e veia poetica para compor no idioma patrio comedias que quando não fossem origináes pelo assumpto, se revestissem, todavia, de condições e ares de autonomia e nacionalidade.

Não estava sufficientemente fixada a lingua latina. Nem Plauto conseguio limpa-la de incorrecções e impurezas de linguagem, êxpurga-la de vocabulos grosseiros, arrancar-lhe phrases e modos de dizer rudes, agrestes e barbaros. Manejou-a, comtudo, com singular habilidade, formou versos correntes e mais ou menos sonoros, adoptando a metrificação grega denominada heroica, e aceitando-lhe os moldes agradaveis e regulares. Dividio suas comedias em partes, que denominou actos, para que nos intervallos repousassem os expectadores, já que abandonara o emprego de côros; poz de parte egualmente o uso de mascaras e o dos cothurnos para os actores: concentrou o tempo no menor espaço

possivel, para correr ininterruptamente a acção, e localisou a scena em um ponto unico.

Partem d'este systema as tres unidades de acção, tempo e logar, que os latinos admittiram com rigor, em todas as composições dramaticas, e que Horacio recommendou como regras essenciaes e fixas, attribuindo-as erradamente á Aristoteles, quando o theatro grego as não conhecêra.

Satyrico e mordaz preferiria a escola de Aristophanes, mas nêm os edis lhe consentiriam ridicularisar personagens romanos, e nêm o exemplo de Nevio o convidava á segui-lo, porque o povo o condemnava egualmente. Adoptou um termo meio entre Aristophanes, e Menandro.

Não ousou tambem affrontar os prejuizos publicos, escolhendo assumptos romanos, e applicando á personagens nomes romanos. Apoderou-se de assumptos gregos, collocou as scenas na Grecia, e os protogonistas appellidaram-se gregos egualmente. Declarava em prefacios que extrahira a acção ora das obras de Diphilo, ás vezes das de Philomon, não raro das de Appollodoro e Menandro.

Apezar, porém, de todas estas declarações, reconhecem-se os romanos nos caracteres que o poeta descreve; descobrem-se os costumes latinos nos que esboça; apreciam-se a variedade e interesse das scenas, a exactidão dos affectos exprimidos, o desenvolvimento agradavel da intriga dramatica, uma particular originalidade de engenho; e o conhecimento e estudo fino da natureza humana: e mais que tudo alegram e enfeitiçam os ditos espirituosos, as facecias satyricas e a ironia pungente, de que suas composições abundam; embora sarcasmos não raro grosseiros e indecentes, e a linguagem ás vezes de giria vulgar, nunca elevada e nêm

polida, consideram Cicero, Quintiliano e Cesar defeitos lamentaveis e merecedores das mais energicas censuras.

Refulgem, todavia, nas comedias de Plauto, uma alegria deslumbrante, uma vivacidade invejavel, e um enredo repleto de quiproquos e trocadilhos, que provocam constantemente a hilaridade. O Amphytrião, Auiularia e Menechmos agradavam tanto que em Pompeia, Herculano, e varias cidades romanas, exigia o povo sempre que se representassem, e as applaudia com transportes de contentamento, tres á quatro seculos ainda depois da morte do poeta. Nos dramas Rubens e Captivos ousou Plauto tanger as cordas do sentimentalismo, e conseguio aproximar-se de Menandro, que, em suas composições, affirma-se, ligava o comico ao desenho da ternura e do sentimento, e por essa razão, tornara-se o predilecto dos Gregos.

Pode-se estudar a vida das classes baixas da sociedade romana nas obras de Plauto; typos perfeitamente romanos; defeitos e vicios particularmente romanos; ideas e instinctos e indole do seu povo, ensinam tanto, e mais nos matizes intimos, que os annaes de Catão, occupado somente com a politica; as historias de Tito Livio fundadas em legendas, encantadoramente poetisadas, e as exageradas obras do Grego Plutarco, que debuxava unicamente as qualidades nobres e heroicas de varões illustres.

Conhecemos em Plauto a existencia dos velhos libertinos, dos corretores de casamentos ricos, dos mercadores velhacos, dos especuladores de dotes, dos soldados fanfarões, das mulheres perdidas, dos creados larapios, dos advogados sem consciencia, dos medicos charlatães, dos juizes cor-

ruptos, que abundavam no mundo chamado Roma.

Para as classes inferiores romanas foi Plauto sempre o poeta comico mais estimado, porque se miravam em suas obras como em espelho que lhes retratava as physionomias e os sentimentos : porque se derretiam em risos e alegrias, suscitadas pela malicia e ironias do poeta; porque na sua linguagem descobriam o idioma vulgar, que distava bastante da lingua litteraria que começavam a nobreza, os estudiosos e eruditos á cultivar.

A' Plauto preferiram os litteratos romanos Terencio, que lhe succedeu na poesia dramatica.

E' que Terencio embellezou, aperfeiçoou, e fixou a lingua latina. Educado no fino gosto grego ; apreciador da litteratura hellenica, que estudára nos originaes, e não como Plauto em traducções adulteradas e defeituosas ; conhecedor do idioma latino no seu vocabulario nobre e cortez ; usou Terencio de uma correcção e pureza de phrase, e de uma delicadeza de metrificação, que juntas á elegancia das ideas, á elevação do pensamento, e á moralidade á que aspirava constantemente, o aureolaram de nomeada e reputação de classico.

Não sobresahe Terencio pela originalidade e nêm pela imaginação ; era-lhe n'esses dotes Plauto superior. Extrahindo egualmente assumptos dos poetas gregos, mais que Plauto os imitava no desenvolvimento do drama e nas peripecias da acção ; sob este ponto de vista, ficou ainda abaixo do seu competidor, que irradiaria como mais nacional e autonomo.

Ganha, todavia, Terencio as palmas que consagram o gosto litterario e o aperfeiçoamento artistico. Nascera na Africa, descendia de origem numida, fora conduzido para Roma como escravo, e

em edade ainda juvenil, vendido ao senador Terencio, que o mandára estudar e educar com todo o desvelo, que apreciava tanto seus talentos que lhe concedeu a liberdade, e honrou-o com sua amizade e protecção: viveu apenas trinta e cinco annos, e deixou no entanto comedias que se consideram modelos poeticos.

A Adriana, os Adelphos, o Eunuco, que Terencio affirma haver imitado de Menandro, fazem-nos lamentar sentidamente a perda das comedias do poeta grego.

Interesse dramatico, finura de pensamentos, delicadeza de imagens, formosura de ideas, propriedade de axiomas philosophicos, dialogos encantadores, scenas palpitantes de movimento e vida, peripecias agradaveis, e esboço perfeito de caracteres, provam o engenho de Terencio e a justa admiração que lhe dedicam os litteratos.

Paralellamente com a comedia proclamam os annaes de Roma que cultivava-se a tragedia, e n'ella se nobilitaram Afranio, Ovidio, Licinio, e varios poetas: mas nem suas obras chegaram á nosso conhecimento, nem mesmo os escriptores romanos lhes deram importancia, porque citam só e analysam muitas vezes as composições de Seneca, unico que parece affeiçoou-lhes a sympathia, e que viveu mais tarde, no tempo de Nero, quando apenas mencionam os nomes dos demais poetas tragicos.

Seria porque nunca agradou muito aos Romanos a tragedia, posto que elles manifestassem gosto pela comedia? Parece provavel porque a comedia satisfazia á homens que desejavam folgar, rir, motejar, divertir-se nos momentos que não pertenciam ao labutar diurno e ás occupações de espirito á que se dedicavam; entretanto que a tragedia se lhes

figurava á mente composição ficticia, simulação de crimes que não impressionavam pela narrativa, além de que nem-uma tragedia escripta em Roma se referia á acontecimentos ou personagens celebres de sua historia, com que lhes impressionassem os animos e correspondessem á expansões de patriotismo, e á satisfacções de amor proprio nacional.

Não era tragedia real a que todos os dias presenciavam, superior á representada nos theatros? Não assistiam os romanos á scenas repetidas de combates de animaes ferozes, tigres, pantheras, leões, leopardos que mandavam vir, por preços fabulosos, dos desertos africanos e asiaticos, que combatiam seus guerreiros arrojados? Não se verificavam egualmente aos olhos de todos lutas de gladiadores, trucidando-se, morrendo com elegancia e saudando corajosamente a Cesar?

O gladiador matando ou morrendo, o tigre, o leão, a panthera agarrados aos homens, enterrando-lhe nas carnes as garras e dentes, dilacerando-lhes os membros, chupando-lhes o sangue, arrancando-lhes gemidos, e cevando suas iras, expunham a vida tragica em toda a sua nudez e verdade. Eram os Romanos positivos, não idealistas; guerreiros nos instinctos e ferozes nos costumes: preferiam vêr com os olhos a espada que corta, o sangue que jorra, a agonia que se soffre, as contorsões que se sentem: estrugindo de contentamento deliciavam-se ao expectaculo que lhes lembrava os combates, os desastres, as mortes; applaudiam com transportes enthusiasticos os actos de valentia e de arrojo; exaltavam-se em delirio diante de façanhas inopinadas e assombrosas, que lhes avivavam as reminiscencias de que descendiam de Romulo, que, segundo a lenda

que conservavam em memoria, fora alimentado ás tetas de uma loba bravia, e não aos seios mimosos de uma mãe carinhosa.

Somente de Seneca salvaram-se tragedias escriptas na lingua latina; glaciaes e palidas copias das de Euripides; desataviadas de interesse; ampliadas de dogmas philosophicos e de declarações impertinentes; revestidas de linguagem empolada; despojadas de melodia e de donaires artisticos bem que floreiadas de metrificação pura e correcta; como poderiam exercer influxo nos animos do povo? Qualquer outro que não fosse Seneca passaria ignoto. Merecia, porêm, Seneca pela sua instrucção scientifica, pela sua moral, pelas suas virtudes privadas, pelos seus tratados de eloquencia e philosophia, que se mencionassem e guardassem suas tragédias entre os monumentos litterarios que escrevera.

Avaliava-as elle proprio como producções inertes; dedicara-se, no entanto, á sua composição, quando desterrado por Nero, e recolhido á isolamento campestre, longe de Roma; procurando assim consolar-se de suas desgraças, e pedindo á Musa rebelde um sopro de inspiração poetica.

Construiram, todavia, os Romanos theatros colossaes que pelo numero de expectadores que contivessem, o espaço e accommodações que encerrassem, como em todas as suas obras, evidenciassem a grandeza e magestade do povo, e excedessem os que Athenas conseguira levantar.

Mandou Pompeo construir um que podia conter trinta mil expectadores. A parte reservada á scena era a unica coberta e fechada. Para o povo estendia-se o espaço preciso rodeiado de columnas e repleto de assentos. Cobrio-se, para livrar a multidão da

chuva ou do sol, com um panno de seda bordado, que se abria quando necessario. Encanou-se agua para as necessidades dos espectadores, e refrescava-se o ar, quando quente, com agua perfumada, que respingava doce e suavemente de todos os lados.

Augusto, imperador, tentou vencer o chefe republicano; fez edificar outro theatro, que dedicou a Marcello, mais rico e vasto que o de Pompeu. Ainda hoje quem vai a Roma admira as ruinas d'este magestoso monumento.

Mais adiantou-se depois o edil Scauro. Não menos de sessenta mil espectadores podiam-se introduzir dentro do novo edificio que conseguira levantar. Accrescentou-lhe tres andares de galerias para o povo, uma de marmore, outra de crystal, e a terceira de madeira dourada. O frontispicio contava trezentas e sessenta columnas com tres mil estatuas de bronze semeadas entre ellas.

O edil Curião, oh! esse obteve ainda maior gloria. Em vez de um, construio dous theatros encostados, suspensos por machinismos, contendo ambos sessenta mil espectadores. Como os romanos erão mais dedicados aos combates de feras e gladiadores, ideou e conseguio realizar que os dous theatros, depois da representação dramatica, se movessem pelos machinismos applicados, carregando os expectadores, e volteando um para outro, afim de formarem um só, com a arena ou circo no centro, onde logo os gladiadores e animaes ferozes eram introduzidos no intuito de continuar o divertimento.

Essas enormes massas de pedra, de marmores, e de bronzes, serviram só para lançar poeira aos olhos dos ignorantes. Afora Plauto e Terencio, que é

da poesia dramatica Romana? Onde estavam as tragedias para ali se representarem? Bem avisado andava o edil Curião; simulava levantar dous theatros dramaticos, e os cifrava em um circo para gladiadores e animaes bravios.

IV

Poesia dramatica na edade media.

A prova convincente de que Augusto não semeára, unicamente colhera os fructos de uma esplendida litteratura, qual em seu tempo raiara em Roma, e que continuava apenas o movimento anteriormente iniciado, em tempos da liberdade e da republica extincta, encontramo-la em toda a historia do imperio. Ella ensina que desde os ultimos dias do primeiro imperador começou a decadencia dos espiritos, e que apenas Tacito, Juvenal, Seneca, Plinio e Lucano, escreveram obras que honram e gloriam as lettras, nos primeiros cento e cincoenta annos do imperio. D'ahi por diante exclusivamente sofistas, rhetoricos e versificadores mediocres são os escriptores do paganismo.

Verificára-se tambem o mesmo phenomeno em Athenas á partir do desapparecimento de Alexandre trecentos e vinte tres annos antes da era christãa; Polibio e Plutarco appareceram como meteoros isolados, apezar mesmo de a nova cidade de Alexandria, substituir á Athenas decahida, e radiar com algum fulgor sob o governo dos Ptolomeus, durante cerca de tres a quatro seculos.

Embora de Roma se transferisse a capital do

imperio para Constantinopla, e para a cidade do Bosphoro se transportassem os museus, as bibliothecas, as academias, as escolas, as riquezas e thesouros de toda a especie, de que Roma se ornamentava, e os nobres, os sabios, os litteratos mais distinctos, preferissem acompanhar o imperador, pelo meiado do seculo IV°; Constantinopla nunca tambem possuio litteratura elevada, havendo mesmo trocado pouco tempo depois a lingua official latina pela grega.

Não causaram estes lamentaveis desastres unicamente as revoluções do povo, revoltas dos soldados, deposições e assassinatos de imperadores, improvisações de generaes proclamados chefes do estado, sahidos das diversas raças e nações, e de differentes e não raro infimas e humildes camadas da sociedade; mais concorreram de certo as ideas, o espirito, o sentimento produzidos pela religião nova que Jesus, nascido quatorze annos antes da morte de Augusto, annunciara da Judea, e que devia transformar e regenerar o universo. Diante do sopro moral e divino foram-se dissipando as illusões e fantasmagorias do polytheismo, apezar das atrozes perseguições que os imperadores pagãos inflingiram aos proselytos numerosos, que abandonavam os velhos mythos. Emquanto o culto antigo perdia o prestigio, a autoridade, as crenças que outrora robustecia os animos; nova vida espiritual purificava a fé dos povos, modificava-lhes os costumes, elevava-lhes as esperanças, juntando á inspirações, doutrinas e exemplos de caridade, fraternidade e egualdade, noções transcendentes da unidade de Deus, invisivel e presente sempre á consciencia.

Refulgiram então, e unicos, no meio do declinio intellectual dos pagãos, eximios apostolos do

christianismo, imitando o exemplo de Paulo, e escrevendo obras memoraveis de polemica e uncção religiosa. Em Constantinopla e Alexandria, Athanasio, Basilio, Chrysostomo e Gregorio; em Roma e no occidente do imperio Jeronymo, Agostinho, Ambrosio, Tertulliano: aquelles na lingua grega, estes na latina, propagavam as verdades do christianismo, e desmoronavam os alicerces do antigo culto, já profundamente abalado pelos desastres sociaes e politicos.

Não se mostrava esta litteratura da egreja, pela magestade e eloquencia, superior ao cultivo mediocre das lettras pelos versejadores, criticos, rhetoricos, sofistas, grammaticos, annalistas, romancistas e novelleiros, que predominavam em Roma, Constantinopla e Alexandria? Não se extinguia o gosto pagão, como a lampada que perdido o alimento vê esmorecer até que de todo se apague a luz? Não se deturpavam egualmente as linguas grega e latina manejadas por operarios ineptos e mediocres?

Para final destruição da velha civilisação irromperam, ainda, do quarto para o quinto seculo, hordas de povos barbaros do norte da Europa. Poupada apenas Constantinopla pela posição geographica e fortemente defensavel, bem que corrupta, e trazendo gravadas nas faces as rugas e decrepitudes romanas, precipitaram-se os Anglos Saxonios sobre Inglaterra, Francos e Borgonheses sobre as Gallias; Herulos, Hunos e Gepidas sobre as terras do Danubio; Ostrogodos e Lombardos sobre Italia; Suevos, Alanos e Vandalos, e por fim Visigodos sobre as Hespanhas; e dos Vandalos ainda como catadupas despenhadas dos rochedos, tribus crueis e guerreiras se dirigiram para a Africa septen-

trionnal, e domaram Carthago e as possessões romanas das margens do Mediterraneo.

Foi d'elles egualmente victima, e por vezes, a cidade de Roma, desde que reduzida á provincia e governo de prefeitos, enviados de Constantinopla. Desapparecera o mundo romano no occidente desde Italia até Hespanha e Africa; dominaram por toda a parte os barbaros, que se assenhorearam das povoações e territorios, entre si dividiram a presa, e se estabeleceram como proprietarios. Foi Roma, assaltada por, Genserico, Totila, Odoacre, Alarico, que á frente de hostes sanguinarias, a saqueiaram, arrasaram, incendiaram, destruindo palacios, termas, templos, monumentos, arcos triomphães, circos, enfim theatros. Soara emfim a hora, em que Roma devia pagar seus crimes hediondos, e cahir, ao ruido das procellas e ao furor dos vendaveis politicos, nas vascas da mortal agonia.

Desabou, então, todo o edificio social antigo; sumio-se sua civilisação no seio das trevas, e ao rumor das catastrophes, que os invasores germanicos produziram na Europa occidental; foi-se transformando o viver das nações vencidas, mesclando-se as raças humanas, e irradiando novas aspirações. Começou a edade media com instinctos indefinidos mas barbaros e ferozes; cessou o cultivo das lettras, das sciencias e das artes; pararam os movimentos de vida commercial e industrial; methamorphosearam-se as relações dos homens, e pode-se affirmar que ao dia succedera a noite, aos restos romanos, sociedades e povos diversos, multiplos, ignotos, aturdidos, barbarisados, que procuravam advinhar caminho no meio dos escombros, que lho entorpeciam. Propagava-se felizmente o christianismo, escapo das catacumbas e amphiteatros, onde

a numerosa quantidade de martyres, em vez de extirpa-lo, augmentaram-lhe as forças, prestigio e autoridade moral. De Roma partiram missionnarios que, com inauditos esforços e labutar incessante, trataram de infiltrar nos animos das raças velhas, raças celtas e slavas que se haviam fundido na latina, nos barbaros germanicos, que as tinham escravisado, e nos resquicios saudosos de pagãos romanos, a nova religião, e alcançaram para o christianismo conversões que se amoldavam ás necessidades espirituaes e á nova vida social e civil que carecia de convicção e fé, e dogmas e doutrinas que a regenerassem. A pouco e pouco, Romanos, Italianos, Gallos, Celtas, Slavos, Francos, Borgonheses, Anglos, Saxonios, Godos, Lombardos, tornaram-se christãos, e submetteram-se á direcção dos bispos da Egreja de Roma, denominada catholica, em opposição á grega, que permanecia em Constantinopla.

Em quanto ao fogo do grande incendio se estorciam o povos do occidente europeo transformando-se doridamente, e regenerando-se com abalo notavel; em quanto no crapuloso imperio de Constantinopla corria a vida agitada e conturbada, quer pelas lutas civis e internas e geral desmoralisação que o corruia; quer pelos sustos de que lá chegassem egualmente os barbaros invasores, rebentou na Arabia uma revolução politica e religiosa, que preparou e conseguio civilisação peculiar, afastada e muito da antiga romana. Tudo tendia, no meio de cataclysmos medonhos, para novas organisações extranhas ás ideas e concepções antigas. Fermentavam os elementos de existencia e vida, separavam-se, amoldavam-se, advinhando novas formas, e revolutando em principios indigestos e não raro fortes e energicos.

Do meiado aos ultimos annos do seculo VII° proclamou-se profeta o Arabe Mahomet, egual e continuador de Jesus Christo. Á predica pela palavra; á lição pelo livro, que denominou Korão, e que era um codigo civil e religioso; á força das armas e á victoria material, logrou formar uma nação nova, robusta, enthusiastica, excessivamente crente e guerreira, posto que na maioria composta de varias e encontradas raças e cores.

Não decorrera bem um seculo, e já os successores de Mahomet, á frente dos Arabes, dominavam a Judea, a Syria, a Armenia, o Egypto e a Persia; agglomerados e fundidos sob seu sceptro estas nações estenderam sua autoridade sobre parte importante da Asia, ilhas do Mediterraneo e Africa até os confins da Mauritania: passaram logo depois para as Hespanhas, e o imperio Arabe, á frente de numerosas e diversissimas hordas Asiaticas e Africanas, elevou-se poderoso no mundo, ao passo que seu culto se divulgava e progredia espantosa e egualmente com o fulgor e a rapidez do raio.

Illustrados, engenhosos e activos, os Califas Arabigos, depois de aprenderem dos Gregos de Constantinopla e Alexandria, seus proximos visinhos, noções litterarias, scientificas e artisticas, instituiram collegios, lyceos e universidades para o ensino; edificaram monumentos de primoroso gosto, em cidades como Bagdad, Damasco, Toledo, Cordova, Granada, Marrocos, Sevilha; desenvolveram o commercio, a industria, a agricultura, a navegação; adiantaram as sciencias mathematicas e physicas, e grangearam nomeada portentosa, tanto mais digna de admiração quanto a Europa occidental vivia mergulhada na barbaria e na ignorancia, e os

povos do imperio bysantino guardavam apenas tradições das eras gloriosas de Roma, retrogradando antes que conseguindo adiantamentos.

Notava-se felizmente que no mundo christianisado erguia-se um poderoso imperio sob o sceptro de Carlos Magno, chefe dos Francos, que avassalara a maior parte dos povos Germanicos e tambem os dos Gallias e Italia, posto quasi foi ephemero, porque durou só a vida de um homem, e com seus descendentes dispersou-se immediatamente em fragmentos, legando, todavia, beneficos germens para a futura civilisação da Europa.

Conseguio então o Bispo de Roma inteira supremacia sobre todos os mais representantes da igreja occidental, e autoridade politica e civil nos territorios que lhe foram doados como estado proprio. Sagrando á Carlos Magno como Imperador do occidente e rei de Roma, em paga do auxilio que elle prestára á cidade, salvando-a do antigo dominio de Constantinopla e dos insultos ininterruptos dos Lombardos, alem do dominio temporal de Roma, recebeu do monarcha Franco notavel acrescentamento no exarcado de Ravenna, arrebatado ao imperador do Oriente. D'ahi por diante se consideraram sempre os Papas soberanos temporaes de Roma.

Á Egreja Romana deve-se a salvação de muitos valiosos thesouros litterarios e scientificos de Roma antiga e os que das devastações e ruinas das cidades, foram retirando os monges, os abbades, os bispos, e que aos conventos recolhiam com cuidado e esmero; conservando o uso da lingua latina, ainda que bastante abastardada e applicando-a á todos os actos do catholicismo, transmittiram egualmente ao mundo um instrumento precioso de relações, instrucção e auxilio afim de se

regenerar, illustrar e progredir sob novos auspicios. Fundando, alem d'isto, escolas nos mosteiros e abbadias, e ensinando os primeiros rudimentos e noções das lettras concorreram de modo efficaz para se romperam as sombras negras da epocha, e se favoneiarem os adiantamentos intellectuaes dos povos. Custa a acreditar no grau de ignorancia e grosseria em que tinham cahido as nações occidentaes, até quasi os seculos XIII° e XIV°. Reis, senhores feudáes, habitantes de cidades e campos, servos da gleba, escravos, cavalheiros, não sabiam quasi que lêr e nem possuiam ideas dos beneficios resultantes da instrucção : a pouca sciencia que escava permanecia quasi exclusivamente asylada na Egreja, representada pelos ecclesiasticos de superior jerarchia, e modestos e eruditos monges que se devotavam ao estudo, preferindo o silencio das cellas solitarias ao movimento revolto do mundo.

Como não prevaleceria a Egreja quando pela intelligencia superintendia o espirito, e aconselhava ao mesmo tempo á respeito dos interesses sociaes, moraes e politicos ? Como não sujeitaria á sua vontade os potentados ignorantes que ouviam felizmente sua voz e obedeciam a seu influxo ?

Pretendeu, e por vezes conseguio, converter-se em unica força temporal, e a doutrina, o dogma, as licções de Christo, a santidade da vida, os exemplos dos apostolos, a moralidade dos meios, sacrificaram-se, não raro, á paixões desordenadas e condemnaveis.

É erro imputar-se á liberdade os excessos e horrores das desordens e da anarquia. Não constitue erro menor attribuir-se á religião os defeitos, vicios e crimes dos representantes da Egreja.

Para gloria da Egreja, quando mesmo se lhe

notem estas e outras faltas censuraveis, basta que nos recordemos que foi ella que durante os sombrios horizontes da edade media sustentou com denodo os principios de egualdade contra o feudalismo, da disciplina contra a turbulencia, da liberdade contra a escravidão, do direito contra a força, elevando-se assim á altura de mãe das crenças, do pensamento, e do ensino.

Organisada admiravelmente como instituição politica e religiosa, e dividida em jerarquias, escolhia e espalhava, por toda a parte, missionarios apostolicos, que á Egreja catholica attrahiam toda a preponderancia. Não se ligou á nem-uma patria, abraçou-se unicamente com a propaganda da doutrina. Reunindo concilios; exercendo pompa de actos para impressionar os animos; cathequisando os incredulos e ignorantes; abrindo portas á beatificação e santificação de homens e mulheres, no intento de appoiar-se no espirito e no coração de todos; accrescentou-se sempre em prestigio sobre as almas, e robusteceu-se com forças, que a tem victoriosamente amparado.

Foi a poesia dramatica o primeiro ramo litterario, que decahio em Roma. Quando os Padres eximios da Egreja catholica perceberam os males provenientes de peças indecentes, ridiculas e torpes, que se representavam, condemnaram-na como immoral e irreligiosa, e admoestaram aos christãos que não frequentassem os theatros. Corria ainda o seculo III°, e já o povo christão, obediente á voz e exhortações de seus pastores, perdera o gosto da tragedia e da comedia, e os pagãos ainda remitentes não ousaram defender os expectaculos. Ao drama substituiram, d'ahi por diante, arlequins e polichinellos, voltando-se aos habitos dos primitivos habitantes de Roma.

Até o seculo XIII° não conheceu a Europa occidental a poesia dramatica. Um ou outro erudito poderia ler nos originaes as composições de Plauto, Terencio e Seneca: quanto ás obras Gregas, pertenciam á lingua, que ninguem mais sabia na Italia, França, Allemanha, Inglaterra e Hespanhas.

Como se iniciou de novo na Europa a poesia dramatica? Disputada questão, e ainda não resolvida satisfactoriamente. Affirmam varios escriptores que os Cruzados que, durante tres seculos, se recrutavam na Europa, partiam para o Oriente e guerreavam os Turcos já então preponderantes sobre os Arabes, cujo imperio desapparecera na Asia, e não tardára tambem em perder-se nas Hespanhas, e Africa, assistiram curiosamente em Constantinopla á representações dramaticas, que os Gregos continuavam ainda á apreciar. Sustentam, porem, outros autores que a litteratura dramatica na capital do imperio do Oriente havia sido egualmente abandonada, como o fora em Roma antes de a invadirem os barbaros. Ha muitos, porem, que aceitam uma opinão media, e asseveram que os bispos da Egreja grega, separada da Romana, redigiam em dialogos os factos mais notaveis das escripturas sanctas, e os faziam recitar pelos clerigos nas festas religiosas para entretenimento e instrucção das suas ovelhas, e devia d'ahi partir á resurreição da poesia dramatica.

Agrada-nos e convence-nos mais a opinião dos ultimos, porque egual successo se verificou depois na Europa catholica. Provavel, sinão certo, nos parece que os Cruzados Europeus quando já recolhidos á seus lares recontando suas viagens e aventuras acontecidas nos paizes do Oriente, e sumariando as grandezas e maravilhas, que em Constan-

tinopla os tinham fascinado, não se esqueceram de minuciar os referidos expectaculos.

Qualquer que seja a versão admittida, não ha que duvidar, a Egreja catholica começou pelos seculos XII° e XIII° a fazer representar scenas dramaticas á respeito de assumptos incluidos na Biblia e nos evangelhos dos apostolos.

Redigidos os dialogos em latim, lingua de todos os actos da Egreja, official dos governos, e de todas as composições que então se escreviam, prosa ou verso, bem como dos contractos publicos e particulares e dos tribunaes e juizes, eram elles confiados á memoria de clerigos intelligentes. Convocava-se o povo para as festas nas abbadias, claustros e templos, e promettia-se-lhe a representação de um mysterio á respeito de cousas sagradas.

Depois dos sacramentos e do sermão, em um tablado levantado adréde, perto do altar môr, e que occupavam os improvisados comicos, vestidos á caracter, repetiam elles os dialogos, accompanhando-os com acções e movimentos significativos do pensamento enunciado. Presidia ao expectaculo o Bispo, abbade, ou superior da Egreja, no proposito de prestar-lhes importancia e impôr-lhes o respeito. Destinavam-se esses dialogos, intitulados mysterios, á instrucção do povo, á propagação da doutrina, á garantia da fé, ao melhoramento dos costumes. Provavel é que os não comprehendessem inteiramente as multidões, que fallavam rusticos dialectos de mesclados idiomas. Agradava, todavia, o expectaculo, porque via-se Jesus-Christo, Maria Magdalena, a Virgem santissima, S. Pedro, e nunca faltava Judas para que, ridicularisado e flagellado, provocasse a hilaridade dos pios ouvintes.

D'estes mysterios, parêce, procedeu a poesia dra-

matica da Europa moderna, opulentada posteriormente com o estudo e apreciação ao principio dos modelos romanos e depois dos gregos.

Referem as chronicas que, no correr do seculo XIV°, uma freira allemãa, por nome Horswitha, compuzera na lingua latina não menos de seis mysterios dramaticos, e os representara, coadjuvada por outras monjas, vestidas de homens, no convento de Gandersheim, perante quantidade extraordinaria de expectadores, que applaudiram phreneticamente as scenas. No seculo seguinte, Hans-Sachs escreveu mysterios em idioma teutonico, e ganhou estima e fama entre seus compatriotas.

Contam egualmente que, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, o Bispo inglez Saint-Albans introduzira o gosto em sua patria, redigindo elle proprio os mysterios, assistindo aos ensaios, e presidindo os expectaculos nas Egrejas, aos quaes convidava o povo, como á festa religiosa. Falla-se de um dos seus mysterios que expunha em dialogos e acção todas as peripecias da Paixão de Jesus, desde que fora preso até que morrêra na Cruz : de outro que começava desde o nascimento do filho de Deus, figurando os Reis Magos, a estrella que annunciava a vinda do Messias, S José e Santa Maria e o que não deixa de excitar o riso, Virgilio, pagão, á adorar o senhor, e á endereçar-lhe versos : de um terceiro, que mostrava em scena a burra de Balaão, que o povo victoriava, promettendo-lhe aveia e palha, cáso ella fallasse : não é menos digno de nota outro mysterio do bispo Saint-Albans, pintando Noé e sua familia á salvarem-se do diluvio, e á entrarem para a arca; repugnava assustada a mulher de Noé a deixar a terra, e como o marido insistia e queria obrigar, ella raivosa dava-lhe empur-

rões e pancadas. Era o jocoso improvisado para ganhar sympathias das plateas.

Assim como na Allemanha e Inglaterra defundia-se egualmente por toda a Europa occidental o gosto pelos denominados mysterios.

No meio de calamidades e miserias, que os povos supportavam, raiavam algumas oportunidades para se alegrarem e encontrarem lenitivo ás suas dores e soffrimentos. Nas suas crenças profundas, e nos alivios e soccorros que lhes prestava a Egreja catholica, tomavam o ceo por sua patria, e o templo por sua casa. Os mysterios que se representavam nos dias santificados, e apôz os sacrificios divinos, robusteciam-lhes a fé e as superstições, e serviam-lhes de broquel contra as paixões que lhes ferviam nos peitos.

Com o tempo conseguiram por toda a parte que a linguagem latina dos mysterios se entremeiasse com a dos seus dialectos, áfim de serêm mais claramente comprehendidos, e por ultimo que só nos idiomas vulgares fossem escriptos e recitados. Tornava-os mais interessantes a mescla do serio e do jocoso, das lagrimas e do riso, do sagrado e do burlesco. Na construcção das cathedraes gothicas não se havia applicado identico systema? Nos vidros, jelosias e portas não tinham os pintores e escultores traçado e gravado figuras grotescas, scenas comicas, phantasias loucas? Não accompanhavam aos reis e barões feudaes bobos, incumbidos de lhes dizerêm graçolas, que os alegrassem no meio de suas cortes?

Collocavam-se, pois, nos mysterios, ao lado da Virgem Maria e de Magdalena, o Judeu errante, Barabas, o diabo com chifres e pés revirados, Judas açoitado, e as multidões entregavam-se ao enthu-

siasmo e ao mesmo tempo á expansão franca de sua alegria.

Da Egreja transportaram-se tambem os mysterios para as praças publicas, e o rei francez Carlos VI°, no anno de 1402, concedeu á uma companhia, intitulada da paixão, a graça de representar de dia, no Hospital da Trindade, em Pariz, mysterios fundados nas santas escripturas, e escriptos na lingua popular. Foi-lhe egualmente permittido expor milagres, isto é, novas formas de mysterios, á respeito de assumptos extrahidos das vidas dos santos que a Egreja canonisara, e cujos feitos sobrehumanos e milagrosos constituiam doutrinas de fé e de devoção.

Logo que das Egrejas se retiráram os mysterios, deixaram os frades e clero de os representarem, e foi a missão incumbida á companhias de comicos leigos, que se organisaram.

Obteve successo extrondoso em Pariz um mysterio que a nova companhia levou á scena acerca da paixão de Jesus Christo. Dividia-se o tablado em oito andares sobrepostos; no superior mostrava-se Deus padre cercado de anjos e santos, no seio do Ceo. No de rez do chão agglomeravam-se os diabos dentro do inferno, que ardia em fogos. Distribuiam-se pelos andares intermediarios scenas pittorescas; vistas da Palestina, de Jerusalem, de Belem, do Egypto, do monte das Oliveiras, do mar Morto, e appareciam Christo, Pilatos, Herodes, Caifaz, Judas, Magdalena, a Virgem santissima e os apostolos, que explicavam os factos dos evangelhos, em scenas tocantes e enternecedoras. Foi tal a impressão produzida por este mysterio, que a companhia o fez representar em varias cidades de França, Flandres, Borgonha, Lorena, e Allemanha.

Conta-se que o povo, para melhor saboreia-los, exigia que fossem ao vivo e ao natural as acções, gestos e movimentos dos comicos e as brigas e pauladas que entre si tivessem de trocar os personagens. Ai do actor que ficticiamente desempenhasse o papel de que se encarregára! Tão perfeitamente em Metz imitou um frade o personagem de Judas, que os expectadores, tomando-o pelo verdadeiro trahidor, invadiram o tablado, agarraram-no e maltrataram cruelmente.

Com os applausos que obtiveram os milagres, que abriam horisontes mais vastos aos assumptos e ás scenas, e que quasi fizeram esquecer os mysterios, inventaram-se, depois, outras formas de expectaculo. Com os feitos e palavras dos santos, introduziram-se moralidades, figurando allegoricamente as virtudes theologáes e os peccados mortáes, encomiando-se as qualidades nobres e crenças orthodoxas, e censurando-se os defeitos e vicios, carecedores de punição. Chegou, emfim, a vez de se escreverem farças, com assumpto popular e personagens vulgares, e as multidões, revendo-se e reconhecendo-se n'ellas, as preferiram immediatamente aos mysterios, milagres e moralidades.

Pelas Hespanhas, mais ainda talvez espalhou-se o gosto dos mysterios, porque nem-uma população da Europa ressentia tanto enthusiasmo pelo culto catholico, adoptava tantas superstições, depositava tamanha fé nas doutrinas, dogmas, e ensinamentos da Egreja de Roma. Haviam os Hespanhoes combatido permanentemente e luctavam ainda contra Arabes e Mouros, senhores de grande parte do solo peninsular, e que lhes convinha expellir d'esse mimoso canto da Europa; attribuiam exclusivamente ao catholicismo seus successos felizes desde que, sahidos

das cavernas das Asturias, guerreavam sem cessar e ganhavam cada anno novas victorias. Não eram seus inimigos os discipulos de Mahomet, cujas crenças symbolisavam a mais criminosa impiedade e a seita mais condemnada?

Tratava-se de encomiar os dogmas do christianismo, de celebrar os feitos e milagres referidos pelas santas escripturas, ahi estava o hespanhol para applaudir com todo o fervor e contentamento. Dedicaram-se pois ás representações de mysterios, que egualmente das egrejas foram transferidos para edificios particulares, e enxame de versejadores não perdiam occasião para converterem em dialogos as scenas que a Biblia, os Evangelhos e vidas dos santos commemoravam; improvisavam-se tablados no meio das praças publicas, e ás portas dos templos, no intuito de assistirem todos os devotos. Tomaram os mysterios titulo mais appropriado á indole e sentimentos do povo; appellidaram-se nas Hespanhas — autos sacramentaes.

Manifestaram, todavia, os Italianos menos amor á esses expectaculos: exceptuada a farça, que lhes prestava elementos de critica, satyra e ridiculo, com que estremosamente folgavam, porque scepticos mais que religiosos, bem que compridores de todas as exterioridades que a Egreja reclamava, nêm á seu clero e nem á suas palavras e sermões poupavam em suas facecias; preferiram continuar com representações de polichinellos, arlequins e pasquinos, cujo gosto lhes haviam legado os antigos romanos, e com brigas de galos e cães, cujas peripecias os cortavam de jubilo intenso. Mais instruidas e eruditas as classes elevadas, compostas em maioria de ecclesiasticos, empenhadas no estudo da lingua latina e dos livros classicos, que sabiam

apreciar, nem-um encanto podiam deparar em composições de mysterios informes e burlescos, despidos de gosto litterario, que lhes não surriam como a leitura de comedias de Terencio e Plauto, e tragedias de Seneca, de que abundavam em Italia copias, que a imprensa, apenas inventada, tratou de publicar, multiplicando os exemplares originaes e traducções effectuadas no idioma italiano.

Até quasi o fim do seculo XVI° representaram-se na Europa mysterios, milagres, moralidades e farças populares, bem que nem-um merecimento litterario possamos hoje descobrir na copiosa quantidade, á que attingiram.

Devemos pensar que não nos dialogos, não nas scenas, não nas palavras, nem na lettra morta finalmente, descobriam as multidões motivos para tanto se exaltarem e applaudirem. Da alma do expectador, das suas crenças, de suas superstições, dos terrores de seu espirito procediam, de certo, o gosto e o enthusiasmo, que os incendiavam. N'esses expectaculos os accompanhavam sua fé, suas ideas, sua educação, e as tribulações de sua vida sem cessar agitada. Que mais era preciso para que as representações fossem concurridas extraordinariamente, e correspondessem, de todo, ao pensar e ao sentimento da epocha?

Logo que se transportaram das egrejas para as praças e para edificios profanos, foram-se os expectaculos emancipando do respeito e tradições religiosas, ganhando liberdades e licenças, e pouco á pouco dirigindo criticas e conceitos sarcasticos contra a mãe que lhes dera a vida, amamentara-os ao colo, e com tanto amor os desenvolvera. Adoptado de preferencia o molde das farças, não sómente contra a Egreja, senão tambem contra as classes

nobres e abastadas, e contra a propria burguezia, mais as estimavam e applaudiam os populares.

De todas essas innumeras composições tem direito á nota tres unicamente : os mysterios da freira allemãe Horswitha, e duas composições, uma franceza e outra hespanhola ; quasi que ellas advinharam os elementos, em que a poesia dramatica se funda, e com que se irradia nas pinturas de caracteres e interesse de acção scenica. Pertence á França a farça do Mestre Pathelin, de autor ignorado, que se representou em Pariz ao findar o seculo XV°, e se conserva nas bibliothecas como especimen litterario dos costumes e sentir do tempo ; arrebata-se de contentamento o amor proprio francez, d'ella derivando a comedia. Mas no Mestre Pathelin ha acções diversas, ou antes scenas differentes, cosidas umas ás outras, e sem ligação de assumpto : mais dialogos destacados, que correspondentes á uma acção analoga. Verdade é que as rixas do advogado pobre e velhaco com a mulher encerram naturalidade e espirito mordente ; e os requerimentos e lamentações do mercador caloteado, e as duvidas do juiz que não sabe como resolver, si o pagamento da demanda deve sêr verificado em panos ou em carneiros, provocam hilaridade. Scenas burlescas, extravagantes e indecente e grosseira linguagem, produzem, porêm, desagradavel impressão, e não lampeja intriga comica que sustente o interesse.

O mysterio hespanhol da Celestina, que pouco mais ou menos remonta aos ultimos annos do seculo XV° ou começo do XVI°, attribuido á Rodrigo Cota, e ao qual, infundadamente prendem tambem os povos peninsulares a origem do seu drama, não se reveste egualmente de requisitos

que sejam comicos. Começa por uma egloga entre Calixto e uma pastora, chamada Melibea, repleta de inexplicaveis e indecentes conceitos : apparecem lacaios a procurar uma velha Celestina, corruptora de donzellas, e á repetir pilherias. Promette a decrepita á Parmenion conseguir-lhe a posse de Arethusa, mediante uma somma de dinheiro, e a peça termina sem que se saiba de nem-uma das aventuras iniciadas. Notam-se, todavia, alguns versos amenos, e ás vezes colloquios que agradam. Podem-se, porêm, considerar comedias essas composições agrestes e grotescas em geral, ainda mesmo comedias no berço ? Não ; serão antes dialogos variados sobre assumptos differentes.

Mais que nem-uma das duas composições visam as da freira allemãa á pretenções dramaticas, posto que não passem de dialogos acerca de factos referidos pelas escripturas sagradas.

Como quer que fosse, as liberdades exageradas que a farça tomou em França, Allemanha e Inglaterra, obrigaram os bispos á condemna-las, fulminando excommunhões contra os catholicos, que as frequentassem, visto que se haviam tornado satyricas, indecentes, desrespeitosas para a Egreja e seus representantes, e insufladoras de immoralidades : nas suas epistolas, declaravam que os mysterios e milagres unicamente guardavam a fé devida aos dogmas, á disciplina e aos objectos sagrados. Resultou d'ahi uma luta latente ao principio, declarada mais tarde entre a classe religiosa e as massas populares, que nas farças deparavam seu mais agradavel entretenimento, e que, portanto, continuaram á applaudi-las sempre que se representavam, com tanto mais prazer quanto ellas mais motejassem o clero.

V

Poesia dramatica em Portugal e Hespanha.

Não trepidamos em asseverar que o verdadeiro drama moderno teve origem nas Hespanhas, e começou em Portugal. Na poesia lyrica e epica se haviam adiantado os italianos aos outros povos; nos romances cavalheirosos os inglezes; nos canticos patrioticos os allemães; no cultivo da historia, e na narração de chronicas, os francezes.

Procedem os povos das Hespanhas de mescla de muitas e diversas nações. Iberos e tribus diversas de Celtas parece terem sido seus primeiros habitadores. Encontram-se ainda vestigios dos primeiros nas quatro provincias denominadas vasconsas, que occupam os territorios da orla oriental dos Pyreneos ao golfo denominado Gasconha : fallam lingua de origem turanica, com affinidades da bulgara e da turca; conservam antigos costumes campestres e altivos, e quasi se não amoldam e nêm se fundem nas demais raças da peninsula, que formam actualmente nacionalidade homogenea e harmonica.

Phenicios, Gregos, Carthagineses, Romanos, Vandalos, Alanos, e Suevos, se introduziram depois na peninsula e avassallaram os Celtas. Os Godos a todos elles venceram no correr do V° seculo, e domina-

ram as Hespanhas, e ahi imprimiram signaes mais ou menos evidentes de seus usos e tendencias. Invadiram-nas, por fim, os Arabes e Mouros d'Africa, resultando da agglomeração e mistura de tão diversos elementos a nação hespanhola, e o estado livre e independente de Portugal. Tanto Hespanha como Portugal formaram e formam ainda, bem que separados, um corpo ethnologico, dotado de caracteres geraes e communs; mas o povo portuguez, á proporção que firmou sua nacionalidade, enxertou-a de elementos extranhos, e destacou-se em traços secundarios, francos e salientes.

Dos diversos idiomas, que fallavam os antigos Catalães, Gallegos, Castelhanos, Navarrezes e mais habitantes da peninsula, o tempo, os interesses publicos, a unidade da monarquia sob o sceptro de Izabel e Fernando e seus successores, conseguiram que um só se tornasse litterario, official e predominante, o castelhano, e que permanecem os outros como dialectos populares e peculiares de provincias. Por sua parte, Portugal, sustentado e garantido na sua nacionalidade e autonomia pelo valor e patriotismo de seus naturaes, formou sobre o idioma gallego que fora sua lingua ao destacar-se de Hespanha, uma linguagem particular, que aperfeiçoou com o contacto e relações de Normandos e Francezes, e estudo profundo e acurado, á que se entregavam, da lingua latina. Seus escriptores conseguiram assim fallar e escrever uma lingua que se lhe tornou propria e logrou marchar parallelamente com o desenvolvimento politico e social da sua liberdade.

Conservam, todavia, todos os idiomas officiaes e vulgares das Hespanhas, exceptuado o Vasconso, uma affinidade, um ar de familia, que revela sua origem romana, bem que corrumpidos pelo godo e

arabe, que mais ou menos em cada um d'ellas influenciaram.

Procedera Italia á todas as nações Europeas na fixação litteraria de sua lingua: e pois mais adiantada cultivou antes que nem-uma a litteratura, e conseguio inocular nos demais povos da Europa suas graças subtis e ligeiras, meguices, melodias e sonoridade euphonica.

Nos primeiros annos do seculo XV° é que começaram Portuguezes e Castelhanos a escrever obras nos seus idiomas respectivos.

Ao lado do romance hespanhol do Cid Campeador, collocava-se a novella de Amadis de Gallia, composta pelo portuguez Vasco da Lobeira, guerreiro da ala dos namorados do exercito de D. João I°. Poesias de toda a especie, carmes narrativos e cavalheirosos em verso e prosa, chronicas e historias, em um e outro reino, abundaram logo, patenteando a proficiencia e genio de seus povos e as propriedades de seus idiomas para os productos da intelligencia, comquanto revelassem indole, gosto e aspirações diversas, porque é principio inalteravel que a politica modifica os idiomas. Os Oscos e Umbrios perderam o seu e adoptaram o latino; os normandos e burgonheses admittiram o francez wallon; e os lombardos o italiano de Sicilia.

Mais que todos os generos litterarios agradavam, todavia, aos povos de Portugal e de Hespanha, os mysterios ou autos sacramentaes, e muitos foram os escriptores que se applicaram á sua composição.

Entre elles primou Gil Vicente, portuguez, nascido em 1470, que na lingua portugueza, na castelhana, e em ambas ás vezes promiscuamente, escreveu autos sacramentaes, tidos sêm contestação como os mais interessantes da epocha, e superiores aos ante-

cedentes e contemporaneos. Abandonando, depois, assumptos religiosos e allegoricos, esmerou-se Gil Vicente na redacção de farças e por fim na de tragicomedias, como intitulou varias das suas composições. De feito as farças e tragi-comedias de Gil Vicente, bastantemente distanciadas dos mysterios, pertencem já á poesia dramatica, ainda que na infancia. Deve Gil Vicente ser, portanto, considerado senão o creador do theatro europeu, pelo menos o creador do theatro portuguez e hespanhol. Varios coevos lhe accompanharam de longe as pisadas tanto hespanhoes como portuguezes; nem-um, porem, o egualou na linguagem, na finura dos pensamentos, na invenção do assumpto, no interesse das scenas, no espirito mordaz e satyrico e na pintura dos costumes. Era comica a veia de Gil Vicente, em quanto que seus contemporaneos rivaes nao passavam de autores de dialogos e metrificadores de eglogas. Pode-se, tambem, dizer que o portuguez Prestes e os hespanhoes, João de la Encina e Rueda, o accompanharam como discipulos aproveitados.

Em fins do seculo XV° e começo do XVI° representava Gil Vicente suas composições com seus filhos e amigos, nos paços reaes de D. Manuel, perante toda a luzida corte do monarcha que os applaudia e animava com protecção e favores ao poeta. Publicados logo, attrahiram a attenção publica, e grangearam-lhe fama. Chegou sua reputação ao conhecimento do philosopho Erasmo, em noticias dadas por Judeus portuguezes refugiados em Hollanda. Tratou o famoso litterato de aprender de proposito a lingua portugueza no desejo de apreciar tão gabadas obras, e desde que conseguio le-las nos originaes, proclamou o autor de Plauto moderno, e dirigio-lhe rasgados elogios.

Ainda hoje leem os Portuguezes de gosto as obras dramaticas de Gil Vicente com o maior prazer e estima. Suas farças e tragi-comedias não tem senão scenas seguidas, dialogos apenas cortados com cantigas, chacaras e loas populares, mas primam pela metrificação e estylo mordaz; emprega o poeta o verso octosyllabo como mais harmonioso e agradavel. Faltam-lhe, porem, ás peças acção desenvolvida e intrigada, e um interesse permanente, que prenda a attenção do expectador : as tragi-comedias desenvolvem-se, todavia, com mais largos incidentes, scenas espirituosas e sarcasticas, e tal qual pintura de caracteres. Na farça denominada Ignez Pereira espraia-se seiva satyrica e descripção agradavel de aventuras; na dos Almocreves; ironias pungentes e malicia arrebatadora bem como na de Quem tem farellos : na da Feira sobresahe o ridiculo contra os vicios da hypocrisia e da superstição, contra frades e padres simoniacos, e contra as vendas de bulas para perdão de peccados; nas do Juiz da Beira e testamento de Maria Parda, a veia poetica encontra dialogos causticos contra a devassidão dos costumes de varias classes da sociedade, louçania de ideas, modos de dizer, e como que advinhação da necessidade de pintar caracteres de personagens. Na tragi-comedia de D. Prandos revela-se bastante sentimentalismo e instinctos de paixão singulares. Não se descobrem grandes raptos de imaginação, vôos de poesia, fertilidade de peripecias e surpresas : admiram-se, porêm, a verdade dos dialogos, a naturalidade das scenas, a vivacidade da acção, a harmonia e propriedade de linguagem, os sainetes constantes, ditos alegres, pensamentos criticos, rasgos satyricos. Mostra-se o poeta, alem d'isto, espirito livre e audacioso, que não teme arcar com as potestades do dia,

e nem ridicularisar seus vicios. Originalidade, sobretudo, é sua principal qualidade, e pode-se appellidar seu theatro de nacional e autonomo, nada tomando emprestado aos romanos, nem divisões de actos, nem leis de unidade, e nem regularidade de forma.

Seguiram-se em Portugal a Gil Vicente, e no correr da metade do seculo XV°, Francisco Sá de Miranda nascido em 1495 e o doutor Antonio Ferreira em 1528, que se applicaram egualmente á poesia dramatica. Eram, porêm, muito instruidos nas litteraturas romana e italiana, conheciam e apreciavam os classicos latinos e os consideravam exemplares de gosto. Tornou-se particularmente o primeiro simples copista, e copista de frieza imperdoavel, dividindo em actos as suas composições, e adoptando as regras que preconisavam as obras de Plauto, comquanto no estylo e na linguagem se lhe não devam poupar elogios tanto mais que foi, depois do italiano Machiavelli, o primeiro que escreveu comedias, imitativas das latinas, quando o seculo XVI° não contava mais de vinte cinco annos de seu curso.

Estudára Antonio Ferreira a lingua e litteratura grega, cujo gosto começava então a espalhar-se pela Europa, e por essa razão aformoseou melhor suas composições, posto que tanto elle como Sá de Miranda desprezassem a escola livre, que ensaiara Gil Vicente e que unica poderia nacionalisar em Portugal uma poesia dramatica original e autonoma.

Impressionara-se Ferreira com a simplicidade da acção, a sublimidade dos pensamentos, a elevação das ideas, a symetria artistica dos Gregos e o emprego dos côros para inspirações lyricas, que amenizassem o expectaculo.

Escolheu assumpto nacional felizmente, e n'elle elevou-se com brilho. Esboçou os amores romanticos e o barbaro assassinato de Ignez de Castro pelos cortesãos de Affonso IV°. Pena foi que se curvasse ás unidades classicas latinas. Prendeu assim seu genio á cadeias, que lhe embargaram os vôos da imaginação e o desenvolvimento necessario dos affectos, das paixões e dos acontecimentos. Singelamente distribuida a acção, entremeiada de côros que cantam deliciosas endeixas bem que não suba á sublimidade e nem mesmo alcance as bellezas esplendidas da poesia grega, é a tragedia de Ignez de Castro não somente a primeira regular e classica em data, escripta nos idiomas modernos e em versos hendecasyllabos imitados da metrificação italiana, como tambem encerra formosas scenas, pintura notavel de caracteres, descripção apaixonada, interesse, sentimento e pathetico notavel.

Asseveramos que foi a primeira tragedia regular na Europa depois da queda do imperio Romano, porque os italianos levantam pretenções em favor de uma tragedia, que pouco mais ou menos pelo mesmo tempo compuzera Trissino, com o titulo de Sophonisba. Cumpre ainda acrescentar que, além de assumpto de historia antiga, é ainda o drama de Trissino muito inferior ao do poeta portuguez, já nos meritos intrinsecos, já principalmente no lyrismo exaltado e maravilhoso dos côros que enriquecem á Ignez de Castro.

Unico portuguez ousou Camões seguir a escola de Gil Vicente. Escreveu tres comedias, em que transluz seu espirito motejador, seu gosto da satyra. Algumas scenas e personagens têm direito á elogios, mas infelizmente não applicou-lhes aquelle genio admiravel, de que era dotado tão profusamente pela na-

tureza, porque as considerou unicamente brincos e devaneios da intelligencia, improprios de cuidado esmerado.

E' certo que em Portugal não deixou Gil Vicente discipulos, e muitos no entanto adquirira em Hespanha; por essa razão não se reveste a litteratura dramatica portugueza de originalidade e brilho, ou porque logo em 1580 se prostrasse captivo ao jugo de Hespanha, e ainda que, libertado em 1640, se exhaurira de forças intellectuaes, ou porque o gosto dramatico se extraviára desde a morte de Gil Vicente. Nêm conseguira rehabilita-lo no principio do seculo XVIII° um escriptor notavel, Antonio José da Silva, nascido no Rio de Janeiro, queimado em auto da fé pelo Tribunal da Inquisição, como oriundo de Judeus, e que entretanto patenteára talentos singulares e primorosos para a comedia: lembrou-se de sêr livre e original, autonomo, popular: adoptou a theoria de Gil Vicente, legou á patria modelos agradaveis de composição dramatica, bem que afeiados não raro com situações escabrosas e linguagem constantemente vulgar: pagou, todavia, com a vida a audacia, com que estigmatisara nas operas denominadas do Judeo, superstições, hypocrisias e vicios de autoridades civis e ecclesiasticas.

Hespanha, no entanto, conseguio nacionalisar um theatro proprio, no terceiro quartel do seculo XVI°, porque o gosto da poesia dramatica manifestou-se no seu povo antes que nem-uma outra nação moderna o alcançasse. Apoz esboços comicos informes, mas não raro notaveis, de escriptores secundarios, appareceu Miguel Cervantes, nascido em 1547, e autor afamado do romance de Dom Quichotte de la Mancha. Seguio os moldes estabelecidos por Gil Vicente de scenas seguidas sem interrupção. Duas de suas

peças merecem particular attenção, já pelo colorido nacional, já pelo assumpto e situações commovedoras : tem ambas direitos para se qualificarem dramas, posto que ainda tambem imperfeitos nas formas artisticas.

Numancia e Tratode Argel são seus titulos. No primeiro o sopro de exaltação patriotica anima os habitantes da cidade, defendendo-se contra os Romanos, que a assediam ; reduzidos finalmente á fome, preferem todos sepultar-se nas ruinas da patria á se entregarem aos vencedores.

Debuxa o segundo as guerras hespanholas em Argel, o quadro do captiveiro, á que se condemnam os prisioneiros, os costumes dos Mouros, scenas de sua vida intima, perseguições que praticam contra os christãos, aventuras amorosas que ás vezes se travam entre elles, apesar das religiões contrarias que professam. Delicadeza e verdade de toques, interesse de situações, descripção de caracteres, verdade historica, provam sufficientemente que, prisioneiro em Argel, estudara Cervantes com esmero a indole e habitos dos Mouros para os expôr fielmente aos olhos de seus compatriotas.

Gloriam-se, pois, as Hespanhas com a precedencia da poesia dramatica, porque original e autonoma, não imitada das antiguidades classicas.

A Italia nunca conheceu nacionalidade na sua poesia dramatica ; devotada ao estudo e admiração dos Romanos e Gregos, contestava-se com traducções, e quando muito com servis imitações. Nos ultimos annos do mesmo seculo é que Inglaterra principiou á cultivar o drama. França no seculo XVII° e Allemanha do meiado para o fim do XVIII°.

Foi Cervantes eclipsado no drama por Lope de Vega, prodigio de invenção e de fecundidade, e que

nascido em 1560, compoz quatro centos autos sacramentáes, oitocentos dramas, extraordinaria quantidade de poemetos, elogios, eglogas, alegorias, dythirambos, apòtheoses, sonetos, odes e cantatas. Nada de perfeito se pode exigir de semelhante rapidez de concepção, distribuição e redacção : razão de mais para espantar-nos a expansão, a vivacidade, a variedade, a elevação de genio tão aprimorado !

Ao começar sua vida encontrou já preparado o terreno para espraiar-se, e reunidos os necessarios elementos para o feliz successo dos dramas. Fixára Fellipe II° a capital da monarquia em Madrid no anno de 1561. Levantaram-se ali immediatamente theatros para as representações scenicas. Tomára-se o povo do gosto dramatico, e não poupou sacrificios para satifaze-lo. Organisaram-se companhias de actores, e permittio-se ás mulheres que fizessem d'ellas parte, o que até então difficilmente se permittia. Outras cidades de Hespanha imitaram o exemplo de Madrid, e geral o enthusiasmo se notou pelos expectaculos.

Fixou Lope de Vega as regras do theatro hespanhol : não admittió, como Gil Vicente e Cervantes, scenas seguidas sem divisão de actos ; e nem como Sá de Miranda e Antonio Ferreira o verso hendecasyllabo : preferio a divisão dos dramas em partes com o titulo de jornadas ; podendo, todavia, as scenas cortar-se com mudança de localidades e até de tempo : adoptando o verso octosyllabo, terminou-o em rima, para que melhor soasse ao ouvido : acção sempre complicada, e mesmo varias acções e agglomeradas, que, todavia, se harmonisassem : aventuras surprehendentes, situações de interesse, intrigas repetidas, formando como que romances em dialogos.

Da historia patria, das chronicas, das legendas hespanholas, extrahio grande parte de assumptos de seus dramas, com o que se lhe affeiçoaram mais as sympathias dos compatriotas. Accrescendo-os com incidentes e aventuras de invenção, desenhando paixões amorosas, esboçando façanhas, ridicularisando vicios, provocando as lagrimas e a hilaridade, commemorando nomes heroicos, e prestando vivacidade ao correr da acção, escreveu Lope de Vega algumas obras preciosas que ainda hoje se representam nos theatros de Hespanha.

Não se assimilhariam ás arvores que brotam instantaneamente, cobrem-se de folhagem, enfeitiçam os olhos, mas não produzem flores e nêm fructos, e cuja vida se extingue com a mesma celeridade com que nasceram e se desenvolveram ? Em compensação, gastam tempo immenso os cedros para crescerem, estenderem galhos, e vestirem-se de folhedo, mas conseguem resistir ás procellas da natureza e aos assaltos dos homens.

Como, porem, conservar-nos impassivos diante d'essa poesia original, patriotica, religiosa, solta, galgando por cima de difficuldades, juntando a religião á crueldade, a virtude ao vicio, o fanatismo á piedade, a devoção aos costumes desregrados, tudo porêm hespanhol na essencia, no coração, n'alma, no espirito ?

Que importa que se affeêm os dramas com trocadilhos de linguagem, expressões emphaticas e hyperbolicas, imagens mythologicas abundantes, conceitos alambicados, ás vezes aventuras inverosimeis, intrigas sem nexo ? Não eram methaphoricos os modos de dizer e fallar dos hespanhoes, que se orgulhavam de só deverem á seu braço e á providencia divina as victorias que haviam alcançado

contra Arabes e Mouros ? O som guttural e imponente da lingua, e as pompas e galas do vocabulario castelhano, não aclareiam a physionomia e o sentimento intimo de amor proprio exaltado ?

E' hespanhola e original a poesia dramatica, que na peninsula começou com Gil Vicente, alargou-se com Cervantes, embellezou-se com Lope de Vega e seus coevos, e aperfeiçoou-se finalmente com Calderon; basta-lhe esse caracteristico para realça-la. Não a opulentam, egualmente, bellezas de pensamento, formosura de formas, e pinturas delicadas de acção, situações, peripecias e paixões?

Não divergia tanto a historia das Hespanhas da historia dos outros povos da Europa, e o tempo e os acontecimentos não criam e fomentam sentir e pensar differentes ? Combater Mouros nove seculos seguidos, sem quasi um dia, ou uma noite de descanso, para defenderem o solo da patria, para expellirem d'elle os invasores que aliás se mostravam cavalheiros e mais civilisados, para formarem uma nação, unida, homogenea, independente, sem o menor contacto, auxilio on influencia extrangeira, só os hespanhoes poderiam talvez consegui-lo. Porque razão accusa-los pelos seus brios, orgulho, fanatismo, despreso de extrangeiros, e quiça exagerado patriotismo ?

Observe-se que nas Hespanhas só havia logar para padres e para guerreiros. Pelejara Cervantes na batalha naval de Lepanto ; militara Lope de Vega á bordo da armada de Fellipe II°, enviada contra Izabel de Inglaterra, e que os mares e os ventos destroçaram ; servira Calderon nas guerras de Flandres e Italia ; batera-se Ercilla no Chile ; mostrara Garcilaso de la Vega seu valor diante dos muros de Tunes. Como ás vezes parallelamente

marchavam os Portuguezes, que tambem tiveram Mouros para guerrearem, posto que d'elles libertassem seu paiz antes que os hespanhóes ; que tambem e antes dos hespanhóes se aventuravam nos mares e descobriram e conquistaram terras, que pelas armas domaram, não ha admirar que Luiz de Camões, Cortereal, Luiz de Sousa, Vasco da Lobeira, Jorge de Montemayor, e tantos outros escriptores notaveis de Portugal brilhassem tambem pelas valentias e façanhas cavalheirescas.

Em Hespanha e Portugal quasi que só nas Egrejas, no mosteiro e abbadias se estabeleciam escolas. Noções esparsas dos estudos nas universidades, e por fim a arte militar, as guerras, as expedições ultramarinas, completavam a educação, e muitos acabavam seus dias de vida na solidão dos claustros. Adoravam os hespanhóes seu clero, não só pelo seu espirito religioso, como tambem porque o clero procedia, em geral, das classes infimas do povo ; confundia-se com o vulgo ; accompanhava-o como amigo nas desgraças e perigos ; pelejava com elles contra Mouros, empunhada a espada em um braço, e levantada a cruz no outro ; perdoava os peccados e até crimes quando confessados ; defendia o bandoleiro e o salteador contra a justiça civil, sempre que elles se acolhiam aos edificios santificados ; manifestavam-se, pois e sempre, gratos á Egreja, e catholicos ferventes.

Leiam-se os dramas de Lope de Vega, de Alarcon, de Tirso de Molina, de Moreto e de outros seus contemporaneos e discipulos, e descobrir-se-ha n'elles estampadas com toda a fidelidade, a physionomia e a alma de Hespanha, como, em suas telas, Velasquez reproduzia retratos vivos e animados que revelam o intimo do pensamento. Não os nobilitam o gosto

litterario, a symetria e harmonia das scenas, a altivez e sublimidade da imaginação, com que encanta a poesia dramatica grega.

Similham antes espiritos irreflectidos, navegantes, imprudentes, que se aventuram em mares desconhecidos, e lhes domam as ondas correndo de um para outro polo, arrastados pela curiosdade de descobrir novos firmamentos.

Deparam-se, todavia, qualidades de invenção e correr de surpresas e peripecias, que attrahem e sustentam o interesse, e ao mesmo tempo noções historicas importantes sobre costumes, indole, habitos, caracter, e civilisação de hespanhóes e de Hespanha.

No drama Estrella de Sevilha, pinta Lope de Vega os usos e pensamentos da edade media em Hespanha. Amores, aventuras, desesperos interessam e prendem a attenção, ao passo que relembra os caprixos de Pedro o Cruel, rei de Castella, as lutas travadas com seu irmão D. Henrique, as suas mudaveis paixões, suscitadas ora pelo cavalheirismo apparente, ora pela barbaridade dos sentimentos.

O apellidado — Melhor alcaide é o rei — exalta pela descripção dos costumes dos aldeões, das violencias de nobres, que perseguem o povo, roubam-lhes a honra das donzellas, zombam das justicas, e dominam arbitrariamente suas terras, até que o rei apparece, o rei que é o melhor alcaide, e que castiga os maleficios dos tyrannetes, que maltratam seus vassallos, que são seus filhos, e não victimas de poderosos.

No denominado — Arauco domado — resplandecem as guerras de hespanhóes e gentios do Chile, e posto que Lope de Vega só cuide de glorificar os hespanhóes attribuindo-lhes victorias constantes. O

quadro dos Araucanios e seus infortunios commovêm, sem duvida contra a vontade do poeta, e sympathisa o leitor com os vencidos e victimas, que na America defendem seu solo, sua patria e suas familias.

Nos dramas — Mudarra — e Cavalheiro do Olmedo, deparam-se deliciosas scenas no meio das lides, que entretem hespanhoes com Mouros. Verdade e exactidão no desenho dos diversos habitos e ideas dos dous povos inimigos, occurrencias interessantes e paixões violentas, abrilhantam o desenvolvimento dos assumptos, e prestam á acção movimento, fogo e vida aos dramas.

Patriotismo e exaltação fidalga de sentimentos revela o maravilhoso drama de Fontevejuna, nome de uma cidade de Hespanha, onde o povo martyrisado por um governador revolta-se e assassina-o, declarando, todavia, sua fidelidade ao monarcha, e recebendo jubiloso a alçada, que deve sindicar dos factos e applicar os castigos. Não apparece um homem, uma mulher, uma criança, de quem se indague o nome dos autores do crime, que não responda — Fontevejuna — E' a cidade a culpada, não pessoa do povo, e assim desenrolado, o painel dos successos abala e exalta profundamente.

Injustiça seria não particularisar aqui o nome de um outro altanado poeta dramatico, contemporaneo de Lope de Vega, quasi seu rival, João Ruiz de Alarcon, nascido no Mexico, mas educado em Hespanha. Nutriam os hespanhóes despreso constante pelos seus descendentes americanos, e não prestavam attenção e nem sympathia á Alarcon, motejando-o ainda por causa de sua figura disforme, e seus naturaes aleijões physicos. Com o tempo e a leitura de seus dramas reconheceu-se, felizmente, seu genio, e applaudiram-se suas composições

como obras preciosas da litteratura hespanhola.

Ao terminar o seculo XVI° adquirira a monarquia hespanhola a maior influencia, autoridade e dominio material na Europa: seus exercitos a atravessavam em todos os sentidos, desde a Italia subjugada até a Allemanha, os Paizes-Baixos, o Baltico, e a França, vencedores quasi sempre, e temidos por toda a parte. Sua lingua fallava-se em França, Italia, Allemanha. Cervantes affirmava que não havia classes illustradas na Europa que a não aprendessem. Sua litteratura grangeava nomeada, e impunha-se até á italiana que, todavia, mais variada e opulenta se desenvolvia na epocha.

Era, pois, natural que á grandeza nacional accompanhasse a expansão litteraria, imagem fiel e viva das sociedades. Tornara-se a poesia dramatica o ramo predilecto dos hespanhóes, e n'elle imprimiam seu cunho, seu caracter, sua vida, seu espirito, sua alma, pouco se importando que nos outros ramos litterarios, nas sciencias e nas artes, a excedessem extrangeiros.

Patentearam-se suas galas deslumbrantes e sua supremacia ao maneja-la Calderon de la Barca, o genio superior de Hespanha, nascido ao raiar do seculo XVII°, e que deixou distanciados quantos poetas o haviam antecedido na carreira dramatica, e quantos depois de sua morte tentaram em Hespanha invocar as Musas da tragedia e da comedia. Sem que alterasse as formas artisticas admittidas por seus predecessores, alargou o assumpto, opulentou a acção, caracterisou mais perfeitamente os personagens, debuxou melhor as scenas, adornou os dialogos com mais verdade, sentimento, paixão e interesse, e conquistou o primeiro logar entre seus compatriotas.

Denominou-o Guilherme Schlegel rival de Shakespeare. Na verdade ha em Calderou qualidades as mais surprehendentes de poeta dramatico de superior quilate. Faltam-lhe, porêm, algumas, em que Shakespeare o excede. Possue Shakespeare mais invenção, maior imaginação Calderon. E' Shakespeare mais profundo conhecedor do coração humano: mais variados segredos de intriga, acção mais rapida, inspiração mais espontanea, aventuras amontoadas de um verdadeiro e interessantissimo romance, desenha Calderon.

Distinguem-se ainda pela contrariedade de ideas, sentimentos e tendencias dos dous povos, inglez e hespanhol.

Inglaterra protestante, raciocinadora, um tanto sceptica; Hespanha religiosa e crente até o fanatismo, porque era das nações christãs a mais christã, das catholicas a mais catholica, que nunca pensou por si, confiou inteiramente sua direcção espiritual aos representantes da egreja e margulhou-se na fé mais robusta e acrysolada. Admittio por isso Hespanha em suas crenças abusões, superstições, milagres mais inverosimeis: acolheu jesuitas, abraçou a inquisição, illuminou-se com autos de fé, e curvou-se ao dominio da Curia Romana. Philosophica, e pratica, só tratou Inglaterra de garantir seus direitos civis e politicos, e deixou ao pensamento liberdade completa, para expandir-se á vontade. Sahíra Inglaterra do despotismo para a liberdade, quando Hespanha passára da liberdade para o despotismo.

Filho, pois, da Inglaterra livre, da patria dos pensadores revolucionarios, differençava-se Shakespeare necessariamente de Calderon, nascido na terra do absolutismo politico e religioso, que pro-

duzira Arbuez e Torquemadas. Ideas, instinctos, habitos, indole de cada um deviam arrastar-lhes os espiritos para horizontes diversos.

Pinta Shakespeare os caracteres admiravel, larga e philosophicamente: esboça-os apenas Calderon, em traços geraes: os do primeiro são meditativos, profundos; do segundo inspirados pelo orgulho hespanhol, e pelo fervor da fé e da religião. São humanos os caracteres debuxados por Shakespeare, e portanto admirados em todos os paizes: são hespanhoes e só hespanhoes os de Calderon. Gravam-se os de Shakespeare na memoria como gente conhecida; ferozes, fanaticos, supersticiosos os de Calderon interessam ou aterrorisam, mas não deixam reminiscencias afora de Hespanha.

Procura Shakespeare convencer e commover, Calderon attrahir a attenção, incitar a curiosidade, e agradar. Folga Shakespeare de analysar paixões, bem que as gele por vezes com suas lições philosophicas, e monologos rasgados de duvidas e presentimentos. Apresenta-as Calderon naturalmente em scena com toda sua força, seus impetos e sua realidade, em acção mais que em palavras.

Shakespeare medita, sonha, scisma, e torna-se sceptico. Fé e fé profunda nutre Calderon, depositando na religião o refugio unico da vida, nos seus dogmas a verdade, nas suas doutrinas a explicação de todos os phenomenos da vida.

VI

Poesia dramatica em Hespanha.

Nascera Calderon de la Barca no primeiro anno do seculo XVII°, e bem joven ainda entregou-se ao cultivo da poesia dramatica.

Combateu como soldado na Italia e Flandres, tomou depois ordens ecclesiasticas e aceitou o encargo de Official da Inquisição.

Fiel e genuino representante dos costumes, das crenças, das ideas, das paixões, do sentimento religioso, da vida social e aspirações de sua patria, aproveitou o drama para n'elle historiar os grandes feitos, lutas e guerras seculares entre duas raças diversas, e dous differentes cultos, inimigos irreconciliaveis, que entre si disputaram o solo hispanico.

Hespanha, ao principiar o seculo XVII°, notava já decadencia manifesta, material, moral, intellectual. Faltavam-lhe lides cavalheirosas com Mouros, expellidos inteiramente da peninsula. Deixara Fellipe II° de sêr vencedor feliz, como fora seu pai, nas guerras da Europa. Posto que, todavia, soffresse desastres importantes, morrêra antes de se descobrir a podridão que a roia. Coube á Fellipe III° e IV°a infeliz sorte de assistirem ao desmoronamento do reino.

Destacaram-se de Hespanha os Paizes-Baixos, Flandres, Artois, Roussillon e Portugal, na Europa; perdera Hespanha possessões numerosas na America, Africa e Asia, umas que de novo se annexaram á nação portugueza, antiga metropole quando, em 1640, quebrára o jugo castelhano e recuperára sua independencia; outras que lhe foram roubadas por Inglezes, Francezes e Hollandezes, aproveitando-se de sua situação enfraquecida.

Fora o hespanhol até os primeiros annos do seculo XVI° nobre e cavalheresco, porque gozava deliberdades civis e politicas, de assembleas populares, de municipalidades independentes; exagerado, fanatico depois, e supersticios o porque lhe escureceram as qualidades generosas a Inquisição e os Jesuitas; orgulhoso sempre do seu isolamento, porque reputava sua patria superior ás demais nações, e sua historia e feitos passados repletos de invejavel heroicidade.

O estadista que vibrou o primeiro golpe contra o edificio social castelhano, que até então se manifestava livre e altivo, foi o Cardeal Ximenès, regente do reino, durante a menoridade de Carlos V°: curvou e extinguio as resistencias populares e opposições da nobreza, fundadas nas instituições até então vigorantes. Bem que extrangeiro, por haver nascido em Gand, fora, todavia, Carlos V° estimado pelos seus actos cavalheirosos e genio militar. Aproveitou-se da situação para a pouco e pouco abolir os privilegios da fidalguia e os foros das massas, estabelecendo o governo absoluto. Amordaçou Fellipe II° por fim e inteiramente os brios que sobravam, servindo-se do Tribunal da Inquisição, cujas attribuições, alargára ainda em beneficio do seu governo politico.

Transformara-se em feroz, implacavel, necessariamente o caracter nacional. Trocara a verdadeira grandeza por orgulho, o sentimento elevado do heroismo pela pompa, o patriotismo pelo odio ao extrangeiro e ao herege, a nobreza d'alma pela crueldade. Não se devem imputar estas modificações importantes á natureza, mas aos tempos, e á nova educação disciplinar, que dos claustros se transferira para a sociedade leiga.

Calderon em seus dramas não só photographou os feitos da historia passada, como egualmente occupou-se da sua propria epocha, traçando-lhe fielmente os sentimentos e indole peculiar. Revestem-se suas obras de fanatismo, porque são profundamente religiosas, porque representam os costumes do povo, concentrando, em multiplice unidade, patria, fé e amor, honra, instinctos e vida. Sincero crente, endeosou tudo quauto propagava a Egreja catholica e afigurava-se-lhe a Inquisição como tribunal sancto e indispensavel para a orthodoxia religiosa.

Sobe o numero de suas composições dramaticas á cerca de cento e vinte. Basta examinar algumas, e das melhores, das que ainda hoje se representam e se applaudem em quantos paizes fallam a lingua hespanhola, para se apreciar o genio portentoso do poeta.

Encontram-se n'ellas procissões de frades abaixando os olhos, e entoando resas que parecem remorsos; que ensinam as doutrinas puras da egreja, e excitam ao mesmo tempo as multidões á perseguirem e matarem judeus, mouros e hereticos; que os espionam em seus escondrijos, os ouvem em segredo de confissão, e sempre arrastados pelo fanatismo correm logo á denuncia-los ao sancto officio. Notam-se clerigos severos e que parecem

virtuosos misturados com bandidos que roubam nas montanhas e escusos desvios, e assassinam os infelizes viajantes, que lhe cahem nas mãos; depostos depois os bacamartes e quando perseguidos pelas justiças, deparam asilo e homisio nos conventos e logares sagrados, confessando-se, sacramentando-se,e proclamando profissões de fé e crenças religiosas,que simulam arrependimentos verdadeiros.

Observam-se rapazes desordeiros, espadaxins, entregues a orgias continuadas, duelando-se, á florete ou punhal, e derramando o sangue, sem que o menor pretexto lhes atenue o procedimento.

Não distantes apparecem o infeliz mouro, o judeu malfadado, o desditoso heretico, o suspeito de ter nas veias sangue que não proviesse de raça christã e catholica antiga, cobertos todos com o Sãn Benito, levados á força em autos de fé, e arremessados ás fogueiras, ao som atroador de applausos alegres e freneticos de pios expectadores. Vão ali homens adultos de envolta com decrepitos anciões, mulheres fracas ao lado de innocentes crianças, receber como baptismo, que os salve na eternidade, o martyrio do fogo que lhes rouba a vida.

Santifica assim o poeta e glorifica as ideas religiosas e exageradas do seu tempo, persuadido seriamente de que serve á Deus e á patria.

Não se apreciem esses expectaculos com os olhos de hoje, com as theorias e praticas modernas. Mudado está o mundo, o seculo XIX° não é o seculo XVII° como este não era já o XV° e nem o XVI°. Não ha actualmente fanatismo, predomina de preferencia o scepticismo. Pode-se dizer em geral que quasi desappareceu a fé, e impera só a duvida. Diversas são as doutrinas moraes segundo as ideas e interesses das epochas.

Esses frades, bem que eivados de vicios, são servos de Deus, são soldados do catholicismo hespanhol. Essas multidões de bandidos e salteadores trazem sempre o rosario ao peito, e ajoelham-se diante da cruz e das egrejas. Esses rapazes dissolutos ouvem missa, assistem aos sacramentos. D'essas victimas dos autos de fé pensava o vulgo que perdida a vida salvavam-se as almas no outro mundo, porque a Inquisição lhes expurgava os erros e peccados com o fogo que limpa e purifica.

Não se reputem monotonos os dramas de Calderon porque são essencialmente hespanhóes e catholicos. Desenvolvem-se, pelo contrario, variadissimamente, e os assumptos e as aventuras, os dialogos, as scenas e as peripecias, tão diversamente correm, com tal movimento, vivacidade e interesse sempre crescente de intriga e de paixões que nunca cessam de agradar. E' de ordinario o estylo de todos os escriptores hespanhoes na historia, na critica, até na theologia e poesias ligeiras, pomposo, oriental, repleto de imagens, e não raro hyperbolico. Accompanha-o Calderon, e posto que conserve nobreza, elevação e poesia, emprega egualmente torneios de phrases metaphoricos, conversações mythologicas que parecêm defeitos graves aos extrangeiros, mas que o não eram para hespanhoes, que gostavam de conceitos aprimorados, de cumprimentos que cheirassem á flores de rhetorica, lembrassem alegorias, e esmaltassem os discursos com superabundancia excessiva de imagens e palavras sonoras. Glorifica sempre o poeta um dos sentimentos particulares dos costumes hespanhoes, o da honra pura, insuspeita e integra ; e que devem conservar illesa as familias e os individuos ; sentimento apurado, segundo as ideas fidalgas, e refinado pelos prejuizos

publicos. Não pode a mulher aceitar como amante senão um homem honrado, digno, altivo, brioso. E' sua obrigação ama-lo com toda a sua alma, e não admittir homenagens equivocas de outrem : cumpre-lhe considerar o amor mysterio do coração, voto occulto e, pois, segredo impenetravel para a sociedade até que a união legal perante a egreja lhe dê a publicidade. Passa, na opinião, por perfido e trahidor o amante que o revela; a infidelidade real ou supposta da mulher só com o sangue se lava. Torna-se por este modo o sentimento da honra superior ao proprio amor e á todas as demais paixões da vida. Por elle sacrificam-se pai, filho, mulher, amante. Por elle se morre.

Dous dramas, um intitulado — o Medico de sua honra e o outro, — A' aggravo secreto vingança secreta — explicam e symbolisam esta these. Refere-se o primeiro á historia do seculo XV° e o segundo ao XVI°, e por tanto encontra-se variedade nos costumes, e analogia no sentimento delicado da honra.

Debuxa-se no primeiro a figura de D. Guttierres, que, amando uma donzella, a pedira em casamento. Antes de se contrahirem as nupcias desconfia da lealdade e amor da donzella. Desiste de sua promessa immediatamente, procura outra mulher mais digna, e casa-se com D. Mencia. Vivem ambos em uma quinta, á curta distancia de Sevilha, e correm-lhes felizes e tranquillos os dias.

Deixam Toledo para visitar Sevilha o rei D. Pedro, e seu irmão D. Henrique. Cahe o cavallo, em que ia montado o infante, e este principe maltratado e ferido não pode continuar a viagem. É levado em braços de criados á quinta de D. Guttierres, e ahi depositado até que chegue uma liteira que se

manda buscar á Sevilha para conduzi-lo á cidade.

Reconhece, no entanto, o infante em Dona Mencia a mulher que elle amára em outros tempos, e de quem, posto que separado pelos acontecimentos da vida, se lembrava ainda! Dona Mencia, cortando-lhe as palavras remembradoras do passado, diz-lhe que é captiva, pertence a D. Guttieres, e será fiel esposa: pede-lhe como prova do antigo amor que a não procure avistar mais, e até nem d'ella recordar-se. Partido o Infante da quinta, manifesta D. Guttierres a necessidade de passar alguns dias em Sevilha, e apresentar suas homenagens ao rei de Castella. Como que arrastada por funesto presentimento, nega-se Dona Mencia á acompanha-lo, preferindo ficar na quinta.

Parte para Sevilha D. Guttierres. Em vez de bom acolhimento do rei recebe ordem de prisão porque D. Pedro de Castella ouvira queixas de D. Leonor, fidalga da melhor linhagem que D. Guttierres não quizera desposar. Consegue D. Guttierres que o carcereiro lhe consinta passar a noite em sua quinta, compromettendo-se a voltar para a prisão antes de amanhecer o dia. Sabendo o Infante que D. Guttierres se acha encarcerado, parte á noite para a quinta, no intento de fallar a Dona Mencia. Consegue penetrar, e encontra-se com Dona Mencia que espantada do atrevimento lhe exproba a indignidade do procedimento. Chega, no entanto tambem, á quinta D. Guttierres, o Infante foge, mas esquece o punhal que trouxera. D. Guttierres que o avistára sahir, descobrio e guardou o punhal, sem manifestar o menor indicio a Dona Mencia do que lhe occupava o espirito.

É admiravel o dito intimo de Dona Mencia:

— Meu Deus ! Se a innocente assim soffre, o que não soffrerá a culpada ?

D. Guttierres está certo de que Dona Mencia lhe é fiel, mas não deve supportar a menor sombra que escureça sua honra. Poder-se-ia descobrir que ali voltara o Infante em sua ausencia.

Não se espalhariam vozes desairosas ?

Interessantissima e delicada situação caracteristica dos brios elevados e vaidade do protogonista do drama !

Prendem, interessam e encantam pela contrariedade de affectos amorosos e sentimento exagerado de honra que torturam o peito de D. Guttierres.

Justificado no dia seguinte o seu procedimento perante o rei, em relação á queixa que motivára a prisão, e perdoado por D. Pedro, volve para a quinta, pensativo e acabrunhado pelas dôres moraes que o ralam.

Não communica á mulher seus soffrimentos; procura engana-la de preferencia, mostrando-se contente. Uma noite, porém, assiste á um sonho, que a assalta, e a arrasta á dizer palavras desesperadas. D. Mencia parecia denunciar que amava o Infante, bem que affirmasse sustentar a lealdade e fidelidade que devia ao marido, cuja estima sabia apreciar e honrar.

Passeia D. Guttierres pelo jardim da quinta, logo que a alvorada se annuncia. Percebe sahir dos quartos de D. Mencia a aia, que, mostrando-se surprehendida de avistar D. Guttierres, tenta esconder um papel que tinha nas mãos. Obriga-a D. Guttierres á entregar-lho, e ameaça-a quando contasse o que se passava. Era uma carta de D. Mencia escripta ao Infante, declarando-lhe terminantemente que para elle ella morrêra, e que portanto exigia

que a não procurasse mais, afim de não ficar compromettida, e nem se perturbar sua paz e harmonia domestica.

Apezar das expressões francas da carta reputa D. Guttierres nodoada sua honra. Resolve vingar-se, mas salvando o seu credito e o de D. Mencia. Constrange a mulher á deixar a quinta, e retirar-se para Sevilha. Colloca-a em uma casa particular, em quarteirão isolado, e condemna-a á reclusão em um quarto privado. Depois de uma scena enternecedora e apaixonada, deposita D. Guttierres nas mãos da esposa um papel, e retira-se. Lê D. Mencia estas palavras escriptas pelo marido. — O amor te adora, mas a honra te condemna. Tens só duas horas de existencia. Prepara-te á morrer como catholica, já que não podes mais conservar a vida. —

E' encontrado. e á força levado por D. Guttierres um cirurgião depois de cobrir a cabeça até os pés, com uma capa, afim de nada vêr e portanto ignorar para onde o conduzem. Percorre o cirurgião ruas differentes de um para outro lado no proposito de não poder advinhar o caminho e nem as distancias. Chega á morada de D. Mencia, e então ao cirurgião intima D. Guttierres, que sempre se conservára mascarado, completa obediencia, sob pêna de morrer. Cêde o cirurgião preferindo a vida. Introduzido por D. Guttierres no aposento de D. Mencia, é-lhe tirada a capa e mostrada a victima, deitada no leito, occulta toda a face em vêo espesso, cercada de crucifixos e luzes. Detarmina D. Guttierres ao cirurgião que a sangre e espêre até que ella expire. Tremulo, aterrorisado, resiste ao principio o cirurgião, mas para não ser assassinado curva-se á ordem recebida. Scena tremenda commove e abala o expectador tanto mais quanto ouve-se nos interval-

los uma canção repetida nas ruas, annunciando que o Infante deixa Sevilha, sêm se declarar a rasão da partida. Não se gastam palavras, não se perde tempo, ha só acção. Não gosta Calderon de descripções e nêm de dialogos demorados : apresenta os factos ao vivo. Commettido o crime, retira-se da casa o cirurgião, accompanhado por D. Guttierres, e cercado das mesmas precauções com que entrára, sêm que tivesse visto physionomias, observado aposentos, e nem conhecido a rua, em que praticára o assassinato.

Ao deixar, porêm, o cirurgião, a porta da entrada, como que maquinalmente e sêm sêr percebido seu movimento, encostou a mão ensanguentada ás paredes ; e depois de voltar ruas, e caminhar para traz e para adiante, foi deixado em uma praça, desapparecendo D. Guttierres de sua vista antes que elle lhe divisasse as feições.

Dirige-se á palacio o cirurgião no dia immediato, obtem do rei uma audiencia secreta, e confidencia-lhe intimamente o crime commettido. Ordena o monarcha á um agente de confiança que com o cirurgião percorram a cidade, e descubram a casa, em cujas paredes externas de entrada encontrassem signaes ou manchas de sangue. Não escapou a morada de D. Guttierres ás pesquizas dos emissarios, que immediatamente communicaram á D. Pedro.

Chamado á corte D. Guttierres, e levado á presença do rei, foi acolhido com carinho. Tratou, no entanto, El-rei de interroga-lo com geito e habilidade, sem que elle lhe advinhasse o intento. Ás perguntas do rei acerca de sua esposa, respondeu tristemente D. Guttierres, que soffrendo antigos e crueis padecimentos lhe fora applicada uma sangria da qual

resultara não estancar-se o sangue, e ella fallescer de fraqueza. Lamentando D. Pedro sua viuvez declarou-lhe que era tempo então de pagar D. Guttierres á D. Leonor o que lhe devia casando-se com ella e restituindo-lhe os creditos injustamente suspeitos.

Melindrosa posição de D. Guttierres ! Declara ao rei que não pode obedecer-lhe, visto que continua sujeito seu espirito á suspeitas e ter em precioso melindre sua honra.

« — Ha um remedio infallivel, — disse-lhe então D. Pedro, é applicar-lhe uma sangria ! »

Finda assim este drama, em toda a sua marcha tão interessante quanto energico e enternecedor !

Empregando meios differentes de terror esboça Calderon assumpto quasi identico, no drama intitulado — A aggravo secreto secreta vingança. Collocando a scena em Portugal, pelo meiado do seculo XVI° quando o rei D. Sebastião se preparava para combater Mouros na Africa, modificou-lhe o desenho e o colorido.

Casara-se em Hespanha o portuguez D. Lopo de Almeida com D. Leonor, e viviam tranquillos em Lisbôa.

Apezar das instancias da corte e dos conselhos dos amigos, recusava-se D. Lopo á accompanhar o rei na sua expedição Africana, quando um dia percebeu que rodava-lhe a casa um vulto desconhecido. Cuidou de descobri-lo, empregando os necessarios precates, e decidido á não deixar que se advinhasse seu intento.

Rolaram-lhe, no entanto, e desde então pela mente ideas escuras e atormentadores ciumes. Seria criminosa a mulher ? Haveria no facto intriga amorosa ? Como deparar a verdade, e que praticar para salvar sua honra, caso ella esteja mareada ?

A' pouco e pouco e em scenas interessantes se desenvolve o assumpto, a situação se esclarece, o movimento e a vida se communicam á marcha do drama. D. Leonor, hespanhola de nascimento, amara um seu compatriota, D. Luiz de Benavides. Como militar partira D. Luiz para a guerra de Flandres, e espalhara-se tempos depois a noticia de que fora morto em combate. Coage-a então a familia á casar-se com Lopo, fidalgo portuguez conhecido e rico, e que se enamorara loucamente de D. Leonor, logo que a vira em Madrid.

Vivia perfeitamente Leonor com Lopo, posto que lembrada sempre da patria, do ceo hespanhol, dos amigos que deixara, e da imagem de D. Luiz, que não podia apagar da memoria.

Tempos decorreram quando um dia lhe entra em casa D. Luiz em trages de mercador de joias, e se lhe faz conhecido. Não tinha morrido, mas sim outro hespanhol de egual nome; fora feito prisioneiro, e com difficuldade volvera para a patria. Procurara a amante por toda a parte, até que constando-lhe que se casara com um fidalgo portuguez e se retirára para Lisbôa, seguira elle tambem para Portugal, e no fim de trabalhos e esforços insanos conseguira descobri-la, e fallar-lhe com o preciso desfarce.

E' Leonor leal ao marido. Lastima-se com o amante, mas despede-o, e roga-lhe a esqueça para sempre á fim de que ella possa viver tranquilla, ainda que saudosa.

Não desanima D. Luiz, e tenta ainda vê-la, bêm que lhe prometta ser pela vêz derradeira. Aproveita-se de uma criada hespanhola, que a serve, e escreve á D. Leonor. Recusa esta acceder-lhe ao empenho, mas deixa-se por fim vencer pela criada que se compromette á fazé-lo entrar de noite acautelada-

mente, e verificar-se ás escuras a entrevista, á fim de não expôr-se á suspeitas.

Tinha, porêm, Lopo um amigo, um argos dedicado, D. João da Silva, que defende-lhe a honra como propria. Apenas D. Luiz se lhe introduz em sua casa tentou egualmente accompanha-lo.

Trinavam apenas os dous amantes saudosas reminiscencias, quando se ouve grande barulho no corredor da casa. Fogem espavoridas Leonor e a criada, e acham-se emfrente, um do outro, D. João e D. Luiz.

Bem que ás escuras desembainham as espadas e encetam luta; ao passo que D. João combati a perguntava em voz possante com quem crusava o ferro, nem-uma resposta lhe dava seu adversario.

Penetra, no entanto, D. Luiz por uma porta que lobriga; mal escapa do combate quando na sala apparece Lopo, que se bate com D. João tomando inscientemente o logar de D. Luiz. Ao ouvir a vôz de D. João, que continuava a perguntar quem era. deu-se Lopo á conhecer, e suspendeu-se a briga.

Espanta-se D. João e não quera credita-lo quando aos gritos e clamores acode a criada trazendo luzes, que illuminam a sala.

Reconhecidos os combatentes, affirma Lopo á D. João que nem-um outro senão elle ali se achava, e propoêm para se verificar o facto que D. João guarde a sahida da casa emquanto elle pratica busca nos aposentos interiores.

Passando-se para um quarto afastado encontra-se Lopo com D. Luiz. Assegura-lhe este que tendo morto em duello um adversario, e perseguido pela justiça e povo, se refugiára na casa para salvar-se. Simula Lopo que o acredita e offerece-se á accompanha-lo á logar seguro, e defendê-lo quando o pretendessem offender.

Não duvida mais Lopo que sua honra, si ainda não fora realmente maculada, achava-se em perigo eminente de sê-lo. Procura, no entanto, fazer acreditar sempre á D. João, que não apparecia o menor indicio para suspeitar-se que outro que não elle se achava na casa e cruzára com elle a espada.

Meditando intima e secretamente acerca de suas desventuras, não depara remedio senão na vingança.

Mas não revela a vingança manifesta o que a offensa não disse? Não se espalha no publico a noticia? Não se commenta mais o desdouro particular, recahindo o ridiculo sobre a cabeça do deshonrado?

Exaspera-se seu espirito. Reflecte, todavia, maduramente. Decide-se por fim á tirar vingança secreta, por que o aggravo fôra secreto e não lhe convinha a publicidade. Espera calmo na apparencia, mas agitado no intimo da alma, que lhe appareça occasião propicia.

Começa por mudar a residencia de Lisbôa para uma quinta que possuia na margem opposta do Tejo. Para ali passa-se Leonor, guardada em sitio isolado, em quanto que Lopo rumina os modos por que deva vingar sua honra offendida.

Fixara, no entanto, D. Sebastião dia para uma revista militar de tropas, que o deviam accompanhar á Africa, e designara o sitio na margem meridional do rio, defronte de Lisbôa.

O povo em multidão para ali tratou de dirigir-se tornando-se difficil conseguir embarcações que atravessassem o Tejo. Era tarde já, quando Lopo se resolveu á tomar o escaler, que alugára previamente e que se conservava as suas ordens.

No momento de entrar para o barco, avista D. Luiz.

Dirige-se para elle D. Lopo, falla-lhe com amabili-

dade, e ouvindo-lhe dizer que procurava egualmente escaler, offerece-lhe o que tinha alugado, para que juntos atravessem o rio. Pede D. Luiz uma curta demora até que chegue o criado que o accompanhava.

Incumbe Lopo ao barqueiro que fosse ao encontro do criado de D. Luiz e apressa-lhe os passos; tomam ambos, no entanto, seus logares no escaler.

Bêm não partira o barqueiro e já Lopo desamarrara o escaler, e o precipitara no seio das aguas do rio. Sem governo o batel e mal remado pelos dous, á todo o instante ameaça sossobrar, e a noite começava já á cobrir os horisontes com suas nuvens escuras.

Aproveitando então a opportunidade, arranca Lopo, de subito, um punhal que trazia escondido, enterra-o no peito de D. Luiz, atira ás ondas o cadaver, abandona tambem o escaler á correnteza das aguas, e á nado alcança á margem do rio, que avistava.

Encaminha-se para a quinta, encontra a mulher, conta-lhe que escapára de naufragar, lastima principalmente que se tivesse afogado um hespanhol, que com elle se embarcára, e que se dizia chamar D. Luiz de Benavides.

Ao ouvir-lhe este nome estremece Leonor e cahe sêm sentidos. Não perde Lopo um momento, sáhe ás pressas, e lança fogo á casa, fazendo-o irromper de varios pontos.

Lavram frementes as chamas que tudo devoram. De fora finge Lopo, espanto, grita por soccorro, e trata de penetrar dentro com pessoas que lhe acodiram á voz e que o coadjuvam.

Pedia á todos que lhe salvassem a esposa, lamentando sua sorte. Não se encontra, porêm, D. Leonor

viva; o fogo a abrazára e extinguira a vida antes que ella podesse escapar-lhe ás furias. Tira Lopo dos destroços o cadaver da consorte, carrega-o aos hombros soluçando e chorando sua desgraça, submergido apparentemente na mais pungente consternação.

Lopo que cumprio seus deveres para com a desditos a victima, supplica audiencia do rei, summaria-lhe suas desventuras, e declara-lhe que o accompanha ás guerras para n'ellas acabar a existencia combatendo contra Mouros, já que não pode sobreviver á consorte que tanto idolatrava.

Que differença do Othello de Shakespeare!

Posto que Africano, e portanto de sangue abrazado, lastima-se Othello, estremece, chora á proporção que desconfia da lealdade da mulher. Tem necessidade de expandir-se, communicar suas dôres, receber consolações. Cala-se Lopo sempre, simula tranquillidade de animo, não precisa ouvir insinuações de Jago para infiltrar-lhe no coração o veneno do ciume. Não medita e nêm se entrega á monologos de desesperacão. Espera occasião opportuna, tira vingança de D. Luiz e de Leonor, sem que manifeste o menor remorso; em quanto que Othello, depois de assassinar Desdemona, contricto e arrependido, suicida-se, porque lhe não restam coragem e nêm esperanças. Comprehende Lopo que deve sua vida á patria e á religião, e cumpre-lhe agora combater inimigos de Portugal e da fé catholica. Deixa-se pelo amor vencer a heroina de Shakespeare, e pelo amante abandona casa e familia. E', porêm, hespanhola Leonor, e ama extremosamente. Suppondo morto o amante, liga-se comtudo á outro homem, que não ama, obedecendo, assim, aos progenitores e parentes. Desmentida a noticia do fallescimento de D. Luiz, reapparecendo elle em sua presença, fal-

lando-lhe aquella linguagem do amor, que tanto a seduzira, respeita Leonor sua nova situação, conserva fidelidade ao esposo, resiste ao amante, ainda que lhe palpite fortemente o coração. Criminosa pelo pensamento, pelo espirito, não commette nem-um acto que a sociedade reprove. É natural, mas não têm limites a paixão de Desdemona. Subjugado pela educação, pela razão, pelo sentimento da dignidade, manifesta-se a de Leonor. Contrastam as duvidas, as longas meditações de Othello com a resolução immediata, firme e silenciosa de Lopo. Effeitos dramaticos em um e outro resvalam commovedores e enternecidos, posto que se opponha a natureza sombria do Norte aos ceos encendiados do Meio-dia.

Resolve-se Calderon á esboçar a vida, os costumes, as aventuras, os crimes, os arrependimentos dos bandoleiros e salteadores que abundam em Hespanha, e que perturbam á todo o momento a calam das villas, cidades e aldeias, que roubam e assassinam os viajantes, e deparam sempre refugio seguro nos conventos, claustros e egrejas?

Com os titulos de — Devoção da Cruz, — Tres castigos em um, — D. Luiz Perez de Galiza, escreve dramas com tal variedade de incidentes, interesse de scenas e marcha de acção, tão infinitas peripecias, aventuras pittorescas, e traços de caracteres, que representados produzem os mais assombrosos effeitos. Nem-um poeta dramatico o excede na combinação e complicação de acções parallelas, no amontoar episodios e surpresas, e em cortar por fim e inesperadamente o nó, que prende todos esses fios emmaranhados e que traz em extatico o expectador. Modula, além de tudo, endexas poeticas sentidas; colloca o velho e honrado pai, servidor leal do estado, ao lado

do filho dissoluto que troca a vida social pela do bandoleiro e salteador; a amante dedicada, qual flor que desabrocha e perfuma a atmosphera, de par com o malfeitor carregado de miasmas pestilentos do crime: idealisa o arrependimento e prepara a salvação das almas culpadas, porque a Cruz symbolisa Deus vivo, que sahe da sua altura invisivel, impenetravel, impalpavel para se traduzir no pedaço de paú, ferro, ou bronze, em que se verificou o sacrificio do filho. Quem a traz ao peito, quem têm fé, quem a adora, salva-se, embora houvesse commettido grandes attentados. Exprime a essencia do fanatismo religioso hespanhol do seculo XVII° esta idea aceita e adoptada pelos povos da peninsula. Que scena mais profunda se pode comparar á aquella em que Eusebio, na Devoção da Cruz, entrado occultamente no convento, onde se acha a mulher que elle adora e que elle pretende raptar, a encontra em uma cela, dormindo o somno da innocencia! Deverá accorda-la? No momento em que ia tocar-lhe, observa uma grande Cruz pendurada á parede.

De subito espanta-se; hesita, atemorisa-se: não ousa mais tocar na simples roupagem que cobria o corpo da mulher que tinha diante de si: até ali como que a defendiam a candura, a castidade, a santidade do claustro; o reflexo da Cruz, agora, obriga-o á recuar espavorido. Parte, foge, desapparece diante dos signos da religião, que se mostram á seus olhos.

Não carecemos, para apreciar o genio poetico de Calderon, analysar muitos dramas por elle compostos. Despertam quasi todos agradaveis sensações, e prendem com extraordinaria força o expectador. Que admiravel painel o de Hespanha do seculo XVI°, que caracteres tão artistica e poeticamente desenha-

dos, o do Alcaidde Zalamea, o do general D. Lopo de Figueirôa! Que situações enternecedores, a pintura dos Mouros asylados em Alpujara, e que resistem ao poder hespanhol com denodo heroico, no drama que tem por titulo — Amar depois da morte!

Duas peças, todavia, de Calderon, pela grandeza do assumpto, carecem de menção. Refere-se uma d'ellas ao Infante D. Fernando de Portugal, filho de D. João I°. Intitula-se o Principe constante, e é a glorificação do patriotismo e da religião catholica. Descrevem-se raras scenas de amor em episodios apropriados e ligados á acção principal, e poucas, muitos poucas peripecias dramaticas. D. João I° de Portugal iniciára invasões na Africa e se apoderára de Ceuta. Seu filho e successor, D. Duarte, continuava as expedições por elle iniciadas. Em combate com Mouros cahem prisioneiros dous irmaõs do rei, os Infantes D. Henrique e D. Fernando, que são conduzidos á Fez. Solta o monarcha Mouro á D. Henrique para que proponha ao rei de Portugal cessão e restituição de Ceuta em troca da liberdade de D. Fernando. Admitte a proposta El-rei D. Duarte, porque não quer preso em enxovias africanas um irmão que tanto estima, já pelas suas qualidades de bravura, intrepidez, coragem, e privadas virtudes, mais que tudo, ainda, pelo espirito religioso que o caracterisa.

Voltando á Fez, communica o Infante D. Henrique ao Bey africano a resolução regia. Alegra-se o monarcha mouro, mas D. Fernando positivamente declara que prefere morrer no captiveiro e na maior miseria antes que restituir-se Ceuta á Mouros, e trocar-se ahi a bandeira portugueza e a Cruz de Christo pelo estandarte africano e crescente de Mahomet. Soffrerá martyrios, morrerá pela fé e pela patria,

mas nem D. Duarte nem a religião catholica perderão a cidade de Ceuta, conquistada com o sangue precioso de intrepidos Portuguezes.

Regressa para Portugal D. Henrique, e começam então os soffrimentos de D. Fernando, que o rei Africano maltrata, obriga á trabalhos physicos extraordinarios, cobre de algemas, reduz á fome, e arrasta na maior penuria e miseria. Definha o infante, adoece, supporta todas as dores, inabalavel na sua resolução, firme nas suas crenças.

Nem as supplicas da bella Phenicia, filha do rei, abrandam o coração ultrajado do africano. Um mouro notavel propõe a fuga á D. Fernando, no intuito de pagar-lhe a generosidade com que fora tratado pelo Infante quando seu prisioneiro de guerra em Ceuta. Recusa D. Fernando, e recommenda-lhe o dever de fidelidade para com seu soberano.

Partem de Portugal novas levas militares que derrotam os Mouros, e lhes tomam a cidade que em seus muros e ferros guarda o Infante desventurado. Encontram-no, todavia, já fallescido, depois de tanto penar e de tantos martyrios que lhe haviam sido inflingidos.

E' o drama do Magico prodigioso mais ideal e fantastico que real ou historico : mais religioso que profano : demonstra uma originalidade e uma imaginação poderosissima.

Trata-se de um cidadão de Antiochia, pagão, illustrado, de familia importante, entregue ao estudo, á meditação, á sciencia. Chama-se Cypriano. Conhecia Platão, Aristoteles, detestava como Plinio e como Tacito o christianismo, porque lhe parecia uma seita judia, isolada do genero humano, inimiga de Roma e dos Deuses da mythologia. Não vivia satis-

feito porque aspirava a volupia da alma, e deleites do mundo physico; porque a situação da sciencia lhe não bastava; porque o proprio culto emfim, que professava, lhe não satisfazia os impetos do espirito.

Dir-se-hia no seu meditar que adivinhava a hora em que as philosophias antigas deviam ser substituidas pela immortal philosophia de Jesus-Christo.

Resolve o diabo tentar e perder esta alma. Procura o mais effectivo instrumento para sua victoria. É a mulher que se presta á tentação e perdição do homem desde Eva, desde a creação do mundo. Lança os olhos sobre Justina, graciosa e christã. Um do outro aproxima, e derrama em seus corações paixão intensa, fervorosa. Mas Justina faz preponderar a vontade sobre o amor, o espirito sobre o coração. Ama a Cypriano mas é christã, e a razão a domina. Cypriano promette ao diabo ceder-lhe sua vida e alma, comtanto que consiga abraçar Justina. O diabo constrange-o a assignar uma escriptura do convenio, promettendo satisfazer-lhe aos desejos. Como são admiraveis de poesia, sentimento e paixão, as scenas em que apparece Justina apezar de em torno d'ella conseguir o diabo que as flôres, os regatos, a natureza, a atmosphera, tudo aos sentidos infiltre o fogo do amor!

Um dia conversam Cypriano e Justina á sombra dos sycomoros, applaudem os canticos das aves, entoam hymnos á natureza, expandem sentimentos de mutua paixão. Cypriano ousa então abraçal-a, escurece-se de repente o céo, cobre-se de nuvens, ronca o trovão, o mundo estremece. Em vez de uma mulher, e da mulher adorada, descobre Cypriano apertado em seus braços um esqueleto. Horrorisa-se, grita, pede soccorro, apparece-lhe o diabo, apresentando-

lhe a escriptura, e exigindo-lhe entregue seu corpo e sua alma.

Cypriano resiste ao diabo, declara-lhe que em vez de uma mulher abraçara um esqueleto, e o genio infernal lhe faltára á palavra e promessa. Vê-se o diabo constrangido a confessar que Deus salvou Justina, e que esse Deus é o dos christãos. Então Cypriano esclama — Desapparece, maldito, abraço-me com a Cruz, só o christianismo é religião, em nome de Deus, em nome de Christo, sou christão!

O diabo estremece e foge, sumindo-se nas entranhas da terra.

O Magico Prodigioso de Calderon, tem parecenças grandes no assumpto com o drama intitulado— Vida do Dr. João Fausto — escripto pelo poeta inglez Christovam Marlowe, que viveu antes de Calderon : mas o drama de Marlowe só do meiado a fins do seculo XVII° foi publicado, e Calderon não conhecia a lingua ingleza. Naturalmente em ambos os paizes igual legenda propagava-se, e d'ella os dous poetas se serviram. O grande poeta allemão, João Gœthe, de Marlowe antes que de Calderon arrancou esse sublime drama de Fausto, que é uma das modernas composições mais justamente admiradas, pois que não só adoptou-lhe o nome do protogonista, como o de Mephistopheles para o diabo.

Posta de parte a obra de Marlowe, apreciemos em rapidos traços as composições de Calderon e Gœthe, por mais notaveis bem que mais modernas que a ingleza.

Calderon é espanhol e catholico, digo melhor, fanatico e pertence ao seculo XVII°. Pode-se appellidar o poeta da inquisição. Gœthe é, senão inteira-

ramente sceptico, pantheista pelo menos, e allemão do seculo XIX°.

Fausto allemão e Fausto hespanhol querendo ir além das forças humanas encontram o vacuo : o primeiro parte da duvida que devora a sua época ; o segundo da fé, que inspirava Hespanha. Ambos procuram a sciencia, que não encontram, mas o allemão se dirige pelo pensamento, o hespanhol pela necessidade de amar, a volupia sensual.

Fausto allemão analysa, discorre, ama Margarida um pouco—assim, assim, como o faz com Deus e até com o diabo. Fausto espanhol adora Justina como se deve adorar a Deus, só ella é seu sonho, seu desejo, sua aspiração.

A heroina allemã é simples, amorosa antes de tudo, inexperiente, seduzivel pelos instinctos e sensações, por isso Fausto a domina e curva a seus caprichos. A heroina hespanhola é instruida, apaixonada, christã, temente a Deus. Sua razão e vontade não lhe sopitam o amor, posto que o subjugam e dirigem em parte. Por esse motivo a primeira peccou e padeceu : a segunda nunca peccou e salvou-se.

O diabo espanhol nunca se ri, o allemão está sempre a rir-se. O diabo allemão é galhofeiro, ironico, brincador ; o diabo hespanhol é grave e serio como um frade castelhano, entregue ao isolamento e a exercicios asceticos. O diabo hespanhol treme quando se lhe falla em Deus ; o diabo allemão zombeteia de Deus. O diabo hespanhol confessa murmurando a unidade e poder de Deus ; o diabo allemão é paradoxal, epigrammatico, sensual, brincador, patuscão na expressão vulgar, nega a força divina, é materialista perfeito.

Poetas ambos, Calderon e Gœthe, genios da primeira ordem, seguiram differentes veredas porque

partiram de premicias diversas Calderon é o poeta da invenção, Gœthe o da sciencia.

Cantou um e outro conforme sua natureza e sentimentos. Produziram obras contrarias nas peripecias e effeitos, correspondendo cada um d'elles á sua nação, ao seu espirito religioso, e á sua epocha.

VII

Poesia dramatica em Inglaterra.

Bretões, Pictos e Scotos, ao que parece, pertencentes á raça dos Celtas, dizem-se os primeiros povoadores das ilhas denominadas britannicas. Duas vezes ali penetrara Julio Cesar tentando reduzir sua parte meridional ao jugo de Roma. Obrigado a retirar-se, não deixou vestigios de seu poder diante da tenacidade e valor, que os insulares lhe oppuzeram. Não se resignou Roma, e conseguio, depois de muitos annos, submetter a tribu bretã, e impor-lhe suas leis.

Com a invasão dos barbaros do seculo IV° ao V°, perdeu-se tambem para Roma esta conquista, e Saxões e Anglos, partidos do norte, succederam aos Romanos. Irromperam depois Dinamarquezes, e mais tarde Normandos, que á todos os habitantes avassallaram. Desappareceu o elemento celta primitivo, mas no povo baixo mesclaram-se as raças conquistadas, que nunca o Normando conseguio extirpar.

Introduzira-se nas ilhas britannicas, como nas Gallias e Germania, a religião christã, por meio de missionnarios que alcançaram completo triompho para suas doutrinas espiritualistas. Guilherme da

Normandia dividira as terras conquistadas e as enfeudara nos seus cabos de guerra.

Duas classes se distinguiram e duas linguas, nobreza e plebe, anglo-saxonica e normanda.

Apezar das ordens dos reis normandos, que não admittiam escolas senão para a lingua importada de França, unica usada nos tribunaes e documentos civis e politicos, as massas desprezadas da população continuavam a fallar o idioma anglo-saxão, e n'elle cultivavam canticos e poesias.

Perdidas, por fim, as possessões continentaes do rei e nobres, e obrigados os Normandos se interessarem em negocios de Inglaterra, á pouco e pouco se foi generalisando o anglo-saxonio, subindo das camadas inferiores para as altas jerarquias da sociedade, e desapparecendo a lingua importada, que cedeu por fim a primasia á dos vencidos, e esta se tornou official e nacional inteiramente.

Isolada Inglaterra do continente europeo e separada pelos mares, consequencia foi, que os seus povos se impregnaram de espirito peculiar, genio original, costumes, indoles e aspirações muito differentes. Contrariamente ás demais nações da Europa, uniram-se os nobres ao povo contra o rei e o compelliram á jurar carta de foros, direitos e privilegios, do que lhes resultou o governo representativo e livre, que tem sido conservado e aperfeiçoado com paciencia, dedicação, e zelo ininterrupto.

Coadjuvou mais tarde ainda o desenvolvimento das qualidades e caracter dos Inglezes a adopção de um culto religioso christão, independante de Roma, afastado egualmente do protestantismo Lutherano e Calvinista, e que se adoptou inteiramente á seus costumes e indole.

Subira em 1578 ao trono de Inglaterra Izabel, filha de Henrique VIII° e de Anna de Bolena. Illustrada em diversas linguas modernas e na latina, animou traducções dos classicos romanos, e ella propria verteu algumas composições para o idioma anglo-saxonico.

Animou a representação dos mysterios e milagres, vestigios da edade media e expectaculos unicos, á que o povo podia assistir, e que em extremo o alegravam.

Preferia a rainha a litteratura antiga ao que se escrevia no seu tempo, em França, Italia e Hespanha; motejava dos contos e romances italianos, das narrações cavalheirosas francezas, do drama hespanhol, e manifestava seu gosto em todos os actos, palavras e divertimentos.

Sabiam-se suas predilecções, e era de uso quando ella visitava algum barão em seu castello ser recebida pelos deuses penates e levada aos aposentos por Mercurio. Passeava nos jardins e parques do seu proprio palacio? Deviam rodea-la pagens disfarçados em Nymphas, e brincar nos lagos Nereidas e Tritões. Dirigia-se á caçadas? Cumpria á Diana apparecer-lhe, saudando-a como modelo da pureza virginal. Uma vez que honrou a cidade de Norwich com sua presença, os graves aldermans acolheram-na, cobertos de vestes talares romanas; dirigiram-lhe discurso entremeado de allusões mythologicas, e apresentaram-lhe Cupido a offerecer-lhe uma seta de ouro, com que captivasse os corações de todos os subditos.

Sob seu poderoso influxo, brotou a poesia dramatica ingleza; fundaram-se theatros, e iniciou-se uma escola imitadora dos moldes romanos, unicos contecidos porque da litteratura grega havia apenas

vaga noticia. Sanckville escreveu uma tragedia original, na lingua ingleza, sob o titulo de Gorbuco, alcançou elogios da corte, e conseguio provocar com seu exemplo outros autores dramaticos. Obras de imitação e plagio não agradaram, todavia, ao povo, que lhes preferia as velhas moralidades e mysterios. Appareceu, então, um poeta altivo, inspirado nas lendas nacionaes, e conhecedor do gosto e indole dos seus compatriotas. Chamava-se Christovam Marlowe, filho de um sapateiro, mas educado nas escolas e muito devotado ao estudo das lettras. Compoz e fez representar um drama intitulado Tamerlan, que se apregoava historico, repleto de situações violentas, de intrigas complicadas, de aventuras fantasticas, e tão tragico que quasi todos os protogonistas morriam em scena. Causou impressão, produzio transportes exaltados, attrahio a sympathia geral, já pelas sensações que levantava nos animos, já pela versificação solta e tersa, emphatica e rude, mas popular, o original principalmente.

Iniciou-se, assim e no correr de 1580, a poesia dramatica, entre duas escolas, uma classica romana e a outra original e autonoma. Agradava mais á Izabel a primeira, seus subditos, porém, necessitavam de commoções mais fortes e vehementes, manifestavam desprezo pelo antigo, e inebriavam-se com a novidade audaz de Marlowe, que harmonisava com sua indole sentimentos e costumes as velhas tradições.

Adoptava-se tanto mais o drama de Marlowe ao gosto inglez quanto era o caracter do povo meditativo e positivo ao mesmo tempo, precisava de pensar, e egualmente de rir-se e folgar. O espirito faceto, humour na lingua ingleza, forma parte integrante da vida do povo, e pois este o exige nas obras poeticas, litterarias, artisticas e scientificas.

Sempre que se representavam novas peças de Marlowe augmentavam-se o favor e enthusiasmo do publico. Um drama, que se intitula — Vida e morte do Dr João Fausto, e em que a scena final mostrava Fausto, rassaciado de prazeres, arrependido de haver vendido sua alma ao diabo, e sentindo chegar a hora em que deve morrer, conseguio esplendorosos applausos. No Judeu de Malta e em Eduardo IIIº subia a paixão ao atroz e horrivel, feriam-se em scena combates, commettiam-se homicidios, mani festavam-se, todavia, verdadeiras bellezas de invenção e aventuras, não raro abafadas sob motejos grosseiros, e linguagem empolada e tosca.

Quando em 1587 apresentou-se Shakespeare em Londres, e contractou-se para representar na companhia dirigida pelo artista Burbage, que funccionava no theatro de Blackfriards, permanecia a luta entre a escola classica favoneada pela rainha Izabel, e a nova levantada pelo talento de Marlowe. Não foi, portanto, Shakespeare um meteoro, que fulgurasse no meio de trevas, como exagerados panegyristas propalam. Estava iniciado o movimento dramatico, causavam as peças representadas verdadeiros e freneticos transportes dos expectadores, edificios theatraes não faltavam para as scenas, e o povo concorria com gosto aos divertimentos que lhe offereciam.

Duas funcções differentes foram incumbidas á Shakespeare, a de actor segundo suas convenções primitivas com o director da companhia, e a de corrector de dramas, que se deviam representar, por se lhe descobrir talento e perspicacia nos ensaios, conhecimento da scena, e gosto no travar dos dialogos, que não raro se deviam modificar, mudar, e até supprimir, em beneficio do expectaculo.

Começou assim Shakespeare á mostrar suas habilitações na emenda, modificação, e refundição dos dramas alheios, accommodando-os ás necessidades da scena, ao gosto do publico, e ás qualidades dos artistas que tinham de n'elles figurar. Ao lado de Marlowe, mostravam-se tambem mais ou menos patenteando qualidades dramaticas, Lyly, Massinger, Beaumont, Flechter, Webster, que exageravam muito mais o horrivel e monstruoso nos crimes que desenhavam, e nas peripecias sobrenaturaes, que amontoavam em suas composições. Nem-um d'estes poetas aceitava a lei romana de unidades de logar, tempo e acção; confundiam varios assumptos no mesmo drama, ás vezes sem connexão e nêm analogia. Era indispensavel desbastar muitas de suas impurezas, e não se poupava Shakespeare á tão aborrecido labutar, posto que irritasse alguns dos autores, que se consideravam prejudicados nas modificações que suas peças supportavam para serem apropriadas á scena.

Pertencia exclusivamente o theatro, em que estava Shakespeare empregado, á escola dos innovadores, que conseguio por fim victoria completa sobre a classica, abandonada, desprezada, motejada pelo publico, por não proporcionar-lhe sensações interessantes e adaptadas á seu gosto.

Não valeram a Ben Johnson, autor de comedias organisadas segundo as regras classicas latinas, a elegancia do estylo, o pensamento delicado, o conhecimento da scena, os espirituosos dialogos que provavam seu singular talento. Cahio sua escola, diante das innovações, que conseguiam maior favor e estimação das massas populares.

Apaixonava-se, no entanto, Shakespeare pelas obras e genio de Marlowe, considerava-o mestre, e

encomiava seu nome, sem o menor ciume ou inveja.

Por seus dramas inspirado, tentou tambem escrever composições originaes, e tomar posição entre seus contemporaneos. Apezar de não publicar em sua vida os dramas que escreveu, e que só foram impressos depois de sua morte, por conta dos comicos seus companheiros, adquirio com a representação d'elles nomeada extensissima.

Brilhante foi, de certo, o cultivo da poesia dramatica ingleza, e em Shakespeare encontrou ella seu mais sublime representante; curto, porêm, o periodo de sua duração, porque em 1640 se mandaram feixar os theatros, e applicar os edificios á diversos misteres publicos. Dominavam com a revolução, e o assassinato juridico de Carlos I°, os denominados puritanos, que não admittiam representações scenicas, em seu pensar immoráes e irreligiosas.

Dos poetas que mais tarde e sob o reinado de Carlos II° procuraram regenera-la, uns não possuiam talentos para sustentarem o sceptro da arte, outros, pelo influxo francez curvados ás theorias classicas, temerosos de inspiração nacional e ousadias de seus predecessores, não produziram mais que dramas insipidos e frios, que não merecem lembrança. Que são as composições de Congreve, Dryden, Otway, Home ou Sheridan, embora estimaveis, diante dos dramas de Marlowe e de Ben-Johnson, quanto mais ao lado das obras maravilhosas de Shakespeare?

E' indubitavel que concorrem mais que tudo as circumstancias das epochas, influindo poderosamente nos espiritos e costumes. Os acontecimentos, as crises, as ideas desenvolvem, dirigem, exaltam o talento e o genio, e tornam-se estes os representantes intellectuaes do seu tempo.

Tormentosamente decorrera a historia, em Inglaterra até 1640, em acontecimentos desastrados, em catastrophes sanguinolentas, em perseguições atrozes por causa de crenças religiosas e politicas. Assistira Shakeapeare, e de certo se devia impressionar seu animo, á tragedias reáes, superiores ás tragedias litterarias que se escreviam. Desde as numerosas execuções particulares commettidas no reinado de Henrique VIII°; desde o cadafalso de suas mulheres; desde os assassinatos juridicos ordenados pela rainha Maria; ao governar tambem Izabel, nodoara-se a epocha com a degolação de Maria Stuard, do conde d'Essex, e de varias outras victimas, que registram os annáes inglezes em paginas negras e vergonhosas. Fóra egualmente de Inglaterra, os horrores de São Bartholomeu, as mortes de Henrique III° e de Henrique IV°, e as lutas da Liga em França; as atrocidades das Inquisições hespanhola e portugueza, as crueldades de Fellipe II°, e os crimes horrorosos que se praticavam em Escossia, tudo concorria para ennovoar os horisontes da sociedade, e tornava-se o drama escripto e representado imagem do que o povo via, presenciava e sentia, menos impressionador, todavia, bem que correspondente, aos factos verificados.

Representou-se durante o anno de 1595 o primeiro drama original de Shakespeare, intitulado Tito Andronico, informe e extravagante, como o dos seus coevos; encerrava, comtudo, rasgos de talento possante e auspicioso, e no meio de aventuras tenebrosas e phantasticas esboçava ligeira, natural e interessantemente paixões e sentimentos. Mostrou, logo, que seu genio não conhecia disciplina, e que não nutria intuitos que não fossem corresponder á curiosidade dos platéas, fallar-lhes sua linguagem grosseira e rude, e attrahir seus applausos. Como

Mariowe, servio-se do verso solto heroico, abandonou a rima, para que sobresahisse a situação tragica, e ás vezes, no proposito de affeiçoar a sympathia, misturava o verso com a prosa, prestando á cada um dos interlocutores maneiras de exprimir proprias e annexins tradicionaes, de modo que se percebia a differença entre o criado e o obreiro, o aldeão e o soldado, o plebeu e o fidalgo.

Publicou, por vezes, Shakespeare sua opinião contraria ao gosto dramatico hespanhol, que appellidava hyperbolico e emphatico, e que se inoculára em Inglaterra, desde o casamento da rainha Maria Tudor com Fellipe II°, senhor de Hespanha. Não conseguio, todavia, elle proprio subtrahir-se de todo á influencia hespanhola posto que seja difficil percebela, diante do arrojo de seus pensamentos, e da originalidade das concepções de seus dramas, tão variados, e que não elle, mas os litteratos posteriores, denominaram differentemente : comedias os fructos extravagantes e exclusivamente de fantasia; dramas os que se referem á historia de Ingleterra; e tragedias as peças heroicas, extrahidas dos fastos romanos ou de romances e legendas de successos grandiosos. Logrou Shakespeare formar uma escola ingleza autonoma e nacional, como lhe sorriam á imaginação as reminiscencias e as ideas populares, as superstições e apparições de feiticeiras, sylphos e fadas em que não só o vulgo, mesmo até os espiritos elevados, acreditavam, e os feitos singulares que as chronicas recontavam de saxonios e normandos destemidos e celebrisados.

Do theatro latino aceitára a forma e divisão de actos, excluira, porem, as regras das unidades de logar e tempo, para ter mais vasto campo, mais largos horisontes, á que se estendesse. Não conhecia a lingua e nem a litteratura grega, e pois não admira

que acção simples, pintura de uma só paixão e paixão do momento, lhe não sorrisse ao gosto, e nem a nobreza e egualdade da linguagem, a harmonia das situações, e o colorido symetrico do dialogo.

Seus habitos, as tendencias do seu espirito, seu proprio gosto, e o da sua epocha, repugnavam egualmente á perfeição artistica, á delicadeza e finura, á ordem bella, harmoniosa e sublime, que caracterisam os modelos hellenicos.

Largou vôos á livre fantasia, á realidade da vida com suas peripecias, transformações e contradicções, e portanto, á mescla de todos os generos e contrastes. Assentou seu drama na multiplicidade da acção e dos acontecimentos. Desenrolou o quadro completo da existencia dos personagens, accompanhando-os de edade em edade, e exhibindo em scena mortes, longas agonias, torturas moráes e physicas, miserias repugnantes, angustias de soffrimento. Collocou em scena reis, fidalgos, povo, disputando cada classe, e cada individuo o favor da platea, e manifestando suas sensações diversas, e suas differentes paixões. Cada uma de suas composições é assim um painel espaçoso de successos, aventuras, e protogonistas, complicado e complexo.

Que importa a forma, que é a parte plastica da arte para se apreciar uma composição qualquer? Tenham a sua particular os gregos, exagerem-na, mutilando-a, os romanos. Especialisem-se os hespanhóes com aquella que é appropriada á seus costumes. Fundem os inglezes sua poesia na situação peculiar que lhes prestam seus usos e raças antigas, e a geographia que os separa da Europa.

Barbaro o chamára Voltaire, por lhe observar a grosseria ás vezes da expressão, a linguagem metaphorica, o horrivel dos assumptos, a mescla do grotesco e heroico, gracioso e sublime.

Era, porêm, um barbaro de genio altanado, que se impunha pela imaginação que engrandecia as perspectivas da realidade até os confins do maravilhoso e do sobrenatural, associando o sentimento da natureza ás mysteriosas commoções d'alma. Sabia arrancar das trevas raios de luz, que patenteavam em toda a sua plenitude uma epocha inteira e a vida e paixões dos homens, que n'ella haviam figurado. Resplandecem em suas obras as bellezas do sentimento e do pensamento, que inebriam todos os homens e todos os tempos, que são universáes e cosmopolitas, em quanto que as do estylo, a das phrases e das palavras, são peculiares ao torrão natal, ao ceo e atmosphera local.

Nem-um poeta dramatico impressiona mais profundamente; seus dramas ainda hoje com a simples leitura abalam os sentimentos mais intimos, os mysterios mais reconditos da alma; representados, bem que longos e ás vezes offuscados em episodios que parecem desligados da acção, produzem sempre transportes de admiração e terror.

Os litteratos inglezes de 1650 até quasi o fim do seculo XVIII° alcunharam-no egualmente de brusco, obscuro e selvagem; como porem não podiam deixar de extasiar-se diante de muitos quadros soberbos, admittiam a representação de seus dramas, bem que disformados, á pretexto de correctos e accommodados no gosto do publico.

Para eterno renome de Shakespeare, raiou felizmente o seculo XIX°, e todas as nações da Europa e America, si o não elevaram ao primeiro logar entre os poetas dramaticos antigos e modernos, á nem-um attribuem superioridade sobre elle, quaesquer que sejam os preconceitos de estreito patriotismo, por que julgam e decidem.

VIII

Continuação da poesia dramatica em Inglaterra.

Nascera Shakespeare em Strafford, aldeia collocada nas margens do rio Avon, no anno de 1564. Viveu até o de 1616.

Pouco nos dizem os escriptos inglezes acerca d'elle. Em seu tempo nem-uma biographia sua se publicára. Organisaram-lhe os posteros varias e differentes, adoptando conjecturas por factos, e legendas por acontecimentos verdadeiros. Foi seu pai carniceiro ou mercador de lãas? Duvidoso ponto apezar de muito disputado. Deixára seu ninho natal, não em procura de meios de existencia, mas por causa de uma prisão, processo e condemnação que soffrera, por haver caçado em propriedade de um fidalgo poderoso? Os escriptores que aceitam a ultima hypothese firmam-se em uma comedia, em que Shakespeare ridicularisa um proprietario de terras, furioso por lhe haverem matado a caça sem licença previa.

Sabe-se a data do nascimento pelo testamento que deixou, e suppoêm-se a da morte pelo termo de sua abertura.

E' certo, todavia, que em 1587 deixára Strafford e a familia, dirigira-se para Londres e fora benevo-

lamente acolhido pelo seu compatriota Burbage, empresario e actor principal de uma companhia de comicos, com elle contractando serviço no theatro de Blackfriars.

Protegeu-o efficazmente Burbage, e com seus conselhos e experiencia coadjuvou-o na composição de dramas originaes á que Shakespeare logo depois começou á dedicar-se. Era Burbage o principal actor da sua companhia, e representava os mais importantes personagens das peças.

Apoz Tito Andronico, escreveu Shakespeare outro drama, com o titulo de Periclès, em que manifestou mais gosto e menos exageração. Até 1614 em que se retirou do theatro e de Londres, e regressou definitivamente para Strafford, compoz cerca de quarenta peças, que, representadas por Burbage e seus companheiros, foram estrepitosamente applaudidas pelo publico.

Apreciava-as a rainha Izabel, apezar de sua predilecção classica: elogiavam-nas os ministros, cortezãos e fidalgos com fervor não menor que o do povo. Protegeu-o Thiago I°, concedendo-lhe privilegios tão vantajosos, que elle associou-se á Burbage na empreza, e alcançou meios de fortuna, que lhe permittiram abandonar a scena e retirar-se para o seio da familia.

Parece que o poeta distinguia-se pela probidade e pela economia, pratico como verdadeiro inglez.

Attribuem-se os defeitos de Shakespeare a falta de invenção, porque o assumpto da maxima parte dos seus dramas não derivava de inspiração espontanea; procediam sim da leitura de novellas e contos de que muito gostava, e de composições informes e toscas de outros autores.

Não se pode, todavia, desconhecer sua robustis-

sima imaginação. Sabia illuminar quanto escrevia, desenrolar horisontes encantadores, e revolver magistralmente a parte mysteriosa da alma e as paixões encontradas dos homens ; não se contesta que quasi todos os assumptos, e particularmente os de suas obras mais apreciadas, lhe não pertencem inteiramente.

Não é a Shakespeare somente que se imputa e com razão a ausencia da faculdade inventiva do espirito. Molière e outros genios primorosos padeceram tambem de identico defeito. Gabava-se Molière de apanhar seu bem onde o encontrava, com aquelle sarcasmo fino e pungente que lhe era peculiar.

Para sêr, porêm, grande genio poetico é indispensavel a faculdade da invenção ? O que é a invenção ? A primeira idea, a lembrança espontanea de uma aventura, de um assumpto. Quantos poetas mediocres a possuiram, e nunca alcançaram a sublimidade de Shakespeare e de Molière ?

Caracterisa o grande genio poetico, não a invenção por si, mas sobretudo a imaginação, que é muito differente faculdade do espirito. Só a imaginação presta os elementos necessarios para combinar, organisar e harmonisar as obras de que se gloria a especie humana. E' ella que, deparando assumptos informes e extravagantes, lhes dá formosura, vida, alma, immortalidade. E' artista não o que descobrio o bloco de marmore ou o pedaço de metal bruto ; sim o que com o marmore ou o metal que parecia imprestavel formou uma bella estatua, cinzelou um grupo admiravel, converteu em ouro o latão, e em brilhante a pedra desprezivel.

Esta qualidade, sublime attributo do genio, possuia Shakespeare. Nem-um poeta dramatico foi pe-

la providencia divina mimoseado com mais rica, opulenta, e fantastica imaginação.

Relativamente á ignorancia litteraria de Shakespeare, de que o censuram seus detractores, cumpre declarar que não se nutrira, é verdade, de estudos regulares, e aprendera apenas os rudimentos e primeiras noções das linguas latina, italiana, e franceza: porem lia e com cuidado e aproveitamento o que se publicava; pesquisava, e apreciava as poesias de Ariosto e Boccacio, e as lições de alguns autores latinos, sinão inteiramente nos originaes, pelo menos em traducções, que já se haviam effectuado para a lingua ingleza.

Encerram seus dramas numerosos anachronismos, e ahi lhe são applicaveis todas as censuras, e cabido o rigor da critica. Abre, em um drama, navegação entre a Bohemia e a Sicilia; em outro do tempo do troyanno Eneas cita Aristoteles. Povoa aqui as rochas das Ardennas com leões e serpentes; torna ali Julio Cesar contemporaneo do oraculo de Delfos. Apresenta Hamlet estudando na universidade de Wittemberg, quando se não fundara ainda na Europa nem-uma universidade, e a de Wittemberg pertence á tempos muito posteriores. Falla Ricardo III° em Machiavelli, que existio muito depois d'elle.

Senões indesculpaveis sem duvida, e que infelizmente quasi identicos se encontram em outros poetas e escriptores de nomeada, alias mais escrupulosos, e de maior erudição.

Não é justo, porem, que se pezem os defeitos com as qualidades, os erros com as verdades? Excedam estas, sejam superiores, realcem com brilho, e desculpem-se os defeitos. Procede mais proficuamente a critica, quando applicada á realçar o merecimento,

e não á enumerar fria e como que satyricamente as partes fracas dos grandes escriptores.

Grosseiro na linguagem, barbaro ás vezes nas phrases e vocabulos, metaphorico, emphatico; incorrecto, desalinhado, aspero e obscuro no estylo; não alçança defeza senão na rudez do seu tempo, na barbaria ainda existente da lingua e da litteratura, e no gosto exquisito da epocha. Leiam-se os discursos de Izabel e de Thiago 1º, e as fallas officiaes do parlamento, e enjoam a affectação, o pedantismo scolastico e as imagens hyperbolicas. Corram-se os olhos pelas melhores obras escriptas em Inglaterra no deslizar-se sua epocha, e as exageradas metaphoras, o mau gosto litterario, as facecias burlescas, as grosserias, abundam. Com os annos e os progressos da nação e da intelligencia desappareceram vocabulos então usados, e que são inintelligiveis actualmente. Polio-se e aperfeiçoou-se a lingua; metamorphosearam-se os costumes; cultivaram-se com mais gosto as lettras; estudaram-se melhor as leis do estylo. Por defeitos de um ou outro ponto do colorido, devem-se condemnar telas de concepção esplendida e admiravel desenho? Incorrecções de linguagem arrancam o valor do pensamento, depreciam o methodo e systema admiravel de uma obra qualquer? Senões e maculas do estylo podem offuscar o merecimento altivo e grandioso das ideas e o encanto das imagens?

Mestre se revela Shakespeare pintando scenas graciosas, encantadoras, energicas, naturaes; empregando phrases adoptadas para situações eloquentes, e dialogos sarcasticos, espirituosos; exprimindo ideas vigorosas, frisantes, impressionadoras; que importa que lhe alterem o painel em algumas ou muitas occasiões estropeados trocadilhos,

metaphoras mal soantes; palavras e modos de emprega-las, que se não entendam, ou desagradem aos ouvidos e ás regras do gosto ?

Que poeta dramatico vibrou mais doloridamente os gemidos das almas apaixonadas ? Quem o excede no conhecimento profundo do coração humano? Que escriptor burilou caracteres mais exactos que os personagens historicos ou de phantasia, que apresentou em scena ?

Formam uma soberba galeria os typos que cinzelou, cada um com sua physionomia peculiar e original, paixões, instinctos, palavra, gestos, pensamentos proprios : sejam reis, fidalgos, prelados, camponezes, mulheres, bobos, crianças, soldados, populares, não se confundem ; fallam, movem-se, reconhecem-se, não podem ser outros. E posto que em geral inglezes, muitos, todavia, humanos, cosmopolitas e de todos os tempos.

Variado, trivial, sublime, ironico, philosopho, historiador, pinta quanto vê, exprime quanto sente, a realidade e a idealidade, o humano e o maravilhoso; a natureza em seus contrariados aspectos ; os mysterios do coração, e as pulsações da alma, desdobrando-as paulatina e progressivamente, como que analysando-as para lhes explicar a marcha natural e inevitavel.

Inspira-se, alem d'isto, e sempre, em uma idea moral, e quaesquer sejam suas composições, o homem não é joguete ou instrumento da fatalidade ; toma a responsabilidade dos acontecimentos da vida, porque são resultados de seu livre arbitrio. Pode o acaso, a fortuna, concorrer para os successos, mas ao homem cumpre meditar, contrapôr-lhes contrariedades quando adversos, aproveita-los quando favoraveis.

Nas composições que os litteratos denominaram comedias não parece Shakespeare dirigir-se á um fim calculado. Constituem verdadeiros entretenimentos de phantasia. Encerram incidentes bizarros, caricaturas, facecias, satyras, dialogos espirituosos, scenas burlescas, acção extravagante. Nesses brinquedos do poeta não raro se pintam caracteres primorosos de mulheres, e lances agradaveis de aventuras ora pittorescas, ora sobrenaturaes, que fazem advinhar o genio escondido, mas preparado e habilitado para emprezas de superior valia.

Já pelos titulos, com que as baptisava, manifestava sua intenção folgazã, e caprixosa. Muito barulho por pouca cousa, Como quizerdes, Penas de amor perdidas, Tudo é bom quanto acaba bem, Brincalhonas Comadres de Windsor, Decima segunda noite, Sonho de uma noite de estio, Dous gentishomens de Verona, Cymbelina, Tempestade, Mercador de Veneza. Quando lhe não sorri expontaneamente a idea de um assumpto, apanha-o em composições alheias, e até em contos populares.

Resplendem, todavia, desenho agradavel de caracteres e grande variedade de ideas e pensamentos n'esses minimos folguedos do seu espirito. Ora é a dama folgazona, ás vezes melancholica; esta silenciosa quasi, aquella loquaz e jovial. Expande-se uma em hymnos enamorados; concentra a outra em seu coração intensa dor, resigna-se e soffre com calma apparente. Prorompem algumas em extravagancias, arriscam-se á perder tudo para ganharem os affectos que ambicionam.

Sabe Viola que não é amada, mas persevera. Luta Helena com vontade energica, posto que manifeste docilidade e modestia: ás desgraças oppõe coragem, e por fim triumpha pela virtude. Typos for-

mosos são os de Imogenes pela sua singeleza, e Julia pelo genio audacioso, que a leva á vestir-se de homem, e acompanhar Proteo, afim de viver ao pé d'elle, servi-lo, e ganhar-lhe a sympathia. Apaixonada Porcia, folga, ri-se, zomba com o proprio amante escondendo-lhe assim seus sentimentos. A gentil Judia Jessica, que abandona a familia e a religião, e casa-se contra a vontade paterna com aquelle á quem dedicára amor estremecido e por fim rala-se de remorsos, sensibilisa profundamente.

Petrarca, Metastasio, Thomas Antonio Gonzaga, contentam-se com descrever os dotes physicos de suas damas, olhos, cabellos, physionomia, porte, graças. Estuda-as, porem, Shakespeare no coração e nos segredos d'alma, e presta-lhes um encanto que as ennobrece e exalta.

Admira que oriundo de classe baixa social, sêm estudos regulares, sêm traquejo da sociedade culta, sêm relações com familias elevadas ; em epocha ainda ressentida da barbaria da edade media; soubêsse Shakespeare esboçar louçania tão delicada, perspicacia tão notavel, habitos tão graciosos, intelligencia tão apurada, como a que elle presta ás heroinas de suas comedias.

Interessam-nos tambem alguns caracteres de homens, naturaes ou fantasticos, como o capitão Spavento, o judeu Shylloch, o monstro Caliban, o sylpho Falstaff, que se prendem á memoria e não podem mais d'ella destacar-se.

Deixados de parte os devaneios da mocidade de Shakespeare, lancemos rapida vista d'olhos sobre as composições, que formam sua verdadeira corôa poetica, e que pertencem á edade madura.

Dramatisou Shakespeare a historia ingleza desde o reinado de João sem Terra até o de Henrique VIII°.

Patenteou-se grande patriota e mais amplos e ao mesmo tempo minuciosos esclarecimentos presta em seus dramas á historia que os historiadores e chronistas de profissão. Estudou os toscos annaes de Holinshead e Hall, que unicos quasi existiam, e n'elles adquirio verdadeira intuição dos costumes, da vida e das qaalidades viris dos Anglo-Saxões e Normandos, que desenrolou na scena theatral, para remembrar feitos gloriosos dos heroes populares, e para tornar cumplice da sua imaginação o proprio orgulho nacional britannico.

Em sete peças desfilam os reis das casas de Lancastre e Yorck até os da dynastia dos Tudores. As guerras civis e extrangeiras, as lutas de ambição, os assassinatos, os soffrimentos da nação, os feitos heroicos dos cavalheiros inglezes, são idealisados com tanta quanta exactidão alcançava o poeta no meio do cahos e ignorancia da sua epocha.

João sem Terra, cruel e covarde; Ricardo II° deposto e morto em prisão; Henrique IV° perseguido pelos remorsos; Henrique V° que não é rei para continuar proezas loucas da mocidade e que patenteia as mais nobres qualidades; Henrique VI° que, no seio das atrocidades entre a Rosa branca e a Rosa vermelha, é assassinado barbaramente na mas morra; Ricardo III°, ente monstruoso no physico e moral, corcovado, vesgo e coxo, assassino do irmão, dos sobrinhos e parentes para usurpar e segurar o trono, mas politico habil, e insinuante diplomata; como é admiravel a scena de noite que precede seu ultimo combate e sua morte! Procura conciliar o somno perturbado pelas visões e apparições das sombras das victimas, que immolára á sua ambição e ferocidade, e que lhe repetem em face, uma por uma, seus nomes e maldições. Não escapa á Shakespeare

Henrique VIII°. Esboça-lhe a natureza mudavel e caprixosa, a moral estragada, a tendencia para os vicios, e a crueldade exercida contra mulheres e subditos quasi inscientemente.

Seguem aos reis denodados varões de Inglaterra, os Talbots, Maubrey, Holspuer, vultos gloriosos; Bolingbrok e Buckingham, verdadeiros homens de estado; e uma multidão de guerreiros, que com bizarria pinta Shakespeare, praticando proezas, que extasiavam seus successores, e exaltavam o amor proprio do povo britannico.

Não poupa a Egreja, nem seus funccionarios superiores. O cardeal Winchester, que abusara de sua posição sagrada para enriquecer-se e tyrannisar as classes menos elevadas da sociedade, é castigado por seus crimes e reduzido á mais afflictiva miseria. Um só amigo, um só criado velho, resta ao cardeal Wolsey, quando condemnado á proscripção; atravez do orgulho que guarda, nota-se que o torturam remorsos pungentes; rasgam-lhe o coração empedernido, e mostram-lhe nua e disforme a alma corrupta. O legado do Papa, que alimentara as guerras entre França e Inglaterra, denuncia toda a astucia da curia Romana.

Os bobos e truões, que gozavam de entradas e residencias francas nas cortes inglezas, o povo, para quem convergem sempre as attenções e sympathia do poeta, misturam egualmente suas figuras n'essa singular collecção de retratos, que o poeta entalha com tanta maestria. Constitue Falstaff um dos typos burlescos mais queridos dos inglezes; suavisa as situações tragicas com suas momices, sainetes sarcasticos, pantomimas e bom senso inexgotavel. Não em bloco, mas com seus sentimentos reáes, differentes, moveis, impressionaes, fallando

linguagem propria, amotinando-se, revoluteando, vociferando, e manifestando opiniões e sustos, toma logar competente nos dramas de Shakespeare o povo, a multidão desordenada e disparatada, concorrendo por sua parte para o largo desenvolvimento da acção.

Como sabe Shakespeare applicar seu fino colorido á descripção de crianças que admitte em scena! Formosos e encantadores são os filhos de Eduardo, balbuciando lingua infantil, patenteando ideas e sensações proprias da sua edade, enternecendo com seus modos e lagrimas o carrasco, incumbido de os apunhalar! Arthur de Bretanha, com suas graças e supplicas, alcança sensibilisar o assassino, que lhe deve arrancar os olhos, e que tinha promptos e apresentava já os instrumentos abrazados ao fogo.

Mereceram tambem todo o carinho e cuidado de Shakespeare as mulheres, rainhas poderosas, rainhas decahidas, viuvas infelizes de maridos trucidados, victimas perseguidas, mães, filhas e irmãs, que viram com seus olhos apunhalar os filhos, pais e irmãos, e atiradas depois á penuria e ao desprezo. Electrisa Constança de Bretanha com seu amor materno. João sem Terra usurpara a corôa do filho, que lhe pertencia por morte de Ricardo Coração de Leão, e o fizera recolher preso á Torre. Treme Constança, advinhando o assassinato do innocente filho, ainda na infancia. Ao tentar o legado do Papa aliviar-lhe com palavras macias os soffrimentos e sustos, que a opprimiam, exclama Constança : « Quem falla ! Quem não tem filhos ! ».

Catharina de Aragão, primeira mulher de Henrique VIII°, desperta sympathias e provoca lagrimas. O perdão que dá na hora da morte ao cardeal, que a perseguira e condemnara, é uma inspiração

sublime, porque revela os mais nobres sentimentos da sua alma. Para martyrisar as infelizes duquezas de York e de Glocester, viuvas e mães que perderam os maridos e filhos, colloca Shakespeare a figura de uma Nemesis moderna, Margarida de Anjou, que expia tambem na desgraça, mas que desespera-se, prorompe em imprecações, insultos e furias, personificando não um caracter mas uma idea, o desejo da vingança.

Arranca Shakespeare, assim, os espectros das passadas gerações do seu tumulo secular; galvanisa-lhes os cadaveres, infiltra-lhes o movimento; sacode-lhes os musculos; reveste-os de suas roupagens antigas; e manda-os andar, fallar, viver, animados de calor e de fogo das paixões que os incendiaram.

Pena é que o enthusiasmo pelos seus compatriotas arrastasse Shakespeare, não ráro, á commetter injustiças em relação aos extrangeiros, que são excedidos sempre pelos cavalheiros inglezes no brio, na valentia, nos sentimentos elevados. Defesa nemuma podem allegar os Inglezes, quando o seu poeta nacional amesquinha a excelsa e celeste heroina Joanna d'Arc, e procura roubar-lhe o sentimento patriotico que a animou sempre, e rebaixa-la á condição de feitiçeira.

E tanto mais justamente provocam a critica estes parciaes juizos de Shakespeare quanto sua imaginação não se exercia unicamente na parte exterior das obras, concentrava todo o cuidado, não nos factos isolados, mas nas relações travadas com as paixões humanas.

Os dramas extrahidos por Shakespeare das chronicas inglezas podem-se considerar soberbos panoramas historicos, porque cada um contem, distribuido

com arte delicada, infinita variedade de personagens, pintados ao vivo, photographados ao natural, e reverbertantes de paixões e sentimentos proprios. Symbolisam grandes licções de historia, de moral, de politica, de philosophia. Suscitam no espirito dos leitores e expectadores uma serie de considerações profundas, um scismar doloroso, que se não apaga.

Não contente com os factos inglezes pretendeu egualmente o poeta manifestar-se conhecedor da historia romana, que aprendera particularmente em Plutarco, e portanto em autor, que só via os homens atravez do prisma da grandeza sobrenatural e extraordinaria, propria de legendas idealisadas pelas imaginações populares.

Tres epochas differentes escolheu para dramatisar : a republica atormentada pelas lutas de patricios e povo : a ruina da republica promovida por Julio Cesar no desejo de instituir o absolutismo do imperio : as brigas de Augusto e Antonio para se apoderarem do poder e governo, e tornar-se cada um d'elles o unico e exclusivo senhor dos estados romanos.

E' Coriolano protogonista do primeiro drama. Pintára-o Plutarco como ente superior pela valentia, pelos serviços, pela intelligencia, despeitado contra a patria no fim de sua carreira por se considerar victima de injustiças. Não passa de legenda este episodio como outros eloquentemente narrados por Tito Livio, e que se referem aos primeiros seculos de Roma, onde a imaginação, não os documentos e memorias que faltam, creava acontecimentos e personagens, correspondentes ao amor proprio do povo, que, attingido o zenith de sua grandeza, ambicionava commemorar seus principios obscuros

e barbarisados, ornamentando-os com aventuras heroïcas.

Trata Shakespeare o assumpto com mão de mestre e mestre inspirado. Tumultua e revolta-se em turbilhão a plebe romana; congregam-se os patricios, com seus instinctos e ambição do mando; fica, desde o principio, o expectador preparado para o correr dos successos, a marcha da acção, o desenho dos caracteres, e as lutas apaixonadas que surgem á cada momento. Exalta-se a figura de Coriolano, á frente de Volscos, inimigos de Roma, apezar de movido exclusivamente pelo desejo de vingar-se da patria. Divinisa-se Vetruria, sua mãe, quando abandona Roma, faz-se accompanhar pelas matronas nobres, e prostra-se aos pés do filho, no intuito de conter-lhe os furores, e alcançar a salvação da cidade. Como poderia Coriolano resistir ás supplicas e lagrimas de Vetruria? Levanta o cerco de Roma, e incita contra si os Volscos, que o reputam trahidor, e o immolam á seus despeitos. Orna-se o drama de bellezas admiraveis nas scenas e no desenvolvimento da acção.

O caracter de Coriolano, posto que patricio orgulhoso, chefe do partido inimigo, perseguido pela classe popular, trahidor á Roma, e algoz dos compatriotas que correm em defeza d'ella, figura, assim, em pedestal, ao sopro patriotico de Vetruria, que symbolisa o orgulho innato de raça, e o typo heroico de verdadeira romana.

Dever-se ia intitular de preferencia — Bruto — o drama relativo á segunda epocha, porque a figura de Cesar desapparece diante da de Bruto, e até mesmo das de Cassio e Antonio, Casca e Porcia, alem de que Cesar morre no terceiro anno, e a acção do drama continua sem o seu apregoado protogonis-

ta. Desenhado mesquinha e fracamente o caracter de Cesar, alias o maior genio, que o mundo todo tem produzido desde os tempos antigos até os nossos dias, parece que não pensou Shakespeare senão em realçar o de Bruto e de seus companheiros, como representantes sublimes e heroicos da liberdade e do patriotismo. Apezar de sua amizade e gratidão por Cesar, e sómente porque o considerava ambicioso do imperio, une-se Bruto aos conspiradores, que sonham com a restituição do regimen republicano. Aspira Bruto á restabelecer as antigas instituições da patria logo que Cesar seja assassinado. Para elle o patriotismo é a primeira e superior virtude do romano, mais sancta que o amor da familia, e os sentimentos do coração. Cassio e Casca possuem todos os attributos revolucionarios; sabem alliciar amigos e seduzir o povo. Porcia denuncia a matrona romana enthusiasta e briosa que junta á ardôres de patriotismo, modestia, candura e qualidades de seu sexo delicado. Assassinado Cesar, murmura e alvoroça-se o povo. Aproveita Antonio, general de Cesar, a opportunidade que se lhe offerece. Faz conduzir o cadaver para a praça e diante do feretro arranca o manto de Cesar, mostra suas feridas, enternece e exalta as massas populares, lembrando-lhes eloquentissimamente os beneficios da victima, e excitando-as á vingança. Transfere-se no quarto acto o drama para a Asia, onde se fortificam os republicanos. Travam-se guerras e combates até sua completa ruina. Morrem Cassio e Casca, suicida-se Bruto, e dispersam-se em desordem os seus amigos e soldados.

Tende a terceira tragedia á descripção do mundo dividido entre Augusto, á quem tocaram Roma e o Occidente, e Antonio senhor de Alexandria e do

Oriente. Entrega-se Antonio aos amores e feitiços de Cleopatra do Egypto, e perde nos prazeres a energia antiga de guerreiro illustre e de valente companheiro de Cesar. Politico, calmo e perspicaz, aproveita Augusto em Roma os acontecimentos que correm, para conseguir o dominio inteiro de Roma, na Europa, Asia e Africa. Captivado Antonio por Cleopatra, não suspira e nem respira senão por ella e por suas graças seductoras. Não tarda a atiçar-se briga entre Antonio e Augusto. Seguido de Cleopatra, que esquipa sessenta galeras de guerra, parte Antonio para os mares de A[illegible]m, e ataca a esquadra de Augusto. Mas não [illegible] a-tra habituada á combates, e foge com [illegible] s logo ao principiar a acção. Desesperado [illegible] sustentava com denodo o pr[illegible], aban[illegible] ria aos inimigos, preferin[illegible] r atr[illegible] patra. Ao chegar á terra, [illegible] m-lh[illegible] suicidara para não sêr pr[illegible] e A[illegible] mais resta a elle no mun[illegible] arec[illegible] que o allumiava, o coraç[illegible] spo[illegible] pitações do seu coração. [illegible] em [illegible] consegue, enterrando no [illegible]

Ainda nos dramas Cesa[illegible] traços fieis da vida roman[illegible] ro[illegible] costumes romanos ; desen[illegible] a acção, que conserva inter[illegible] ma Antonio e Cleopatra, [illegible] Shakespeare, pintar com co[illegible] romanos de então, e nêm tor[illegible] os caracteres dos Asiaticos [illegible] companhavam Antonio, e que [illegible] á altura de romanos. Graves de[illegible] affeminada de Antonio, conhecia [illegible] guerreiro destemido, estimado [illegible]

suas maneiras bruscas e altivas, mas populares, dotado de rara perspicacia politica, e de muito orgulho, contrariam as tradições historicas. Nota-se, comtudo, o toque do genio no ligar as scenas á acção, e no projectar episodios interessantes para captar a attenção dos expectadores.

XI

Continuação da poesia dramatica em Inglaterra.

A admiração, geralmente sentida pelo genio sublime de Shakespeare, procede quasi que exclusivamente de cinco dramas, que o publico denomina tragedias, e que elle escreveu, caminhando já para a velhice. Romeo e Julieta, Othello, Macbeth, Hamlet e Rei Lear, acham-se traduzidas em quasi todas as linguas modernas, e representam-se constantemente nas capitaes e cidades principaes da Europa e da America. Calcuta, Madrasta, Bombaim, a Australia, o Cabo da Boa Esperança as applaudem com o mesmo enthusiasmo, que exalta os habitantes da Grã-Bretanha.

O drama de Romeo e Julieta foi copiado de assumpto de novellas italianas e particularmente de um romance de Luidgi Porto, e escripto primitivamente no correr do anno de 1595. Mas não quiz o poeta faze-lo representar immediatamente.

Guardou-o para corrigir, augmentar, e engrandecer, parecendo-lhe proprio de horizontes mais tragicos. Opulentou-o, de feito, mais tarde e socegadamente, e o levou á scena em 1610.

Guarda a tragedia de Romeo e Julieta as reminiscencias da mocidade de Shakespeare; conserva o gosto de trocadilhos, meiguices e fraseado ita-

liano, que tanto de agrado do poeta tinham sido nos annos verdes: falta-lhe aquella profundeza do meditar philosophico, que delicia nas ultimas composições da vida do poeta, e que revela a elevação original de seu genio.

Agrada, todavia, mais que todas na representação scenica, pela louçania da inspiração, seiva graciosa, colorido poetico, ternura do assumpto, amores juvenis, sentimentalismo e melancholia da acção, que parece um sonho infinito, ideal e harmonioso. Ha momentos na vida em que o pensamento humano, purificado pela luz divina, refulge e irradia como flamma: canta, em vez de meditar, e maviosas endeixas derramam o fogo sagrado, que o incendia. Dir-se-ia derivar o drama de Romeo e Julieta d'esses instantes privilegiados, que Shakespeare lográra.

E' theatro da tragedia a bella terra da Italia; que resplandece com seu ceo limpido, monumentos soberbos, reminiscencias deliciosas, perfumes, poesia, e a propria lingua italiana, musical por excellencia. Reunindo o gracioso do hymno e o tom amargurado e plangente da elegia, a apotheose do amor e sua pompa funebre, extasia qual cantico de anjos, e enternece como o derradeiro suspiro da vida.

Pertence Julieta á familia Capuleti e Romeo á de Montechi, inimigas irreconciliaveis, separadas por odios antigos de raça e lutas frequentes.

Romeo apparece disfarçado e portanto desconhecido em um baile dado pelos Capuletis. Avista Julieta e pergunta extasiado. — Quem é aquella dama tão formosa? — E'a filha de Capuleti. Respondem-lhe. — Oh! exclamou Romeo. — Que desgraça a minha! Minha vida cahio aos pés dos meus inimigos!

Não se impressiona menos Julieta por seu lado. Notando aquelle mancebo, indaga da criada. — Porque não quer elle dansar? — Ah! Que me diz o coração que si é casado, meu leito nupcial será o tumulo. —

Avistam-se, fallam-se, amam-se. Inicia-se a paixão pelos sentidos physicos. Desenvolve-se pela corda harmoniosa que vibra no intimo do peito. Desde esse momento são lyricos e vaporosos seus curtos colloquios. Separe-os embora a animosidade das familias, elevam-se na região inflammada do sentimento. Descuidados do presente, entregam-se aos risos, ás alegrias, aos prazeres, ás esperanças da edade feliz dos amores. Esquecem todos os perigos, vencem todas as difficuldades; communicam-se por cartas, encontram-se em varias occasiões, e conseguem por fim que Frey Lourenço, enternecido e augurando quiçá resultado vantajoso á paz das duas familias, lhes dê secretamente a benção matrimonial, aconselhando-os, no entanto, á amarem-se com moderação porque só assim pode a paixão durar; quando violenta não escapa á desastres violentos, porque é fogo, é polvora que incendia o que toca.

Novas brigas travam-se logo, e recrudesce entre as duas familias o odio. Compellido Romeo á duello com Tybald, mata-o, e é condemnado pelas justiças á desterro perpetuo. Trata de despedir-se de Julieta para cumprir a sentença. Escala, como costuma, os muros do palacio inimigo, aproveitando-se das sombras da noite. Scena admiravel dos adeuses, cortados de soluços e lagrimas! Insiste Romeo em partir, oppõe-se Julieta porque não é ainda dia. Já se ouve a voz da calhandra, annunciando a aurora. — Responde-lhe: — Oh! não. — Replica-lhe Julieta,

abraçando-o amorosamente: — E' a do rouxinol e não a da calhandra — Julieta, Julieta, exclama Romeo — Já se mostra a claridade. E' preciso partir e viver, ou ficar e morrer!

Exhala Julieta suspiros doridos, e escapa á seu sonho encantado. — E' o dia, — foge, foge, adeus, adeus! Todos os colloquios dos dous enamorados ressentem-se de um perfume delicioso. Trinam, como passarinhos, endeixas e canticos em linguagem mysteriosa e musical.

Partido Romeo para Mantua, os pais de Julieta pretendem casa-la com o conde Paris. Recorre Julieta á Frey Lourenço. Declara-lhe o monge que só um meio resta, beber narcotico, cahir por seu effeito em deliquio por quarenta e oito horas, deixar-se sepultar no cemiterio da familia, e sêr depois d'ahi retirada pelo esposo, á quem o frade avisará de todos os acontecimentos, para que juntos se evadam de Verona.

Hesita, treme Julieta. Sua confiança, porêm, no monge, sustenta-lhe as forças, e presta-lhe a coragem precisa. Bebe o narcotico até a ultima gota.

Impressionam extraordinariamente, as frias facecias e chocarrices dos musicos, chamados para nupcias, e que assistem á um enterro! Zombeteiam á vista do cadaver, para provarem a misera condição da existencia humana! Ali a morte, aqui os risos da vida! Licção philosophica!

Procede-se ao enterro de Julieta, e Frey Lourenço envia mensageiro com cartas á Romeo. Desencontram-se, todavia, porque Romeo abandonara Mantua, apenas lhe ferira os ouvidos a noticia vaga da morte de Julieta. Dirige-se ao cemiterio, descobre Julieta ali depositada, pensa-a morta, beija-a, e não desejando sobreviver-lhe, bebe peconha, que trazia, e expira aos pés do

tumulo. E' então que apparece Frey Lourenço, e accorda Julieta do lethargo, em que havia cahido. Tornada á vida, descobre o cadaver de Romeo. Reconhece-o, abraça-o, chora, soluça, arranca-lhe o punhal da cintura, e enterra-o no peito, exhalando egualmente o ultimo sopro da existencia.

Constitue tambem o amor os fundamentos da tragedia — Othello, mas não terno, commovente, juvenil, arrebatador qual o de Romeo e Julieta: violento, porèm, terrivel, ciumento, fatal, aproximado á loucura. E' o assumpto de Othello extrahido egualmente de uma novella italiana escripta por Cintio. Trata-se de um Mouro d'Africa, que, empregado no serviço militar da Republica de Veneza, sobe, pela sua bravura, ao posto de general do exercito, e adquire geral consideração e estima. Ama-o Desdemona ao ouvir-lhe contar as proezas; corresponde-lhe Othello pela sua formosura. Recusa o pai de Desdemona casa-la com o Mouro. Abandona Desdemona a casa paterna, e liga-se á sorte de Othello, supprindo decisão do conselho governativo á falta da permissão paterna. Presagia, então desesperado o velho Veneziano: — Quem trahio o pai poderá tambem trahir o marido.

Retirados á ilha de Chypro, Othello continua á servir a republica, em quanto que Desdemona mostra-se cada vez mais desvelada e graciosa esposa. Vivem felizes até que um genio infernal principia á perturbar-lhes a paz domestica. E' Iago, terceira personagem da tragedia, sagaz, perverso, insinuante, e que se diz amigo dedicado de Othello.

Circula sempre nas veias do Mouro sangue abrazado da Africa, quando deveria ter-se abrandado ao sopro purificador da civilisação e do christianismo, que elle parecera abraçar em Veneza.

Não acredita Iago no procedimento honesto, leal e altivo de Desdemona; e trata, de gota á gota, e em intervallos calculados, inocular no animo de Othello suspeitas, e ciumes ardentes. Narra com geito, nas conversas, as trahições e deslealdades das mulheres, e não deixa de fazer penetrar aos sentidos de Othello, indicios que se prestem á sua allucinação. Perde Desdemona, á pouco e pouco, a confiança do marido, sem que houvesse commettido acto que lhe desmerecesse o conceito, e nem nutrido pensamento que devesse provocar desconfianças. Operam as palavras de Iago paulatina e gradual transformação no espirito de Othello, que começa á mostrar-se ora ironico, e não raro violento para com a consorte. Persegue-o uma idea fatal — Ser-lhe-ha ella infiel? Passam-se occurrencias, que de animo atilado não atrahiriam a menor attenção, mas á uma alma susceptivel, irritavel, ignorante como a de Othello, parecem de peso decisivo. Desdemona falla-lhe em favor de Cassio, e em poder d'este apanha Iago um lenço de Desdemona, que entrega a Othello. E' quanto basta para que o Mouro se repute trahido. Diz adeus á paz d'alma, aos contentamentos do espirito; adeus aos esquadrões militares, ás guerras, aos corseis ligeiros, ás trombetas sonoras, que excitavam as valentias, os orgulhos, as pompas de gloriosos combates.

Parece impossivel descrever-se mais ao vivo, natural e patheticamente, as sensações e dores do Mouro, bem que suas phrases se ressintam de crueza e barbaria, e pareçam até indecentes, pela energia das palavras empregadas.

Tristeza amarga e profunda abate-lhe o animo até que se lhe desperta a idea de vingança. Corta-lhe ainda ás vezes as intenções sinistras a reminis-

cencia de que Desdemona por ella sacrificára pai e familia, e que não tem razão para trahi-lo. Repete-lhe, porêm, Iago o dito de Bragancio. — Quem trahio o pai será capaz tambem de trahir o marido.—

Não resiste á violencia do ciume. Arma-se e resolve matar a mulher. Penetra em seu aposento. Ella dorme tranquillamente. Enternece-se o Mouro, chora como uma criança. Acorda-a e convida-a á preparar-se á morrer. Innocente e altiva, em vêz de desfazer-lhe a colera, a excita mais Desdemona, ousando defender Cassio, de quem Othello desconfia. Não teme perigos, porque conserva pura a consciencia, e falla a verdade. Exasperado o Mouro, assassina-a deshumanamente. Commettido o crime, volta-lhe a reflexão, arrepende-se, e como o leão dos desertos contra si mesmo emprega o ferro, e se suicida rugindo. Prova até o ultimo momento que não passa de um selvagem com o verniz da civilisação, que o limou somente nas qualidades exteriores, mas não lhe extinguio no peito os instinctos e paixões desordenadas da raça.

Não é mais o amor, é a ambição que se descreve na tragedia Macbeth. Outra ordem de ideas, outros horisontes, outras paixões, e situações diversas, desperta a nova composição. Pertence o assumpto á uma legenda, descripta na chronica de Holinshed, e verificada na Escossia no correr do seculo XI°. Reinava Duncan, monarcha pacifico e bondadoso. Invasões de Dinamarquezes ameaçam seus estados. Envia seu primo, Macbeth á combate-los. Victorioso Macbeth, regressa para a capital, esperando premios e honras. Ao passar uma noite por escusos pantanaes, avista velhas feiticeiras que em linguagem cabalistica lhe auguram que será conde de Condor e por fim rei da Escossia.

E' pelo poeta empregado o maravilhoso, o sobrenatural para mais energicamente pintar o caracter supersticioso do protogonista. Acreditavam os povos em apparições, advinhações, phantasmas e vaticinios de bruxas, que nos bosques, e campos se mostravam quando mensageiras de desgraças. Não só na epocha de Macbeth, mas ainda na de Shakespeare com identicas abusões a população se imbuia. Deviam de certo mais impressionar o expectador as mesclas do natural e do sobrehumano, que elle tomava ao serio, como realidades da vida. Posto que intelligente e douto escapára por ventura o proprio rei Thiago I° á essas tradições e crenças supersticiosas, que traziam perplexos e atemorisados os animos dos subditos? Não escreveu elle e publicou um tratado acerca da demonologia? Não condemnavam ao supplicio do fogo os tribunaes inglezes, ainda no seculo XVII°, quantos suspeitavam de feiticeiros e advinhos. Só de uma vez, não menos de duzentas mulheres velhas, accusadas de praticarem bruxaria por meio de maleficios e sortilegios, contra a vida do rei e de pessoas da corte, pagaram com a vida os delictos imputados.

Si não alegraram de todo á Macbeth, pelo menos influiram fortemente em seu animo, os prognosticos das feiticeiras; tanto mais que logo depois verificaram-se em parte. Em premio de suas victorias, honrou-o o rei com o titulo e regalias de conde de Condor. Poderia depois d'isto, Macbeth deixar de prestar-lhes attenção e quasi credito? Foi-se-lhe a poderando do espirito a segunda prophecia, e abandonando-lhe o pensamento as boas qualidades de subdito e soldado.

Communica os acontecimentos á mulher ambiciosa, e com ella mergulha-se paulatinamente na

esperança de realisar o sonho dourado que lhe cresce na mente, e o seduz com encantos ineffaveis. Sêr rei — Que futuro delicioso!

Não ousa conspirar contra seu monarcha e primo, mas entrega-se á meditações e projectos. Recolhe-se á seu castello, e Duncan, despido de todas as suspeitas, para mais demonstrar-lhe sua gratidão, annuncia-lhe uma visita, que lhe satisfaça o orgulho, e lhe realce o prestigio na opinião dos seus compatriotas.

Tentação para Macbeth! Entrega-se-lhe expontaneamente a desditosa victima! Não lhe será facil arrancar-lhe então a vida? Mas não o impedem os deveres da hospitalidade, o estigma publico, e até a edade avançada de Duncan?

Estremece, hesita, não abandona, todavia, os maus designios, que a ambição lhe sopra no peito. Chega o rei, e é acolhido com toda a grandeza e respeito. Para precipitar, porêm, no crime o vassallo desleal, ahi está á seu lado á incita-lo, á anima-lo, a mulher, que se manifesta mais susceptivel de rapidas e violentas concepções. Que gloria para ella sêr rainha, sentar-se no trono, collocar sobre a cabeça a corôa de soberana! Combatendo as duvidas e temores do marido, logra seduzi-lo, arrasta-lo ella propria ao aposento, onde descansa Duncan, e depositar em suas mãos o punhal homicida. Dormia tranquillamente Duncan quando Macbeth o trucida.

Consumado o crime, simula-se Macbeth attonito e furioso contra os malvados, que em seu palacio, e sêm respeito á sua dignidade e deveres de hospede, o haviam perpetrado. Accusa e pune barbaramente como autores os proprios companheiros do rei, aboletados no visinho aposento.

Apodera-se, emfim, Macbeth do trono e proclama-

se rei da Escossia. Carece, todavia, de segurar o poder, disputado por Banquo, parente mais proximo de Duncan, seu companheiro d'armas, seu amigo dedicado. Arrasta um crime a novos crimes. Banquo é immolado á ambição de Macbeth, e logo depois a mulher e filhos de Macduff, que podiam allegar tambem direitos de preferencia ao sceptro da Escossia. Escapára Macduff á morte por se achar ausente. Mas contra elle se publica sentença condemnatoria, caso regresse para a Escossia.

Considerava-se garantido na autoridade suprema, quando começaram os remorsos á cortar-lhe a consciencia com golpes pungentes. Foge-lhe a tranquillidade do espirito, falta-lhe o somno. Uma vóz interior não cessa de gritar-lhe : — Não dormirás mais, Macbeth, porque mataste o somno. — Apparições medonhas o accompanham até no meio de festas que prepara e celebra no intuito de conseguir lenitivo. Manifestam-se-lhe aos olhos os espectros de suas victimas. Banquo, principalmente, é a visão phantastica, que á todo o momento o tortura. Energico até então, seu espirito acabrunha-se, e pranteia o guerreiro como miseravel condemnado. Profunda realidade, soberbos traços de sentimento, gemidos doridos, debuxa o poeta pintando a situação do animo de Macbeth.

Por seu lado, não depara tambem Lady Macbeth descanso e nêm felicidade no gozo da corôa, objecto de sua ambição. Antevê, agora, só perigos e desastres ; imagens sanguinolentas a perseguem ; perde a razão por fim, e torna-se somnambula. Rasgam lhe constantemente a imaginação reminiscências do assassinato cruel e perfido de Duncan, e acredita-se a autora, não cumplice somente, d'aquelle attentado hediondo.

Nos accessos do somnambulismo, coberta de roupas rasgadas, com uma vela accesa, percorre os aposentos dos paços reaes, olha de quando em quando para as mãos, e horrorisada repete de continuo — Como tinha aquelle velho tanto sangue! Não ha aguas no mar que extráiam as manchas que elle me deixou nas mãos! —

Expira a infeliz no meio das preoccupações do seu espirito, espavorida, temerosa de si propria, e tendo constantemente diante dos olhos a figura do velho Duncan.

Sahira Macduff da Escossia apenas Macbeth usurpara a corôa; logo porêm que reunio amigos, e preparou exercito inglez de invasão, tratou de guerrear á Macbeth. Sobresáhe n'essa occasião a scena sublime do colloquio entre elle e o mensageiro, que lhe dá noticias da Escossia. — Como deixou a patria? — Na maior miseria e prostração, respondelhe o mensageiro. — Em que estado se acha seu castello? — Arrasado, incendiado por Macbeth, os campos talados, as seáras destruidas. — Vingar-me-hei — Exclama Macduff.

Que novas da mulher? — Assassinada por Macbeth — Diz-lhe o mensageiro — Vingar-me-hei, vingar-me-hei — Torna á exclamar — E seus tres filhos quem d'elles tomou conta? — Oh! Elles foram tambem immolados por Macbeth: nem-um mais existe!

A'esta noticia não pode resistir Macduff. O golpe desconcertou-lhe o animo. Prorompeu em soluços, pranto, ais amargurados. Na intenção de alliviar-lhe o soffrimento, declara-lhe um amigo que se tirará vingança de Macbeth. — Como me poderei vingar — grita Macduff desesperado — Não, não é possivel — Elle não tem filhos!

Trava-se, no entanto, o combate, é n'elle vencido e morto Macbeth.

Extrahio Shakespeare da chronica de Hollinshed, e de um velho drama inglez de 1594 de autor desconhecido, o assumpto do rei Lear. Não é n'elle protogonista um só homem: é toda uma familia, é uma raça inteira. Amontoam-se, complicam-se os caracteres; quantidade extraordinaria de personagens enchem as scenas: divide-se a unidade da acção em muitas partes distinctas; brilha, todavia, interesse dramatico.

Transparece no rei Lear como que uma inspiração de Sophocles na admiravel trilogia de Edypo. Posto que differentemente pintadas, lembram Lear a figura de Edypo, e Cordelia a de Antigone.

Lear, rei dos Bretões, despota e feroz, aborrece-se dos incommodos da corôa, e resolve abdica-la, conservando, comtudo, as honras e prerogativas da soberania. Tem tres filhas, duas casadas, Regana e Godovil, e a ultima ainda solteira, Cordelia, noiva do rei de França. Que importa o anachronismo? A epocha, á que se refere Shakespeare não corresponde, é verdade, á França e nêm á rei de França, mas ás Gallias, e aos tempos ainda dos Druidas, antes que Julio Cesar as tivesse conquistado.

Propõe Lear quizitos ás filhas para saber qual lhe dedica mais amor. Satisfazem-lhe aos gostos grosseiros as lisonjearias de Godovil e Regana. Desagrada-lhe a resposta franca, leal e nobre de Cordelia. Abdica, então, Lear o trono nas pessoas das duas primeiras filhas, e amaldiçôa e condemna Cordelia ao desterro.

Senhoras do poder, e arrastadas pelos maridos, abandonam, maltratam, e martyrisam as duas filhas seu pai desapossado da corôa. Perseguem e

matam seus famulos fieis, e obrigam por fim o velho rei á fugir para uma selva recondita, onde se entrega á dor e aos furores procedidos do despeito e do orgúlho offendido. Um unico amigo o accompanha, e tenta em vão levantar-lhe o espirito, que decáhe progressivamente, e por fim de todo desapparece. E' o bobo da sua antiga corte, cujas facecias lhe causavam outrora tanto prazer, e que elle agôra não aprecia em sua loucura. Desenha Shakespeare soberbamente o estado de allucinação de Lear, morte apparente d'alma que degrada o individuo antes de destrui-lo. Torna-se o quadro mais sublime do naufragio da natureza moral, e o mais perfeito estudo psychologico.

Complica-se a acção com outra egual e parallela. Amaldiçoara egualmente o Conde de Glocester o filho legitimo Eduardo, dotado alias de qualidades nobres; e elevara-se em sua estima o bastardo perverso. Soffre como Lear insultos e ingratidão de quém menos devera pratica-los. Todos os caracteres distinguem-se e marcham conjunctamente na acção, filhas e genros de Lear, filhos de Glocester, o bobo, Glocester e Lear.

Reune Cordelia amigos para salvar o pai : descobre-lhe o asylo, e a scena da entrevista sensibilisa profundamente. Ao vê-la, ouvi-la, e abraça-la ; ao reconhecer-lhe as virtudes, recorda-se Lear das filhas ingratas, e parece recuperar a razão. Pouco tempo, porêm, lhe dura a fugaz alegria, que como palido raio do sol lhe allumia o espirito. Sossobra ao peso dos soffrimentos e volta-lhe a allucinação.

Trava-se combate entre os seguazes das tres filhas de Lear. São vencidos os partidarios de Cordelia. Ella e o pai cahem prisioneiros em poder de seus inimigos. E' assassinada Cordelia por

suas irmãas, e ao saber a noticia como que se reabre a intelligencia de Lear, que exproba os crimes de sua raça, accusa-se á si proprio de havêlos causado, e morre amaldiçoando-a.

Resta-nos tratar agora da tragedia — Hamlet, que, mais que nem-uma de suas obras, recebeu de Shakespeare modificações e transformações notaveis, e que parecia merecer-lhe preferencia e predilecção. Deve á uma novella insipida de Belforest a idea e o assumpto, que abrilhantou com reminiscencias gregas de Agamemnon, Clytemnestra e Orestes, e engrandeceu com vôos sublimes de sua poderosa imaginação.

E' questão magna entre innumeros litteratos e criticos a explicação do personagem de Hamlet. O que significa esse conjuncto de philosophia e ironia, de sentimentos honestos e de pensamentos sombrios, de irresolução e de generosidade? O que exprimem esses continuados monologos, em que cogita sobre o nada da vida, em que comtempla com desdem a existencia humana, em que mistura temperamento melancholico e prostração de animo? Não goza dos prazeres da mocidade, assimilha-se á um velho decrepito e desabusado, para quem o mundo exterior inspira exclusivamente despreso e revolta.

Principe real da Dinamarca estuda Hamlet na universidade de Wittemberg as sciencias metaphysicas e philosophicas. Adquire melancholia profunda e despreso pelo mundo. Torna-se seu caracter reflexivo e phantastico. Volvendo para a patria, encontra morto seu pai, e o trono occupado por sua mãe que se casára com o cunhado. Só um pensamento terrestre preocupa-lhe ás vezes o espirito, é o amor que lhe bate no peito pela linda e formosa Ophelia, filha do cortesão Polonio. Tudo o mais é sonho, é um

scismar continuado e infindo no meio de uma sociedade que se diverte.

Communicam-lhe os guardas do castello que ás noites passeava pelas ameias um espectro semelhante ao finado monarcha. Dirige-se para ali Hamlet, desejoso de verificar a apparição. Mostra-se-lhe aos olhos a imagem do pai, que lhe declara ter sido assassinado pelo irmão e pela consorte, e evapora-se apenas pronuncia as palavras denunciadoras do acontecimento. Duvida Hamlet, pensa que o acabrunhara um sonho. Já propenso á meditação, mais se mergulha seu espirito nos mysterios do mundo invisivel, no desprezo da vida, e nas suspeitas da perversidade humana.

Para descobrir a verdade, e se lhe não perceberem indicios de sua intenção, finge-se insensato, monomano: poderá assim tudo vêr, tudo ouvir e saber tudo. Domina seu animo, e propõe-se á illudir á todos. Reune comicos e prepara representações de scenas que impressionando a mãe e o tio lhes arranquem os segredos que escondam. Trava dialogos com a rainha, para lhe prescrutar e advinhar o intimo do peito. Commette a morte de Polonio, e amargura o coração da filha. Emprega phrases desordenadas, e pratica actos assustadores. Cogita, no entanto, quando só, sobre a vida e a morte, e seus monologos aterram pelas ideas philosophicas, que exprime, e pelos pensamentos altanados e sublimes, que lhe escapam da mente escandecida e torturada. O labutar incessante de pensamento, a reflexão apaixonada, as lucubrações e desvarios á que se entrega, fatigam-lhe o cerebro, saturado de commoções. Desfolham-se-lhe um por um os affectos d'alma, abala-se-lhe a crença, morre-lhe a esperança, e morde-o por fim o desengano. A' pouco e pouco da loucura

fingida vai-se aproximando á loucura verdadeira. Já lhe aborrece a vista de Ophelia, porque todos os entes humanos lhe parecem perversos e hypocritas. Porque não matará Claudio, que foi algoz de seu pai? Não deve elle pagar por si e por sua mãe, já que contra esta nunca ousaria dirigir o braço?

Desconfiado Claudio trata de envia-lo para Inglaterra, pretextando necessidade de curar-se das molestias que padece. Prepara navio para conduzi-lo. Embarca-se Hamlet. Resolve-se, em viagem, á voltar para Dinamarca, seduz o piloto e consegue seus intentos.

No entanto enlouquece seriamente Ophelia; vencida pelos acontecimentos, pelo assassinato do pai, e pelo desprezo de Hamlet, precipita-se em um lago e morre afogada.

Chega Hamlet ao cemiterio na occasião em que se espera o cadaver de Ophelia para ser confiado á sepultura. A scena do coveiro, brincando com os craneos dos mortos, suas facecias rudes e amargos sarcasmos lançam diversão admiravel no meio dos lugubres acontecimentos que correm. Toma Hamlet parte nas observações do coveiro, e trava-se entre elles dialogo original, philosophico e ironico, á respeito da confusão do bobo e do sabio, do formoso e do horrivel, do idiota e do homem de genio, que todos se confundem debaixo da terra, deixando apenas ossos desconhecidos.

Tem logar a funebre ceremonia. Toda a corte assiste ao enterro de Ophelia. Coroas de flores lançam-se sobre seu corpo. Lagrimas copiosas inundam todos os rostos. Eis que surge Hamlet e espanta á todos que o reputavam em Inglaterra. Desafia-o Laerte, irmão de Ophelia. Fixa o rei as condições do duello, e prepara os floretes para os

lutadores. Envenenado na ponta o de Laerte deve levar a morte ao seio de Hamlet, por mais pequena que seja a ferida que pratique. Preparado um copo d'agua com peçonha, deve assegurar o resultado quando não conseguido.

Fere Laert á Hamlet, que desesperado arranca-lhe das mãos o florete envenenado, e lho aponta certeiro ao peito. Nas ancias da lide bebe a rainha o copo d'agua fatal. Descobre-se o artificio empregado por Claudio, e Hamlet o assassina, cahindo na scena e sem vida os quatro personagens, ao lado e ao pé da eça de Ophelia.

X

Poesia dramatica em França.

Só depois de Hespanha e Inglaterra é que França principiou a cultivar poesia dramatica. Decorria já o seculo XVII°, e apenas o povo conhecia mysterios, farças immundas, e dansas indecentes, que pessimas companhias ambulantes representavam em velhos casebres e miseraveis choças, apezar dos anathemas, que a Egreja promulgava contra semelhantes expectaculos.

Espalhava-se, no entanto, o conhecimento da litteratura latina, e publicavam-se os classicos romanos já nos seus originaes, já em traducções. Começava-se á dar attenção aos thesouros da intelligencia grega, e á lingua franceza, formada sobre o antigo idioma wallon, se propagava em todo o reino, reduzido o proençal e os demais idiomas de outras provincias á simplices dialectos populares. Montaigne polira bastante a elocução de Joinville e Froissard. Rabelais audaciosamente prestava á lingua no seu poema delirante, denominado Gargantua, bizarra originalidade. Publicaram-se durante as lutas da Liga, e as guerras de Henrique IV° satyras notaveis, escriptas elegante e galhardamente. A' Marot e Ronsard succediam em melodias poeticas, canções alegres e endeixas melancholicas Regnier e Malherbe, que mostravam

que a lingua posto que extremamente concisa podia exprimir tambem em versos rimados paixões e affectos. Pairava egualmente na atmosphera o influxo do genio hespanhol, que pela politica, pelas armas e pelas lettras, se expandia pelo mundo, e ao mesmo tempo surprehendiam as melodias e encantamentos do estylo, com que os italianos monopolisavam o gosto, e inebriavam os espiritos.

Aos mysterios substituio felizmente bem que ainda balbuciando, pelos fins do seculo XVI°, a poesia dramatica com imitações das peças de Seneca, Plauto e Terencio, que Jodelle e Garnier traduziram, e que Hardy adaptou á scena, constituindo-se emprezario de uma companhia de comicos. Sendo-lhe preciso alimentar seu theatro e satisfazer a curiosidade dos expectadores, e não lhe bastando as traducções, tornou-se autor egualmente. Não foram, todavia, suas composições, mais que pessimas copias de originaes hespanhoes, cujos meritos não entendia, e que mutilou extravagantemente, afim de apropria-las ao tablado, segundo as regras ensinadas por Horacio.

Foi-lhe superior em concepção e em estylo Rotrou, extrahindo egualmente em parte assumptos do theatro hespanhol, e revestindo-os de formas classicas; não o ajudava, todavia, o genio para prestar vida á poesia dramatica nascente.

Mostrou-se finalmente um advogado de Ruão, Pedro Corneille, cuja vocação poetica arrastava para o cultivo da litteratura dramatica. Nascera em 1602, e abandonando a cidade de seu berço, e trazendo nas malas meia duzia de comedias, conseguio faze-las representar em Pariz com regular successo. Não sobresahiria, comtudo, a seus contemporaneos, caso persistisse na imitação servil

dos modelos latinos que adoptára, e não tentasse alargar o horisonte de sua inspiração.

Suscitavam-lhe vehementes transportes as leituras de dramas hespanhóes, e um de Guilherme de Castro, as mocidades do Cid, lhe ministrou assumpto apropriado á seu genio.

Data d'ahi o drama de Pedro Corneille, intitulado-o Cid. Admirador da simplicidade, harmonia e nobreza dos modelos classicos da antiguidade, não aceitou a theoria da liberdade poetica, que os escriptores hespanhoes tinham applicado á arte. Ignorando o theatro inglez, desconhecido inteiramente fora das ilhas britannicas, não podia n'elle encontrar modelos.

Limitou quanto pode a acção á simplicidade e unidade ; reduzio o tempo ao menor espaço possivel; concentrou em um logar todas as scenas. Obedecendo ainda aos preceitos latinos, dividio seu drama em cinco actos ; concretisou a linguagem, o estylo, e a rima do verso, em formas elegantes, eguaes e sempre nobres e elevadas ; repellio mescla de serio e jocoso, e condemnou os episodios e digressões que perturbassem a marcha do acontecimento que lhe cumpria desenvolver.

Apezar da theoria adoptada, e que os francezes conservaram permanente e cuidadosamente, compôz Corneille uma obra admiravel, fulgurante de formosura, grandeza, poesia, heroismo e sublimidade. Representou-se o Cid em 1636, e os transportes enthusiasticos que produzio nos expectadores, os applausos freneticos que o drama arrancou da platea, provaram que o povo anciava expectaculos scenicos, que lhe correspondessem ao gosto e ao coração.

Foi Corneille saudado immediatamente como

genio extraordinario; e apezar de criticas que o cardeal de Richelieu, que tambem escrevia dramas, mas dramas mediocres, mandou publicar contra a tragedia; apezar das censuras da Academia, influenciada pelo ministro de Luiz XIII°, corria o povo ás representações do Cid, e manifestava fervorosamente sua admiração pelo autor e pela obra.

Referia-se o drama de Guilherme de Castro á epocha heroica de Hespanha do XII° seculo, repleta de memoraveis lutas e gloriosos e continuados combates contra Mouros, e inspirada pela religião e patriotismo. Aproveitado o assumpto por Corneille, perdeu as vastas proporções, os desenvolvimentos pittorescos, as peripecias singulares, e despio-se egualmente da linguagem emphatica e hyperbolica de Castro. Apurou Corneille a magestade da acção, e semeando-a de scenas de lavra propria e revelações de seu genio tragico commoveu, arrebatou, e impressionou energicamente parecendo o drama perfeito original, que nada ou quasi nada devia ao modelo.

Typos magestosos revelam as figuras de D. Diogo, Rodrigo e Chimena, não hespanhoes propriamente ainda que pertençam á Hespanha os protogonistas, ainda que pareça Hespanha o theatro da acção, mas typos geraes, universaes, humanos e ao mesmo tempo heroicos que agradam sempre e em toda a parte. A linguagem dos dous amantes assimilha-se á uma musica melodiosa: a do velho hespanhol á de guerreiro já curvado pelos annos e gasto de forças, engrandecido, porêm, pelas proezas passadas, e levantado sempre em brios, pundonor e orgulho.

Natural surpreza produzio nos animos a regularidade d'essa poesia fina e elevada que pela primeira

vez se notava no theatro : da admiração ao enthusiasmo pouco custou á subir o sentimento publico. Rodrigo e Chimena conseguiram não partidarios, mas adoradores, que na mocidade dos dous enamorados, na pureza, e fogo de suas almas candidas, nas contrariedades e peripecias, que soffrem suas paixões attractrivas, deparavam encantos que jámais haviam advinhado. Correntes magneticas de honra e de ardor marcial electrisavam quantos assistiam á representação do drama.

Produzio Corneille uma acção simples e interessante quanto complicada e extravagante era a do drama de Guilherme de Castro. Aproveitou unicamente as situações enternecedoras e patheticas, transformando-as, aformoseando-as, engrandecendo-as. Pelo pai de Chimena é insultado o pai de Rodrigo. Recorre D. Diogo ao valor do filho para vingar-lhe a honra offendida, já que sua edade e braço lhe não permittem mais empunhar a espada. Filho estremoso, e ao mesmo tempo hespanhol de brios, não trepida Rodrigo em desafiar e bater-se com o pai de Chimena considerado o mais valente e afamado guerreiro do seu tempo, embora incorra nos odios da amante. Mata-o no duello, e outro não deve sêr o resultado senão a separação dos enamorados. Exige Chimena justiça do rei. Resolve-se Rodrigo á partir para a guerra, combater Mouros e morrer gloriosamente. Valentias commette, victorias ganha e volta á corte coberto de louros. Nem assim se modificára Chimena, e o Rei, para lhe attenuar as dôres, declára-lhe que não pode castigar um guerreiro tão eminente, mas que consente que, caso ella encontre um campeão, que lhe espose a causa, com elle se bata Rodrigo, segundo os usos da epocha.

Chimena aceita e offerece a mão de esposa á

Sancho, que a corteja e adora, contanto que affronte o valor de Rodrigo. Não trepida D. Sancho, arrastado pelo premio promettido. E' fascinadora a scena em que Rodrigo e Chimena se encontram; lastimam-se, choram e relembram seus amores! Rodrigo assegura-lhe que prefere morrer ás mãos de D. Sancho e que não lhe opporá resistencia. Corta-lhe Chimena a palavra, deixando exhalar a vóz do coração, que por elle falla, e dando-lhe á entender que quando saia victorioso do duello, espere o premio que ambiciona.

Sublime é tambem a resposta de Rodrigo, desafiando Mouros, Navarrezes e Castelhanos, e alliando o sentimento de valentia á herocidade! Ganha a victoria Rodrigo e cahe morto seu contendor aos golpes de sua espada.

Não podemos asseverar que, caso Corneille abandonasse o jugo da forma classica, libertasse seu genio das disciplinas e regras latinas, alargasse o assumpto para melhor desprender o vôo de sua fantasia, poderosa e soberba imaginação, comporia drama superior ao Cid. Bem que manietado ás doutrinas litterarias adoptadas pelos Francezes, certo é que realça em bellezas e sublimidades surprehendentes. Pouco tempo depois escreve a comedia appellidada — O mentiroso, que posto tambem imitação parcial de outra, composta em hespanhol por Ruiz de Alarcon, revestio-se de duas grandes qualidades, pintura exacta e agradavel de caracteres, e espirito, graça, donaires e situações divertidas e semeiadas no correr das scenas, que lhe prestam caracter particular e merecimento proprio. Irritado contra os zoilos que o accusavam de copiar obras extranhas, pretendeu provar-lhes que de seu proprio genio podia arrancar assumptos dramaticos.

Escreveu, então, o drama de Polieuto, que mais que nem-uma de suas composições demonstra a grandeza de seu genio. E' o Cid imagem da paixão amorosa, da honra da familia, do dever filial, do patriotismo ardente. Cifra-se a tragedia de Polieuto no sentimento religioso, na fé profunda, na gloria do culto. Casado com Paulina e romano, serve Polieuto na Armenia ás ordens do prefeito Feliz. Perturba-lhe a tranquillidade a chegada de Severo, favorito do imperador, que amára Paulina, e a procurava ainda, passando-se de Roma para a Asia. Era a epocha da mais violente perseguição contra os que abandonavam o paganismo e abraçavam a nova religião espiritual, que tendia á regenerar o mundo. Não encobre Paulina á Severo suas sympathias de donzella, mas firmemente declara-lhe que não faltará á seus deveres de esposa. N'este entretanto, prepara-se o templo dos christãos, para celebrar o sacrificio. Havia como que nos adeptos uma ancia de martyrio. Assaltado o templo por soldados romanos corre em sua defesa Polieuto, e luta se trava sanguinolenta entre os sectarios dos dous cultos. Presos os christãos são condemnados á morte. Figura entre elles Polieuto. Divina serenidade calma-lhe os sentimentos humanos, e exalta seu espirito ao ceo. Revela-se o ideal da religião e da poesia. Tenta Severo, ás supplicas de Paulina, salvar a vida do marido e implora de Felix o perdão, garantindo-lhe que Polieuto volvérá ao polytheismo romano. Depende de Polieuto a solução ; mas elle recusa-se ás lagrimas da mulher, e aconselha-a á casar-se depois de sua morte com Severo, que é digno d'ella. As palavras de Polieuto responde no espirito de Paulina uma verdadeira revolução. Não pode resistir-lhe á eloquencia, faz-se egualmente christã, preferindo á vida marchar para

o martyrio, seguindo o exemplo de Polieuto.

Na historia romana não tardou Corneille em deparar, logo depois, dous episodios, que lhe agradáram á mente: d'elles se apoderou, e com animo ousado, emprehendeu as duas tragedias de Horacio e Cinna, que bem que mais frias e menos interessantes na acção e nas peripecias, agradaram muito todavia, já pelos lances dramaticos e rasgos heroicos, já pela linguagem magestosa, mais correcta talvez e mais enérgica do que no Cid e em Polieuto.

Descreve-se em Horacio o heroismo brutal e exageradamente patriotico dos romanos, durante o governo primitivo de reis. Debuxam-se em Cinna os despeitos procedidos da perda das liberdades politicas, as irritações contra o absolutismo imperial de Augusto, e as conjurações repetidas que se projectam no proposito de sacudir-se o jugo, e volver-se aos tempos da republica. Apparecem infelizmente em ambas estas tragedias descripção fraca de alguns caracteres, posto que os do velho Horacio, de Augusto, e de varias heroinas se revistam de fidelidade, colorido, nobreza, sentimento e paixões altivas. Escapam, felizmente, sempre palavras, ideas e expressões, pensamentos inopinados e fortes, que abalam profundamente. N'esta ultima parte raro poeta rivalisa com Corneille. E bêm que não egualem pela acção e pelo assumpto as do Cid e Polieuto impressionam, todavia, mais os raptos de eloquencia de Cinna e dos Horacios.

Vivia ainda Corneille quando appareceu João Racine á disputar-lhe as palmas dramaticas: tanta differença os destaca quanto foram diversas as epochas, em que existiram. Pertencia Corneille ainda aos restos da edade media e renascença, aos tempos tumultuosos, anarquicos e criticos de Ri-

chelieu e Mazarin, e Racine ao reinado já de Luiz XIV, tranquillo, faustoso e absoluto. Divergiam pois nas ideas, nas tendencias, nos costumes, nas aspirações. Podia Corneille entoar ainda canticos livres, manifestar inspirações heroicas. Não permittia Luiz XIV° que se emittissem pensamentos, ou se escrevessem livros, que destoassem da orthodoxia da doutrina catholica, e da submissão ao regimen civil despotico.

No rei sumira-se a nação, e a seus pés cumpria que se prostrassem os subditos; deviam advinhar o que lhe agradasse aos caprixos. Fidalguia submissa, vulgo accurvado diante do soberano, como si fora imagem de Deus, formavam sequi to geral de aduladores, que não deixavam ao espirito vôos de liberdade, e nêm raptos de altivez e pundonor, que sós ennobrecem o caracter humano.

Não admira pois que os protogonistas do theatro de Corneille fossem ainda guerreiros altivos e briosos, e os costumes desenhados encerrassem vestigios e mescla de cavalherismo e barbaria, de generosidade e rudeza; e que sua linguagem grave, forte, energica, exprimisse impetos fogosos, heroicos e sublimes.

Não podia, porêm, João Racine accompanhar semelhantes arrojos e ousadias. A sociedade, em que vivia, abrilhantava-se pela cortesania, graça, polidez, delicadeza, galas, pompa, cumprimentos respeitosos, lisongearias, genuflexões, nas palavras, nos gestos, nos actos publicos e particulares. A' Corneille Descartes e Pascal, tinham succedido Racine, Fenelon, e Mallebranche, e cada um d'este trimvirato representava ideas, costumes, e epocas diversas.

Nascera Racine em 1639, e como poeta dramatico sobresahio pela pintura exacta e intima das paixões, com todos os seus matizes e progressivos

arrebatamentos ; pela ternura e melancholia, que rebentavam dos seus proprios affectos, e que attribuio aos personagens de seus dramas ; pelo estylo elegante e primorosa harmonia musical dos versos que nem-um outro poeta francez jamais conseguio egualar. Tudo se idealisa, situações, caracteres, incidentes : tudo marcha em altura egual, nobre e serena : corre identica a delicadeza de maneiras ; formosos todos os pensamentos, digna a phrase, e os vocabulos os mais perfeitamente applicados. Defeitos procedem, todavia, de se exprimirem todos os personagens, quaesquer que sejam as classes e jerarquias, em linguagem homogenea e aprimorada.

Assumptos simplicissimos, peculiares e isolados, poucos personagens, o mesmo scenario, tempo estrictamente necessario para o correr do acontecimento, ou da paixão que descreve, rigor da disciplina latina, bastam-lhe para a composição de suas tragedias, não carecendo nem de episodios surprehendentes, nem de aventuras inopinadas, nem de enredos complicados, nem de situações complexas, para reter a attenção, sustentar o interesse e encantar os sentidos.

Accusam-no alguns criticos, particularmente extrangeiros, de que sob nomes de antigos varões, e vestes antigas, pintasse de preferencia costumes e habitos francezes, caracteres francezes, e a corte e sociedade elegante do tempo de Luiz XIV°. Seus heróes, gregos, romanos, asiaticos, são personagens de França e da sua epocha, fallam a lingua fina e apurada de cortesãos do grande rei, enunciam ideas francezas e da epocha, em que viveu o poeta. Nunca faltam allusões encomiasticas á Luiz XIV°, que concedera ao poeta uma pensão e honrava-o com seus favores e elogios.

E' que foi Racine o fiel interprete da sua epocha. Nunca pretendeu outra gloria. Nunca animou-o outro espirito.

Não são compensados estes defeitos com qualidades superiores de genio? Não se tornou o mestre da lingua, que prosaica como se considerava geralmente, nos sons de sua lyra assumio melodia musical, que encanta, e inebria? Não commove e arrebata sempre que descreve as peripicias das paixões, do amor, do ciume, do desespero?

Desenha somente o bello, repelle todas as impurezas e horrores da humanidade, porque é alvo de Racine apurar as almas pela imagem idealisada das virtudes, e quando compellido á contrastar-lhes o vicio, emprega breves traços, com que o faça comprehender, sem que choque o melindre e sensibilidade dos expectadores.

E' ainda censurado por não aproveitar a historia franceza que devia agradar mais aos sentimentos de seus compatriotas, e preferir beber na antiguidade as inspirações, perdendo assim a qualidade de nacional. Possuia então a França originalidade litteraria? Horisontes livres para que o poeta se entregasse á arroubos livres? Não a curvava o espirito classico, como o unico exemplar do bello e digno de ser seguido?

Tres assumptos extrahio Racine do theatro grego de Euripides; não os imitou, não os adoptou á scena, como quasi todos os seus predecessores praticaram. Desenvolveu-os differentemente, segundo seu caprixo proprio, suas inspirações expontaneas, seu genio solitario e melancholico: Andromaca, Iphigenia e Phedra. Quem quizer comparar o poeta francez com o vate grego, reconhecerá immediatamente toda a differença da acção, dos caracteres dos

personagens, dos raptos das paixões, do encadeamento das scenas, da descripção enfim do sentimento. E' tão completa a divergencia, quanto analogo é o assumpto e mesmo os nomes dos protogonistas.

Esboça-se a Andromaca franceza leal, constante e fiel á memoria de Heitor, e não como a de Euripides, que lhe attribue ternuras de paixão nova. Captiva de Pyrrho, captiva-o á seu turno pela belleza, mas resiste-lhe briosamente pelo caracter e pelo sentimento. Amorosa e ciumenta ergue-se á vontade Hermione, destinada pela familia a casar-se com Pyrrho. Hermione adora Orestes, e entre estes quatro personagens deslisa-se toda a tragedia. Trava-se luta admiravel entre Pyrrho que ama á Andromaca, Hermione que ama á Pyrrho, Orestes que ama á Hermione, e Andromaca que não esquece o finado marido, nem descobre na vida senão a necessidade de salvar o filho menor, que de Troya trouxera, e como ella acha-se captivo.

Simplicidade de acção curta e formosa, bem que rescendente de paixões desencontradas, com todos os seus impetos, transportes e matizes ! A desesperada Hermione provoca o assassinio de Pyrrho, promettendo á Orestes como premio a mão de esposa. Hesita ao principio Orestes, recusa commetter o crime; mas vencido pelo amor, arrastado pelas seducções de Hermione, pratica o feito horrendo, e pede-lhe o cumprimento da palavra. Enternece, exalta, surprehende a situação de Hermione. Não lhe parece possivel que lembrasse a morte do amante, não o pode esquecer, adora-o mesmo morto, e pois apostropha furiosamente á Orestes, nega-lhe haver-lo incitado á tornar-se assassino e prefere immolar-se para não sobreviver á Pyrrho. Não ha tempo para o expectador respirar diante das scenas que se succedem,

das impressões e commoções que o abalam, da contrariedade e luta constante das paixões, que o drama desenha com perfeição de linguagem, de estylo e de sentimentos, em tão simples e conciso assumpto, como é o facto isolado, em que se funda.

De Andromaca passou Racine á tratar de Iphigenia. Não é a mesma protogonista de Euripides, despida de paixões humanas, e que marcha para o sacrificio exigido pelos Gregos no intuito de applacar os deuses e submetter-se ao destino fatal que a condemnára. E' a franceza amante de Achilles, curtida pelo ciume contra Eriphile, que reputa rival e preferida, e que pela idea de se sentir desprezada, sacrifica-se por Achilles, não pela patria.

Firma-se mais solidamente a gloria de Racine na tragedia Phedra, unica heroina do drama, e que faz desapparecer e sossobrar os caracteres de Hipolito seu enteado e de Theseo seu marido. Amor involuntario arrasta Phedra: o sentimento do dever e da virtude lho revela como criminoso, e a vergonha e os remorsos a attribulam. Domina-a, porem, a fatalidade, que se lhe impõe á razão. Repellida por Hipolito, não ha matiz de dor, de desespero, de paixão que Phedra não exprima. Causa a morte de Hipolito e ella castiga-se com o suicidio.

Até então adoptara Racine assumptos gregos: resolveu depois apropriar-se de factos historicos romanos não ainda dramatisados. Na leitura dos livros de Tacito, o grande vingador de humanidade, deparou a pintura do maior tyranno do mundo, do artista mais notavel de Roma, o famoso Nero. Não ousou Racine debuxar-lhe a vida inteira, nêm contemplá-lo no meio dos numerosos crimes e catastrophes, que se verificaram durante seu reinado; não pensou em apresenta-lo quando assassinára a mãe, os ami-

gos, os lisongeiros, os conspiradores, os homens illustres do imperio, os genios poeticos da epocha; não lhe apreciou a perversidade diante do incendio de Roma, e dos exterminios em massa dos novos christãos, que abandonavam o paganismo. Seria este o methodo de Shakespeare para pôr á limpo as multiplices faces do caracter do malvado; exigiria, porêm, vastas proporções, contrarias ás regras das tres unidades classicas, das quaes Racine não prescendia.

Escolheu um só feito de Nero, o assassinato de Britannico, que se executou logo ao principiar-lhe o reinado, quando ainda se não habituara ao crime, bem que se não arreciasse de commette-lo; desdobra-lhe os instinctos perversos, que escondia ainda no peito e que mais tarde teriam de se manifestar.

Não apparece tambem Agripina na realidade, que revelará o correr posterior de sua existencia; é ainda ella quêm defende Britannico perante o filho, posto que já se manifeste ambiciosa de governar, e preparada para paixões criminosas. Constitue Narciso o espirito máu que assopra a colera de Nero, o cortesão que lhe agrada ao caprixo e ao pensamento: Burrho o conselheiro prudente do principe que o contem, ás vezes, nos desvarios, e Britannico o principe honesto, altivo e grave, que sabe responder com dignidade, que não conspira, e nêm procura elevar-se pela intriga.

Inicia-se Nero na escala do crime, mostra-se, porêm, isento já de remorsos; deixa entrever o monstro que horrorisa o mundo. Talvez que menos interesse esta tragedia que as de Phedra e de Andromaca, mas é com razão considerada egual em merecimento, não só pelo assumpto mais original como pelos dialogos e estylo arrebatadores. Dizia Boileau

que o rythmo se manifestava tão perfeito nos versos de Britannico, que Racine aprendera á escrever difficilmente versos faceis, o que constituia o sublime da arte.

Compoz egualmente Racine a tragedia de Mithridates, notavel pela severidade e ambição dos romanos, pela ardentia e audacia do rei de Ponto, pela luta intestina nos seus proprios palacios, proveniente de amores e ciumes dos filhos e das mulheres; pelo sentimento, ternura e affectos que embellezam a marcha da acção, e pelas qualidades emfim de estylo e elocução, que lhe são tão peculiares. Parecem-nos inferiores as de Bajazet e Berenice, e não passa a de Esther de um idylio e ao mesmo tempo elegia, que Racine escreveu, por ordem de Madame de Maintenon, amante de Luiz XIV°, afim de ser representada pelas educandas de São Cyro. Não contem interesse propriamente dramatico, mas obumbra pelos côros, que recitam tão sublime poesia lyrica e religiosa, que não ha encomios que bastem para encarecê-la.

Resta-nos fallar da derradeira tragedia, que escreveu Racine, e que os francezes consideram o seu mais sublime monumento poetico. Sêm irmos tão longe na apreciação da Athalia reconhecemos, todavia, que ressumbram bellezas assombrosas e a consideramos primor de poesia, não, bêm que dramaticamente não eguale á Phedra e á Andromaca.

Não se descreve paixão amorosa, e já ahi falta o elemento mais poderoso para interesse do drama. A ambição substitue-a bem que contida na symetria harmonica que forma o systema do poeta.

A religião a anima com sopro poderoso e divino, inebriando de prazer e fé o espirito do expectador, e fallando-lhe a lingua dos profetas. Parece Deus

presente, abrindo os thesouros da celeste harmonia que os serafins cantam e entoam em derredor do seu trono. Prestou-lhe a Biblia o mais formoso colorido, no capitulo II° do quarto livro dos Reis. Resoam no templo canticos dos Hebreus, que em córos solemnes dirigem preces ao Eterno, commemorando o anniversario do dia em que foi dada a lei á Moysés no monte Sinaï. Usurpára Athalia o trono de Israel depois de exterminar toda a raça regia. O grão pontifice Joad custodia o templo, e n'elle guarda escondido o principe Joas, escapo dos assassinos. Ha uma pompa deslumbrante de pensamentos, imagens e versificação. Difficil é, senão impossivel, encontrar ahi rivalidade. Sobresahe contraste admiravel nos caracteres de Athalia, Joad, e Abner. Lutam os Israelitas em pró do culto antigo, que a rainha pretende substituir pelo de Baal. Penetra Athalia no templo santo, e descobrindo a criança ali occulta, perturba-se, amedronta-se, enche-se de suspeitas, relembrando um sonho, que a assaltára, e lhe apresentára á mente escandecida um menino que empunhava a espada da justiça e da vingança. Retira-se atemorisada, em quanto Joad prepara o acto de reconhecimento e coroação de Joas cercado dos sacerdotes e levitas. Trata então Athalia de incendiar o templo, e á força obriga á que lhe abram as portas. Ao ter noticia do que a rainha pratica, revolta-se o povo, invade o interior do templo, arranca de dentro a usurpadora rainha, e arrasta-a á morte.

XI

Ainda a poesia dramatica em França.

Chega nos a vez de fallar de Molière, poeta protegido e muito estimado de Luiz XIV°. Comico de profissão, compunha e representava suas obras, e pode-se appellida-lo sem susto de ser contestado, o mais completo genio da comedia de caracter e costumes, o mais espirituoso autor de farças e entremezes, e que não inveja, si é que não excede, as glorias de Aristophanes, Menandro, Plauto e Terencio na antiguidade, e nêm os louros de quantos desde a renascença até nossos dias se celebrizáram em suas differentes patrias.

Nascera João-Baptista Molière em 1622, e educara-o a familia desveladamente. Cursou as escolas dos Jesuitas, que gozavam de mais justa celebridade na sua patria e epocha.

Destinava-se para a carreira de advogado, quando se fascinou pela litteratura dramatica, e pela vida de comico : abandonou casa, familia e fortuna, e contractou-se em uma companhia de actores ambulantes. Doze annos gastou em representar em varias cidades de França até que, cansado de trabalhos, dirigio-se para Pariz, no intuito de ahi continuar no exercicio da profissão, que adoptára.

Ensinara-o a experiencia á conhecer os caracte-

res e costumes dos homens, á apreciar-lhes as qualidades, a observar-lhes os defeitos e vicios, naturaes ou adquiridos. Pretendeu escrever para o theatro, não se contentando com representar os personagens por outros esboçados, mas exprimindo inspirações e sentimentos proprios. Comprehendeu que a Musa comica lhe inspirava o genio, e tratou, portanto, de dedicar-se de preferencia á comedia.

Farças joviaes, burlescas, espirituosas e applicadas á provocar hilaridade são suas primeiras composições, e lhe grangeam logo reputação, attrahindo-lhe numeroso sequito de amigos e admiradores. Animado pelos applausos, meditou sobre os meios, que, sêm perderem o merito de corresponder á curiosidade e gosto do publico, o instruissem, e moralisassem com licções apropriadas á profligar-lhe os vicios, ridicularisar-lhe os defeitos, e offerecer-lhe exemplos de virtudes e bons costumes.

Conta-se que seu caracter era melancholico, reflectido, reservado, bem que generoso e caritativo. Sobresahiam a razão e o bom senso á todas as mais qualidades do espirito. A natureza, a educação e as peripecias da vida, tinham-se esmerado em ennobrecer-lhe a alma e o pensamento, e o haviam convencido que um fim moral deve inspirar as composições do poeta, embora elle se não esqueça de agradar ao publico para conseguir-lhe as sympathias. Não lhe cumpria só exercer uma profissão, mas levanta-la á uma escola, á um quasi sacerdocio.

Ergue-se, assim, Molière, na comedia á altura de philosopho, quer quando esculpe figuras universaes, eternas, que todos os povos e epochas reconhecem e appreciam na pintura real e physionomias copiadas da natureza humana, quer quando descreve as paixões, os defeitos e os vicios da humanidade.

A primeira comedia, com que Molière iniciou seu systema de ridicularisar e moralisar, intitula-se — Preciosas ridiculas, e representou-se em Pariz em 1659.

Ás imitações engenhosas do theatro italiano, e ás aventuras ininterruptas dos dramaturgos de Hespanha, oppoz viva e natural reproducção da sociedade franceza. Apreciou-lhe o publico os propositos, e approvou a revolução, que advinhava na poesia dramatica e no bom gosto litterario. Dir-se-ia escapo das trevas para admirar a luz, que allumiava. O que as pessoas sensatas pensavam á respeito dos vicios e defeitos, que contaminavam as differentes classes da nação, e dos estylos e linguagem emphatica e sobrecarregada de trocadilhos desenxabidos, que se usavam nas conversas e nas peças de theatro, revelou-se claramente na comedia de Molière, que ridicularisava mulheres, que julgavam brilhar pela pretenção á civilisadas, e modos e procedimento extravagantes, que alias lhes causavam perda de attractivos e graças inherentes á seu sexo.

Não tinha Molière necessidade de imitar Terencio, Plauto, e nêm Aristophanes. Não carecia tambem de apropriar-se de assumptos de comedias hespanholas, como ao principio elle proprio praticára. Bastava-lhe o exame da natureza e da sociedade em cujo seio vivia. De imitações passou á creação espontanea e á originalidade.

Compoz, então, as Sabixonas, o Misanthropo, o Avaro, o Burguez gentilhomem, Tartuffo, Doente imaginario, o Medico á força, comedias repassadas de philosophia, ás vezes mesmo abrilhantadas com rasgos de melancholia, que enternecem e sensibilisam, animadas todas de viço, espirito, graça, jovialidade,

sainetes, ditos de bom senso, donaires, alegrias ruidosas, profundas ironias, sarcasmos, maximas, linguagem pura e fina, clara e popular, scenas naturáes e interessantissimas, dialogos apropriados; e todas ornadas de intrigas, que captam a attenção, e aperfeiçoadas pela exactidão escrupulosa dos caracteres de personagens, e dos costumes, que lhes incumbe symbolisar.

Nem-um instincto plebeu, ou sentimentos de posição elevada, o intimidaram. Arrostou com coragem os odios, os desdens, a perseguição de quantos se reputaram retratados nos personagens de suas comedias: não raro valeu-lhe o favor de Luiz XIV, para poder representa-las, porque as prohibições e obstaculos surgiam das autoridades timidas que se assustavam diante de poderosos despeitados, e de susceptibilidades excitadas.

Quantos se reconheciam, como em espelho, nas figuras de Tartuffo, Orgonte, Alceste, Harpagão, Diaphorus, que Molière collocava em scena! Que mulheres pretenciosas deixavam de descobrir seus typos, suas phrases, seus modos, seus defeitos, seus ridiculos, nas heroinas, com que brincava o genio motejador e analytico do poeta! Cortesãos, padres, negociantes, criados, poetas, obreiros, advogados, medicos, pagam nas peças de Molière os vicios de hypocrisia e os defeitos de procedimento em relação á sociedade e á moralidade.

Pode-se affirmar que Molière merece o epitheto de poeta da humanidade, bem que só aspirasse ao de representante fiel e correcto de sua epocha. Percebeu, estudou e punio o ridiculo nas cousas que seus contemporaneos illudidos estimavam e tomavam ao serio: creou personagens tão vivos, animados e naturaes, que se converteram em retratos e typos

permanentes : derramou fogo de imaginação, sorrisos, alegrias, e seiva moral no correr da acção, que tornava sempre interessante e espirituosa.

Encerra suas composições na disciplina das tres unidades classicas, e ninguem o critica por esse lado, porque ella não prende os vôos de seu genio, dedicado á pintar defeitos, á ridicularisar vicios, e á dar licções, collocando em relevo e para contraste as qualidades estimaveis. Nem-um poeta dramatico francez escapou á critica apurada de allemães e inglezes. Molière, porêm, unico admiram ; tributam-lhe respeito e acatamento tão profundamento sentido, que é para todos o primeiro genio comico do mundo.

Si ha, na verdade, perfeição em composições poeticas, não pode ella deixar de ser reconhecida e apreciada em varias comedias de Molière, e particularmente no Tartuffo, verdadeiro primor do espirito humano. Intriga simples, mas interessantissima pelo desenvolvimento que o autor lhe presta; scenas encadeadas com a mais singular maestria, e que prendem e arrastam o animo do expectador ; dialogos tão sensatos quanto naturáes e apropriados aos sentimentos dos interlocutores ; linguagem chã, mas pura e clara em versos sempre correctos e agradaveis ; pensamentos de moralidade, ditos picantes, espirituosos e joviaes que excitam o riso, e infundem a alegria ; costumes e ideas as mais exactas da sociedade ; e cada um dos personagens, alias numerosos, com sua particularidade, modos diversos e individuaes, sensações differentes, opiniões encontradas, que ficam gravados para sempre na memoria, sêm se confundirem nunca ; forma tudo um complexo de bellezas, que attinge de certo á perfeição.

E' particularmente dirigido o Tartuffo contra os

hypocritas religiosos, que illudem, desfructam e roubam á quantos dão credito á suas palavras seductoras, e lhes attribuem virtudes selectas, que elles simulam possuir e exercitar. E' a hypocrisia o mais detestavel e justamente o mais condemnado dos vicios. Introduz-se Tartuffo na casa de um excellente pai de familia, mas credulo e ingenuo. Alcança aposentos, meza, roupas e tudo quanto precisa para commoda e agradavel vida. Ao velho Orgonte e á varios membros de familia infunde respeito, e promette conduzir ao caminho do ceo. Ha, porêm, uma criada, Dorina, zombeteira e esperta, que se não deixa enganar com essas exterioridades de virtudes, e que á cada momento atira setas pungentes ás opiniões favoraveis á Tartuffo. Esboçam-se admiravelmente os typos da Madame Pernelle, crente dos velhos tempos; de Marianna, de Damis, de Elvira, em scenas repletas de vivacidade e de espirito. Não tem Orgonte olhos, ouvidos, attenções senão para Tartuffo, que o induz á passar-lhe escriptura de doação de bens e propriedades. Consegue Tartuffo indispor uns com os outros os membros da familia e os frequentadores da casa para mais subjugar o animo de Orgonte, e conseguir que elle lhe obedeça cegamente ás vozes, aos avisos e aos conselhos; emprega taes artimanhas que o pai expulsa de casa ao filho, por não apreciar e venerar as qualidades do hypocrita. Descobre-se então que Tartuffo aspira casar-se com a filha de Orgonte, e para não encontrar opposição tratava de seduzir a mãe, e lhe dirigia suas homenagens. Communica a mulher á Orgonte as intenções de Tartuffo, tratando de abrir-lhe os olhos á respeito da indignidade do protegido. Não acredita Orgonte e maltrata á mulher. Prepara-se então uma scena, engendrada

pela criada. Devia a mulher de Orgonte aparentar que cede á Tartuffo, e appareceria Orgonte na occasião opportuna á fim de com seus olhos presenciar as maldades de Tartuffo. Concede Elvira entrevista á Tartuffo, faz-se durante ella annunciar o marido; Tartuffo esconde-se debaixo de uma meza, onde o descobre Orgonte. Expellido da casa não tarda, porêm, Tartuffo a voltar exigindo a entrega dos bens doados. Um decreto real salva felizmente a familia da perda de suas propriedades, e é Tartuffo recolhido á prisão e processado.

No Burguez gentilhomem apparecem dous typos notaveis; o fidalgo que envergonhava seus brazões e titulo de marquez, e o popular que pretendia sêr nobre, quando nascera na classe baixa. A ambição do segundo leva-o á chamar para perto de si mestres de musica, de dansa, de armas, de philosophia, e até de alfaiateria, afim de que lhe ensinem os modos de entrar na alta sociedade, e cortejar as damas da corte. Applica-se o marquez á alcançar, por meio de trapaças, algumas moedas, com que possa manter sua jerarquia e sua miseria. Scenas burlescas, sarcasticas, espirituosas e vivas, ridicularizam poderosamente as situações dos dous protogonistas, e uma intriga interessante retêm sempre suspensa a attenção dos expectadores.

No Misanthropo procurou Molière provar que as altas jerarchias da sociedade sujeitas, como as classes populares, á defeitos e vicios, merecem egualmente licção util e proveitosa para se corrigirem. Não é a burguezia e o povo miudo que elle satyrisa somente; arca com os personagens civis, militares, religiosos, e os expõem ás gargalhadas folgazonas dos expectadores como justa punição de seu procedimento.

No Medico á força, no Doente imaginario, em M. de Pourceaugnac, pinta com o colorido mais deslumbrante a pedantesca sciencia de medicos impostores, e á custa d'elles zombeteia alegremente, e provoca a hilaridade do publico.

Percorre em suas comedias toda a escala de defeitos e vicios humanos, e não é possivel encontrar-lhe rival no gosto litterario, na regularidade e formosura do assumpto, na combinação e finura das scenas, na linguagem constantemente divertida, despretenciosa e alegre, nos retratos que deslinda, e que são de semelhança surprehendente.

Surgiram ainda nos seculos XVII° e XVIII° varios talentos na comedia, que se celebrisaram e deixaram justa nomeada em França, e legaram obras apreciadas razoavelmente: nem-um, porêm, se aproxima de Molière, que guarda sempre o sceptro da soberania. Regnard, Lesage, Gresset, Beaumarchais, Piron, comprovam quanto é naturalmente mordaz e satyrica a indole dos Francezes, que por essa qualidade conservam sempre proeminencia no cultivo da comedia e da farça.

Na tragedia, porêm, a declinação manifestou-se muito sensivel. Afora Voltaire, alias muito inferior á Corneille e Racine, não vale a pena fallar de outros, e nem de Crebillon, poeta que pompeia com horrores e fremitos de hediondas atrocidades, que crestam os sentimentos humanos, e se não podem supportar em scena.

Influencia predominante exerceu Voltaire no seculo XVIII°, e em todo o mundo europeo; já pela encyclopedia de seus conhecimentos, pela elevação do seu genio, pela sua affouteza audaciosa; já por que se tornou o arbitro e dictador em todos os assumptos scientificos, litterarios, politicos e reli-

giosos, que se discutiram em seu tempo. Com sua intelligencia elevada tratou de tudo, philosophia e religião, poesia e critica, historia e eloquencia moral e politica. Enfeitiçou emfim sua epoca, porque em formas vivas e brilhantes exprimia as ideas e sentimentos revolucionarios que borbulhavam nas almas e espiritos anciosos de novidades.

Vida atormentada com duas prisões, fugas para paizes extrangeiros, perseguições quasi constantes, não lhe roubaram, todavia, o tempo para publicar obras numerosissimas e em todos os ramos e assumptos, de que se occupa o espirito humano; para fazer e desfazer reputações litterarias; para combater incessantemente pelos direitos de liberdade civil e de justiça publica; para tornar-se juiz indisputavel de quantos litigios levantava na Europa a carreira litteraria; para sêr procurado, cortejado e adulado por soberanos coroados que ambicionavam elogios da penna elegante do escriptor, considerado geralmente o chefe mais ousado de todos.

Consubstanciou Voltaire seus extraordinarios talentos em milhares de composições differentes, e em cada uma d'ellas deixou vestigios de suas faculdades poderosas; infelizmente, porêm, em nem-uma primou de modo que as edades seguintes aceitassem inteira a opinião do seu seculo, e lhe reconhecessem a superioridade que lhe fora attribuida.

Escreveu historias elegantes; compôz romances agradaveis; publicou poesias de toda a especie, tragedias, comedias, satyras, odes, hymnos, dithyrambos, epistolas, pastoraes, poemas que intitulou epicos, e que não encerram a menor qualidade da epopea, poemas burlescos e sarcasticos, que o bom senso e o patriotismo condemnam; dissertou muitas vezes com felicidade acerca da religião, moral, poli-

tica, musica, pintura, critica. Deve á essa espantosa variedade de assumptos, tratados todos com mais ou menos talento, com dicção pura e estylo notavel, a importancia que conseguira sobre todos os seus coevos. Analysadas, porêm, separadamente suas obras, revela-se o genio, mas nem-uma se pode appellidar primor d'arte.

Elle proprio proclamou-se poeta dramatico superior a Racine e a Corneille, que folgava de criticar severamente; qualificou de barbaro a Shakespeare; deridiculo Calderon; menoscabou Camões, Dante e Tasso. Não attingio, porêm, á gloria de nem-um d'elles, e nem mesmo de longe aproximou seus vôos aos vôos altivos dos que pretendera rebaixar.

Prestou, com tudo, enormes e relevantissimos serviços ao adiantamento das lettras, das sciencias e das artes; á propagação de ideas philosophicas e moráes, combatendo com vigor o fanatismo religioso, o absolutismo politico, a desigualdade dos direitos civis dos homens, e as abusões supersticiosas que em seu tempo escureciam os espiritos.

Relativamente á poesia dramatica franceza, cumpre, todavia, confessar, merece encomios particulares e exame sympathico por algumas composições em que manifestou-se com galhardia e brilhantismo.

Muitas comedias e tragedias escreveu Voltaire: distinguem-se particularmente Zaïra, Alzira e Tancredo, cujos assumptos ousara extrahir da historia moderna, e revestir com certas liberdades, comquanto lhe faltasse a coragem de abrir-lhes mais vastos espaços, e desprender-se das regras das unidades classicas, que lhe atrophiaram a concepção e lhe restringiram o desenvolvimento da acção e da scena.

Não fallamos da tragedia Mahomet, porque

nunca figura historica appareceu mais falsificada no drama; para que invocar o vulto gigantesco de um politico profundo; de um atilado legislador; creador de uma religião, do que conseguio espantoso numero de proselitos, e que é ainda actualmente tão poderosa e respeitada por milhões de crentes; do litterato eximio, que compoz o Alcoran; do guerreiro que conquistou immensos paizes, e formou um reino importantissimo e progressivo, que da Asia se estendeu á Africa e á Europa? Defeitos e vicios lhe não faltavam, como a todos os grandes homens; a impostura e hypocrisia de que se servio são communs nas biographias dos varões celebrisados que dominaram suas patrias. Para que faltar á verdade, pintando-o como um monstro sanguinario? Declamações philosophicas não constituem tragedias; dialogos declamatorios não equivalem á scenas dramaticas.

Não trataremos, tambem, da tragedia Merope, apezar de se lhe notarem scenas patheticas e encantadoras de amor materno: porque não passa Merope de uma copia da antiga composição de Euripides.

Encerra, porêm, Zaïra bellezas verdadeiras, eloquencia arrebatadora de affectos e descripções, bem que sejam os caracteres bastante exagerados. Não pretendeu Voltaire vencer, n'esta tragedia, a Shakespeare, tornando-lhe esquecido o Othello? O que é ella senão quasi imitação do Othello, mais simples e symetrica, menos apaixonada todavia, menos arrebatadora, menos opulenta de pensamentos e poesia? Desensolve-se a scena em Jerusalem; os nomes dos protogonistas são de cruzados e musulmanos, e a luta do amor e do ciume se mistura com a da religião.

Ama Orosman a uma captiva que lhe corresponde aos affectos e que em criança fora apanhada no cerco de Cesarea, e trazida para o serralho; mostra-se generoso para com os guerreiros christãos, seus prisioneiros; concede-lhes a liberdade para que se retirem de Jerusalem. Entre estes descobrem-se o pai e o irmão de Zaïra, no momento em que ella deve ser desposada pelo sultão. A scena do reconhecimento, o espanto do velho christão, e a falla que dirige á Zaïra, são desenhados admiravelmente, e constituem a parte mais bella do drama. Lastima-se o ancião, chora, exproba á filha ter adoptado o culto musulmano, quando nascera christãe. Commove-se a filha, e recusa então ligar sua sorte á de Orosman. Ignorando o sultão os verdadeiros motivos da mudança que nota em Zaïra, suspeita que outros amores a inspiram, e cego pelo ciume mata á Zaïra; faz apparecer o christão, que suppõem rival, e mostra-lhe o cadaver ensanguentado. Horrorisado, declara-lhe este que era Zaïra sua irmãe. Cahe então em si Orosman, enternece os expectadores com sua dôr e remorsos, e suicida-se para vingar os manes de Zaïra.

Forma a acção principal de Alzira a conquista da America pelos Hespanhoes, acontecimento que enchia ainda a Europa de assombro. Contrastam os combates de duas religiões, e da civilisação e da barbária. Exageradamente, como em Zaïra, pinta Voltaire os caracteres e costumes dos Peruanos e dos Hespanhoes, cavalheirosos, leaes, destemidos, heroicos. E' Alzira como Zaïra creação terna, pathetica, sensibilisadora. Amam ambas inimigos de sua religião, e tornam-se causas das peripecias e desgraças que affligem seus compatriotas.

Reveste-se a tragedia de Tancredo de mais varie-

dade posto que seja menos apaixonada e menos commovedora na acção e no seu desenvolvimento. O caracter do heroe, errante, proscripto, perseguido, é esboçado com mais exactidão e colorido mais brilhante que o de Orosman. O de Amenaïde, porêm, não vale os de Alzira e Zaïra : os costumes e tradições dos cavalheiros da edade media, completamente falseados, não representam a verdade. Enternecem e captivam, todavia, pela generosidade, valentia e dedicação ideal : o duello que provoca Tancredo para salvar a vida d'aquella que elle sabe que, alêm de o não amar, trahira a patria, commove pela novidade feliz da concepção e pelo conjuncto de circumstancias, que se encravam no dialogo, enfeitando-o agradavelmente.

Não podem ser equiparadas ás heroicas tragedias de Corneille, e nêm ás enternecedoras de Racine, os dramas de Voltaire. Não se attribua este facto á falta de genio, e genio possante ; abundava n'elle ; mas é que dedicou-se á um alvo exclusivamente, e sacrificou-lhe a inspiração : dirigia-se a ambição de Voltaire a reformar o mundo social, politico, civil e religioso : tendia á este fim quanto escrevia em verso e prosa. Declamações humanitarias, dissertações philosophicas, sentenciosos conceitos moraes, não formam composições dramaticas, que exigem acção, movimento, e vida ; não formam historia, que requer a verdade e exactidão dos acontecimentos.

Reserve-se-lhe a gloria de reformador, reconheça-se, porêm, que como poeta dramatico era mais ficticio que real, tinha calor na cabeça e frieza no coração ; representava mais sensações que sentimentos.

As opiniões de uma epocha podem recordar-se como tradições, mas não são obrigatorias para os

tempos posteriores, e que tem adquirido maiores progressos e mais adiantada civilisação.

Que importa que as sociedades, em que viveram Marino e Gongorra, encomiassem extrondosamente seus desvarios hybridos e lentejoulas de estylo, e chamassem portentosas suas obras? Que o seculo XVIII° endeosasse Voltaire, levantando-o á altura de soberano litterario, e do mais sublime genio do universo? Que vegetassem desprezados Shakespeare, Milton e Alarcon; e nêm d'elles quasi como poetas fallassem seus contemporaneos? Que de um nêm se publicassem as obras, de outro nêm se lesse o poema, e nem que se representassem os dramas do ultimo, durante suas existencias terrestres?

Ainda que tarde, vinga a justiça.

XII

Poesia dramatica na Italia e Allemanha.

Mais que nem-um paiz na Europa guardou Italia os vestigios da civilisação romana, depois da ruina e desapparecimento do imperio do occidente. No meio dos destroços e incendios, que lhe arrasaram as cidades, escondia cuidadosamente os thesouros litterarios, que escapavam á furia das barbaras invasões, e, logo que principiou á raiar nova e esperançosa aurora, tratou de estuda-los e aproveita-los. Ainda se cobria a Europa de espessas trevas, e já, nos fins do seculo XIII° e principios do XIV°, firmava Italia uma lingua propria, e produzia poetas como Dante e Petrarca, e escriptores e criticos como Boccacio. A' exemplo d'elles, quantidade copiosa de eruditos, paleographos, philologos e antiquarios, entregaram-se ao ensano labor de salvar as obras latinas, espalhadas e recolhidas nos claustros e depositos publicos e particulares, tarefa tanto mais difficil quanto a ignorancia de alguns monges as tinham deturpado. Foi tambem a primeira nação, que fundou escolas e universidades de ensino para as lettras e para as sciencias. Perseverando no seculo XV°, illuminou-se ainda com o conhecimento da lingua grega que a conquista de Constantinopla pelos Turcos lhe enviava do Oriente. Aproveitou-se da invenção da imprensa

para multiplicar-lhes os exemplares, quer em seus originaes primitivos, quer em traducções italianas.

No seculo XVI°, resplendeu então a civilisação em Italia com um brilho assombroso. Em terra empapada de heroismos e de esperanças que não morrem, á Pico de Mirandola e Accursio succederam Polizianno, Machiavelli e Galileu; á Cimambue e Gioto Buonarroti e Raphael; á Marco Polo Colombo e Vespuccio; e á Dante e Petrarca, Ariosto e Tasso. Resultou d'essa superioridade espiritual da Italia que classica se tornou quasi exclusivamente a educação e o gosto litterario, com prejuizo da indole e tendencias da sociedade, que preferio inspirar-se nas tradições da antiguidade antes que em sua propria historia.

Conheceram os Italianos e apreciaram antes que os outros povos as comedias de Terencio, Plauto e Aristophanes, as tragedias de Seneca, Euripides, Sophocles e Eschylo, as historias de Sallustio, Tito Livio, Tacito, Thucydides, e mais autores importantes da antiguidade, no meio de quantidade copiosa de novos poemas, e de livros de politica e de sciencias, á que se applicavam os animos com ardor louvavel. Representavam-se em latim e em italiano, nos palacios dos nobres e dos prelados, a maior parte das composições dramaticas antigas, em quanto que o povo se contentava com farças, que o alegravam em extremo e mais ainda com ás scenas grotescas dos Arlequins, Polichinellos e Pasquinos.

Foi Trissino o primeiro que, em italiano, escreveu uma tragedia, Sophonisba, applicando-lhe as regras das tres unidades classicas; gelida e inanimada imitação que se applaudio, comtudo, fervorosamente. Seguio-lhe os passos Ruccelai, que se não mostrou mais habilitado. Sobre elles primou, de certo, e antes

d'elles, o portuguez Antonio Ferreira, cõmo imitador dos antigos. Entre as comedias compostas no seculo XVI° na Italia, notam-se com mais brilhantismo e valor a Madragora de Machiavelli, pela verdade das situações, graça dos dialogos, e mais ou menos exactidão de caracteres; e os traços de fugaz alegria em farças de Aretino, e composições de Ariosto, bêm que sempre copias de uma litteratura morta.

Introduzio-se no theatro a musica, e a opera cantada, e accompanhada pelos instrumentos da harmonia, monopolisou immediatamente o gosto e fez esquecer a representação fiel do drama. Propagou-se por toda a Europa o cultivo da musica e canto italiano, e educavam-se as vozes dos artistas que não só na Italia, como em França, Hespanha e Portugal deviam-se fazer ouvir e applaudir nos varios theatros. Não possuio, pois, a Italia poesia nacionalmente dramatica até o meiado do seculo XVIII°, posto que por esse tempo Goldoni com imitações francezas, Metastasio com operas, embellezadas pela doçura de linguagem e afeminação de sentimento, e Gozzi com peças phantasticas e satyricas, influenciadas pelas extravagancias sobrenaturáes de alguns poetas de Hespanha, revelaram que tambem poderia aclimar-se em Italia o gosto scenico autonomo logo que apparecesse um poeta inspirado.

Transportaram-se, portanto, de justo orgulho os Italianos quando nos fins do seculo publicou o conde Alfieri tragedias originaes e resplendentes de grandes bellezas.

Nascera em 1749 no Piemonte, e pertencia á familia nobre e opulenta.

Espirito irriquieto, inimigo de previlegios sociaes e politicos, republicano exaltado, enthusiasta da liberdade, que confundia com a licença, lidador

constante contra todas as tyrannias e fanatismos, patriota despeitado com a prostração da Italia aos pés de extrangeiros ou de numerosos despotas nacionaes, pretendeu e conseguio Alfieri dotar sua patria com um theatro, que symbolisa uma tribuna, de onde partissem exhortações e incitações, que lhes levantassem os brios.

Não lhe foi, todavia, permitttido representar as tragedias que compunha; a impressão, porem, das que a policia autorisava, bastou para electrisar a opinião publica, e atrahir-lhe as sympathias e enthusiasmo, já pelos grandiosos pensamentos que n'ellas transbordavam; já pela versificação austera, imitativa da de Dante, que andava esquecida e abandonada diante da melodia e doçura da de Petrarca que fora até então o poeta predilecto em Italia; e já enfim pelos lances heroicos, que despertavam sentimentos nobres e exaltados. Posto que monotonas no desenvolvimento da acção e nas formas rigorosamente classicas, á que Alfieri se submetteu, offuscavam os relampagos de genio altivo e de inspirações inesperadas.

Muitos foram suas composições, e todas quasi identicas e uniformes. Rosmunda, Myrrha, Conjuração dos Pazzis, Antigone, Bruto, Octavia, Timoleão, respiram o mesmo ar de familia. Primam, todavia, por uma tal qual novidade, grandeza e marcha dos assumptos, as tragedias Fellipe II°, e Saul.

Adoptou Alfieri as formas francezas, bem que repellisse os confidentes, preferindo empregar soliloquios para descobrir as ideas e paixões dos protogonistas. Não passam de cinco os interlocutores, reduzida a acção á pintar uma só aventura, uma paixão unicamente.

Occupado exclusivamente de si, de seus caprixos, de suas paixões, subordina-lhes e sacrifica-lhes sempre o assumpto, os acontecimentos e os personagens. Resultam falsificação historica dos caracteres em que se retrata sempre o autor, encarnando n'elles seus sentimentos proprios; e perda do interesse, que o drama deve alimentar e sustentar, para que se não extraviem os espiritos dos expectadores.

Abundam, todavia, em calor, eloquencia, rapidez de estylo, energia de linguagem, interrupção dos dialogos com monosylabos que exprimem concisamente os affectos : os expectadores, não raro, fatigam-se com os repetidos monologos que explicam o pensamento dos protogonistas, com prejuizo do movimento, da vivacidade e da naturalidade.

Constituem, assim, seus dramas quadros que torturam e falsificam as tradições historicas, mas que revelam apreciaveis e magnificos dotes de poeta, que sabe accordar paixões nobres e grandiosas, e si não sensibilisar, commover, todavia, e fortemente o espirito,

Forma o assumpto da tragedia — Fellipe II° de Hespanha, a morte do principe D. Carlos, que os romancistas attribuem erradamente ao pai, mas que os trabalhos historicos modernos demonstram ter sido natural.

Que importa que na corte austriaca-hespanhola, tão repleta de etiquetas severas e miudas formalidades se não possam travar amores e colloquios apaixonados de rainhas accompanhadas sempre de sequito numeroso de damas que as não abandonam ? E o que é mais que o poeta as conduza ás prisões secretas para salvar os amantes ? Que valor tem para Alfieri a inexactidão de costumes, a falsificação da historia ? Paixão reciproca na rainha

Izabel e seu enteado D. Carlos e entrevistas variadas, só trata de descrever. Desconfiado Fellipe II° manda recolher o filho ás masmoras, e o condemna á morte. Visita Izabel no carcere á D. Carlos no intuito de conseguir sua evasão. Apparece Fellipe, surprehende os amantes, e ambos morrem, o filho por ordem do rei, a mulher que se suicida. E' primorosamente debuxado o caracter de Fellipe, despota dissimulado, orgulhoso, cruel, hypocrita, e fanatico. Poucas phrases profere, mas ellas destilam a peçonha e revelam o animo sombrio e inquieto do monarcha. Cavalheiresco, valente e nobre, manifesta-se D. Carlos; Izabel inspira sympathia com suas infelicidades e amores. Impõem-se a tragedia pelo fogo, eloquencia, e energia, com que é escripta. Agrada egualmente pelas scenas interessantes, pensamentos altanados e sentimentos vigorosos que desperta. Mas tudo isso não é propriamente tradição historica de Hespanha; não são hespanhoes do seculo XVI° os costumes dos personagens; não ha emfim côr local, que saliente a composição.

A' todas as tragedias de Alfieri excede a de Saul, porque n'ella guarda o poeta mais fidelidade historica, exprime maior intensidade de sentimento, e derrama mais gracioso interesse. Verdade é que as tradições e reminiscencias biblicas impressionam mais fortemente nosso espirito, e esta circumstancia concorre, talvez, para preferirmos este aos outros dramas de Alfieri.

Condemnado e exilado David pelo sogro Saul, ousa, apenas lhe chega noticia de que os Hebreus se achavam cercados e ameaçados pelos Philisteus, correr ao campo de Galbôa, no intuito de coadjuvar os compatriotas e parentes. Jonathan, seu cunhado, que primeiro o avista, descreve-lhe Saul dominado

pelo espirito maligno de Abner, e acabrunhado com accessos de alienação moral. Chega depois Michol, mulher de David e filha de Saul, e concordam que por emquanto se deve David conservar occulto, afim de evitar impetos colericos de Saul. Não tarda a mostrar-se em scena Saul, succumbido ao peso de suas desgraças e padecimentos. Irrita-o Abner contra David, imputando á este todas as calamidades publicas e particulares da nação hebrea. Abandona-se Saul a transportes de paixões transviadas, e á ameaças amedrontadoras.

Os dous filhos, Michol e Jonathan, esforçam-se em obter o perdão de David, á fim de que elle como habil general que é commande as tropas hebreas, e as dirija aos combates contra os Philisteus. Cede-lhes Saul e chama á sua presença David, mas sua vista causa-lhe de novo accessos de furor e loucura. Arranca, então, David das cordas da lyra sons harmoniosos, e os accompanha com canticos e hymnos, proprios á acalmar paixões. Consegue melhorar o estado mental de Saul, que o nomeia general em chefe. Bem não havia tomado esta resolução, quando Abner astuciosamente o incita á revoga-la. Torna Saul á expellir da cidade ao genro, e lembrado de seus antigos feitos guerreiros, decide-se á commandar em pessoa os soldados israelitas.

Travado o combate, vencem os Philisteus, e Saul mata-se, victima não dos seus crimes, nem de suas paixões, mas dos remorsos, que nos ultimos dias da vida fatalmente o atribulavam.

Razões sobram aos italianos para se extasiarem diante do genio poetico de Alfieri, logo que conseguiram a representação de suas tragedias. E' energico, grave, severo, e posto que raro attinja ao sublime, provou, todavia, que a Italia na litteratura

dramatica podia accompanhar de perto á Hespanha, Inglaterra e França, si não rivalisar como tanto ambicionara.

De Italia encaminhemos os passos para a Allemanha, terra dos sonhos vaporosos, da metaphysica, do estudo do espiritualismo, das theorias philosophicas.

Os povos que habitavam as terras da actual Allemanha pertenciam ao tronco teutonico ou germanico: dividiam-se, porêm, em nações ou tribus diversas que fallavam differentes dialectos muito parecidos; derramando-se parte d'ellas pelo oeste, norte e sul da Europa, á pouco e pouco se foram convertendo ao christianismo com as predicas e trabalhos constantes e multiplados dos missionnarios da Egreja de Roma, que se aventuraram no meio d'elles, e não pouparam sacrificios para conseguirem que abandonassem seus cultos brutáes e selvagens.

Suavisavam-lhes a vida agitada e não raro errante, hymnos e canticos rudes, que lhes levantavam, todavia, os brios e enthusiasmo. Até o seculo XVI° nos idiomas usados na Allemanha se nobilitaram poetas denominados Minnásingers e Meistersingers, cujos versos agrestes arrancavam applausos, e se confiavam á memoria dos ouvintes, passando intactos de geração em geração.

Depois de convulsões tremendas, guerras intestinas e extrangeiras, e governos ora unitarios, ora locaes, independentes, civis e ecclesiasticos, teve Luther de abrir luta com a Curia Romana; necessidade de manejar a penna, escrever folhetos e livros acerca das questões theologicas suscitadas, e usar da typographia para propagados lhe affeiçoarem e augmentarem proselytos. Não quiz servir-se

da lingua latina que era a litteraria de seus compatriotas, porque pretendeu dirigir á todos linguagem conhecida. Escolheu como mais apropriado o idioma do alto saxão, e para elle trasladou tambem a Biblia com seus respectivos commentarios. Converteu-se, assim, este idioma em lingua allemãe, que foi d'ahi por diante geralmente fallada pelo povo, e officialmente adoptada pelos differentes governos da nação. Exceptuados o hollandez, dinamarquez; sueco e norueguez, que se tornáram tambem linguas nacionaes e autonomas, os outros idiomas teutonicos continuaram como puros dialectos estacionarios para o uso exclusivo e vulgar das localidades.

Firmou-se, portanto, a lingua allemãe pela prosa, e não pelo verso, como nas outras nações da Europa.

Até, todavia, a segunda metade do seculo XVIII° applicou-se a poesia allemãe unicamente ao lyrismo, odes, canticos, elegias e hymnos sacros. Com o correr do tempo tornou-se preponderante a influencia franceza, tanto mais adoptada quanto coadjuvada pelo grande rei da Prussia, Frederico II°, que com suas victorias e espirito patriotico exaltando os animos na Allemanha, sustentava a preferencia superioridade da lingua franceza. Tragedias e comedias francezas traduzidas se representavam nos theatros das differentes cidades e capitáes de numerosos estados, em que Allemanha se dividia.

Ousou Wieland traduzir Shakespeare e chamar para a litteratura ingleza a attenção dos seus compatriotas. Lessing e Kant applaudiram-lhe a intenção, e proclamaram a necessidade de repellir-se o influxo francez. Klopstock sustentou a paridade e ar de familia entre o genio inglez e o allemão, can-

tando a luta das duas musas quasi irmãas, e procedidas da mesma origem.

Resolveu-se Lessing á aproveitar o novo impulso imprimido ao gosto litterario de sua patria. Infelizmente, porêm, não possuia sufficiente imaginação para crear uma poesia dramatica, como ambicionava. Agradam, todavia, suas peças pela sensibilidade, ainda que, não raro, bastante lacrymejante, repetindo-se á cada passo lamentações dos personagens. A' exemplo de Shakespeare e dos poetas dramaticos inglezes, não aceitou mais que a unidade da acção, e muitas vezes no mesmo acto, e no intervallo das scenas, mudam-se as localidades, e os paizes, e decorrem differentes epochas.

Emilio Galotti, Nathan e Minna de Barnheldt, fundam-se em assumptos importantes, encerram algumas scenas agradaveis, dialogos geitosamente travados. Desenham-se com sufficiente exactidão os costumes, indole, e tendencias particulares dos Allemães; mas aos caracteres faltam traços e colorido que os distingam, e reinam uniformidade nas aventuras, e bastante monotonia no correr dos acontementos, que não sustentam as qualidades de talento.

Não se elevaria, comtudo, o theatro allemão, á altura á que attingio, nos ultimos annos do seculo XVIII^c^, e nem lograria emparelhar com os das outras nações da Europa, quando se não manifestassem dous vultos superiores João Goethe e Frederico Schiller.

Nascera Goethe em 1749, e Schiller em 1759: era o primeiro do norte da Allemanha, de Francfort; pertencia o segundo ao sul, á Suabia. Amigos estremosos, viveram quasi sempre na maior intimidade, na cidade de Weimar, onde o grão-duque os protegia efficazmente. Goethe abastado de meios de fortuna, Schiller pobrissimo cirurgião, que aban-

donára a profissão para dar licções de historia e escrever versos; extasiaram ambos, do seu retiro, a Allemanha enteira, dictaram-lhe o gosto litterario, e lograram adeptos esforçados, que lhes applaudiram ás obras e os reconheceram chefes da poesia moderna.

Beberam ambos suas primeiras inspirações nas obras dramaticas de Shakespeare, mas souberam adaptar o methodo, espirito, e concepções do mestre ás ideas, indole, costumes, tendencias, habitos, tradições e regimen civil, politico e social da Allemanha : instituiram, com esta theoria e pratica, um theatro, sinão original de todo, pelo menos aeolado de bastante espirito nacional.

Goetz de Berlinchingen foi o primeiro drama que Goethe escreveu e fez representar no theatro e publicou pela imprensa. Verdadeiro panorama Shakespeareano, onde tudo se acha em seu logar, onde tudo interessa, acção historica repleta de peripecias, situações naturaes, caracteres admiraveis, pinturas locaes, descripções de sentimentos das diversas classes do povo, expressão terrivel da edade media mostrada viva diante dos olhos, com todas as suas ferocidades, desigualdades, instinctos rudes e ingenuos, ignorancia e espirito ora de revolta, ora de servilismo e humilhação.

Nem-uma composição dramatica se patenteia tão completa e tão fiel e exacta acerca de uma epocha historica e de personagens que n'ella viveram, laboraram e morreram. Não aspira o estylo á sublimidade : permanece, porêm, nobre, elegante, gracioso, simples, claro, intelligivel no seu mais delicado matiz, natural, corrente e fluido. Grupos de paysanos fugidos e revoltados contra os potentados, enunciam clara e pittorescamente seus sentimentos;

prelados feudáes, cavalleiros e infanções independentes, alçam seus pendões, e combatem á todo o momento, porque irriquietos precisam occupar o espirito e satisfazer ás paixões, que os inflammam; familias divididas por odios e guerras permanentes, ora vencedoras, ora perseguidas; a instituição imperial pairando em theoria acima dos chefes autoritarios das cidades e terras circumvisinhas, mas dezautorada de acção directa para restabelecer a ordem, e chama-los á obediencia: superstições e fanatismos animando á uns, ao que passo que em outros surge o espirito livre e raciocinador, e no meio d'este cahos rijamente dissecado, analysado, dedilhado, esclarecido, amores, enredos interessantes, situações que electrisam, soffrimentos que compungem; tudo se atropella n este drama, caso se lhe queira desculpar a linguagem em prosa, quando o verso lhe prestaria mais brilhantismo.

Constitue o drama de Goetz de Berlinchingen um mimo, um primor, uma joia litteraria de valor ráro, muito differente das composições de outros poetas, embora mais magestosas e sublimes. Não forma um quadro de historia, partida, cortada, modificada, dialogada, poetisada por Shakespeare. Procede d'elle, mas imita as proporções mais vulgares e naturáes do painel social, que se lhe afigura aos olhos e á razão; e que descortina os matizes da vida popular, aristocratica e ecclesiastica da Allemanha, e exclusivamente da Allemanha, durante as calamidades horrendas da edade media. Nada escapa á Goethe, nêm o aldeão, nêm o bohemio, nêm o soldado, nêm o fidalgo independente, nêm o castellão feudal, nêm o clerigo ambicioso e fanatico, nêm a mulher victima, nêm a criança perseguida; nêm os romeiros, os jurisconsultos e me-

nestreis errantes, nêm a instituição de sociedades e tribunaes secretos; nêm os differentes instinctos; as tradições e modos variados de viver; nêm a descripção das localidades, das aldeias, do campo, das barbacães fortificadas no pincaro e alcantis de serras inaccessiveis; das cidades subjugadas pelos tyrannetes da epocha, que esvoaçam como aves de rapina, e espargem clarões mortiferos.

Parou infelizmente Goethe no systema iniciado. O drama de Egmont, que escreveu depois, já não encerra aquellas bellezas e matizes deliciosos que encantavam em Goetz. E' que a escola hespanhola que penetrára na Allemanha e ganhava, como a ingleza, numerosos proselitos, modificara-lhe tambem as ideas. Em Egmont resplendem agradavel e desenvolvida intriga, peripecia de paixões, raptos de amores, e situações verdadeiramente dramaticas, que requer o theatro para produzir effeito e suscitar affectos nos animos dos expectadores. Parece, todavia, mais um romance de aventuras, que uma pintura severa á maneira de Shakespeare. Funda-se o assumpto em um episodio da historia das guerras nos Paizes baixos entre hespanhoes, que subjugavam á força d'armas, e naturáes do solo que se revoltavam, e tentavam emancipar-se do jugo extrangeiro. Ennobrecido, valeroso, e bondadoso é descripto Egmont, collocando-se á frente do movimento nacional. E' o mesmo guerreiro que servira á Carlos V°, mas que se ergue contra o systema politico de Fellipe II° que curva os Paizes baixos á posição de colonia e provincia de Hespanha. Amante dedicado, diante do perigo que ameaça á Clara, querida do seu coração; heróe quando vencido, condemnado e conduzido ao catafalso. Desenha-se o hespanhol com colorido e requisitos de conquistador, tyranno,

fanatico religioso, e eivado de orgulho nacional, que lhe cega a moral e atrophia as faculdades do coração.

Resolveu-se João Goethe á effectuar uma viagem á Italia, vêr com seus olhos os monumentos severos e harmonicos antigos, apurar melhor seu estudo dos classicos, que o impressionavam fortemente. Enfastiava-se da litteratura moderna, e começou á preferir-lhe d'ahi por diante a formosura simples, pura, singela, ingenua e symetrica dos antigos.

Resultou da sua viagem que desdenhou, de novo, seus principios, e escreveu, segundo o systema classico, as tragedias de Iphigenia em Tauride e de Torquato Tasso: posto que imitações da arte grega, attrahem a sympathia e admiração em favor do genio que, copiando, soube simular inspirações proprias, desenhar scenas enternecedoras, e empregar uma versificação tão aprimorada e artistica, que seduz, arrasta, e exalta.

Vario e mudavel como era o animo de Goethe, não tardou em abandonar ainda a escola hellenica, e buscar originalidade em uma composição fantastica, que intitulou drama.

Procedeu Fausto d'esta ultima tendencia do espirito de Goethe. Não é drama, não é poema, não é especie alguma de poesia conhecida, posto que as formas sejam dramaticas, com quanto cortadas e mutiladas quasi permanentemente com vôos lyricos, dissertações philosophicas, e variadas narrações e episodios sêm a mais pequena relação com a essencia e correr do assumpto, que devera constituir-lhe o fundamento.

Já o dissemos; novo não era o assumpto: com os mesmos protogonistas fora adoptado no fim do seculo XVI° pelo poeta inglez Marlowe; e ornado

com o mesmo titulo de Fausto; no XVII° pelo hespanhol Pedro Calderon com a denominação de Magico prodigioso. Ficára em lenda mais ou menos em todas as nações, que um homem, aborrecido da sciencia e da vida aspirára a situações extraordinarias e á gozos materiaes imprevistos, e vendera sua alma ao diabo, á troco de prazeres e felicidades assombrosas, que elle lhe promettera.

Em religião tendia mais João Goethe para o pantheismo, pela immensidade de erudição scientifica, e pelas ideas metaphysicas, litterarias e philosophicas, de que se impregnara. Differente devia sêr, portanto, o systema que imprimio á legenda do doutor Fausto. Não tem, assim, sua nova composição completa analogia, nêm com as que a haviam precedido, e nêm egualmente com as crenças supersticiosas do vulgo.

Com Deus aposta o diabo, conhecido pelo nome de Mephistopheles, que tentará e perverterá um dos seus servidores mais dedicados. Concede-lhe Deus permissão para realisar o intento. E' por Mephistopheles escolhido para victima o doutor Fausto, que, adiantado em annos, ancia volver á juventude, e conseguir felicidades que não podera nunca lograr. Convence-o Mephistopheles que attingirá á venturas, que nem lhe é dado imaginar, e menos alcançar com seus esforços exclusivos, talento, estudos e ambição exagerada. Assignam contracto, pagando-lhe Fausto com a venda de sua alma. Contraste perfeito formam estes dous entes, que desde então vivem juntos. Fausto rejuvenesce na edade e forças, e á proporção que se mergulha nas delicias da vida, vai-se aborrecendo do que goza e exigindo outros prazeres. Incessante e insaciavel sede de novidade! Mostra-lhe, por fim,

Mephistopheles uma creatura angelica, uma donzella ingenua e pura do povo, e offerece-a á seducção de Fausto. Como a innocencia se perde, como se perde a razão, descreve Goethe em scenas admiraveis de amor, de ternura, de pathetico e de allucinação. Sensibilisa-se o coração diante d'este expectaculo, em que o genio do mal triumpha. Resultam os remorsos de Margarida quando dissipadas suas illusões ; corre á prostrar-se aos pés da imagem da Virgem, arrependida e transviada do juizo ; d'ahi procedem seu crime, sua prisão, sua condemnação á pena de morte. Ouvem-se hymnos religiosos, canticos da egreja e harmonias musicáes, quando sobe ao ceo a alma de Margarida ; e toma o diabo conta da alma desventurada de Fausto.

E' um verdadeiro cahos intellectual esta composição, que, apezar de suas singularidades, extravagancias e phantasmagorias, impressiona horrivelmente pela audaciosa concepção e episodios arrebatadores, e principalmente pela ironia, sarcasmos, e qualidades infernáes que revistem o diabo, e que demonstram o genio variado e multiplice de Goethe, nos seus sonhos mais exaltados. Só os vulcões arrojam lavas, só o vento agita os mares, só o genio produz essas extravagancias sublimes.

Consideram, todavia, os Allemães á Schiller como seu primeiro poeta dramatico ; bem que Goethe maior enthusiasmo produza em geral nos espiritos, pelo influxo preponderante que exerceu em seu tempo e em sua nação.

E' que Goethe possuia mais extensão, grandeza originalidade e universalidade de genio, posto que espirito frio e sceptico ; em quanto que Schiller o excedia na riqueza do coração, na sensibilidade communicativa. Guardava Schiller ordem e harmonia nas

suas composições; sustentava gravidade, elevação e nobreza de sentimentos, meditava os assumptos de que se occupava; planejava com precisão e symetria notaveis, e abria á todas as sympathias uma alma enternecida, que derramava em ondas inexgotaveis de poesia. Ninguem na sua lingua o vence na metrificação e construcção do verso e na maviosidade do estylo.

Deixados de parte os dramas da mocidade de Schiller, que não passáram de ensaios para se preparar, e mais tarde produzir obras primas, occupemo-nos com os principáes que escreveu, e que o collocam na linha dos melhores poetas dramaticos do mundo. Não creou escola original inteiramente, sim escola nova, fundada na variedade das que existiam em outras nações, e enriquecida com o genio metaphysico germanico. Abre a carreira D. Carlos, assumpto extrahido da historia de Hespanha, e das chronicas acerca do rei Fellipe II°. Tragedia em cinco actos, e em verso heroico, revestida da unidade da acção, mas não apertada nos laços das unidades de logar e tempo. Tem Schiller presentes a magestade e sublimidade do genio dramatico de Shakespeare, mas não lhe adopta os defeitos de ideas e linguagem, e nêm de praticas de misturar o jocoso com o serio, o comico com os lances tragicos.

Posto que pintando com a possivel exactidão os costumes, personagens e tradições de Hespanha, entendeu Schiller erradamente que podia introduzir em scena um personagem, cujas ideas e sentimento se não concebem na corte de Fellipe II°, e nêm se depararíam em toda a Hespanha, n'essa epocha notavel. E' o Marquez de Poza a unica figura imaginaria do drama, e que raciocina como

espirito livre, exprime-se na corte e perante todos de um modo compromettedor, quando a Inquisição funccionava rigorosamente em Hespanha, e bastavam-lhe suspeitas, advinhação mesmo de suspeitas contra quem quer que fosse capaz de nutrir ideas liberaes quanto mais de annuncia-las para que o tribunal do Santo officio, que não dormia um instante, pesquizasse, perscrutasse, e se mostrasse implacavel acerca de heresias e erros do entendimento, que lhe podessem prestar indicios para a prisão, o processo secreto, a condemnação, e a execução na praça publica e no meio das ancias e agonias que provocavam as fogueiras, ali levantadas, como espectaculos de fé, e que no incendio devorando os corpos deviam na opinião dos fanaticos regenerar as almas das victimas.

Afora este importante defeito, cumpre assignalar que desenvolve um vasto e grandioso quadro, ornamentado de scenas soberbas de sentimento e paixão, interesse crescente dramatico, e excellente pintura de caracteres e costumes. Izabel de França, que conserva saudades da elegante corte franceza, em que fora educada, e que se considera planta exotica na terra hespanhola das etiquetas, ceremoniaes, fanatismos, e hypocrisias; D. Carlos briozo em excesso e desesperado de lhe arrancar o rei a noiva que lhe fora promettida; Fellipe II°, sombrio, suspeitoso, cruel, fanatico; merecem todos os applausos; agrupam-se em torno personagens conhecidas hespanholas; a pintura dos costumes da epocha, de paixões affectuosas, de lances dramaticos, de pensamentos grandiosos, satisfaz completamente os expectadores.

Pelo conde Alfieri fora poetisado o mesmo assumpto, mas na tragedia italiana restricta e simples,

bem que revestida de apreciaveis bellezas, não se descobre Hespanha com sua corte meticuloza, seus costumes peculiares, seu regimen autoritario, pintura real emfim da epocha de Fellipe II° como admiravelmente Schiller a descreve. Pela melancholia e pelo pathetico, agrada, todavia, muito mais a tragedia de Maria Stuard. O contraste entre a rainha de Escossia, prisioneira em um castello, e Izabel rainha de Inglaterra, produz effeito maravilhoso. A preferencia que o poeta denuncia pela victima arrasta-o á esquecer em Maria Stuard seus antigos crimes, para só lembrar a situação desgraçada da prisioneira, que antevê a morte no cadafalso; relativamente á Izabel deixa de memorar a grandeza de homem politico atilado, que ella possuia, para esboça-la de preferencia sob o aspecto de amante despeitada. O caracter de Leicester, amado tanto por Izabel como por Maria Stuard, e que pendendo para a segunda, treme diante da ciumenta rainha, tão vingativa e poderosa, sustenta-se com vantagem e galhardia. Travada a luta por causa dos amores, Izabel aproveita todas as circumstancias para comprometter a prisioneira e arredar de si a suspeita de que outro motivo, que não só o politico, a obrigava á persegui-la, pois que tem de sujeitar-se aos juizos dos soberanos extrangeiros. Humilha o amante ordenando-lhe communique á Maria Stuard sua sentença e a prepare para morrer. Portentosa scena se desdobra então, quando Maria Stuard ouvindo á Leicester, com pungente ironia e dignidade soberba, responde-lhe memorando suas repetidas declarações amorosas, e assegurando-lhe que elle cumprira fielmente a promessa que lhe fizera de faze-la sahir da prisão!

Duas outras tragedias de Schiller attrahem muito

a attenção pela superioridade, com que desvenda os assumptos, e as peripecias que d'elle derivam e n'elle se entronom. São ambas fundadas em episodios da historia nacional, e por esse motivo consideradas dous primores dramaticos pelos seus compatriotas. Guilherme Tell, com sua legenda suissa, e Wallerstein com as guerras civis e religiosas, que durante trinta annos ensanguentaram o solo da Allemanha, figuram como os protogonistas.

Prepara o poeta, logo ao romper a primeira scena do drama Guilherme Tell, interesse intenso pela Suissa, submettida ao imperio allemão, governada despotica e violentamente por um delegado, e anciosa de proclamar sua independencia. Aqui os rochedos escarpados, ali as cataractas de gelo, aquem planicies, e ao longe lagos e villorios pittorescos. Ouvem-se o balar do gado, o sôm das campainhas e chocalhos, que pendem dos pescoços dos animáes, os canticos do pescador, do pegureiro, e do caçador de cabritos montezes, e os echos das bozinas, que retumbam pelos morros, que uns sobre outros se amontoam. Conspiram Schauffer, Furst e Mechtal pela liberdade da patria. Guilherme Tell, tranquillo, mas cujo caracter repelle offensas á seus direitos peculiares, alimenta egualmente o interesse da acção, complicada não com amores, mas com raptos apaixonados de patriotismo. De uma luta particular travada entre o governador Gessler e Guilherme Tell resultam peripecias admiraveis, e por fim o assassinato de Gessler, e a proclamação da independencia do povo libertado do seu verdugo.

Divide-se em tres partes a tragedia de Wallerstein, formando uma triologia, á maneira grega. Na primeira, concentrada em um acto, e que constitue mais prologo que peça isolada, desenha-se

pittorescamente o campo do general Germanico. Aventureiros de todas as nações, devotados á rapina, entregues á vida licenciosa, dedicam-se ao serviço de Wallerstein. Ali se divertem alegres vivandeiras, que costumam accompanhar os exercitos em campanha; mais alêm se mostra um frade capuxino, que entretêm alegremente as massas. Occupam a segunda parte os amores deliciosos de Max e Tecla, a pintura do caracter de Wallerstein, a ambição de Picolimini, e as intrigas que se armam para se comprometter o general no espirito do imperador da Allemanha. Desenlace de todos os acontecimentos, a terceira parte apresenta maravilhosas situações, e finda com o assassinato de Wallerstein, a elevação de Picolimini, o suicidio do filho Max, ao saber a trahição paterna, e o retiro de Tecla para um convento, onde resolve acabar a vida.

Posto que não com a mesma superioridade de Goethe e Schiller, continuou todavia, depois d'elles á ser cultivada fervorosamente na Allemanha a poesia dramatica, e á produzir fructos apreciaveis. Traduzio Guilherme Schlegel os dramas de Calderon, e chamou para elles a attenção dos Allemães: trasladou Herden egualmente para sua lingua composições hespanholas, italianas e portuguezas que se apreciaram com jubilo. Do estudo dos poetas antigos, e francezes e inglezes, accompanhado agora pelo das litteraturas hespanhola, italiana e portugueza, resultou modificação na tendencia dos espiritos. Zaccarias Werner alcançou na tragedia quasi os vôos e as galas deslumbrantes de seus dous predecessores, e offuscou com bellezas singulares espalhadas nas peças de Attila, Luthero, Cruz no Baltico, 24 de Fevereiro: manifestava, todavia, mais pendor

pelo gosto hespanhol, porque mais aventuras, surprezas, lances dramaticos, peripecias e episodios, complicavam a acção, e correspondiam á curiosidade dos expectadores.

Dedicou-se Kotzbue á comedia de costumes e ao drama sentimental, e provou talentos notaveis, conhecimento perfeito de scena e peripecias de situações, que interessam extremamente em seus dramas de Rolla, Dous irmãos, Cruzados, Misanthropia e arrependimento, Pequena cidade, e varios outros com que opulentou o theatro allemão, e que comprovam exhiberentemente suas qualidades preciosas.

Grillparzer, Mullmer, Kleist; o dinamarquez Olenschläger, que trocou sua lingua pela allemã; Iffland, e innumeros poetas mais continuaram á animar o movimento da poesia dramatica, e tem sido compensados seus esforços, e coroados seus talentos singulares por um publico amador e enthusiasta, que não poupa á seus poetas o distincto galardão, que lhes é justamente devido.

INDICE

Pages

ADVERTENCIA 5

INTRODUCÇÃO 7

POESIA EPICA

I. — Homero 17
II. — Virgilio 33
III. — Dante 50
IV. — Camões 68
V. — Tasso 83
VI. — Milton 94

POESIA DRAMATICA

I. — Origem 107
II. — Em Athenas 117
III. — Em Roma 131
IV. — Na edade media 143
V. — Em Portugal e Hespanha 162
VI. — Em Hespanha 180
VII. — Em Inglaterra 204
VIII. — Continuação 215
IX. — Continuação 232
X. — Em França 249
XI. — Continuação 265
XII. — Em Italia e Allemanha 279

HAVRE. — IMPRIMERIE DU COMMERCE, 3, RUE DE LA BOURSE. — 23092.

BRAZILIA

Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos. Já fazem parte desta interessante e monumental collecção, as obras poeticas seguintes:

A Assumpção, poema de FREI FRANCISCO DE S. CARLOS, 1 v. in-8º... 3$000
Ricas encadernações, 4$000 e..... 5$000

Gonzaga, poema por ***, 1 vol. in-8 ..... 3$000
Ricas encadernações, 4$000 e..... 5$000

Marilia de Dirceu, por THOMAS ANTONIO GONZAGA, 2 v. in-8º.... 6$000
Ricas encadernações, 8$000 e ..... 10$000

Obras completas de CASIMIRO DE ABREU, 1 v. in-8º..... 3$000
Ricas encadernações, 4$000 e ..... 5$000

Obras completas de ANTONIO CASTRO ALVES, 2 v. in-8º enc..... 6$000
Br ..... 4$000

Obras completas de L.-N. FAGUNDES VARELLA, 3 lindos v. enc. 9$000, br..... 6$000
Rica encadernação..... 12$000

Obras completas de JUNQUEIRA FREIRE, 2 v. in-8º..... 6$000
Ricas encadernações, 8$000 e..... 10$000

Obras completas de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, 2 v. in-8º ..... 6$000
Rica encadernação..... 8$000

Obras completas de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, 1 v. in 8º..... 3$000
Rica encadernação..... 4$000

Obras completas de ALVARES DE AZEVEDO, 3 v. in-8º..... 9$000

Poesias de GONÇALVES DIAS, 2 v. in-8º..... 8$000
Ricas encadernações, 10$000 e..... 12$000

As obras de cada um desses autores são colligidas, annotadas, precedidas de uma biographia acompanhada pela maior parte de documentos historicos. Nenhum amador das letras brazileiras ou cidadão instruido póde deixar de possuir tão interessante collecção pela grande cópia de noticias que encerra sobre a historia litteraria do paiz, sendo a sua acquisição facillima, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo possuir toda essa livraria nacional, verdadeiro monumento levantado ás letras patrias.

LIVRARIA CLASSICA

Excerptos dos principaes autores portuguezes, seguidos de uma extensa noticia sobre a vida e obras do autor, um juizo critico, apreciações de bellezas, defeitos e estudos de lingua, obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores da lingua portugueza.

ANTONIO FERREIRA, 3 v. in-4º, 15$000, in-8º..... 9$000

MANOEL BERNARDES, 2 v. in-8º..... 6$000

FERNÃO MENDES PINTO, 2 v. in-4º, 10$000, in-8º..... 6$000

GARCIA DE REZENDE, 1 v. in-4º 5$000, in-8º..... 3$000

BOCAGE, 3 v. in-4º 15$000, in-8º..... 9$000

JOÃO DE LUCENA, 2 v. in-4º 10$000, in-8º..... 6$000

Ha ricas encadernações para presentes.

AHN-GRUBER. — Ensino pratica da lingua franceza. 12ª edição, melhorada e mais correcta, 1 v. cart . . . . . 1$000
— Ensino pratico da lingua ingleza. 1 v. cart . . . . . 1$000
BANDEIRA (A. J. N. Maldonado). **— Compendio de Historia do antigo e novo testamento.** 1 v. cart. . . . . 1$000
BARKER (A. M.). **— Parnaso juvenil.** 1 v. . . . . 2$000
BLANCHARD. — Thesouro de Meninos. 1 v. cart., 16 estampas enc. . . . . 1$000
BRUNO (G.). **— Chiquinho,** encyclopedia da infancia, 2ª edição, 1 v. br. 2$000, enc . . . . . 2$500
BURGAIN (L. A.) **& J. J. A. BURGAIN. —** Novo methodo pratico e theorico da **Lingua Franceza,** 6ª edição cuidadosamente revista e augmentada, 2 v. in-8º. . . . . 5$000
— Novissimo Guia de conversação franceza com a pronuncia figurada, 1 v. enc. . . . . 3$000
BURGAIN (J. J. A.). **— Geographia patria elementar.** 1 v. cart. 1$000
CASTRO LOPES (Antonio). **— Epitome Historiæ Sacræ,** autore C. F. Lhomond, notis Selectis illustravit A. Mottes ad usum scholarum brasiliensium, correxit et accommodavit Dr. A. Castro Lopes, com um diccionario latino-portuguez de todas as palavras contidas nesta obra, 1 v. in-12. . . . . 1$000
CATECHISMO da Diocese de Montpellier. 1 v. in-8º . . . . 1$000
CATECHISMO de Marianna, mandado coordenar para uso da sua Diocese, pelo Exm. e Revm. Sr. D. Antonio Ferreira Viçoso, Conde da Conceição. 1 v. in-8º . . . . . 1$000
COLONNA (Victoria). **— Manhãs da Avó,** leitura para a infancia 1 v. in-8º. enc. 2$000, br. . . . . 1$500
CONY. — Nova grammatica portugueza. 1 v. . . . . 1$000
CURSO GRADUADO de letra manuscripta, em 21 lições. 1 v. c. 1$000
DANIEL (Monsenhor), Bispo de Coutances e d'Avranches. **— Curso de Historia Universal,** trad., continuado e amplificado na parte relativa a Portugal e Brazil até nossos dias, pelo Dr Joaquim Maria de Lacerda 4 v. in-8º. . . . . 8$000
Cada volume se vende tambem separadamente
Historia antiga. 1 v. in-8º. . . . . 2$000
Historia da Idade Média. 1 v. in-8º. . . . . 2$000
Historia moderna. 1 v. in-8º . . . . . 2$000
Historia contemporanea. 1 v. in-8º . . . . . 2$000
DURUY (Victor). **— Compendio de Historia Universal,** edição correcta e augmentada no que diz respeito ao Brazil, e Portugal com um appendice da Historia Contemporanea até hoje. 1 grosso v. de 540 paginas in-8º. . . . . 4$000
MAURY. — Geographia physica para uso da Juventude. 2 v . . 2$500
CANTICOS Espirituaes, colligidos pelos Padres da Congregação da Missão Brazileira, impresso com approvação do Exm. Sr. Bispo de Marianna. 1 v. in-8º . . . . . 5$000
CANTICOS SAGRADOS a duas ou tres vozes, com acompanhamento de piano ou orgão, colligidos pelos padres da Congregação da Missão. 1 v. in-4º enc . . . . . 6$000
Rica encadernação dourada . . . . . 7$000
THESOURINHO DO CHRISTAO por um sacerdote da Congregação da Missão, enriquecido com o officio parvo de Nossa Senhora. 1 v. in-32 nitidamente impresso com lindas gravuras enc . . . . . 1$600
Rica encadernação . . . . . 2$000

HAVRE. — IMPRIMERIE DU COMMERCE. 3, RUE DE LA BOURSE. — 23092